
GYPSY
KING
TIN GYPSY
SERIES
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
DEVNEY PERRY


Valkyrias
Traduções

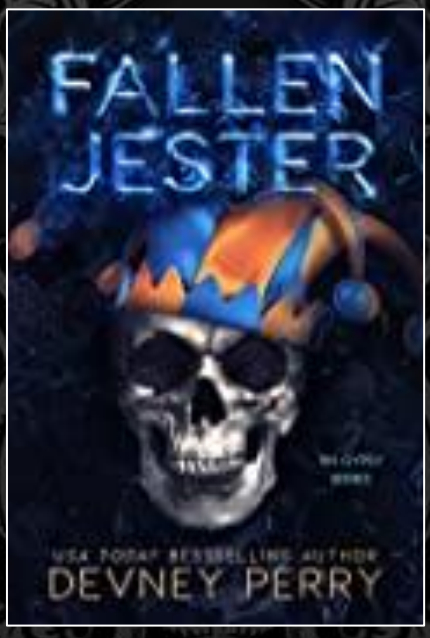
TIN GYPSY SERIES













SINOPSE

O ex-Moto Clube Tin Gypsy tem todos em Clifton Forge, Montana convencidos de que trancaram as portas dos clubes e arrancaram seus coletes. Todos, menos Bryce Ryan. Há mais coisas acontecendo na oficina do clube do que restaurações de carros potentes e reformas de Harley. Seus instintos estão gritando: há uma história - uma que ela vai contar.

Como nova proprietária do jornal da pequena cidade, Bryce está faminta por mais do que anúncios de nascimento e obituários. Quando uma mulher é brutalmente assassinada e todos os sinais apontam para os Tin Gypsies, Bryce está determinada a expor o clube e seu líder, Kingston 'Dash' Slater, como assassinos.

Bryce supera Dash jogo após jogo, decepcionada com seu oponente robusto e bonito que acaba sendo um adversário avassalador. Segredos estão expostos. Verdades derrotam mentiras. Bryce está pronta para vencer esta batalha em uma vitória esmagadora.

Então Dash quebra todas as regras e desiquilibra a balança.

Um beijo, e ela está lutando para salvar mais do que apenas sua história. Ela está lutando para salvar seu coração do Gypsy King

Capítulo 1

Bryce

— Bom dia, Art. — Eu o saudei com meu café enquanto caminhava pela porta de vidro da frente.

Ele devolveu o gesto com sua própria caneca.

— Oi, garota. Como você está hoje?

No *Clifton Forge Tribune*, eu era uma garota simpática e ocasionalmente muito querida, porque aos 35 anos era a funcionária mais jovem em treze anos. Mesmo como proprietária de uma parte, ainda era vista como a filha do chefe.

— Fantástica. — Balancei meus ombros, ainda sentindo os efeitos dos solavancos que tinha tido no meu carro a caminho do trabalho. — O sol está brilhando. As flores estão florescendo. Vai ser um ótimo dia. Eu posso sentir isso.

— Espero que você esteja certa. Tudo o que posso sentir no momento é azia. — Art riu e sua barriga saliente sacudiu. Mesmo vestindo uma calça cargo e uma camisa azul clara, ele me lembrava o Papai Noel.

— Papai está aqui?

Ele assentiu.

— Está aqui desde antes de eu aparecer às seis. Acho que está tentando consertar uma das prensas.

— Droga. É melhor garantir que ele não fique chateado e desmonte a coisa toda. Até mais, Art.

— Até mais, Bryce.

Passei por Art na recepção e empurrei a porta interior que se abria para o gabinete do escritório. O cheiro de café fresco e jornal encheu meu nariz.

Paraíso.

Eu me apaixonei por esse cheiro quando era criança e tinha cinco anos, na ocasião em que fui trabalhar com papai em um dia de "levar sua filha para o trabalho", e nada o superou desde então.

Andei pelo comprimento do cercado vazio, passando pelas mesas de cada lado do corredor central, até a porta na parte de trás que se abria para a sala de impressão.

— Pai? — Minha voz ecoou na sala, ressoando nas paredes de blocos de concreto.

— Embaixo da Goss!

Os tetos se estendiam bem acima de mim, os dutos e os canos expostos. O cheiro único e almiscarado do jornal era mais forte aqui, onde guardávamos os gigantes rolos de papel e os tambores de tinta preta. Saboreei a caminhada pela sala, inalando a mistura de papel, solventes e óleo de máquinas enquanto meus saltos faziam barulho no chão de cimento.

Minha paixão de infância não fôra por um garoto, foi pela sensação de ter um jornal recém-impresso em minhas mãos. Era um mistério para meus pais o motivo de ter entrado na TV e não no jornal depois da faculdade. Havia muitas razões, nenhuma das quais importava agora.

Porque aqui estava eu, trabalhando no jornal do meu pai, voltando às minhas raízes.

A Goss era a nossa maior e principal impressora. Posicionado ao longo da parede oposta, estendia-se de um lado ao outro do edifício. As pernas e as botas marrons de papai estavam penduradas debaixo da primeira das quatro torres.

— O que há de errado hoje? — Perguntei.

Ele se libertou e ficou de pé, golpeando seus jeans e deixando faixas pretas de graxa e tinta em suas coxas.

— Maldita coisa. Há algo errado com a alimentação do papel. Ele engata a cada décima rotação e estraga a página em que está. Mas tudo parece bem lá embaixo, então eu não sei o que diabos estou tentando consertar.

— Sinto muito. Alguma coisa que eu possa fazer?

Ele balançou sua cabeça.

— Não. Teremos que chamar um especialista para consertá-la. Deus sabe quanto tempo isso levará e quanto custará. Por enquanto, tudo o que podemos fazer é imprimir mais para compensar isso.

— Pelo menos ainda funciona e não vamos usar impressora manual. — Coloquei a máquina antiga no canto mais distante. Eu só a usei uma vez, apenas para aprender como funcionava, e meu braço doeu por uma semana depois de passar horas na manivela.

— Você terá um orçamento melhor para uma nova impressora ou uma revisão mecânica séria desta, em um futuro próximo.

Eu bati na minha têmpora.

— Entendi.

Papai estava conversando sobre orçamentos e planos futuros desde que me mudei para Clifton Forge, seis meses atrás. No momento, compartilhamos a propriedade igualmente, eu tinha comprado metade dos negócios quando me mudei para a cidade. Algum dia, compraria o resto do *Tribune* dos meus pais, mas não tínhamos uma data de transição em mente, o que era bom para mim. Não estava pronta para assumir o controle e papai não estava pronto para deixar isso para lá.

Fiquei perfeitamente feliz com *Bryce Ryan, jornalista* carimbado após minhas histórias. Papai poderia manter o *editor principal* no título por mais alguns anos.

— O que você vai fazer hoje? — Ele perguntou.

— Ah, nada demais. — Além de investigar a antiga gangue de motociclistas da cidade.

Os olhos do papai se estreitaram.

— O que está acontecendo?

— Nada. — Tinha esquecido a facilidade com que ele podia identificar uma mentira. Levantei uma mão e enfiei outra nas minhas costas, cruzando os dedos. — Eu juro.

O canto da boca dele apareceu.

— Você pode enganar a maioria das pessoas, mas não eu. Conheço esse sorriso. Você está prestes a causar algum problema, não está?

— O problema parece tão juvenil e malicioso. Só vou aparecer na delegacia e dizer *olá* ao delegado Wagner. Não falo com ele há algumas semanas. Então irei trocar o óleo no meu carro.

Papai revirou os olhos.

— Antes de tudo, Marcus não é idiota. Ele não vai comprar seu ato inocente também. O jornal não pode se dar ao luxo de estar em desacordo com o delegado, então seja legal. Nunca vai nos ajudar se estiver chateado. E segundo, sei exatamente por que você vai trocar o *óleo*. Não pense que não percebi que você estava desenterrando artigos antigos sobre os Tin Gypsy.

— Eu, uh... — *Merda.* Pedi a Art para tirar um pouco dos arquivos, e acho que ele havia dito a papai, mesmo que eu tivesse trazido para ele Tums e rolinhos de canela caseiros para ficar quieto. *Traidor.*

— Fique longe deles, Bryce.

— Mas há uma história lá. Não me diga que você não pode sentir isso. Isso pode ser enorme para nós.

— Enorme? — Ele balançou a cabeça. — Se você quer algo enorme, é melhor voltar para Seattle. Pensei que você veio aqui para desacelerar. Para aproveitar a vida. Não foram essas as suas palavras?

— Sim, foram. E estou diminuindo a velocidade. — Não estava acordando às três da madrugada para chegar à estação de TV para o programa da manhã. Não estava cortando meu cabelo para apaziguar meu produtor ou constantemente prestando a atenção na minha dieta. Não estava relatando as histórias de outra pessoa na câmera. Em vez disso, eu estava escrevendo as minhas.

Era maravilhoso, mas depois de dois meses, vivendo em uma cidade pequena de Montana, estava ficando meio louca. Ligar para o hospital para receber anúncios de nascimento e a funerária para obituários não era um desafio mental suficiente. Precisava de um pouco de emoção. Precisava de uma história decente.

E a Clifton Forge Garage tinha uma *história* escrita por toda parte.

Cerca de um ano atrás, o Tin Gypsy Motorcycle Club havia se dissolvido. Eles eram uma das gangues mais proeminentes e lucrativas de Montana e fecharam sem explicação.

Os ex-membros alegaram que estavam concentrados em administrar a garagem aqui na cidade. Sua loja tornou-se renomada em certos círculos ricos e famosos por restaurações de carros clássicos e fabricação de motos personalizadas.

Mas homens como eles, homens como Kingston *Dash* Slater, com sua impressionante aparência, arrogância e sorriso diabólico, prosperam no poder. Eles ansiavam por perigo e uma vida sem limites. Como uma gangue, os Gypsy tinham poder e dinheiro em abundância.

Então, por que desistiram?

Ninguém sabia. E se soubessem, não estavam falando.

— Não lhe parece estranho que, no ano passado, não houve notícias sobre eles? E nenhuma explicação sobre por que fecharam seu "clube"? Eles passaram de notórios membros de gangues a cidadãos dignos da noite para o dia. Eu não acredito. Está quieto demais. Muito limpo.

— Isso é porque eles estão limpos, — disse papai.

— Certo. Absolutamente, — eu brinquei.

— Você faz parecer que todos nós estamos cobrindo as coisas para eles. — Ele franziu a testa. — Vamos. Não acha que se houvesse uma história lá, eu diria? Ou pensa tão pouco de mim como repórter?

— Não é isso que estou dizendo. Claro que contaria a história.

Mas ele iria procurar por isso? Não duvidava da capacidade do meu pai de investigar. Foi um repórter importante em seu auge. Mas desde que ele e mamãe se mudaram para Clifton Forge e compraram o *Tribune* anos atrás, ele diminuiu a velocidade. Não estava tão ansioso quanto antes. Não estava com tanta fome.

Eu? Eu estava morrendo de fome.

— Se não há história, não há história, — eu disse. — A única coisa que perco é o meu tempo, certo?

— Que fique registrado que como seu pai e seu parceiro: *não gosto*. Eles podem não ser mais uma gangue, mas esses caras têm uma vantagem. Não quero que os atravesse.

— Entendido. Vou fazer minhas perguntas e ficar longe. — *Bem longe.*

— Bryce — ele avisou.

Eu levantei minhas mãos, fingindo inocência. — O quê?

— Tenha cuidado.

— Eu sou cuidadosa. Sempre. — *Ok, às vezes.* A definição de cuidado de papai era um pouco diferente da minha.

Fiquei na ponta dos pés para beijar sua bochecha, depois acenei e saí correndo da sala de imprensa, antes que ele me desse algo que me deixasse presa na minha mesa o dia todo.

A delegacia ficava no lado oposto da cidade. Estava nas margens do rio Missouri, ao longo de uma rua movimentada, cheia de restaurantes e escritórios. A correnteza do rio era forte e a neve no alto da montanha estava derretendo. O sol de junho refletia na superfície ondulada da água em cintilações douradas. O ar de Montana estava limpo e fresco, um segundo próximo ao meu amado perfume de jornal.

Era outro cheiro da minha juventude, que eu sentia falta em Seattle.

Estacionei meu carro e entrei na delegacia, conversando um pouco com o policial na frente. Então agradeci minhas estrelas da sorte quando ela

me acenou sem qualquer aborrecimento. Nas três primeiras vezes que eu vim aqui para visitar o delegado, fui submetida à prova. *Impressões digitais. Verificação de antecedentes. Uma foto.*

Talvez fosse protocolo.

Ou talvez eles não gostassem de repórteres.

A delegacia estava quieta esta manhã. Alguns oficiais estavam sentados em suas mesas, as cabeças inclinadas sobre os teclados e as canetas esferográficas enquanto faziam a papelada enquanto os outros no turno patrulhavam as ruas. O escritório do chefe ficava ao longo da parede traseira do edifício. A janela atrás de sua mesa tinha uma bela vista do rio.

— Toc, toc. — Bati na porta aberta e entrei. — Bom dia, delegado.

— Bom dia, Bryce. — Ele anotou o documento que estava lendo.

— Sabe, nunca sei dizer se é um sorriso feliz ou irritado quando venho aqui.

— Isso depende. — Seus olhos se estreitaram na minha bolsa, suas espessas sobrancelhas cinza se unindo.

Enfiei a mão dentro da bolsa e peguei um maço de alcaçuz. — Como eu fui?

Ele deu de ombros, olhando para os Twizzlers quando eu os coloquei em sua mesa e peguei uma das cadeiras de visita. Nas minhas visitas anteriores, eu tinha trazido Twix, Snickers e M&M's. Ele tinha sido morno

em relação às minhas delícias, na melhor das hipóteses. Por isso, hoje, eu arrisquei com o Town Pump[1] e peguei algo frutado.

— Parece um sorriso feliz, mas com o bigode, é difícil dizer.

Ele riu e rasgou a embalagem enquanto eu fazia uma bomba no punho interno. — Sabia que você iria descobrir isso finalmente.

— Você poderia ter me dito.

— Qual é a graça disso? — O delegado Wagner enfiou o doce na boca e mastigou uma enorme mordida.

— Você vai me fazer trabalhar tanto por todas as minhas informações?

— Não, — ele disse. — Publicamos uma folha de imprensa semanal. Tudo o que precisa é fazer o download. Mole-mole.

— Ah, sim. A folha de imprensa semanal. Por mais fascinantes que esses relatórios sejam, estava falando sobre informações um pouco mais... *Minuciosas*.

O delegado colocou os dedos embaixo do queixo.

— Não tenho nada para você. Assim como eu não tinha nada duas semanas atrás. Ou na semana anterior a isso. Ou na semana anterior a isso.

— Nada? Nem um pedacinho que tenha esquecido de colocar na folha de imprensa?

— Eu não tenho nada. Clifton Forge é um lugar bastante chato hoje em dia. Desculpe.

[1]É uma cadeia de paradas de caminhões, postos de gasolina, cassinos, hotéis e lojas de conveniência em Butte, Montana.

Eu fiz uma careta.

— Não, você não sente.

Ele riu e pegou outro pedaço de alcaçuz.

— Você está certa. Não sinto muito. Estou muito ocupado desfrutando a paz.

O delegado Wagner ficou muito satisfeito com o fato de suas fichas de imprensa incluírem apenas ligações pouco frequentes para o 911, bêbados aleatórios da noite de sábado e desordens e o roubo ocasional de um adolescente mal orientado. A cidade havia visto mais do que sua parcela de assassinatos e caos ao longo dos anos, graças aos Tin Gypsy. O clube de motoqueiros provavelmente foi responsável pelas mechas grisalhas nos cabelos de Marcus.

No entanto, pelo que pude descobrir nos arquivos de notícias, os ex-membros do Tin Gypsy passaram pouco ou nenhum tempo nas celas da prisão. Ou o delegado havia ignorado seus crimes ou os Gypsy eram muito bons em encobrir seus rastros.

Nos dias de glória, os Tin Gypsy haviam sido liderados por Draven Slater. Eu o vi pela cidade, e ele possuía o mesmo ar de confiança implacável que passara para o filho Dash. E nenhum dos dois me parecia tolo.

Minha teoria era que o delegado de polícia Marcus Wagner era um policial muito bom. Mas Draven, Dash e seus Gypsys estavam sempre um passo à frente.

Se fosse conseguir uma história, teria que estar na minha melhor forma. Draven estava em segundo plano na garagem, o que significava que eu estaria contra Dash. Eu vi o homem, que estava investigando.

Dash estava pilotando sua moto preta pela Avenida Central como se fosse dono de Clifton Forge, exibindo um sorriso branco e reto que era ofuscante. Ele era bad boy por excelência. Seu sorriso sexy, mandíbula esculpida e barba por fazer dia faziam todas as mulheres desmaiarem.

Todas as mulheres, exceto eu.

As outras mulheres da cidade poderiam se divertir com seu corpo incrível. O que eu queria de Dash eram seus segredos.

E precisaria da ajuda do delegado para obtê-los.

Nas minhas visitas anteriores aqui, não tinha dito uma palavra sobre os Gypsys. Eu só vim encontrar o delegado e construir um relacionamento. Mas se ia começar minha investigação, estava na hora de ir atrás da história.

— Você sabe por que os Tin Gypsy fecharam tão de repente?

Sua mandíbula parou de mastigar e ele estreitou o olhar.

— Não.

Movimento errado. Ele ia calar a boca.

— Ok. — Eu levantei minhas mãos. — Só estava curiosa.

— Por quê?

— A verdade? Meu instinto diz que tem uma história.

O delegado engoliu em seco e apoiou os cotovelos na mesa.

— Escute, Bryce. Eu gosto de você. Gosto do seu pai. É bom ter repórteres decentes publicando o jornal pela primeira vez. Mas você é nova aqui, então deixe-me dar uma aula de história.

Eu sentei na beira do meu assento.

— Ok.

— Nossa cidade teve mais problemas nos últimos vinte e poucos anos do que a maioria em cem. Os Gypsys trouxeram muita merda aqui. Eles sabem disso e estão tentando compensar isso. Não são nada além de homens cumpridores da lei há mais de um ano. Eles seguem a lei à risca e as mudanças da cidade. Tenho cidadãos que se sentem seguros andando pelas ruas à noite. Eles deixam as portas do carro destrancadas quando entram no supermercado. Esta é uma boa cidade.

— Não estou tentando impedir o progresso.

— Ótimo. Então deixe os Gypsys em paz. Entrei em confronto com eles mais vezes do que posso contar e se tivesse evidência de algo que pudesse puni-los, eu teria feito. E eu estou observando. Se fizerem algo ilegal, eu serei o primeiro a fazê-los pagar. Confie em mim sobre isso.

O delegado não parecia fã do ex-clube. *Bom saber.* Mas se pensou que seu aviso iria me assustar, ele estava enganado. Agora estava mais curiosa do que nunca, sobre o que fez com que os Gypsys fechassem as portas do seu clube.

Se eles realmente tivessem fechado. Talvez tudo isso fosse uma artimanha.

— Uh, delegado? — Um policial uniformizado enfiou a cabeça dentro da porta. — Temos um problema que precisa de sua atenção.

O delegado Wagner pegou outro doce de alcaçuz e se levantou.

— Obrigado pela guloseima.

— De nada. — Eu também fiquei de pé. — Starbursts ou Skittles na próxima vez?

— Você continua me trazendo alcaçuz, e nós vamos nos dar muito bem. — Ele me acompanhou até a porta. — Tome cuidado. E lembre-se do que disse. Algumas coisas e algumas pessoas são melhor deixadas em paz.

Provavelmente é melhor não mencionar que minha próxima parada será para uma troca de óleo na garagem de Dash Slater.

Acenei adeus ao chefe e ao outro oficial, depois segui pelo corredor. A placa do banheiro feminino me atraiu para dentro depois de muito café. Usei o banheiro e lavei as mãos, aumentando minha expectativa pela minha primeira interação com os Tin Gypsy, mas quando fui abrir a porta, uma conversa entre dois homens em pé no corredor chamou minha atenção.

Assassinato.

Eu congelei e oscilei, ouvindo através da fresta. Os homens estavam perto, suas vozes não mais que um sussurro.

— Riley atendeu. Disse que ele nunca viu tanto sangue assim antes. O chefe está interrogando-o agora. Então nós precisamos estar prontos para investigar.

— Você acha que ele fez isso?

— Draven?

— Isso aí. Talvez finalmente tenhamos algo para prender aquele desgraçado esperto.

Oh, meu Deus. Se meus ouvidos não estavam me traindo, acabara de ouvir dois policiais conversando sobre um assassinato e Draven Slater era o principal suspeito. Eu precisava sair deste banheiro. *Agora.*

Fechei a porta e dei três passos silenciosos para trás. Então eu tossi alto e bati meus saltos no chão azulejado. Abri a porta furiosamente e fingi estar chocada com os homens do lado de fora.

— Oh, droga! — Joguei a mão sobre o meu coração. — Vocês me assustaram. Não achei que alguém estivesse aqui fora.

Eles trocaram um olhar, depois se separaram.

— Desculpe por isso, senhora.

— Não tem problema. — Eu sorri e caminhei, fazendo o meu melhor para disfarçar a urgência dos meus passos.

Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha, usando o gesto para dar uma olhada por cima do ombro na sala de reuniões. Três oficiais do sexo masculino estavam em pé na mesa do canto; ninguém tinha me notado caminhando em direção à saída. Dois dos homens estavam praticamente zumbindo. Conversando rapidamente enquanto falavam entre si. Gestos de mão eram frenéticos. O terceiro oficial estava com os braços em volta do peito, o rosto pálido quando ele mudou de pé para pé.

Meu coração disparou quando encontrei a porta de saída mais próxima e empurrei para fora. Quando o sol bateu no meu rosto, voei em movimento, correndo para o meu carro.

— Merda. — Meus dedos se atrapalharam ao pressionar o botão de ignição e engatar a marcha ré no carro. — Eu sabia!

Minhas mãos tremiam enquanto disparava com o carro pela rua, verificando meu espelho retrovisor para garantir que os policiais não estivessem atrás de mim.

Pense, Bryce. Qual é o plano? Eu não tinha ideia de onde o assassinato havia acontecido, para não aparecer na cena do crime. Podia esperar e seguir a polícia, mas eles me calariam antes que eu visse algo. *Então, o que mais havia?*

Ser uma testemunha ocular da prisão de Draven. *Bingo.*

Era um risco, ir para a garagem e não esperar para seguir os policiais até a cena do crime. Inferno, Draven pode nem estar na garagem. Mas se eu ia apostar, era minha melhor chance. Poderia descobrir mais sobre o próprio assassinato com aquelas benditas folhas de imprensa.

Sim, se minha sorte persistisse, eu estaria em pé na frente quando Draven fosse levado para a cadeia. Espero que Dash também esteja lá. Talvez fosse pego de surpresa apenas o suficiente para dar uma olhada nele durante um momento de fraqueza. Eu iria saber de algo que me ajudaria a descobrir os segredos escondidos atrás de seu rosto ridiculamente bonito.

Sorri por cima do volante.

Hora da troca de óleo.

Capítulo 2

Bryce

Meu coração estava batendo forte quando a Oficina Clifton Forge apareceu. Meus dedos estavam tremendo. *Essa emoção, essa alegria* só vinham com a caçada, foi por isso que eu me tornei uma repórter. Não sentar na frente da câmera e ler a história de outra pessoa.

O arrependimento era a força motriz por trás dessa história sobre o Tin Gypsy. O remorso era a razão de ser tão, *tão* importante.

Eu tinha escolhido uma carreira na televisão tão promissora.

Mudei de foco, afastando-me do jornal que sempre planejara assumir. Trabalho que todos esperavam que eu assumisse. Mas após a faculdade, não queria seguir os passos de papai, pelo menos não imediatamente. Uma mulher jovem, com vinte e poucos anos, me inspirara a seguir meu caminho.

Então, me mudei de Montana para Seattle e comecei a trabalhar na TV.

Ao longo do caminho, fiz escolhas. Nenhuma delas parecia errada no momento. Até que um dia, uma década depois, acordei no meu apartamento em Seattle e percebi que essas boas escolhas culminaram em uma vida ruim.

Meu trabalho era insatisfatório. Eu dormia sozinha na maioria das noites. Quando olhava no espelho, via uma mulher de trinta e poucos anos que não estava feliz.

A estação de TV possuía minha vida. Todas as ações foram realizadas de acordo com as suas ofertas. Como meu horário era tão estranho, eu nem me incomodava em tentar namorar. *Que homem queria jantar às quatro e ficar na cama às sete?* Não era grande coisa quando eu tinha vinte anos. Eu sempre imaginei que o cara certo apareceria, cedo ou tarde. As coisas se encaixariam quando chegasse a hora. *Eu me casaria. Teria uma família.*

Bem, as coisas não tinham se encaixado. E se eu ficasse em Seattle, elas nunca iriam.

Clifton Forge era meu novo começo. Verifiquei novamente minhas expectativas para o futuro. As chances de eu conhecer um homem e ter filhos enquanto era fisicamente capaz, estavam diminuindo. Então, se envelhecer como funcionária era o meu caminho, pelo menos iria apreciar essa merda de trabalho.

Minha carreira em Seattle acabou sendo um fracasso. Os executivos da rede me fizeram promessa após promessa que, finalmente, teria mais liberdade. Eles me garantiram que eu teria a oportunidade de contar minhas próprias histórias, em vez de entrevistar outros jornalistas e ler textos aprovados.

Ou eles mentiram, ou não pensaram que eu tinha talento.

Independentemente disso, me mudei para casa me sentindo um fracasso. *Eu era?*

Talvez. Ou talvez quando eu não estivesse em frente a câmera, quando as pessoas precisassem de mim pelo meu cérebro e não pelo meu rosto, eu finalmente me destacasse. Provaria para mim mesma que era boa o suficiente.

Dediquei minha vida ao jornalismo. Para encontrar verdades ocultas e expor mentiras enterradas. Era mais que um trabalho, era minha paixão. Se havia uma história épica escondida sob a superfície desta pitoresca cidade pequena, eu iria contar.

Uma investigação sobre um assassinato envolvendo Draven Slater? *Investigaria.*

Meu pé pairava sobre o acelerador enquanto parava no cruzamento do outro lado da rua da oficina, verificando meu retrovisor novamente quanto a luzes vermelhas e azuis. Se o delegado estivesse vindo para prender Draven, não teria muita vantagem.

Ou seja, se eu estivesse indo na direção certa.

Havia a chance de Draven não estar na oficina, mas em casa e os policiais estariam indo para lá. Mas mantive o rumo. Se conseguisse rastrear Draven ou não, estava indo para a oficina.

Hoje era o dia em que conheceria Dash Slater. Hoje eu conseguiria avaliar meu oponente.

Usei meu joelho para dirigir enquanto arrancava a blusa que vesti esta manhã. Felizmente, minha blusa preta por baixo tinha um decote e estava livre de manchas de desodorante. Dirigi com uma mão, pegando a pequena

lata de xampu seco para situação de emergência da minha bolsa para pulverizar e pentear o cabelo. Então passei uma camada do meu batom rosa escuro, segundos antes de entrar no estacionamento.

A garagem em si era enorme. Eu dirigi algumas vezes, mas nunca parei de verdade. Era mais intimidador agora, estar estacionada em frente às quatro portas abertas que se elevavam acima do meu Audi.

No final do longo estacionamento de asfalto, um prédio estava escondido ao lado de um pequeno bosque de árvores. As janelas estavam escuras e havia uma grossa corrente presa à maçaneta da porta da frente. O cadeado preso brilhava à luz do sol.

Essa tinha que ser a antiga sede dos Tin Gyspsy. *Um clube, era assim que essas gangues os chamavam, certo?* Não havia carros ou motos estacionados na sede do clube. A grama ao redor estava coberta de mato.

De relance, o prédio parecia fechado. Abandonado. *Mas quantos homens tinham a chave desse cadeado? Quantos entraram depois que o sol se punha? Quantos entraram por uma porta traseira escondida?*

Recusei-me a aceitar e julgar esse edifício pela aparência. Claro, parecia abandonado por fora. *Estava prosperando atrás daquelas portas fechadas?*

No meu espelho, havia uma fileira de motos estacionadas contra a alta cerca de arame que delimitava a propriedade da garagem. Abaixo da cerca, havia carros, alguns cobertos de lonas enquanto esperavam para serem reparados ou restaurados. Todas as quatro baias de garagem na minha frente estavam cheias de veículos - três caminhões e um carro clássico vermelho.

O revestimento de aço na garagem era brilhante ao sol da manhã. O escritório era o mais próximo da rua, a placa acima da porta não era realmente uma placa. As grandes palavras de *Clifton Forge Garage* foram retocadas no prédio de aço com pinceladas de tinta vermelha, preta, verde e amarela.

Exceto pelos veículos na garagem, o local estava imaculado. Não era o lugar oleoso e sujo que eu esperava. As luzes fluorescentes iluminavam o que parecia um piso de concreto quase impecável. O balcão vermelho repleto de ferramentas ao longo das paredes, estavam limpos e novos. Este lugar gritava dinheiro. Mais dinheiro do que uma oficina de cidade pequena poderia gerar, com troca de óleo rotineira e trocas de pneus.

Verifiquei meu cabelo e batom no espelho retrovisor pela última vez, depois saí. No momento em que minha porta se fechou, dois mecânicos apareceram debaixo do capô do caminhão onde estavam trabalhando.

— Bom dia. — Um deles acenou antes de me dar uma avaliação de corpo inteiro. Um sorriso apareceu em sua boca. Ele gostou do que viu.

Ponto marcado para o homem de regata.

— Bom dia. — Eu acenei enquanto os dois homens se aproximavam.

Cada um vestia macacão azul jeans e botas de sola grossa. O mais magro dos dois tinha o cabelo cortado curto, revelando uma tatuagem preta que passava pelo pescoço e desaparecia sob a gola do macacão. O homem mais volumoso tinha o cabelo escuro preso e o macacão aberto, amarrado na

cintura. Seu peito estava coberto por uma regata branca, seus dois braços musculosos nus, exceto pelas tatuagens coloridas.

Talvez por isso, a oficina estava arrecadando dinheiro. Metade das mulheres solteiras do estado dirigiam para cá só para ter o óleo trocado por esse mecânico quente. Embora nenhum desses homens bonitos fosse o que eu estava procurando.

Onde estava Draven? Esperava que ele estivesse no escritório tomando café.

— O que podemos fazer por você, senhora? — Perguntou o homem de cabelos curtos enquanto limpava as mãos manchadas de graxa em um pano vermelho.

— Estou muito atrasada para uma troca de óleo. — Dei a eles uma careta exagerada. — Não sou ótima em fazer coisas de carro uma prioridade. Suponho que não há nenhuma chance de você me encaixar nesta manhã.

Os homens trocaram um olhar e um aceno de cabeça, mas antes que qualquer um pudesse responder, uma voz profunda veio detrás deles.

— Bom dia.

O mecânico se afastou, revelando ninguém menos que Dash Slater caminhando até onde estávamos. Seus passos eram firmes. Poderosos, até. Eu esperava encontrá-lo aqui, esperava isso realmente, mas não estava mentalmente ou fisicamente preparada.

Nossos olhos se encontraram e meu coração disparou, roubando meu fôlego. Minha mente ficou em branco, incapaz de se concentrar em qualquer

coisa, exceto na maneira como seus jeans escuros cobriam suas longas pernas e aquelas grossas e salientes coxas.

Nunca tinha visto um homem se mover como Dash, com confiança e carisma em cada passo. Seus olhos castanhos, um turbilhão vibrante de verde, dourado e marrom, ameaçavam me atrair sob seu feitiço.

Meu corpo me traiu, o tremor no meu núcleo irritou meus sentidos racionais. *Eu estava aqui por uma história. Estava aqui para roubar os segredos deste homem, um por um, e depois colocá-los nas manchetes.* Essa resposta bruta e animalesca era estúpida.

Mas *caramba,* ele era gostoso.

A camiseta preta de Dash esticava pelo peitoral musculoso. Apertando ao redor de seus bíceps enorme. A pele exposta em seus braços era bronzeada e suave, exceto pela variedade de tatuagens que serpenteavam os dois antebraços.

Abrasador. Quente. Havia outra palavra em algum lugar da minha mente, mas quando ele entrou no nosso grupo, perdi meu vocabulário sofisticado.

Sério... *Droga.*

Eu sempre gostei do visual limpo. Barba por fazer não era minha praia. *Ele* não era o meu tipo. Gostava de olhos azuis, não castanhos. Gostava de cabelos curtos, e a cabeleira castanha de Dash, tinha perdido seu corte a algumas semanas.

Essa reação foi puramente química, provavelmente porque eu não estava com um homem desde então... Parei de contar quando os meses atingiram dois dígitos.

— Como podemos ajudá-la, senhorita? — Dash perguntou, abrindo as pernas enquanto ocupava o espaço entre os outros dois homens.

— Meu carro. — Eu gesticulei em direção ao Audi. — Precisa de uma troca de óleo.

O sol deve ter chegado mais perto da Terra porque estava sufocante. O suor escorreu pelo meu decote quando seu olhar caiu momentaneamente nos meus seios. Ele não olhou para eles por mais de uma fração de segundo, mas chamaram sua atenção.

Dois pontos para o homem de regata.

Dash olhou para o homem de cabelos compridos e apontou o queixo em direção à oficina. O homem assentiu, deu um grunhido ao homem de cabelos curtos e os dois saíram, voltando ao trabalho sem dizer uma palavra.

Era assim que eles se comunicavam por aqui? Queixo levantado e grunhidos? Isso dificultaria uma entrevista. E seria curta.

Dash olhou por cima do ombro para se certificar de que estávamos sozinhos, então me deu aquele famoso sorriso sexy que eu tinha visto de longe. Pessoalmente, era estonteante.

— Nós cuidaremos da troca de óleo. Faremos uma análise completa também. Por conta da casa.

— Isso seria ótimo. — Tentei manter minha voz calma e alegre. — Mas eu pago por isso. Obrigada.

— De nada. — Dash se aproximou, seu corpo de mais de um metro e oitenta bloqueando parte da luz do sol.

Meu desejo natural era recuar e manter meu espaço, mas não me mexi.

Talvez ele só quisesse ficar mais perto. Mas aprendi anos atrás que homens arrogantes muitas vezes testavam a força de sua presença sobre uma mulher. Eles faziam pequenos gestos para ver até onde podiam empurrá-la, especialmente quando aquela mulher era repórter.

Tocavam uma mecha do meu cabelo para ver se eu estremecia. Ficavam altos para ver se eu me escondia. E eles se aproximavam demais para ver se me afastava.

Ou Dash sabia exatamente quem eu era e queria ver se encolhia o rabo e fugia, ou ele era tão arrogante que achava que um sorriso e uma troca de óleo me faria cair de joelhos e desfazer seu cinto para pagar pelos serviços por conta da casa.

— Você é nova por aqui? — Ele perguntou.

— Eu sou.

Ele cantarolou.

— Estou surpreso por não tê-la visto antes.

— Eu não saio muito. — O ar estava pesado a nossa volta, como se uma parede de tijolos tivesse subido no lugar da minha bolha pessoal e a brisa da primavera não pudesse passar.

— Isso é uma vergonha. Se você quiser sair, pare no The Betsy. Talvez compre uma cerveja para você algum dia.

— Talvez. — *Ou talvez não.*

The Betsy era o infame bar de Clifton Forge e definitivamente não era meu ambiente.

— Vocês todos devem gostar de motos. — Virei-me e apontei para a fileira atrás de mim.

— Você poderia dizer isso. A maioria de nós aqui pilota.

— Eu nunca estive em uma antes.

— Sério? — Ele sorriu. — Não há nada parecido. Talvez antes de comprar aquela cerveja, eu a leve para um *passeio* primeiro.

A maneira como enfatizou a palavra passeio fez minha respiração falhar. Tranquei meu olhar com o dele, uma labareda de calor passando entre nós. *Nós dois estávamos imaginando um tipo muito diferente de andar naquela moto?* Porque, apesar dos meus melhores esforços para afastá-la, a imagem de seus quadris estreitos era agora a única coisa na minha cabeça. Pelo olhar faminto em seus olhos, ele tinha uma imagem mental semelhante.

— Qual moto é a sua? — Eu perguntei, afastando os pensamentos sexuais.

Ele levantou um braço, seu pulso roçando no meu cotovelo em um movimento que parecia acidental, mas definitivamente tinha sido feito de propósito.

— A preta no meio.

— Dash— Eu li o nome estampado de chamas em um painel. — Esse é o seu nome?

— Sim. — Ele estendeu a mão entre nós. — Dash Slater.

Deslizei minha mão na dele, recusando-me a deixar meu coração palpitar pela maneira como seus longos dedos envolveram os meus.

— Dash. Esse é um nome interessante.

— Apelido.

— E qual é o seu nome verdadeiro?

Ele sorriu, soltando minha mão.

— É um segredo que só digo a uma mulher depois que ela me deixa comprar uma cerveja para ela.

— Pena. Só bebo cerveja com um homem depois de saber seu nome verdadeiro.

Dash riu.

— Kingston.

— Kingston Slater. Mas seu apelido é Dash. Alguém já lhe chamou de Kingston?

— Ninguém que viveu para dizer isso duas vezes, — ele brincou.

— É bom saber. — Eu ri, cuidadosamente tirando meu celular do bolso para o caso de surgir uma oportunidade fotográfica. Então eu abanei meu rosto. —Está quente aqui, não teria uma sala de espera ou algum lugar agradável em que possa me sentar e esperar?

Talvez um lugar onde o seu pai que está prestes a ser preso esteja saindo? Se os policiais aparecessem. Por que eles estavam demorando tanto?

— Vamos lá. — Ele acenou com a cabeça para a porta do escritório. — Você pode esperar no meu escritório.

Demos três passos quando um carro da polícia entrou correndo no estacionamento, luzes piscando, mas nenhuma sirene tocando. *Sim!* Resisti ao desejo de vitoriosamente jogar meus braços no ar.

Dash parou, estendendo o braço para me proteger da polícia. Foi um gesto protetor, certamente não o que eu esperaria de um ex-criminoso. *Ele não deveria estar me usando como um escudo diante dos policiais?*

Os dois policiais saíram da viatura em um piscar de olhos.

— Estamos procurando por Draven Slater.

Dash se elevou, cruzando os braços sobre o peito.

— O que você quer com ele?

Os policiais não responderam. Eles marcharam em direção à porta do escritório e desapareceram lá dentro, quando outra viatura da polícia entrou no estacionamento, está trazendo o delegado.

Marcus saiu do banco do passageiro e caminhou até Dash e eu, levantei os óculos escuros quando ele se aproximou.

— O que você está fazendo aqui, Bryce?

— Conseguindo uma troca de óleo.

— Eu pensei que tinha te dito para ficar longe.

— Esse carro é novinho em folha, delegado. — Eu sorri. — Quero que dure e ouvi dizer que cuidar do carro é fundamental.

Os olhos do chefe estreitaram-se, mexendo nas pontas do bigode demostrando sua irritação.

Então é assim que seu rosto irritado fica.

Nunca confundiria isso com um sorriso novamente.

— O que está acontecendo, Marcus? — Dash perguntou, olhando entre nós.

— Estamos prendendo o seu pai.

— Por quê?

— Não posso dizer isso a você.

Dash resmungou algo baixinho.

— Então, o que você pode me dizer?

— Na presença dela? — Marcus jogou um polegar na minha direção. — Não há muito registro, no momento. Espero que você tenha dito a ela o que não quer que saia no *Tribune* de domingo.

— O quê? — A mandíbula de Dash ficou frouxa.

— Ela é a nova repórter da cidade.

Dash virou seu rosto em minha direção.

— *Você* é a nova repórter? Eu pensei que eles contrataram um homem.

— Sim, eu entendo isso às vezes. É meu nome. Sempre causa confusão. — Dei de ombros. — Bryce Ryan, *Clifton Forge Tribune.*

As narinas de Dash se alargaram. Meu convite para tomar uma cerveja no The Betsy acabara de ser revogado.

A porta do escritório da oficina se abriu e os dois policiais saíram com Draven Slater algemado entre eles.

Lutei contra um sorriso, agradecendo aos anjos jornalistas que me abençoaram hoje.

— Ligue para o nosso advogado, — ordenou Draven a Dash, com a mandíbula ainda mais enfurecida que a do filho.

Dash apenas assentiu quando Draven foi empurrado para a traseira do carro da polícia.

Uma mulher com cabelo branco e corte curtíssimo veio correndo para o lado de Dash, seguindo o desfile do lado de fora do escritório. Os dois mecânicos da oficina estavam correndo em nossa direção.

Apressei-me para tirar uma foto com o meu telefone antes que o carro virasse e se afastasse. Não mantínhamos um fotógrafo em tempo integral na equipe do jornal, não que realmente precisássemos de um quando os smartphones eram tão convenientes.

No momento em que a viatura e Draven desapareceram, Dash questionou o delegado.

— O que diabos está acontecendo?

— Dash, gostaria que você viesse à delegacia para o interrogatório.

— Não. Não até você me dizer do que se trata.

O chefe balançou a cabeça.

— Na delegacia.

O silêncio que pairava no ar era tão sufocante quanto a tensão entre os homens. Eu não esperava que Dash se mexesse, mas finalmente ele assentiu.

— A delegacia, — Marcus repetiu, atirando em mim outra daquelas carrancas antes de caminhar para o carro.

— O que está acontecendo? — A mulher do escritório tocou o braço de Dash. — Por que eles o prenderam?

— Não sei. — Dash olhou para as luzes traseiras do chefe enquanto elas desapareciam na rua, depois voltou sua atenção para mim. — O que diabos você quer?

— Seu pai é suspeito de uma investigação de assassinato. Você tem algo a dizer?

— Assassinato? — A boca da mulher caiu quando o volumoso mecânico amaldiçoou: — Porra.

Mas Dash apenas endureceu com a minha pergunta, sua expressão se transformando em pedra.

— Saia da minha propriedade.

— Então você não tem nada a dizer sobre o fato de seu pai ser um assassino? — O *poder* era generoso. — Ou você já sabia disso?

— Dane-se, senhora, — a mulher cuspiu enquanto as mãos de Dash se punham ao seu lado. Sua expressão permaneceu severa, mas por trás de seu olhar gelado, essa mente estava girando.

— Eu vou aceitar isso como nada a dizer. — Eu pisquei e virei para o meu carro, ignorando os olhares furiosos que formigavam meu pescoço.

— Bryce. — A voz de Dash ecoou pelo estacionamento, congelando meus passos.

Olhei por cima do ombro, dando-lhe apenas a minha orelha.

— Eu vou dizer-lhe uma coisa. — Sua voz era dura e inflexível, enviando arrepios na minha espinha. — Um aviso. Fique fora disso.

Desgraçado. Ele não ia me assustar. Essa era a minha história. Eu iria contar, gostasse ou não. Me virei, encontrando seu olhar nivelado com o meu.

— Vejo você em breve, Kingston.

Capítulo 3

Dash

Que diabos aconteceu?

Quando o Audi branco de Bryce saiu do estacionamento, balancei a cabeça e repeti os últimos cinco minutos.

Depois de uma xícara de café quente com papai no escritório, eu saí para a oficina, pronto para começar a trabalhar no Mustang GT vermelho 68 que eu estava restaurando. Minha manhã estava se formando muito bem quando uma morena quente e de pernas longas com um belo par de seios entrou para uma troca de óleo. Melhorou ainda mais quando ela flertou de volta e me deu aquele sorriso. Então eu acertei na loteria, porque ela também era espirituosa, e o calor entre nós era praticamente uma chama azul.

Eu deveria saber que algo estava acontecendo. As mulheres *boas demais para ser verdade* sempre eram um problema. Esta só estava me provocando por uma história.

E caramba, eu tinha mordido a isca. *Anzol, linha e chumbo.*

Como diabos Bryce sabia que papai seria preso por assassinato mesmo antes da polícia aparecer? Seria melhor perguntar. *Como diabos eu não sabia?*

Porque eu estava sem notícias.

Há pouco tempo, quando o clube ainda estava forte, eu teria sido o primeiro a saber se os policiais estavam se movendo na minha direção ou da minha família. Certamente, viver do lado certo da lei tinha suas vantagens. Principalmente, era bom viver uma vida sem o medo constante e torturante de acordar e ser morto ou ser enviado para a prisão pelo resto da minha vida.

Eu me contentei. *Preguiçoso. Ignorante. Abaixei minha guarda.*

E agora papai estava indo para uma cela. *Porra.*

— Dash. — Presley me deu um soco no braço, chamando minha atenção.

Me sacudi e olhei para ela, apertando os olhos enquanto seus cabelos brancos refletiam a luz do sol.

— O quê?

— O quê? — Ela imitou. — O que você vai fazer com seu pai? Você sabia sobre isso?

— Sim. O deixei tomar seu café da manhã, brincar com você, sabendo que ele seria preso em breve, — eu lati. — Não, eu não sabia disso.

Presley fez uma careta, mas ficou quieta.

— Ela disse assassinato. — Emmett tirou uma longa mecha de cabelo do rosto. — Eu ouvi certo?

— Sim. Ela disse assassinato.

Assassinato, falado na voz sensual de Bryce, pensei que era tão suave quando me atingiu os ouvidos. Papai tinha sido preso e eu fui superado por

uma maldita repórter intrometida. Meu lábio se curvou. Evitava a imprensa quase tanto quanto evitava policiais e advogados. Até descobrirmos essa merda, ficaria preso lidando com os três.

— Ligue para Jim, — pedi a Emmett. — Diga a ele o que aconteceu.

Ele assentiu, caminhando para a oficina com o telefone pressionado no ouvido enquanto ligava para o nosso advogado.

Emmett tinha sido meu vice-presidente e, embora o Tin Gypsy Motorcycle Club pudesse estar extinto, ele ainda estava ao meu lado. Sempre esteve.

Nós crescemos juntos no clube. Quando crianças, brincávamos em eventos familiares. Ele era três anos mais novo, mas éramos amigos durante toda a escola. Então irmãos no clube, como nossos pais foram.

Nós dois violamos inúmeras leis. Tínhamos feito coisas que nunca veriam a luz do dia. Nós brincamos na semana passada, tomando uma cerveja no The Betsy, sobre como nossas vidas se tornaram calmas.

Acho que deveríamos ter batido na madeira.

— Isaiah, de volta ao trabalho, — ordenei. — Aja como se fosse qualquer outro dia. Se alguém aparece e fizer uma pergunta sobre o papai, você não sabe nada.

Ele assentiu.

— Entendi. Algo mais?

— Você provavelmente vai nos cobrir. Está bem com isso?

— Eu estou bem. — Isaiah se virou e entrou na oficina, uma chave ainda na mão. Nós o contratamos apenas algumas semanas atrás, mas meu instinto disse que ele lidaria com o trabalho extra muito bem.

Isaiah era quieto, amigável o suficiente. Ele não era social. Não se juntava a nós para beber cerveja após o trabalho ou bagunçar comigo e com os caras por horas na oficina. Mas ele era um bom mecânico e apareceu na hora certa. Quaisquer que fossem os demônios que estava lutando, ele os guardava para si.

Eu tinha assumido o cargo de papai como gerente da oficina quando ele se aposentou a anos atrás, mas desde que eu odiava mexer com recursos humanos ou contabilidade e papai odiava ficar em casa sozinho o dia todo, ele vinha e ajudava constantemente. Quando o encarreguei de encontrar outro mecânico, ele deparou com Isaiah.

Eu nem me incomodei em entrevistar Isaiah, porque quando Draven Slater aprovava alguém, você confiava em seu instinto.

— O que você quer que eu faça? — Perguntou Presley.

— Onde diabos está Leo?

— Meu palpite? — Ela revirou os olhos. — Sua cama.

— Ligue para ele e o acorde. Vá para a casa dele, se for necessário. Quando voltar da delegacia, espero vê-lo trabalhando. Então todos conversaremos.

Ela assentiu e foi para o escritório.

— Pres, — eu chamei, parando-a. — Faça outras ligações também. Veja se alguém na cidade ouviu alguma coisa. *Discretamente.*

— Ok. — Com outro aceno, ela correu para o escritório enquanto eu caminhava para a minha moto.

No caminho para a delegacia, um carro branco passou correndo na direção oposta, e minha mente imediatamente pulou para Bryce.

Emmett me disse que havia um novo repórter na cidade. Mas *o* nome *dele* era Bryce Ryan. Eu não esperava uma mulher, certamente não uma com lábios carnudos e rosados e cabelos grossos de chocolate.

Qualquer pessoa além de Emmett estaria com o nariz quebrado por me deixar pensar que o repórter era um homem. Embora seu rosto demonstrasse choque, Emmett também não esperava que fosse uma mulher.

Pareceu-me certo desaparecer a qualquer momento em que Presley quisesse comentar fofocas de nossa pequena cidade no escritório. Estar fora do circuito, isso era minha culpa. Sem mencionar Bryce... *Bem, ela era boa.*

Ela me fez de tolo, e eu permiti. Inferno, eu até disse meu nome verdadeiro e ela esteve na oficina por cinco minutos. Isaiah nem sabia meu nome verdadeiro, e trabalhamos lado a lado todos os dias.

Um flash de seu sorriso branco, aqueles lindos olhos castanhos brilhando, e eu soltei minha língua. Eu agi como um adolescente excitado desesperado para levá-la para a cama, em vez de um homem de 35 anos que tinha muitas mulheres para chamar, se precisasse sair.

Malditos repórteres. Não havia me preocupado com o jornal ou seus repórteres há décadas. Mas Bryce, ela era um divisor de águas.

Os donos anteriores do jornal haviam sido burros demais para incomodar. O novo proprietário, que devia ser o pai de Bryce, entrara em Clifton Forge anos atrás, mas Lane Ryan perdeu todas as coisas dignas de notícia.

Ele havia chegado à cidade quando os Tin Gypsies não estavam mais no comércio de drogas. Quando nosso ringue de luta ilegal se tornou mais um clube de boxe. Quando todos os corpos que havíamos enterrado haviam esfriado há muito tempo.

Lane nos deixou em paz. As vezes que ele trouxe o carro de sua esposa para um ajuste, ele nunca perguntou sobre o clube. Ele estava contente em deixar o passado enterrado.

Mas Bryce estava com fome. O olhar em seu rosto evidenciava ferozmente isso quando despedia. Ela iria à caça e não recuaria. Em um dia normal, ela seria um incômodo. Mas se meu pai realmente era suspeito de assassinato, as coisas só piorariam.

Quem foi morto? Como eu não tinha ouvido falar de um assassinato na cidade? Esqueça minhas antigas conexões, o assassinato era uma grande notícia para uma cidade pequena e deveria ter se espalhado como fogo em minutos depois que o corpo foi encontrado. *A menos que... Marcus encontrou um corpo do passado? Os pecados do nosso passado nos alcançaram?*

Como clube, justificamos o assassinato porque os homens que matamos teriam feito o mesmo conosco. Ou nossas famílias. Livramos o mundo dos homens maus, mesmo sendo demônios por direito próprio. Nós éramos culpados, sem dúvida. Mas isso não significava que todos queríamos passar o resto de nossas vidas na penitenciária estadual.

Corri mais rápido pelas ruas de Clifton Forge, sem me preocupar em obedecer às leis de trânsito. Quando entrei na delegacia, o delegado estava me esperando na recepção.

— Dash. — Ele fez um gesto para eu segui-lo em seu escritório. Depois que a porta foi fechada, se sentou atrás de sua mesa, pegando um doce de alcaçuz de um pacote aberto.

— Cadê meu pai?

— Sente-se, — disse ele enquanto mastigava.

Eu cruzei meus braços.

— Eu vou ficar em pé. Comece a falar.

— Não há muito que eu possa lhe dizer. Estamos investigando um crime e...

— Você quer dizer um assassinato.

A mastigação parou.

— Onde você ouviu isso?

O choque de Marcus foi genuíno. Acho que ele disse aos oficiais para ficarem calados, só que Bryce também estava um passo à frente dele.

— Sua nova amiga, a repórter, me perguntou se eu tinha algo a dizer sobre a prisão de papai por assassinato. Que porra está acontecendo?

Uma veia na testa de Marcus saltou quando ele engoliu a mordida e arrancou outra.

— Você conhece o paradeiro do seu pai entre as cinco horas da tarde de ontem à noite e às seis da manhã?

— Talvez. — Fiquei perfeitamente imóvel, embora uma pitada de alívio diminuísse meu coração acelerado. Marcus estava perguntando sobre a noite passada. *Obrigado, porra.* O passado tinha que ficar no passado. E como papai não havia matado ninguém ontem à noite, isso tinha que ser um erro.

— Bem? Onde ele estava?

— Se você já sabe, então por que está perguntando?

— Seu pai recusou o interrogatório até a chegada do advogado.

— Ótimo.

— Nos ajudaria se vocês dois cooperassem.

Não cooperamos com ninguém, certamente não com a polícia. Se eu abrisse minha boca e dissesse a coisa errada, Marcus me marcaria como um acessório e me jogaria em uma cela ao lado da de papai. Um Slater atrás das grades era suficiente por hoje.

Quando fiquei em silêncio, Marcus fez uma careta.

— Se você não vai falar, eu também não.

— Tudo bem. — Caminhei para a porta, batendo-a com tanta força, que o retrato na parede sacudiu quando saí da delegacia.

Não descobri muito, mas o que descobri foi suficiente. *Por hora.*

Montando minha moto, eu coloquei meus óculos de sol, depois peguei meu telefone para ligar para meu irmão mais velho.

— Dash, — Nick respondeu com um sorriso na voz. Um sorriso que existia permanentemente nos últimos sete anos, desde que ele se reconectara com a esposa. — E aí?

— Tenho que conversar. Você está ocupado?

— Dê-me um segundo. — Ele colocou o telefone no ombro ou algo assim, porque sua voz ficou abafada quando ele gritou: — Vá devagar, amigo. Mais longe. Última vez.

Um suspiro e Nick riu quando retornou ao telefone.

— Esse garoto. Ele brincaria de apanhar a bola o dia todo, se eu deixasse. E ele está ficando bom. Quero dizer, ele tem apenas seis anos, mas é natural.

— Futuro receptor. — Eu sorri. Draven, meu sobrinho e homônimo de papai, era a imagem de Nick. E ele era o companheiro constante de Nick. — Você está trabalhando hoje?

— Sim. Draven está comigo na garagem por algumas horas. Emmy foi levar Nora para perfurar suas orelhas.

— Uh... Ela não é um pouco jovem? — Nora tinha completado quatro anos recentemente.

— Não me faça começar, — Nick murmurou. — Mas não estou discutindo com Emmy no momento.

— Por que não? Ela o irritou?

— Não, ela está... — Ele soltou um longo suspiro. — Estávamos esperando para contar a todos, exceto que Emmy está grávida. Ou ela *estava* grávida. Ela abortou na semana passada.

— Caralho, irmão. — Minha mão voou para o meu coração. — Eu sinto muito.

— Sim, eu também. Emmy está tendo dificuldades. Então, se ela quer perfurar as orelhas de Nora e ter um dia de mãe e filha em Bozeman, não vou dizer nada.

— Posso ajudar?

— Não, nós vamos superar isso. E aí?

Eu belisquei a ponta do meu nariz. A última coisa que eu queria era adicionar isso aos encargos de Nick, mas ele tinha que saber.

— Recebi más notícias. Gostaria que isso pudesse esperar.

— Conte-me.

— Alguém foi assassinado ontem à noite. E, ou papai fez isso, ou ele sabe quem fez isso, ou alguém está tentando incriminá-lo por isso. Eles o prenderam cerca de trinta minutos atrás.

— Porra, — Nick disse. — O que mais você sabe?

— Nada. Os policiais não estão comentando. — Eu não admitiria que a única razão pela qual soube metade do que sei, foi por causa de uma

repórter sexy e desonesta. — Papai chamou um advogado. Quando Jim se encontrar com ele, eu saberei mais.

— Deixe-me ligar para Emmy. Nós chegaremos aí o mais rápido que pudermos.

— Não, não — eu disse a ele. — Não há nada que você possa fazer aqui. Só queria que você estivesse ciente.

— Dash, estamos falando de um assassinato.

— Exatamente. Você, Emmeline, as crianças. Vocês não precisam estar nem perto dessa merda. — Ele precisava ficar em Prescott, brincando de baseball com o filho, beijando a filha e segurando firme sua esposa.

— Tudo bem. — Nick soltou um longo suspiro. — Mas se precisar de mim, eu estou aqui.

— Eu sei. Vou mantê-lo informado.

— Sempre acontece alguma coisa, — ele murmurou.

— Já faz um tempo que está calmo.

— Verdade. Será que ele... Você acha que ele fez isso?

Eu olhei para o lado cinza da delegacia, imaginando papai dentro daquelas paredes em uma sala de interrogatório. Suas mãos estavam algemadas e descansando em uma mesa barata enquanto ele se sentava em uma cadeira desconfortável.

— Eu não sei, — admiti. — Talvez. Se ele fez, havia uma razão. E se ele não fez, então Clifton Forge definitivamente não é um lugar que eu quero que você traga as crianças.

Porque se alguém estiver atrás do papai, poderia estar atrás de todos nós.

— Tome muito cuidado, — eu disse.

— Você também.

Eu desliguei a chamada e liguei minha moto. A sensação do motor, a vibração e o ruído, eram um conforto enquanto acelerava pela cidade. Passei longas horas neste assento, dirigindo centenas de quilômetros, pensando nas estratégias do clube.

Exceto no ano passado, não havia negócios com clubes. Não havia disputas para resolver. Sem crimes a esconder. Nenhum inimigo para ser mais esperto. Meu tempo atrás do guidão foi gasto simplesmente curtindo a estrada. Pensar na garagem e em como poderíamos aumentar nossos trabalhos personalizados e ganhar uma pilha de dinheiro por um dia chuvoso.

Quando se tratava de uma prisão por assassinato, minha mente estava lenta e enferrujada. Surpreendeu-me a rapidez com que esqueci os velhos hábitos. Embora estivéssemos diminuindo as coisas há anos, os Tin Gypsies só haviam se dissolvido há um ano. A última prisão com a qual tive de lidar foi há quase quatro anos e, mesmo assim, foi em uma das brigas de Leo com bêbados.

Parei no estacionamento, desci da moto e entrei na garagem. Enquanto caminhava para o escritório, olhei para o lote em direção à sede do clube.

O quintal estava coberto de vegetação e eu precisava de tempo para cortar a grama. O interior estava sem dúvida mofado e coberto de poeira. A última vez que estive lá foi durante o inverno, quando um guaxinim entrou escondido e disparou os sensores de movimento.

Em um dia como hoje, quando precisava de informações e respostas, daria tudo para entrar na sede do clube, chamar todos para a mesa da sala de reuniões e chegar ao fundo disso.

Em vez disso, teria que me contentar com o escritório da oficina e algumas pessoas que eram tão leais a nós agora como eram quando usávamos o colete.

Presley estava no telefone quando abri a porta do escritório. Ela levantou um dedo para eu ficar quieto.

— Ok, obrigada. Ligue-me de volta se ouvir mais alguma coisa.

Fui até a fila de cadeiras na parede embaixo da janela da frente. A mesa de Presley era a única na sala de espera e, embora papai e eu tivéssemos nossos dois escritórios ao longo da parede oposta, normalmente nos reuníamos em volta dela.

O título oficial de Presley era gerente de escritório, mas ela fazia muito mais do que colocamos em sua descrição original do trabalho. Garantia que as contas fossem pagas e os clientes ficassem felizes. Colocava a papelada na minha mesa ou na de papai para assinar. Administrava a folha de pagamento e nos obrigava a conversar sobre planos de aposentadoria uma vez por ano.

Ela era o coração da oficina. Estabeleceu o ritmo e nós seguimos o exemplo.

— O que você descobriu? — Eu perguntei.

— Liguei para o salão. — Seu rosto empalideceu. — Stacy disse que viu um monte de carros da polícia no hotel a caminho do trabalho esta manhã. Há um boato de que uma mulher foi encontrada morta, mas ela não tem certeza se é verdade.

Droga. Provavelmente era verdade.

— Algo mais?

Ela balançou a cabeça.

— É isso aí.

O que eu precisava era conversar com o papai, mas, dada a atitude de Marcus, isso não iria acontecer. Por enquanto, tinha que canalizar informações através do advogado.

A porta do escritório se abriu e Emmett entrou, seguido por Leo.

— Ouvi dizer que perdi algumas coisas esta manhã, — brincou Leo.

Não com vontade, lancei uma careta para ele que limpou o sorriso de seu rosto.

— Onde diabos você estava?

— Dormi demais.

— Isso vem acontecendo muito ultimamente.

Ele passou a mão pelos cabelos loiros bagunçados, os fios ainda molhados do banho.

— Não estou fazendo o meu trabalho?

Eu não respondi. Leo era o artista do grupo, fazendo toda a pintura e design, enquanto Emmett, Isaiah e eu preferíamos a mecânica e a fabricação. Seu trabalho estava terminando, mas ele vinha bebendo muito mais ultimamente. Chegava cada vez mais tarde pela manhã. Toda noite parecia ter uma nova mulher em sua cama.

Ele ainda estava agindo como o playboy do clube.

— Eu acho que temos coisas mais importantes para nos preocupar no momento do que a qualidade degradante do trabalho de Leo, não é? — Emmett perguntou, ocupando a cadeira ao meu lado.

— Degradando a qualidade do trabalho, — Leo murmurou, balançando a cabeça enquanto se sentava na última cadeira aberta. — Idiotas. Eu odeio todos vocês.

— Senhores, me façam um favor, — interrompeu Presley. — Calem. A. Boca.

— Qual é o plano, Dash? — Emmett apoiou os cotovelos nos joelhos.

Passei a mão pela mandíbula.

— Precisamos descobrir o que pudermos sobre o assassinato. Papai ficou quieto para que os policiais não recebam nada dele. Mas eles têm alguma coisa. Precisamos descobrir o que é. Isaiah vai cobrir a oficina, mas Pres, limite os trabalhos para que ele não seja inundado. Emmett e Leo, comecem a perguntar por aí.

Os dois assentiram. Podemos não ser mais um clube, mas tínhamos conexões.

— O que você vai fazer? — Presley perguntou.

Emmett e Leo não precisavam da minha ajuda e, a menos que o trabalho na oficina fosse demais, deixei Isaiah e Presley cuidarem disso. Porque havia outra pessoa na cidade que tinha informações e, ou ela desistia livremente ou eu arrancava-lhe isso.

— Investigação.

Capítulo 4

Bryce

— Eu amo os domingos. — Sorri para o jornal na minha mesa. A manchete em negrito não era chique ou florida, mas com certeza chamava sua atenção.

MULHER ASSASSINADA. SUSPEITO PRESO.

Nós publicamos um jornal de oito páginas que saía duas vezes por semana às Quartas e Domingos. Quando papai comprou o jornal, ele manteve os dias de publicação iguais, mas traçou uma linha clara entre as edições de quarta e domingo. A quarta-feira era voltada para negócios, focada nas atividades que acontecem pela cidade, nos classificados e anúncios.

O jornal de domingo tinha as coisas boas. Nós publicamos as principais manchetes nele, dando aos moradores algo sobre o que conversar depois da igreja. Se havia uma história importante na cidade, ela vinha no domingo. Sempre que fizemos uma matéria ou uma peça de várias semanas, era nesse dia.

Eu vivia para o jornal de domingo. E essa semana definitivamente iria causar um rebuliço.

Os anúncios em que George estava trabalhando na página três e a coluna de Sue no novo local do casamento fora da cidade provavelmente passariam despercebidos por trás do meu artigo.

O assassinato tinha um jeito de chamar a atenção.

As fofocas das cidades pequenas viajaram rápido e eu não tinha dúvida de que a maioria das pessoas em Clifton Forge e nos arredores já sabia do assassinato. Mas fofocas eram apenas isso, especulação e boato, até que eram impressas no meu jornal. Então, tornava-se fato.

Depois de deixar a oficina de Clifton Forge, e um motoqueiro irritado, na sexta-feira, fui ao jornal e imediatamente comecei a escrever.

No decorrer das histórias, essa não tinha muitos detalhes. O delegado Wagner estava de boca fechada sobre o assassinato, bem como sobre a vítima. Antes de divulgarem o nome dela, eles estavam rastreando os parentes mais próximos.

Os únicos detalhes que ele divulgou em sua nota enviada a imprensa foram sobre a mulher assassinada no Evergreen Motel e eles tinham um suspeito sob custódia. Para minha sorte, sabia quem era o suspeito e tinha sido capaz de adicioná-lo ao meu relatório.

Junto com minha foto oportuna.

O nome de Draven Slater apareceu na primeira página do Tribune, não pela primeira vez e certamente não pela última. Eu iria relatar essa história do começo ao fim, o martelo do juiz batendo na madeira quando ele sentenciasse um assassino à prisão perpétua.

Estava correndo o risco de já saber o fim da minha história. Os jornalistas normalmente não presumem que o principal suspeito é culpado e, normalmente, me orgulhava de manter a mente aberta. Mas meu instinto gritou que Draven era um criminoso e, embora ele pudesse escapar do encarceramento por suas prisões anteriores, eu duvidava que fosse capaz de escapar dessa vez.

Relatar e escrever esta história pode ser a marca que deixarei nesta cidade. Poderia estabelecer minha carreira aqui. Meu nome. E poderia ser a história que preencheria o buraco na minha vida.

Enquanto a polícia e os promotores trabalhavam para construir um caso contra Draven, eu estaria bem, relatando quaisquer novidades que eles jogassem em meu caminho. E como o delegado não era muito sincero no momento, eu procurava por conta própria.

Eu estava zumbindo com a perspectiva de jornalismo investigativo real.

A porta atrás de mim se abriu e BK saiu, limpando as mãos em um pano. Seu avental preto pendia dos joelhos.

— Ei, Bryce. Não achei que você ainda estivesse aqui.

— Estou indo embora. — Eu me levantei da cadeira e dobrei o papel novo ao meio antes de guardá-lo na minha bolsa. Cheguei antes do amanhecer para ajudar papai e BK a terminar a tiragem, depois peguei os jornais empacotados e prontos para a equipe de entrega. Depois que os entregadores saíram com os jornais, peguei uma cópia para mim.

Este era para guardar.

— Você está indo para casa? — Eu perguntei. Papai tinha saído trinta minutos atrás.

— Assim que eu fechar tudo.

— Tenha um bom dia, BK. Obrigada.

— Você também. — Ele acenou, desaparecendo de volta para a sala de imprensa.

BK e eu só cruzamos os caminhos nas manhãs de quarta e domingo. Ele trabalhava horas ímpares, chegando principalmente à noite antes de uma tiragem. Às vezes, ele fazia manutenção nas prensas, preferindo trabalhar novamente à noite. Ocasionalmente, ele fazia algumas entregas de manhã cedo, se tivéssemos pouca ajuda.

Como os outros funcionários daqui, inclusive eu, BK trabalhou duro para papai. Um dia, esperava inspirar esse tipo de lealdade também dos funcionários do jornal.

Sorri para o jornal mais uma vez, pensando na reação do meu pai à minha história. Quando o entreguei na sexta à noite, ele tinha um sorriso de gato de Cheshire[2] no rosto. Papai não queria que eu investigasse os Tin Gypsies, mas ele não teve nenhum problema em relatar um assassinato e foi o primeiro a anunciar Draven Slater como o principal suspeito.

[2] É um gato fictício popularizado por Lewis Carroll em Alice no País das Maravilhas e conhecido por seu sorriso travesso emblemático.

Ele entrou para operar as impressoras com BK na noite passada, certificando-se de que o papel fosse impresso sem problemas. Minha história revigorou meu pai. Ele sabia que eu ia continuar investigando, descobrindo o que podia sobre o assassinato. Não disse uma palavra para interromper ou retardar meu progresso. Embora ele tivesse me avisado: Dash Slater não deixaria seu pai ir para a prisão facilmente.

Bocejando, saí do escritório, examinando as mesas vazias. Eram seis horas da manhã e, uma vez que BK partisse, não haveria ninguém trabalhando hoje.

Com exceção de Art, que era o segurança da recepção há quase duas décadas, os funcionários mantinham horários flexíveis. Papai não se importava. Nem eu, desde que todos cumprissem seus horários.

Sue era responsável pelos classificados e, como eu, preferia trabalhar de manhã. George, que dirigia publicidade, chegava antes do meio dia, bem a tempo de bater o ponto, pegar um punhado de lapiseiras e um bloco de anotações e depois sair para qualquer reunião de almoço que tivesse marcado no dia anterior. E Willy, um colega jornalista que tinha aversão a sua mesa, aparecia por volta de seis ou sete da noite, deixando sua última história antes de desaparecer para onde quer que Willy fosse.

Era um ritmo diferente, trabalhando aqui. Muito longe do caos da televisão. Não havia maquiadores ou cabeleireiros me seguindo a cada canto. Nenhuma câmera rastreando meus movimentos. Sem produtores latindo ordens.

Sem pressão.

Desde que estava quieta aqui, muitas vezes me encontrava sozinha. Ou nos bons dias, sozinha com papai. Ele trabalhava sempre que havia trabalho a ser feito, o que, para um jornal com apenas seis funcionários, era frequente. Isso nos permitia muitas horas, cada um trabalhando independentemente em nossas mesas, mas ainda juntos.

Empurrei a porta da frente, virando-a para trancá-la. Meu carro estava no primeiro espaço de estacionamento, mas eu estava muito excitada para ir para casa. Eu não tinha dormido por mais de algumas horas na noite passada, e levaria um tempo antes de adormecer.

Então fui para a calçada, seguindo três quarteirões em direção à Avenida Central. Esperava que os motoristas de entrega estivessem rápidos hoje, colocando os jornais nas mãos de nossos leitores.

Lamento que a manchete de hoje seja possível apenas porque a vida de uma mulher foi interrompida. Enquanto gostava da emoção de uma história dramática, a tristeza e a tragédia eram de partir o coração. Eu não tinha certeza sobre a vítima e sua identidade, se era uma boa pessoa. Se era amada ou se estava perdida.

Não havia muito o que eu pudesse fazer por ela, mas poderia contar os fatos e relatar a verdade. Eu traria sua vida, junto com a sua morte, à luz.

Minha impressão inicial do delegado Wagner tinha sido positiva. Mas tive a sensação de que ele se acostumou a manter as massas de Clifton Forge ligeiramente no escuro.

Agora, não mais.

Se descobrisse alguma coisa, eu iria compartilhar.

O sol estava brilhando, mesmo sendo de manhã cedo. O ar fresco refrescava minha pele e os meus pulmões. Respirei fundo enquanto caminhava, os aromas da brisa leve me lembrando do verão quando criança.

Montana era tipicamente bonita no início de junho, mas este ano parecia espetacular. Talvez tenha sido por ser a minha primeira primavera aqui depois de morar em Seattle por quase duas décadas.

As árvores pareciam mais verdes. O céu mais azul, maior. Eu não passava muito tempo explorando a cidade desde que me mudei, mas enquanto caminhava, senti a vontade de ver tudo. Eu estava pronta para fazer desta cidade minha, para me tornar parte da comunidade.

Clifton Forge era minha casa.

Cheguei à Avenida Central, virando à direita. Dois quarteirões abaixo havia uma cafeteria chamando meu nome. Quase todas as empresas e escritórios que lotavam esta rua estavam fechados a essa hora, com as janelas escuras. Os únicos lugares abertos eram a cafeteria e o The Coffee do outro lado da rua.

Clifton Forge não recebia o enorme fluxo de turistas que outras cidades pequenas de Montana viam a cada verão. O turismo aqui não era como Bozeman, onde eu cresci. Nossa cidade ficava muito longe da interestadual para ser notada. Os milhões de visitantes que chegavam ao Estado todos os

verões para visitar os Parques Nacionais de Yellowstone e Glacier passavam por nós.

O principal afluxo de pessoas de fora da nossa cidade ocorria no outono, quando caçadores faziam de Clifton Forge sua base antes de partirem para o deserto com guias e cavalos para caçar alces, ursos e veados.

A maioria dos habitantes locais gostava dessa maneira, deixando de lado o tráfego comercial adicional para paz e reclusão. Quando você entrava no The Coffee ou na cafeteria, nove em cada dez rostos eram familiares.

Exceto que o meu não era. *Ainda.*

Não havia passado tempo suficiente fora da cidade. Agora que o verão começava, isso ia mudar. Passei anos suficientes em Seattle sendo reconhecida pelo meu rosto, se é que era reconhecida. Na maioria das vezes, eu era apenas outra pessoa anônima vivendo sua vida diária.

Mas aqui, queria me estabelecer profundamente. Queria que as pessoas soubessem que eu era filha de Lane e Tessa Ryan, porque pertencer a eles me deixava orgulhosa. Queria que as pessoas pensassem em mim quando pensassem no jornal, porque ler minhas histórias era um dos destaques da semana deles.

— Bom dia, — disse quando entrei na cafeteria.

A barista estava sentada atrás de um balcão ao lado de uma máquina de café expresso. Sua boca estava aberta enquanto ela olhava para o meu jornal entre as mãos.

— Você ouviu? Uma mulher foi assassinada no motel.

Eu assenti.

— Eu ouvi. Isso é horrível. Pelo menos eles pegaram o cara.

— Não acredito. Draven? Ele é um cara tão legal. Deixa boas gorjetas. Sempre amigável. Eu apenas... Uau. — Ela dobrou o jornal e o colocou no balcão, o olhar chocado em seu rosto permanecendo. — O que eu posso lhe oferecer?

— Um cappuccino, por favor. — Sorri educadamente, embora estivesse irritada por Draven parecer enganar tantos.

— Para tomar aqui ou para levar?

— Para levar. Vou sair para uma caminhada matinal.

Em qualquer outra manhã, eu teria me apresentado, mas enquanto ela preparava meu café, ela continuou olhando furtivamente para o jornal. Duvidava que, se eu dissesse o meu nome, se lembraria dele hoje. Ela parecia perturbada. E não pelo assassinato de uma mulher, mas porque Draven era o principal suspeito.

Como ele enganou todo mundo?

Ela fez meu café e eu a deixei com um aceno. Atravessei a rua, indo para o jornal, mas desta vez examinando os negócios do lado oposto da rua. Quando cheguei ao meu carro, entrei, mas a casa não era o meu destino.

O Evergreen Motel estava cheio de atividades nos últimos dois dias, a barricada da polícia mandando uma mensagem muito clara de *ir embora* para qualquer pessoa que *passasse*. Mas o assassinato tinha dois dias e minhas perguntas não poderiam esperar tanto.

Era um risco ir tão cedo, mas um que eu estava disposta a correr. Com sorte, os proprietários podem ter algumas informações que estariam dispostos a compartilhar sobre a vítima. Ou do próprio Draven. Informações que eles podem ter ficado confusos demais para dar aos policiais.

O hotel ficava do outro lado da cidade, longe do rio. A viagem levou apenas alguns minutos, as ruas estavam quase vazias. Foi nomeado apropriadamente; os topos das sempre-vivas que cercavam o motel nos três lados pareciam roçar as nuvens.

O prédio era singular, construído no estilo para cada quarto ter uma porta externa. As chaves de metal estavam, sem dúvida, presas a discos ovais vermelhos, com os números dos quartos estampados em letras brancas. O motel era em forma de U, todos os doze quartos de frente para o quiosque no centro que era o escritório.

Se os proprietários não tivessem cuidado tão bem do Evergreen, isso poderia ter me lembrado algumas áreas mais insólitas de Seattle, onde quartos de hotel como esses eram alugados a cada hora. Mas, como era, esse lugar era limpo e encantador.

A cerca era de um verde sálvia recém-pintado. Havia cestos de flores penduradas em suportes do lado de fora de cada quarto, transbordando de petúnias vermelhas, brancas e rosas. O estacionamento havia sido reformado recentemente.

Definitivamente não é um lugar onde eu esperaria um assassinato.

Um homem da minha idade estava sentado atrás da recepção do escritório, a pequena sala construída exclusivamente para isso. Não havia área de espera para tomar café pela manhã ou um prato de biscoitos à noite. Havia espaço suficiente para ficar ao lado do balcão para pegar sua chave, todas penduradas em um quadro na parede. Eu presumi discos ovais vermelhos. Estes eram verdes.

— Bom dia, senhora, — ele cumprimentou.

— Bom dia. — Eu dei meu sorriso mais brilhante e amigável.

— Você tem reserva?

— Não, na verdade eu sou daqui. — Estendi minha mão sobre o balcão. — Bryce Ryan. Eu trabalho no *Tribune.*

— Oh. — Ele hesitou antes de pegar minha mão. — Cody. Cody Pruitt.

— Prazer em conhecê-lo, Cody.

— Você está aqui sobre o que aconteceu no 114?

Eu assenti.

— Sim. Gostaria de fazer algumas perguntas, se você não se importar.

— Não sei mais nada além do que já contei à polícia.

— Está tudo bem. — Peguei na minha bolsa um pequeno bloco de notas e uma caneta. — Você se importaria se eu fizesse algumas anotações enquanto conversamos? Você sempre pode dizer não. E pode dizer algo que está fora do registro a todo momento, se quiser mantê-lo entre nós.

— Isso é bom. Mas, como eu disse, não tenho muito o que contar. — O queixo dele estava tenso. Seus olhos se estreitaram. Cody estava a segundos de me empurrar para fora da porta.

— Bem, tudo bem. — Eu segurei meu sorriso. — Eu sou nova na cidade de qualquer maneira, então provavelmente vou fazer algumas perguntas estúpidas. Você é daqui?

— Sim. Nascido e criado. Meus avós compraram o Evergreen. Eles passaram para meus pais. Agora estou assumindo o controle.

— Oh, isso é ótimo. Eu também trabalho com a família. Meu pai comprou o jornal e eu acabei de me mudar para cá para trabalhar com ele. Aqueles primeiros meses foram, uh... — Eu arregalei meus olhos. — Foi um ajuste para nós dois. É meio estranho trabalhar para seus pais. Mas agora acho que temos um ritmo. Ele não ameaça me demitir há mais de um mês e eu não jogo meu grampeador na cabeça dele há semanas.

Papai e eu adoramos trabalhar juntos, mas a mentira valeu a pena quando Cody riu.

— Tivemos alguns desses dias também. Houve dias em que fiquei bastante frustrado com meus pais. Bem, talvez eu não tenha ficado tanto quanto minha esposa. Ela queria fazer algumas coisas aqui para consertar e eles estavam sendo teimosos. Mas, finalmente, resolvemos isso. O lugar também parece muito melhor.

— Acho que esses lindos vasos de flores foram ideia da sua esposa.

Seu peito inchou com orgulho.

— Eles foram. Ela tem um jeito para plantas.

— Eles são lindos.

— Sim. — O sorriso de Cody diminuiu. — Minha esposa, ela faz as tarefas domésticas aqui. Na verdade, trocamos dias. Sexta-feira era o dia dela. Ela encontrou... — Ele balançou a cabeça, sua voz baixa. — Eu não sei como ela vai superar isso. Meus pais estão com o coração partido. Eu sou o único que aguenta trabalhar aqui. Não que eu tenha escolha. Temos contas a pagar e não posso recusar reservas. Inferno, estou feliz por termos hóspedes.

— Eu sinto muito. E sinto muito por sua esposa. Encontrar um cadáver deixaria cicatrizes para qualquer um.

— Obrigado. — Ele apertou a mão no balcão. — Eu gostaria de poder dizer que fiquei surpreso.

Meus ouvidos se animaram.

— Você não ficou?

— Esse clube nunca fez nada além de causar problemas.

Meu coração começou a acelerar, mas eu fiz o meu melhor para esconder minha emoção. Cody Pruitt pode ser a primeira pessoa em Clifton Forge a me dar informações de bom grado sobre os Tin Gypsies, em vez de me avisar.

— Eles já lhe causaram problemas aqui antes?

— Não ultimamente. Mas eu fui para o colegial com Dash. Ele era um filho da puta arrogante naquela época. O mesmo que ele é agora. Ele e alguns

amigos alugaram alguns quartos dos meus pais depois do nosso baile de formatura. Eles destruíram tudo.

— Você está brincando. —Fingi estar em choque, enquanto por dentro estava dando piruetas. Finalmente eu encontrei alguém que não estava me alertando para ficar longe de Dash ou de um membro fundador de seu fã-clube.

— Não.

Eu esperei, me perguntando se ele diria algo mais, mas os olhos de Cody flutuaram pela janela do escritório, em direção ao quarto marcado como 114. Quando passei ontem, havia uma fita policial na frente. Agora não tinha mais. A menos que soubesse onde isso aconteceu, você não imaginaria que uma mulher tivesse sido morta do outro lado do pátio.

— Você viu Draven aqui na sexta-feira? — Perguntei.

Ele balançou sua cabeça.

— Não. Minha mãe estava trabalhando naquela noite.

— Ela viu...

Fui interrompida pelo barulho de um motor do lado de fora. Cody e eu olhamos pela janela a tempo de ver Dash entrar no estacionamento com sua Harley.

Merda. Ótimo momento, Slater.

Dash estacionou ao lado do meu carro e tirou a perna da moto. Hoje ele estava vestindo uma jaqueta de couro preta e um jeans desbotado. Apenas a visão de suas longas pernas e seus cabelos rebeldes fez meu

coração pular. *Maldito seja. Por que ele não era loiro?* Eu nunca tive uma queda por loiros.

Eu fiz o meu melhor para manter a respiração controlada, enquanto ele caminhava em nossa direção. A última coisa que queria era que ele viesse aqui e me visse ofegante. O rubor nas minhas bochechas já era ruim o suficiente.

Virei as costas para a porta, mantendo minha atenção em Cody, que estava praticamente fervendo.

A campainha tocou quando Dash entrou. Seu olhar queimou minhas costas enquanto percorria minha espinha, mas eu me recusei a me virar ou reconhecê-lo quando ele veio ao balcão. Pelo canto do olho, eu o vi tirar os óculos escuros.

— Cody. — O calor de Dash bateu no meu ombro quando ele apoiou os cotovelos no balcão. — Bryce.

Meu nome na sua voz, causou arrepios na minha pele. Puxei meus braços para o lado, escondendo-os de sua vista. *Ele tinha que estar tão perto?* Estava a menos de um centímetro de distância e o cheiro de couro e vento encheu meu nariz. *E, droga, eu respirei fundo.*

Para o inferno com você, feromônios.

— Kingston, — eu disse demoradamente, olhando seu perfil com o meu melhor olhar não afetado.

Um grunhido se formou no fundo do peito, mas ele não pronunciou nenhuma outra resposta. Segurou meu olhar por um momento longo demais e depois me dispensou, acenando para Cody.

— Como você está?

— Como estou? — A voz de Cody tremia. — Você tem coragem de vir aqui, Slater.

— Eu não estou aqui para causar problemas.

— Então saia.

— Só quero fazer algumas perguntas.

Entre na fila, amigo.

— Cody estava apenas me dizendo que ele deu todas as informações à polícia.

— Isso mesmo. — Cody apontou para a porta. — Não tenho mais nada a dizer. Então, a menos que você queira destruir outros dois quartos, acho melhor você ir embora.

— Olha, eu já disse isso cem vezes. Sinto muito pelo baile. Meu pai e eu pagamos por isso e muito mais. Eu era um garoto estúpido. Se pudesse voltar no tempo, eu desfaria. Mas não posso.

Eles pagaram por isso? Interessante. Eu diria que Draven e Dash seriam homens que não iriam reparar algo que vandalizaram. Como líderes de uma perigosa gangue de motociclistas, poderiam ter feito algumas ameaças e se safado. Assumir a responsabilidade não era algo que eu esperava.

E algo que Cody convenientemente deixou de fora de sua história.

— Eu não tenho nada para lhe dizer, — Cody retrucou. Ele era uns dez centímetros mais baixo que Dash e pelo menos trinta quilos mais leve. Mas tive a impressão de que não se tratava tanto do assassinato ou do baile de formatura, pois era um garoto menos popular se posicionando contra um velho inimigo.

Bom para você, Cody.

— Eu só quero descobrir quem matou aquela mulher. — Havia vulnerabilidade na voz de Dash. Não gostei de como meu coração suavizou.

Cody bufou.

— Vocês Slaters são todos iguais. Seu pai leva uma faca para uma mulher no meu hotel, esfaqueia-a da cabeça aos pés, e você está aqui para culpar outra pessoa. Acho que é bom Bryce estar aqui. Caso contrário, pode tentar dizer que eu a matei.

— Isso não é...

— Saia — Cody rosnou. — Antes de eu ligar para a polícia.

Dash soltou um longo suspiro, depois voltou sua atenção para mim.

— Você colocou o nome e a foto do meu pai no jornal.

— Bem, ele foi, de fato, preso por assassinato. Você deve se lembrar, eu estava lá.

O canto do lábio se curvou.

— Você tem o hábito de imprimir mentiras? Mal posso esperar para enfiá-las na sua garganta.

Mentiras? Não. Ninguém questionou minha integridade como jornalista.

— O que imprimi foi a verdade. Uma mulher foi assassinada. *Fato.* Ela morreu aqui no hotel. *Fato.* Seu pai foi preso como suspeito. *Fato.* Essas são as mentiras que você vai enfiar na minha garganta?

Ele se aproximou mais, olhando para mim.

— Talvez. Mas prefiro enfiar outra coisa nessa garganta bonita.

— Fraco. — Revirei os olhos. — Se acha que ameaças associadas a insinuações sexuais vão me assustar, precisará se esforçar mais.

— Com força. Você vai implorar por mais. — Ele se aproximou novamente, o couro liso de sua jaqueta roçando no algodão fino da minha camiseta. Eu estava usando um sutiã esportivo no jornal ontem à noite, optando por conforto ao invés de usar um para levantar meus seios. Tinha escolhido um sem preenchimento e quando seus olhos abaixaram, sabia que ele viu meus mamilos espreitando.

Eu poderia me afastar. Ou poderia acabar com seu blefe. Dash era um mulherengo bad boy? Absolutamente. Mas ele era um mulherengo misógino que se forçaria em mim? Não. O que significava que ele estava pressionando para ver o quanto eu pressionaria.

Estou dentro.

Dei um passo à frente, pressionando meus seios em seu peito.

— Duvido disso... King.

Dash sibilou quando sentiu eu arrastar minhas unhas pela sua coxa, mesmo usando jeans. Meu corpo estava preparado, esperando para ver sua reação. Se ele me tocasse, eu provavelmente teria que acertá-lo nas bolas. Mas não chegou a isso. Acabar com seu blefe funcionou.

Num piscar de olhos, ele se afastou, seu corpo tenso, e marchou pela porta, saindo. A campainha encheu o ar e suspirei ao respirar novamente, o som abafado pelo barulho da Harley de Dash enquanto se afastava.

O sorriso de Cody esticou de orelha a orelha.

— Eu gosto de você.

— Obrigada. — Eu ri, meu coração acelerando.

— O que mais você gostaria de saber? — Cody perguntou. — Vou lhe contar tudo, se quiser pegar Dash.

Agora era minha vez de sorrir de orelha a orelha.

— Você sabe o nome da vítima?

Capítulo 5

Dash

— Eles não vão me deixar vê-lo. — Eu bati a porta quando entrei no escritório na oficina.

— Eles podem fazer isso? — Presley perguntou, olhando entre Emmett e eu.

Emmett deu de ombros.

— Eles são policiais. Nesse ponto, eles podem praticamente fazer o que quiserem.

Eu estava tentando ver papai há dias, mas o delegado havia levantado uma barreira de aço. Nenhum visitante a menos que fosse o advogado do papai. *Sem exceções.* Então, embora eu pudesse colher algumas informações de Jim, isso não era suficiente. Não era a conversa individual que eu precisava. Confiávamos em nosso advogado, mas havia perguntas que eu não deixaria que ele retransmitisse. As conversas deles estavam, sem dúvida, sendo gravadas, o que era ilegal, mas eu não confiava na polícia para defender os direitos constitucionais de papai.

Além disso, dependendo da situação, papai não contaria tudo para Jim. Porque Jim não era Gyspy. Podemos não estar mais presos a coletes e juramentos, mas ainda éramos leais um ao outro. *Leais até a morte.*

— É normal que demorem tanto tempo para libertar um suspeito? — Perguntou Presley.

Dei de ombros.

— Segundo Jim, o promotor está tentando decidir se quer acusar papai de assassinato em primeiro ou segundo grau. Poderíamos pressioná-los a decidir, marcar a audiência, mas Jim se preocupa que, se fizermos isso, eles decidirão pela primeira alternativa. Acha que é melhor deixar ficar onde está e esperar.

— O que você acha? — Emmett perguntou.

— Eu não sei — eu murmurei. — Não sei o suficiente sobre a justiça criminal para questionar Jim. Ele sempre fez bem por nós. E papai confia nele.

Com alguma sorte, eles decidirão em breve e marcarão a audiência de fiança. Talvez o pai saia na sexta-feira. Então teríamos algumas respostas.

— Eu odeio estar no escuro. — Sentei-me ao longo da janela. — Você ouviu alguma coisa?

— Nada, — disse Emmett. — Leo e eu perguntamos em todos os lugares. Nem uma maldita palavra. Todo mundo ficou tão surpreso quanto nós.

— Merda. — Do outro lado da sala, o escritório de papai estava vazio. Normalmente, estaríamos lá a essa hora do dia, tomando uma xícara de café e conversando sobre carros ou motos. Eu veria que tipo de papelada ele me deixaria empurrar da minha mesa para a dele. No momento, eu não conseguia me concentrar no trabalho. As perguntas sobre o assassinato roubaram todo o meu foco.

— Gostaria de descobrir quem ela era, a mulher. Descobrir o que papai estava fazendo com ela.

— Amina Daylee, — disse Emmett de sua cadeira em frente à mesa de Presley.

— Oh. — Eu empurrei, surpreso por sua resposta. *Quando os policiais divulgaram o nome dela?* Talvez eles tenham feito isso enquanto eu estava na delegacia, esperando em uma cadeira dura por mais de uma hora para saber que eu não iria ver papai. *Novamente.* Você pensaria que, com a quantidade de impostos que pagamos, pelo menos conseguiriam um assento com uma maldita almofada.

Amina Daylee. Passei o nome em minha mente repetidamente, mas não parecia familiar.

— Não me diz nada.

— Ela estudou no ensino médio aqui, — disse Presley. — Se afastou depois da formatura. Estava morando recentemente em Bozeman. Tem uma filha que mora no Colorado.

Não é um choque que Presley já tenha entrado em seus círculos de fofocas para descobrir sobre a vítima. — Vamos descobrir mais. Quantos anos ela tinha? Ela ainda tem laços aqui? Como conheceu papai?

Já que eu não podia perguntar como ele a conhecia, talvez eu pudesse encontrar a conexão.

— Eles estudaram juntos, — disse Emmett. — Ela é um ano mais nova que Draven.

— Sempre um passo à minha frente. — Eu ri, mas meu sorriso caiu rápido. — Espere. Se a polícia acabou de liberar o nome dela hoje de manhã e eu vim aqui da delegacia, como você já descobriu tudo isso? Foi no Facebook ou alguma coisa assim?

Emmett e Presley trocaram um olhar hesitante.

— O quê? — Eu exigi. — O que aconteceu?

Presley soltou um suspiro profundo e depois deslizou um jornal por baixo de sua própria pilha de papéis.

— Porra. — Bryce Ryan estava se tornando uma pedra no meu sapato todos os dias.

Eu teria que começar a ler o maldito jornal?

— Eles fizeram um artigo especial sobre a vítima hoje. — Presley trouxe o jornal. — Amina era o nome dela.

Arranquei o jornal da sua mão, lendo a primeira página rapidamente. Bem no centro havia uma foto de Amina Daylee.

Seu cabelo loiro estava cortado logo acima dos ombros. Sua maquiagem era leve, não escondendo algumas rugas aqui e ali. Na foto, ela estava sentada em um banco em algum parque, sorrindo enquanto as flores desabrochavam aos seus pés descalços.

Minhas mãos amassaram o papel em uma bola, o som enchendo o escritório. Deveria ter encontrado essa foto dias atrás. Deveria ter o nome dela. Eu não deveria ter que abrir o jornal para um monte de informações novas.

Eu pesquisei Bryce Ryan desde a prisão de papai. A história dela parecia direta. Cresceu em Bozeman. Mudou-se para Seattle e trabalhou em uma estação de TV. Encontrei alguns vídeos antigos dela na internet, lendo as notícias com aquela voz sexy. Então deixou o emprego, mudou-se para Clifton Forge e comprou o jornal.

Sua rotina era chata, na melhor das hipóteses. Ela estava em casa, no jornal ou na academia. A única viagem aleatória que ela fez foi ao Evergreen Motel no Domingo.

Quando o papel estava firmemente enrolado, joguei-o pela sala. Exceto que minha pontaria era uma merda e eu acertei a cabeça de Emmett.

— Ei!

— Cody Pruitt, porra. Ele provavelmente lhe deu todas essas informações no dia em que me expulsou do hotel. Aquele insignificante nunca gostou de mim.

Se eu não tivesse aparecido, ele teria dito alguma coisa a ela? Ou ele desabafou tudo por despeito?

— O que vamos fazer? — Perguntou Presley. — Você acha que ele fez isso?

— Draven? — Emmett perguntou. — De jeito nenhum.

Segundo o artigo, papai era a única pessoa vista entrando ou saindo do quarto de hotel de Amina entre as seis e as oito da noite da noite em que foi assassinada. Bryce foi generosa o suficiente para escrever em seu artigo que ele não tinha sido visto com sangue nas mãos.

Mas isso não significava nada. Papai havia dominado a arte de lavar o sangue há muito, muito tempo atrás.

— Ele não fez isso, — garanti a Presley.

— Como você sabe?

— Porque se papai tivesse matado Amina Daylee, eles nunca teriam encontrado o corpo dela.

— Oh. — Presley afundou na cadeira, seu queixo caindo.

Ela começou a trabalhar na oficina cerca de seis anos atrás. Foi exatamente no momento em que os Tin Gypsies estavam diminuindo nossos empreendimentos ilegais. Ou pelo menos, os *realmente* ilegais.

Presley havia sido contratada para ajudar no escritório quando papai se aposentou. Ela não se importava de ver algumas coisas acontecendo na sede do clube. *As festas. A bebida. As mulheres.*

Os irmãos que pensaram que poderiam intimidá-la um pouco. Presley era do tamanho de uma pinta, mas sua personalidade estava cheia de fogo, e ela teve a coragem de colocar cada homem em seu lugar quando eles agiram como idiotas.

E sua lealdade a papai e a mim, a Emmett e Leo corria até os ossos. Ela era a irmã mais nova que eu nunca tive.

A visita de Marcus à oficina na semana passada não tinha sido a primeira. Presley nunca havia sugerido uma vez que ela contaria alguma coisa aos policiais, não que tivéssemos dado muito a ela para relatar. Ela estava de costas, nos cobrindo quando fizemos merdas estúpidas no The Betsy de vez em quando. Leo estava com ela na discagem rápida pelas noites em que estava bêbado demais para dirigir.

Ela fazia parte da nossa família. Nós não contamos detalhes do que aconteceu anos atrás. Era melhor que ela não soubesse. Todos esses segredos foram enterrados em sepulturas não identificadas.

Pres era esperta. Ela sabia que fomos homens ruins.

Talvez ainda éramos.

— Qual é o plano, Dash? — Emmett perguntou.

Eu balancei minha cabeça.

— Não quero mais surpresas. Eu subestimei a repórter. Isso para agora. Ela está investigando, profundamente, e precisamos parar com isso.

— O que você quer que eu faça?

— Trabalhos. Leo está na oficina?

Ele assentiu.

— Ele está terminando as riscas no Corvette. Isaiah está fazendo os trabalhos de rotina no quadro.

— E você?

— Temos uma Harley para reformar e ofertar.

Normalmente, nós fazíamos essas coisas juntos para podermos trocar ideias.

— Você pode fazer isso sozinho?

Ele assentiu.

— Sim.

— Bom. — Seguir Bryce até o hotel não terminou do jeito que eu esperava. Acho que estava na hora de tentar uma abordagem diferente.

****

Entrei no *Clifton Forge Tribune,* dando uma rápida olhada ao redor. Eu vivi minha vida inteira nesta cidade e ainda não tinha estado neste edifício antes. Até agora, eu não tinha me incomodado com a imprensa.

— Olá. Posso ajudá-lo? — O cara na frente era um sósia do Papai Noel. Na verdade, acho que esse cara *era* Papai Noel durante o passeio anual de Natal na Central.

— Apenas procurando por Bryce. — Apontei para a porta que eu presumi que levava mais fundo no prédio. — Ela está aqui? Deixa para lá. Eu a encontro.

As rodas de sua cadeira rolaram pelo chão, mas ele estava muito lento para me parar. Eu empurrei a porta. Bryce estava sentada em uma mesa perto dos fundos, sozinha na sala.

Os olhos dela se ergueram do laptop, o olhar estreitando enquanto eu caminhava pelo corredor. Ela se inclinou profundamente em sua cadeira, cruzando os braços sobre o peito. Então ela levantou uma sobrancelha, quase me desafiando a desencadear o inferno.

— Desculpe, Bryce. — O homem da frente me alcançou, seus passos pesados batendo no chão.

— Está tudo bem, Art. — Ela acenou para ele. — Eu vou lidar com o nosso convidado.

No momento em que ele se foi, ela cruzou os braços, o movimento empurrando os seios mais alto.

Meus olhos involuntariamente caíram em seu decote. A mulher tinha um ótimo par de seios. Quando eu encontrei seus olhos novamente, aquele sorriso era ainda mais forte. *Apanhado.*

— Se importa se eu me sentar? — Deslizei uma cadeira para longe da mesa vazia na frente dela, montando-a para trás.

— O que posso fazer por você hoje, King?

King. Eu odiava esse apelido desde o jardim de infância, quando a pequena Vanessa Tom me chamava de King toda vez que ela se esgueirava para mim no recreio e me beliscava. Mas não havia como eu deixar meu aborrecimento aparecer na frente dessa mulher. Ela já estava em vantagem.

Ela sabia disso também.

Porra, era um trabalho. Bryce ficou lá, parecendo entediada enquanto esperava que eu respondesse sua pergunta. Escolhi o silêncio, observando seu rosto por alguns longos momentos.

Seus lábios carnudos eram irritantes, principalmente porque eu não conseguia parar de me perguntar como eles se sentiriam quando eu os lambesse. Seus lindos olhos me enlouqueceram porque viram demais. Eu odiava que o cabelo escuro dela fosse meu comprimento favorito, não muito longo para atrapalhar e soprar no meu rosto quando ela estivesse atrás de mim na minha moto.

Tudo nela me irritava por causa da reação do meu corpo.

— Li sua matéria. — Peguei uma cópia do jornal de hoje em cima da mesa. — Parece que Cody foi mais sincero com você do que comigo.

— Eu nunca revelo minhas fontes.

Joguei o jornal de lado e encontrei seu olhar. O silêncio reinou e contei até dez. *Então vinte. Então trinta.* A maioria das pessoas cedia aos quinze, mas não ela. Bryce manteve aquele sorriso arrogante em seu rosto como se tivesse nascido com ele. Seus olhos estavam brilhantes e eles seguraram meu olhar sem ao menos uma pitada de medo.

Maldita seja essa mulher. Eu gostava dela. Esse era meu verdadeiro problema. Eu gostava dela. O que tornaria a ameaça muito mais difícil. Isso, e ela não parecer nem um pouco intimidada por mim.

— Você não se assusta facilmente, não é?

— Não.

— Qual é o seu jogo aqui?

— Meu jogo? — Ela repetiu. — Não estou jogando. Estou fazendo o meu trabalho.

— Mas é mais do que isso, não é? Você está atrás de mais do que apenas os detalhes desse assassinato.

Ela levantou um ombro.

— Talvez.

— Por quê? O que fizemos para irritá-la?

— Isso não é pessoal.

Ok, certo. Ninguém trabalhava tão duro quando não era pessoal. Essa coisa toda era mais profunda do que precisava para *fazer seu trabalho.* Ela não estava relatando uma investigação de assassinato para o bem da população. Tudo sobre isso era pessoal.

Por quê? O que a estava levando a pressionar tanto? Pelo que eu descobri sobre ela, teve sucesso na TV em Seattle. *Eles a despediram? Ela estava tentando provar a si mesma para um antigo empregador? Ou para seu pai?*

Ou para si mesma?

— O que você realmente quer? — Perguntei, dando a cartada final. Às vezes, a melhor maneira de obter respostas para suas perguntas era lançá-las por aí.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Você espera que eu apenas coloque todas as minhas cartas?

— Vale a pena perguntar.

Bryce se inclinou para frente em sua mesa, seus olhos finalmente mostrando aquela centelha viciante.

— Quero saber por que os Tin Gypsies fecharam.

— É isso?

Bryce assentiu.

— Sim.

Eu estava esperando algo mais. Talvez ela quisesse ver todos os ex-Gypsies apodrecendo na prisão.

— Por quê?

— Você era o líder de uma das mais poderosas quadrilhas de motociclistas da região. Tenho certeza que isso significava dinheiro. E poder. No entanto, encerra sem nenhuma explicação. Para quê? Uma vida como um mecânico? De jeito nenhum. É muito fácil. Está muito limpo. Está escondendo alguma coisa.

— Nós não estamos, — eu menti. Estávamos nos escondendo tanto que, se ela soubesse a verdade, nunca mais me olharia da mesma maneira.

Não haveria mais indícios de atração, nem me checaria quando pensasse que eu não estava percebendo. Me olharia como o criminoso que sou.

Como os criminosos que todos nós éramos.

— Ah sim. A desculpa padrão. — Bryce revirou os olhos. — Desculpa. Eu não estou comprando.

— Não há uma grande história aqui. — Outra mentira em que ela não iria acreditar.

— Se essa é a verdade, então por que vocês se separaram?

— Extra-oficialmente? — Eu perguntei.

— De jeito nenhum.

— Claro que não. — Eu ri. E, claro, não me daria nenhum tempo. Eu sempre gostei dos mal-humorados. — Então eu acho que estamos em um impasse.

— Um impasse? — Ela zombou. — Isso não é impasse. Estou vinte passos à sua frente e nós dois sabemos disso. Por que exatamente veio aqui hoje?

— Meu pai é inocente. Se der um tempo à polícia, eles também o provarão. Você fazendo o possível para provar ao mundo que ele é culpado só a fará parecer uma tola.

— Eu não tenho medo de parecer tola. — Ela acabou com meu blefe, como sempre, mas não estava comprando. Algo brilhou naqueles olhos que pareciam muito com o primeiro sinal de fraqueza.

— Você tem certeza disso? Nova repórter em uma cidade nova, dando uma investida em uma investigação de assassinato, como se fosse uma detetive de merda. Ela arrisca o pescoço para tentar sujar um cidadão conhecido. Um empresário que retribui a sua comunidade. Quando ele sair limpo, será você quem parecerá suja. Você é proprietária de uma parte daqui, certo?

— Sim. Seu argumento é? — Ela perguntou entre dentes.

— Meu argumento é... Minha família vive em Clifton Forge há gerações. Nós somos bem conhecidos. E bem quistos. Nos dias deles, os Gypsies também.

— Então você está dizendo que se eu não ficar do seu lado, as pessoas da cidade vão me odiar? Eu posso viver com isso.

— Você pode? Jornal de cidade pequena, não pode ganhar muito dinheiro. É preciso apenas um boato de que você está imprimindo informações falsas para que as pessoas parem de ler.

A cor subiu em suas bochechas, o fogo queimando em seus olhos.

— Eu não gosto de ser ameaçada.

— E eu não gosto de me repetir. Você recebeu seu aviso. Fique fora disso.

— Não. — Ela olhou-me nos olhos. — Não até eu chegar à verdade.

Meu temperamento disparou e levantei, empurrando a cadeira por entre minhas pernas para que pudesse me inclinar sobre a mesa com os braços bem abertos na superfície.

— Você quer a verdade? Aqui está a verdade. Vi e fiz coisas que lhe dariam pesadelos. A verdade faria seu estômago enrolar. Você sairia correndo desta cidade e nunca olharia para trás. Fique feliz por não saber a verdade. Afaste-se, porra. Agora.

— Dane-se. — Ela se levantou da cadeira, inclinando-se para ficar frente a frente, então a única coisa que nos separava era a mesa. — Não vou recuar.

— Você irá.

— Nunca.

O som de seus dentes trincando chamou minha atenção para seus lábios. A vontade de beijá-la era mais forte do que nunca, com ela ou com qualquer outra mulher. Com a mesa entre nós, eu provavelmente não iria me machucar.

Inclinei-me um centímetro e sua respiração engatou. Quando desviei meus olhos de seus lábios, seu olhar estava trancado na minha boca. Seu peito estava pesado, os seios subindo e descendo por baixo da blusa com decote em V. Minha ameaça ao seu sustento não tinha feito nada, exceto excitar nós dois. Ela nunca iria recuar? *Filha da puta.*

Eu estava a um segundo de dizer ao inferno com tudo e esmagar meus lábios nos dela quando a porta se abriu. Lane Ryan entrou, limpando as mãos em um pano gorduroso. Ele deu uma olhada em mim e sua filha e o sorriso caiu de seu rosto.

— Tudo certo?

— Ótimo. — Bryce caiu em sua cadeira, penteando uma mecha de cabelo atrás da orelha com os dedos. — Dash e eu estávamos discutindo o artigo de hoje.

Recostei-me na mesa e respirei fundo, meu pau inchado e dolorido no meu jeans. Afastei-me de Bryce e seu pai, parando um pouco para acalmar-me enquanto endireitava a cadeira que eu tinha empurrado.

Então, fui até Lane e estendi minha mão.

— É bom ver você, Lane.

— Você também, Dash. — Ele apertou minha mão, me olhando de lado, sem dúvida preocupado com sua filha irritante.

— Acho que terminamos aqui — disse Bryce, levantando-se da mesa e passando o laptop. — Se me der licença, tenho um lugar para ir.

Nós não terminamos essa conversa, nem de longe, mas até eu controlar meu pau, não havia mais nada a dizer.

— Sim. O mesmo.

Fiz que sim com a cabeça para Lane, lancei um olhar para Bryce, depois me virei e saí do *Tribune.*

Droga. Ela não iria recuar, não importa quantas vezes eu a ameaçasse. Na verdade, a minha visita a tinha incentivado.

O que significava que eu teria que ser criativo.

Capítulo 6

Bryce

— Bastardo presunçoso, — murmurei, mexendo os papéis na minha mesa enquanto procurava meu bloco de notas. — Como ele ousa vir aqui e me ameaçar? Como ele ousa, ahh! Cadê?

O bloco de notas que eu estava procurando não estava em lugar nenhum. Não estava no meu carro. Não estava em casa, em uma cesta cheia de roupas desdobradas. Não estava na minha mesa, que agora era uma bagunça total.

Guardava blocos de notas diferentes para cada uma das minhas histórias, um lugar onde eu podia fazer anotações para não esquecer nada. Rosa era para anúncios de nascimento. Preto para obituários. Vermelho era para o rodeio e festividades de quatro de julho. E o amarelo era para o assassinato de Amina Daylee.

A última vez que vi isso foi ontem de manhã. Lembrei-me de anotar no volante do carro que o nome do meio de Amina era Louise. A filha dela morava em Denver. Escrevi tudo para não esquecer, depois enfiei o bloco de notas na minha bolsa com os outros.

Refazendo meus passos, eu fui direto ao jornal depois disso. Coloquei tudo da minha bolsa na minha mesa para organizar, enquanto eu trabalhava

nas minhas várias histórias em andamento. Eu estava no meio de um trabalho de Domingo. Não era difícil, a programação das comemorações do fim de semana do Dia da Independência de Clifton Forge. Eu já tinha todos os meus blocos de notas aqui ao lado do teclado, o vermelho aberto enquanto eu digitava, quando...

Eu levantei da minha cadeira.

— Aquele idiota!

Dash tinha que ter pego. A coisa não poderia ter simplesmente desaparecido, e eu procurei por toda parte. Mas como ele sabia que era o certo? *Merda.* Ele deve ter visto no hotel quando eu estava conversando com Cody.

Felizmente, o caderno não continha nada que eu não conseguia lembrar. O ato de escrever minhas anotações costumava ser suficiente para guardá-las na memória. E a maioria das informações nessas páginas já havia sido impressa.

Ainda. Eu estava furiosa.

— Ah! Não acredito que ele fez isso.

— Quem fez o quê? — Sue olhou por cima do ombro para a minha explosão.

Eu bufei e me sentei.

— Um ladrão imbecil roubou meu bloco de notas debaixo do meu nariz.

Tudo porque eu estava tão distraída. Distraída pelo perigo que o cercava e pelo fascínio de descobrir todos os seus segredos.

— Sinto muito, querida.

— A culpa é minha, — murmurei, acenando para ela voltar ao trabalho.

Definitivamente foi minha culpa.

Dash se inclinou para perto e seu cheiro... *Deus, ele cheirava bem.* O cheiro de sua colônia misturado com a brisa do verão era uma combinação inebriante. Sob o feitiço daquele perfume e seu olhar inabalável de avelã, temi por uma fração de segundo que ele me beijasse. Que eu o beijaria de volta.

Então eu temi que ele não o fizesse.

Ele provavelmente pegou meu bloco de notas quando eu estava olhando para a sua boca.

Maldito seja. Abaixei a guarda e ele não hesitou em tirar vantagem. Dash deve estar sentindo a pressão se ele recorreu a pequenos furtos.

Nós dois sabíamos que eu estava ganhando. Eu tinha mais ases do que ele tinha reis no momento, mas o jogo estava prestes a virar.

Amanhã era a acusação de Draven e, a menos que o juiz decidisse que o homem de sessenta anos era um risco de fuga, ele estaria em liberdade. Assim que Draven estivesse livre, Dash teria uma fonte interna.

Então, para manter minha vantagem, precisaria me esforçar mais e investigar mais fundo. O que precisava era de outra informação, para

encontrar outra pessoa como Cody Pruitt que revelaria, porque tinha um ressentimento pessoal contra a família Slater.

Mas quem?

A porta da recepção se abriu e Willy entrou, indo direto para a mesa do outro lado do corredor, vindo de Sue. Ele enfiou os óculos escuros nos cabelos loiros e ralos, revelando olheiras. Era quase meio-dia, mas com suas roupas amarrotadas, ele parecia ter acabado de sair da cama.

— Oi, Willy.

Ele levantou a mão enquanto se sentava, inclinando-se profundamente em sua cadeira.

— Bom dia. Ei, Sue.

— Oi, Willy. Noite difícil?

— Posso ter tomado muitas cervejas.

Com isso, a porta se abriu novamente e George entrou correndo, com os braços sobrecarregados de papéis soltos e a pasta presa embaixo de um cotovelo prestes a se soltar. Ele chegou à sua mesa bem a tempo de jogar tudo em cima quando sua mala caiu no chão.

— Ei, pessoal.

— Oi, George.

Todos os outros trocaram cumprimentos enquanto eu me recostava e observava, eu era novata na equipe. Pela primeira vez, a sala estava cheia. Todo mundo estava aqui, exceto papai, porque, por exigência de mamãe,

que seus vinte dias de trabalho terminassem, ele estava tirando um dia de folga.

— Não acho que todos estivemos na mesma sala desde a reunião do pessoal do mês passado, — brinquei.

Willy sentou-se, os ombros tensos.

— Lane disse que eu não precisava manter horas regulares.

— Tudo bem para mim. Eu estava apenas fazendo uma observação. Trabalhe quando quiser.

— Oh. Ok. — Ele caiu de novo. — Obrigado. Não gosto muito das manhãs.

— No que você está trabalhando? — Perguntei.

Ele vasculhou a bolsa de ombro que trouxera, carregando um bloco de notas.

— Eu não digitei ainda, mas você pode ler.

— Sim, por favor. Eu adoraria. — Levantei-me e fui para sua mesa, pegando o bloco de sua mão.

Não demorei muito para ler o artigo, mesmo na caligrafia áspera de Willy. As palavras me envolveram e, no final, eu tinha um sorriso no rosto.

— Esta série vai ser incrível, — eu disse a ele, devolvendo seu bloco. — Bom trabalho.

Um rubor subiu por suas bochechas.

— Obrigado, Bryce.

Willy estava fazendo uma matéria de cinco semanas sobre a vida dos passageiros da ferrovia. Ele passou a maior parte de um mês na primavera passada, conhecendo um punhado de pessoas que passaram por Clifton Forge, cortesia da linha ferroviária Burlington Northern Santa Fé, que percorria a periferia da cidade.

A coluna desta semana era sobre uma mulher que era carona em ferrovias há sete anos. As palavras de Willy pintaram sua vida nômade em detalhes vívidos. Difícil porque não havia luxos como chuveiros diários. Brutal em momentos em que a comida se tornou difícil de encontrar. Melancólico com sua liberdade suprema. Feliz porque ela viveu a vida de sua escolha.

A história era intrigante, a escrita impecável. O talento de Willy era a razão pela qual papai lhe deu rédea livre quando se tratava de lançar ideias. O que quer que ele escrevesse, nossos clientes devoraram.

Willy conhecia bem o público, talvez porque ele morou em Clifton Forge a vida toda e não havia uma alma na cidade que ele não conhecesse.

Uma ideia bateu na minha cabeça. Talvez Willy pudesse me ajudar a manter minha liderança contra Dash.

— Posso fazer uma pergunta? — Eu me empoleirei na borda da mesa dele.

— Atire.

— Eu esperava dar uma olhada antecipada em um relatório de autópsia, o relatório da mulher que foi assassinada no Evergreen. Mas

quando eu parei no escritório do legista do condado hoje de manhã, eles tinham um bilhete na porta que estavam fechados. Se eu quisesse falar com o médico legista, quem seria?

— Mike, — disse Willy. — Apenas ligue para ele. Ele vai ajudá-la.

— Mesmo sobre uma investigação em andamento?

As autópsias eram de registro público, mas quando uma investigação estava envolvida, elas não eram liberadas até que o promotor o permitisse.

— Ele pode não deixar você ler o relatório inteiro, mas já me deu detalhes antes, para que eu pudesse incluir alguns em uma história. Além disso, nunca é demais perguntar.

Eu sorri.

— Exatamente.

Uma coisa que papai me ensinou desde o início foi que pedir informações era grátis. O pior cenário era que você ouviria um não. Eu já sabia que essa seria a resposta do delegado Wagner.

Mas talvez esse Mike seja um pouco mais aberto ao compartilhamento.

— Eu adoraria perguntar a Mike. — Eu me levantei da mesa de Willy. — Exceto que eu não conheço Mike. — Nem eu tinha o número do seu telefone.

Willy pegou o telefone no bolso sem dizer uma palavra, procurou nele por um segundo e depois o segurou no ouvido. Cinco minutos depois, nós dois estávamos no meu carro, dirigindo para o escritório do legista.

— Obrigada por ter vindo, — disse a Willy enquanto ele descansava no banco do passageiro.

— Tudo bem. Estou um pouco curioso para vê-la em ação. As coisas que você escreveu sobre o assassinato são boas. Muito bom. Melhor trabalho que vi desde o seu pai.

— Obrigada. — Sorri por cima do volante, talvez o melhor elogio que já tive em uma década. — Seu trabalho também é impressionante.

— Que bom que você pensa assim. Eu... Eu realmente amo meu trabalho. Eu posso entrar mais cedo... Para o escritório. Se for preciso. — Seus dedos se remexeram no colo.

Willy sempre foi nervoso e arisco no escritório. Apenas presumi que ele era assim o tempo todo. Talvez fosse em um certo grau. Mas também estava nervoso com seu trabalho. Que comigo na equipe, papai não precisaria de um repórter adicional.

— Não me importo com a hora que você entra no escritório, Willy. Contanto que continue escrevendo as grandes histórias que está escrevendo e as entregando a tempo, sempre terá uma vaga no *Tribune.*

Ele assentiu, mantendo os olhos pela janela dos prédios que passavam riscando. No reflexo, vi um leve sorriso.

Não demorou muito para chegar ao consultório médico, localizado do outro lado da rua do pequeno hospital da cidade. Willy liderou o caminho para uma porta trancada, batendo na rede de arame que cobria uma janela quadrada de vidro. Esperamos por alguns minutos, mais tempo do que eu

teria ficado lá sozinha, até que finalmente a porta se abriu e um homem nos acenou para entrar.

— Mike. — Willy apertou sua mão. — Esta é Bryce. Bryce, conheça Mike.

— Prazer em conhecê-lo, Mike. Obrigada por fazer isso.

— Você pode apostar. — Sua voz estava rouca. As olheiras sob os olhos de Mike combinavam com as de Willy. Apesar do cheiro pungente de produtos químicos dentro do espaço estéril, o cheiro velho de álcool saindo de seu corpo quase me fez engasgar. — Devo uma a Willy depois que ele me levou para casa ontem à noite. Teve um número demais depois do nosso torneio de sinuca.

Eu balancei a cabeça e respirei pela boca.

— Isso é bom.

— Com o que posso ajudá-la? — Mike perguntou.

— O escritório do legista está fechado e...

— Aqueles caras. — Mike zombou e revirou os olhos. — Você sabe, eu me arrependo de fazer relatórios e enviar para eles. Eles levam um bom tempo para processá-los. De quem você queria ver?

Eu me preparei.

— Amina Daylee.

— Oh. — Seus ombros caíram. — Não posso mostrar. Investigação ativa. Você terá que pegar esse da polícia.

— Droga. — Suspirei. — Bem, valeu a pena perguntar. No passado, tive alguns examinadores que me deixaram ler o relatório ou me contaram um pouco. Às vezes até extraoficialmente, para que eu não pudesse imprimir nada até que fosse liberado pela polícia. Mas ter uma ideia da autópsia me ajuda a fazer as perguntas certas. Também pode levar a outras pistas.

Meu discurso foi estirado. Eu esperava que Mike nos empurrasse para fora da porta a qualquer momento, como ele provavelmente deveria.

— Eu não posso mostrar para você, — disse ele enquanto prendi a respiração, esperando e esperando a palavra mágica. — Mas... — *Bingo...* — Posso lhe falar por cima. Extraoficialmente. Você terá que esperar que os detalhes sejam divulgados para imprimi-los.

— Perfeito. — Olhei para Willy, que me enviou uma piscadela.

— Vamos lá, — Mike murmurou, apontando para mim e Willy segui-lo pelo corredor.

O prédio estava deserto, a única luz que vinha das janelas desde que as luzes do teto estavam apagadas.

— Dia tranquilo? — Perguntei.

Mike deu de ombros.

— Sou apenas eu agora. Eu estava com uma estagiária, mas ela está de folga no verão.

Nos aglomeramos no escritório de Mike no final do corredor. A mesa e o chão estavam cobertos com pilhas de pastas de arquivos da mesma cor

que seus uniformes impróprios. O corredor cheirava a antisséptico e alvejante, mas aqui o ar estava perfumado com café e um leve odor de álcool.

— Ok. — Mike abriu uma pasta quando se sentou atrás de sua mesa. Sentei-me em frente a ele em uma cadeira dobrável enquanto Willy continuava de pé contra o batente da porta. — Amina Daylee. Idade cinquenta e nove. Causa da morte, perda de sangue devido a várias facadas.

Informações que eu já havia colhido nos relatórios policiais e na minha discussão com Cody Pruitt no motel. A esposa de Cody chorou ao contar sobre a cena no quarto 114. A cama inteira estava encharcada com o sangue de Amina. Alguns pingaram no tapete, criando poças quase pretas. A esposa de Cody entrou em cena quando ela correu para o lado de Amina para verificar se havia um pulso.

— Quantas facadas? — Perguntei.

— Sete. Todas na parte superior do corpo.

Engoli em seco.

— Ela sofreu?

— Sim. — Mike encontrou meu olhar e me deu um sorriso triste. — Não por muito tempo. Ele atingiu uma artéria principal, então ela sangrou rápido.

— Você sabe a hora da morte?

— Eu tenho um cronograma bastante apertado, mas como sempre, é uma estimativa. Entre as cinco e as sete da manhã.

O que significava que Draven a matara de manhã.

— Mais alguma coisa que você pode me dizer?

— Ela teve recentemente relações sexuais.

Minha coluna se endireitou.

— Algum sinal de força?

— Não. Provavelmente foi consensual.

— Isso é alguma coisa, pelo menos. — Fiquei feliz que Amina não tivesse sofrido um estupro antes de sua morte. — O esperma era compatível com o de Draven?

— Isso é confidencial. — Mike olhou entre mim e Willy, um repentino olhar de medo cruzando seu rosto como se ele já tivesse dito muito. — Certo?

— Certo, — prometi. — Não vou usar nada disso no jornal até que as autoridades o divulguem à imprensa.

Mike observou meu rosto por um longo momento, depois me assentiu.

— O novo teste rápido preliminar correspondeu à sua amostra. Ainda estou esperando os resultados completos. Mas as preliminares raramente estão erradas.

Uma reviravolta interessante. Draven e Amina fizeram sexo antes que ele a matasse. *Por quê? Eles eram novos amantes? Velhos amantes? Por que o hotel em vez de sua casa? A morte dela foi um ato de paixão?* Todas as perguntas que eu teria anotado no meu bloco de notas.

Maldito Dash.

— Muito obrigada pelo seu tempo. — Eu levantei e estendi minha mão.

Mike ficou de pé também.

— Nada disso é impresso até que o relatório seja lançado.

— Você tem minha palavra. Obrigada novamente.

Willy e eu nos desculpamos do escritório, voltando ao sol e ao ar fresco. Quando entramos no meu carro, Willy riu.

— Você é boa. Eu tinha certeza que ele nos expulsaria quando você dissesse a ele o relatório que queria.

— Eu tenho meus momentos. — Sorri e liguei o carro. — Obrigada pela ajuda.

— A qualquer momento. E agora?

— Agora? — Soltei um longo suspiro. — Agora preciso descobrir mais sobre nossa vítima. A filha dela está no Colorado, mas eu não a abordaria assim tão cedo. Amina cresceu aqui, mas não tem mais família. Espero encontrar algumas pessoas que a conheceram quando criança. Quero descobrir por que ela voltou e por que ela se encontrou com Draven.

— Talvez eu possa ajudar com isso, — disse Willy. — Que tal eu comprar uma cerveja para a minha nova chefe?

— Seu turno.

Como se viu, The Betsy não era apenas um bar decadente, mas um lugar onde a história da cidade era tão abundante quanto os ácaros flutuando das vigas.

Graças a três frequentadores do bar, — um trio de homens com mais de setenta anos que estavam de alguma forma relacionados entre si por primos e casamentos, eu perdi a noção —, eu tinha mais informações sobre Amina Daylee do que consegui encontrar nas minhas fontes confiáveis, Facebook e Google.

O nome de Amina não apareceu muito nos arquivos do jornal. A única referência foi um anúncio de formatura décadas atrás. Foi como eu descobri que ela foi para a Clifton Forge High, um ano mais nova que Draven. Mas, além da mesma Universidade, eu não havia encontrado muita informação sobre sua família.

Segundo os caras do bar, a família de Amina não morava em Clifton Forge há muito tempo. Seu padrasto havia trabalhado para a ferrovia e havia sido transferido para cá do Novo México. Um dos frequentadores lembrou que a família havia se mudado para cá pouco tempo antes de Amina aprender a dirigir, porque ele vendeu um carro para eles. *Eu estava um pouco velho demais para ela na época, mas aquela garota era de virar a cabeça.*

A família era muito querida, pelo que os caras do The Betsy se lembraram, mas suas interações foram limitadas porque no inverno depois que a filha se formou e se mudou, os pais de Amina foram mortos em um trágico acidente de carro. De alguma forma, eu senti falta disso nos arquivos de notícias, porque sua mãe adotara o sobrenome do padrasto enquanto Amina mantinha Daylee.

Seus pais foram enterrados no cemitério da cidade. Talvez ela tenha voltado para visitar seus túmulos.

— Outra, Bryce? — Perguntou o barman.

Engoli o último gole da minha cerveja.

— Estou bem, Paul. Obrigada.

Cerca de vinte minutos atrás, eu havia perdido Willy e os três frequentadores da mesa de sinuca enquanto estava no meu banquinho, terminando minha segunda cerveja. A porta atrás de mim se abriu, a luz brilhante da tarde entrando. O baque de botas pesadas vibrou nas tábuas do piso quando o novo cliente veio em direção ao bar.

Olhando por cima do ombro, eu esperava o rosto de um estranho. Em vez disso, encontrei olhos castanhos vibrantes e um rosto que eu tinha quase memorizado.

— Você roubou meu bloco de notas.

Dash deslizou para o banquinho vazio ao meu lado e apontou o queixo para Paul, uma ordem silenciosa que deve ter significado *buscar uma cerveja para mim* porque Paul fez exatamente isso. Dash balançou em seu banquinho, ficando confortável. O assento estava tão perto do meu que um dos seus ombros largos ficou uma fração de centímetro de tocar a minha pele nua.

Meu coração pulou, órgão estúpido, e eu cerrei os dentes. Recusei-me a reconhecer o quão perto seu antebraço estava do meu. Recusei-me a olhar para a tatuagem preta que decorava sua pele em traços largos e pretos. Eu

me recusei a me mexer quando ele me pressionou, porque caramba, estava aqui primeiro.

— Você se importa? — Eu olhei para ele de cima a baixo. — Chegue para lá.

Ele não se mexeu.

— Eu não gosto de você.

O canto da boca de Dash apareceu. Com o outro braço, ele estendeu a mão para trás e pegou algo do bolso de trás, colocando-o no balcão. Meu bloco de notas amarelo.

— Aqui.

— Ladrão. — Eu peguei e coloquei na minha bolsa. Não daria a ele a satisfação de ver agora. Mas no segundo em que estivesse sozinha, estava checando todas as páginas.

— Você não é muito de anotar, não é? Não havia nada lá que eu ainda não sabia.

Eu zombei.

— Porque eu já imprimi no jornal.

— Aqui está. — Paul veio entregar a cerveja de Dash. — Qual é a situação com o seu pai?

— A audiência de Bond é amanhã.

— Você acha que ele vai sair?

Dash me lançou um olhar cauteloso, como se ele não quisesse responder enquanto eu estava sentada aqui. *Muita sorte, King.* Eu *estava* aqui primeiro.

— Sim. Ele vai sair.

— Bom. — Paul suspirou. — Isso é muito bom.

Bom?

— Você não está preocupado que um assassino em potencial esteja fora da custódia da polícia e perambulando pelas ruas?

Paul apenas riu, matando qualquer chance de uma gorjeta decente.

— Grite, se você precisar de alguma coisa, Dash. Preciso voltar e trocar um barril.

— Vou gritar. — O ladrão bastardo tinha um sorriso presunçoso em seu rosto quando ele levantou o copo para uma bebida.

Incapaz de desviar meus olhos, mais órgãos estúpidos, eu segui o corte do pomo de Adão dele enquanto ele engolia. Observei com muita atenção quando sua língua disparou para secar a espuma em seu lábio superior.

— Eu vou roubar outra coisa, se você continuar olhando para minha boca assim.

Eu não desviei o olhar. Foi um desafio, mas não desviei o olhar.

— Alguém já lhe disse que suas sobrancelhas são um tanto espessas?

Dash riu, o som baixo e rico enviando um arrepio na minha espinha.

— Uma vez ou duas. Como foi a sua reunião com Mike hoje?

— Elucidativa. — *Ele estava me seguindo agora?* Deus, este homem era irritante, mas eu mantive minha expressão neutra. — Eu descobri muito hoje. O jornal de domingo será bom.

— Ansioso para lê-lo. — Dash largou a cerveja e girou em seu assento, seu joelho batendo no meu. — Será a última vez que o *Tribune* imprimirá algo que eu ainda não sei.

— E por que isso?

— Papai vai sair amanhã.

— E o que exatamente isso significa? Ele sai da cadeia e me mata também?

Sua mandíbula tencionou.

— Ele sai da cadeia e me diz o que diabos realmente aconteceu. Então terminamos este joguinho

— Não é um jogo. — Eu me levantei do meu lugar, jogando minha bolsa por cima do ombro. — Esse é o meu trabalho. A cidade merece saber que há um assassino no meio deles. Uma mulher foi assassinada e ela merece justiça.

— Ela obterá justiça quando os policiais encontrarem a pessoa que a matou, e não prender um homem inocente.

— Inocente? Já li o suficiente sobre esse clube para saber que seu pai está longe de ser inocente.

— Antigo clube.

— Semântica.

— Porra, você é difícil, — ele rosnou.

— Vejo você mais tarde, King. — Fui para a porta, acenando para Willy, que ainda estava envolvido em seu jogo de bilhar. Ele teria que encontrar outra carona para o escritório, porque eu não ficaria mais no The Betsy.

Bem, talvez mais um segundo.

— Ah, e Dash? — Eu me virei e encontrei seu olhar. Ele estava me observando ir embora. — Quanto tempo você acha que seu pai levou para foder Amina Daylee antes de matá-la? Uma hora? Talvez duas? Ele não me parecia um estuprador.

A mandíbula de Dash mal se contraiu, seus olhos arregalando apenas uma fração de segundos. Ele era bom em esconder a surpresa, mas eu era melhor em avistá-la. Ele não fazia ideia de que seu pai inocente havia feito sexo com Amina logo antes de seu assassinato.

Eu o deixei sentado lá, sua mente visivelmente girando, e saí pela porta. Lentamente, segredo por segredo, eu descobriria a verdade. Primeiro sobre o assassinato de Amina Daylee. Depois, sobre o Tin Gypsy Motorcycle Club.

E quando descobrisse, talvez esse sentimento vazio de que estava perdendo algo da minha vida finalmente desaparecesse.

Capítulo 7

Dash

Esperei do lado de fora do tribunal do condado por papai na minha caminhonete, batendo no meu joelho com o polegar. Sua audiência terminou, e assim que ele saísse, estávamos correndo daqui.

Era estranho estar dirigindo o Dodge no Verão. Tinha comprado esse caminhão apenas um mês antes da Primavera, então ainda estávamos nos adaptando. Era preto, como todos os seus antecessores. Ainda tinha o cheiro de carro novo, porque eu não tinha tido muito tempo atrás do volante. Assim que o gelo derretia nas estradas a cada Primavera, eu só andava de moto até que a neve voltasse no final do Outono. Os invernos de Montana eram longos e a maioria de nós que pilotava não queria perder um único dia decente.

Mas queria pegar o papai hoje. Tínhamos muito o que falar para adiar os dez minutos que levariam para cada um de nós andar de moto até a oficina. E não queria tirar os caras do trabalho na oficina para trazer a moto do papai para cá.

Ele saiu pela porta da frente vestindo as mesmas roupas que estivera na última sexta-feira. Sua barba por fazer estava espessa, quase uma barba e, quando ele entrou, seus profundos olhos castanhos estavam cansados.

Papai parecia ter passado um mês desde que ele foi preso, não apenas uma semana.

— Ei. — Ele me deu um tapa no ombro, depois afivelou o cinto de segurança. — Obrigado. Agradeço o pagamento da fiança.

— Sem problemas.

— Você colocou minha casa? — Ele perguntou.

— Não. A oficina.

O juiz determinou que papai não corria muito risco de fuga, mas, como ele era o principal suspeito de um assassinato violento e por causa de sua associação anterior ao clube, a fiança havia sido fixada em meio milhão de dólares.

— Droga. — Papai suspirou. — Deveria ter pendurado minha casa. Gostaria que você não tivesse penhorado a garagem.

— Eles fariam muitas perguntas se eu aparecesse com uma mochila de dinheiro do meu cofre. — Coloquei o caminhão na estrada e me afastei do tribunal. — Sua casa. Minha casa. A oficina. Não importa. Vai desaparecer quando esclarecermos essa merda.

Meio milhão não era muito para nenhum de nós, mas, considerando como havíamos conseguido esse dinheiro, o usamos para coisas em que não era possível rastrear. Definitivamente não para cobrir uma fiança.

— Poderia ter me deixado lá.

— Nunca. — Eu fiz uma careta. Não apenas porque ele era meu pai e não pertencia a esse lugar, mas porque eu precisava de respostas. Talvez eu

finalmente fosse capaz de mostrar a Bryce. Porque no momento, nessa corrida por informações, eu estava perdendo miseravelmente. — Temos que conversar sobre o que aconteceu.

— Eu preciso de um dia. — Papai deitou a cabeça para trás. — Então falaremos sobre tudo.

— Nós não temos um dia.

— Os policiais não vão encontrar nada que ainda não tenham encontrado. Quem me incriminou foi minucioso.

— Não é com os policiais que estou preocupado, — eu disse a ele, observando enquanto se sentava ereto. — Temos um problema com a filha de Lane Ryan no jornal.

— Que tipo de problema?

— Ela está investigando. E ela é boa.

— O que ela encontrou? — Papai perguntou.

— No momento, ela está focada na investigação de assassinato. Mas estou preocupado que ela não vá parar por aí.

— Porra, — papai murmurou. — Não precisamos de uma maldita repórter curiosa desenterrando velhos negócios dos Gypsies.

— Não, nós não precisamos. Tivemos sorte. Fechamos as coisas. Nós jogamos pelas regras. E as pessoas simplesmente deixam para lá. — Eles estavam felizes por ter paz na cidade para variar. — Bryce, esta repórter, ela não é do tipo que deixa nada acontecer.

Uma característica que teria sido irresistível se estivesse trabalhando do meu lado. Mesmo como inimiga, era malditamente tentadora.

— Ameaçar arruinar sua reputação, simplesmente saiu pela culatra. Mas eu vou lidar com ela. — *Eu só tinha que descobrir como.*

Quanto mais eu empurrava, mais ela empurrava de volta. E Bryce era uma mulher de força de vontade. Eu aprendi com minha mãe desde pequeno que a maioria dos homens não tinha chance contra uma mulher obstinada e teimosa.

— Apenas tenha cuidado, — disse o pai. — Nós dois não podemos ser presos.

— Não se preocupe. Não vou fazer algo para me deixar na cadeia. Eu apenas... Tenho que encontrar algo para segurá-la para que se afaste.

O medo costumava ser minha arma. Minha ferramenta favorita. Na casa dos vinte anos, usava a violência física para assustar as pessoas. Mas então eu aprendi que extorsão e chantagem eram geralmente mais eficazes. Provavelmente nada funcionaria com Bryce, certamente não sendo físico. Eu nunca machuquei uma mulher na minha vida e não estava prestes a começar agora. A ideia de machucá-la fez meu estômago revirar.

— Você poderia descobrir uma maneira de fazê-la trabalhar conosco. Não contra nós — papai sugeriu.

Não é uma má ideia. *Havia alguma maneira de conseguir que Bryce se tornasse uma aliada?* Se ela fosse uma amiga, não uma inimiga, eu seria capaz

de fornecer suas informações sobre os Gypsies, sem me preocupar com ela investigando pelas minhas costas. E então eu poderia controlar as informações que colocava em seu jornal precioso.

— Inteligente. Isso pode funcionar.

— Talvez devêssemos ter sido mais abertos sobre o porquê de fecharmos, — disse papai, olhando pela janela. — Eu tenho me perguntado se isso iria colocar um alvo em nossas costas.

— O que teríamos dito? Não havia como explicar isso sem mencionar um monte de merda que precisa ficar enterrada.

— Você está certo. — Seus ombros caíram. — Apenas uma longa semana. Muita reflexão sobre o passado e os erros que cometi. Eu odeio a cadeia.

— A maioria odeia.

Eu só estive na prisão uma vez, quando tinha dezenove anos. Fui levado como suspeito de lesões corporais. Culpado como a noite era longa, eu venci um homem que me enganou no pôquer e atirou em mim quando o confrontei.

Bastardo, não deveria ter atirado em mim.

Eu não tinha certeza do que meu pai havia feito para que o homem retirasse as acusações, mas elas foram retiradas e o cara se mudou da cidade na semana seguinte. Depois disso, aprendi a ser mais verbal durante uma briga. Antes que eu deixasse alguém inconsciente, eles sabiam que se conversassem com a polícia, eles pagariam com a vida.

Quantas pessoas viram meu rosto em seus pesadelos?

A dúvida tornou-se um sentimento familiar nos últimos anos. *Dúvida. E vergonha.* Eu já tive orgulho uma vez. Orgulhoso do homem que o clube me fez. Vivemos nossas vidas seguindo um conjunto de regras não nascidas da sociedade, mas da irmandade. Eu tinha tanta certeza dessas regras, tão firme em segui-las.

Então comecei a questionar todos elas.

Esse foi o começo do fim para os Tin Gypsies.

Anos atrás, após o pai de Emmett ser assassinado no estacionamento do The Betsy, o clube votou em mudança. Muitos homens se perderam, bem como seus entes queridos. Demorou quase seis anos para desenrolar dos negócios ilegais do clube. Mudando a mentalidade de um legado antigo e desatualizado.

Passamos esse tempo construindo a oficina para que ela pudesse gerar renda suficiente para cobrir o que fazíamos ilegalmente. Não há mais proteção contra drogas. Não há mais ringue de luta ilegal.

Graças a muito trabalho e um pouco de sorte, a oficina teve mais sucesso do que qualquer um de nós imaginava. E quando chegou a hora de decidir se os Gypsies iriam continuar como um clube que respeitaria a lei ou se separariam, no final, estávamos prontos para deixar o passado para trás.

Eu não era o único irmão que se olhava no espelho e não gostava do que via. A maioria dos membros do clube pegou o dinheiro que tinha

escondido e se mudou para novas cidades e para novas casas. Deixaram velhos demônios para trás para um novo começo.

Aqueles de nós que ficaram formaram uma nova família, centrada na oficina. Papai, Emmett, Leo e eu.

Eu ansiava por essa vida normal.

Eu pensei que as normas da sociedade seriam sufocantes. Acontece que a vida era mais fácil deste lado da lei. Era bom ter pessoas fazendo contato visual quando passavam por você na calçada. É bom não ver as mães agarrarem a mão de seus filhos quando você olhava para eles. É bom não estar constantemente olhando por cima do ombro.

Pelo menos, foi até Bryce Ryan aparecer com seu bloco de notas amarelo e sua maldita curiosidade.

Eu não a deixaria arruinar essa nova vida que construímos. Não deixaria ameaçar minha família. A única maneira de nos proteger era obtendo as informações primeiro.

— Conte-me sobre Amina Daylee.

Papai soltou um longo suspiro.

— Hoje não.

— Papai...

— Por favor. Um dia. Dê-me um dia. Conversaremos amanhã.

Eu fiz uma careta, mas assenti. Então mudei de direção, levando-o para casa, em vez de ir para a oficina. Nós não conversamos enquanto eu

percorria a cidade. Quando estacionei na entrada da minha casa de infância, fiquei no meu lugar.

— Amanhã.

Ele abriu a porta e assentiu.

— Amanhã.

Com a cabeça baixa, ele caminhou até a porta lateral da casa e entrou.

Só usamos a porta lateral na casa de papai. A porta da frente não era usada há anos. Até o carteiro sabia que devia deixar os pacotes na entrada lateral.

Porque nenhum de nós pisava na calçada da frente. Papai não. Nick não. Eu não. Nenhum de nós pisaria no lugar onde o sangue de mamãe havia manchado o cimento. Você não conseguia mais ver a mancha. A chuva, a neve e o sol a haviam desgastado.

Mas ainda estava lá.

Nick e eu tentamos convencer papai a sair daquela casa. Havia muitas lembranças lá, muitos lembretes do que perdemos.

Mas essas lembranças tiveram um efeito diferente sobre o pai. Ele ficou naquela casa porque era onde morava com mamãe. Para ele, ela estava nas paredes. No teto. No chão.

Ele morreria naquela casa antes de deixá-la.

Um calafrio percorreu minha pele e eu o afastei, saindo da garagem e indo para o trabalho. Quando entrei no estacionamento da oficina, eu estava de mau humor.

Por que papai precisaria de um dia? Por que ele não queria falar sobre Amina e como ela foi morta? Ele não queria encontrar a pessoa que o enquadrou? Bryce tinha razão? Ele fez sexo com Amina? Quem era aquela mulher além de uma velha amiga do ensino médio?

Que eu saiba, papai não esteve com uma mulher desde que mamãe morreu. Talvez para se punir. Talvez porque ele não quisesse outra mulher em sua vida. Dormir com Amina teria quebrado uma maré de sorte.

Isso me perturbou um pouco, a ideia de papai com mais alguém. Ele tinha sido leal à mamãe. *Sempre.* Não fez nada de errado. *Então, por que isso estava me incomodando?*

Entrei na oficina e encontrei Emmett debaixo do capô de um caminhão Chevy.

— Ei.

Ele olhou para mim, procurando por papai.

— Onde ele está?

— Em casa.

— O quê? — Ele fez uma careta. — Nós precisamos conversar.

— Eu sei. Mas quer um dia. Vamos dar a ele.

— Quem quer um dia? — Leo perguntou, caminhando até nós com uma garrafa de água nos lábios.

— Papai.

A garrafa de água caiu de sua boca.

— Caralho. Nós precisamos de respostas. Se forem os Warriors que armaram essa cilada, então temos de nos concentrar...

Eu levantei uma mão, meus olhos se voltando para Isaiah, que estava trabalhando na baia seguinte.

— Agora não.

Ele assentiu, fechando a boca.

Todos nós confiamos em Isaiah como mecânico, mas não íamos entrar nos negócios de clubes antigos com ele por perto, não apenas por nossa causa, mas por ele.

— Vamos apenas... *Ser* pacientes.

Emmett zombou.

— Algo em que nós três nos destacamos.

— Sim. — Peguei o telefone do meu bolso e fui até uma bancada, colocando-o e minhas chaves em cima. Então olhei para a mesa de trabalho. Os caras tinham o material normal coberto, então eu começaria a trabalhar no Mustang. *Trabalhar é bom.*

Eu poderia usar algum tempo com minhas ferramentas e um motor. E usar um pouco de graxa nas mãos e tempo para pensar. Porque hoje à noite, precisava ter um plano para lidar com Bryce Ryan.

Precisava de um plano para trazê-la para o meu lado.

— Saia da minha varanda.

Eu ri, colocando a garrafa de cerveja nos meus lábios.

— Olá, Bryce.

— O que você está fazendo aqui? — Ela ficou na minha frente, as mãos plantadas nos quadris. — Como sabia onde eu moro?

— Você realmente quer saber? — Eu duvidava que quisesse ouvir que eu a segui por dias.

— Não. — Ela veio da academia porque seus cabelos estavam em um rabo de cavalo, algumas mechas perto das têmporas ainda úmidas de suor. Sua legging preta se moldava às pernas magras. Sua blusa estava apertada em volta dos seios e da barriga, deixando apenas os braços graciosos nus.

Meu pau pulou para a vida quando eu me imaginei tirando essas roupas do seu corpo, liberando todas as suas curvas. Melhor não pensar nela nua, não quando estava tentando minha nova tática.

— Cerveja? — Acenei com a cabeça para o pacote de seis garrafas perto da minha bota, que agora só tinha três garrafas.

— Vou dispensar.

— Sobra mais para mim, então. — Dei de ombros.

— Agora que você sabe que não quero uma cerveja, leve-as e vá para casa.

— Não posso.

— Por que não? — Ela bateu um pé na calçada. — Basta subir na sua moto e seguir o seu caminho.

— Você não estava aqui. Me fez esperar e fiquei com sede. Então tive que beber três cervejas. Não posso dirigir agora. Alguém terá que vir me buscar.

— Eu vou chamar um táxi.

— Não posso ir.

— Por quê? — Batia o pé ainda mais rápido. *Deus, era divertido irritá-la.*

— Minha moto. Não posso deixar na rua. Tenho que levar para casa.

— Então você só vai sentar na minha varanda até ficar sóbrio o suficiente para ir para casa?

— Se insiste.

Ela rosnou para mim, depois se abaixou para pegar uma cerveja na mochila. Tirou a tampa com um giro, mas em vez de colocá-lo no lábio inferior, ela me surpreendeu mais uma vez.

Ela derramou minha cerveja no gramado.

— O quê... — Eu saltei o único degrau de concreto, pegando a garrafa. Mas ela colocou o ombro no meu caminho, me bloqueando, enquanto minha cerveja perfeitamente boa embebia na grama verde. — Existe uma razão para estar desperdiçando minha cerveja?

— Sim. Quero você fora da minha varanda. — Ela largou a garrafa vazia e pegou o pacote novamente. Então foi a minha vez de bloqueá-la.

— Relaxe. Beberei as outras duas e, talvez, quando acabarem, você também irá embora.

Eu coloquei meu dedo na sua cara.

— Despeje outra e da próxima vez eu vou aparecer com uma caixa.

O canto da boca dela se contraiu.

— Bem.

— Bem.

Sentei-me primeiro, tomando uma cerveja e torcendo por cima. Eu dei-lhe outro olhar de aviso antes de entregar a ela.

Ela tomou um pequeno gole.

— Então, de volta à minha primeira pergunta. O que você está fazendo aqui?

— Conhecendo você melhor.

— E por que isto?

— Vamos chamar de curiosidade. — Tomei um gole longo. — Você é meio chata. Vai ao jornal cedo todas as manhãs. Seu pai está sempre lá primeiro. Então Papai Noel. Então você. Todo mundo vai e vem, mas vocês três mantêm um cronograma bastante regular.

Se eu a surpreendi por saber de sua rotina, ela não revelou. Ela apenas tomou um gole de cerveja, com os olhos fixos na rua tranquila à nossa frente.

— Essa é a desvantagem de estar no comando.

— Às vezes você caminha para o café na Avenida Central, embora não todos os dias. O almoço geralmente está na sua mesa, a menos que esteja tentando digitar um dos seus blocos de notas. E então sai às cinco, direto para a academia. Exceto na terça-feira, quando jantou na casa dos seus pais. Suponho que seja uma coisa semanal.

Bryce tomou um longo gole de cerveja e a cor subiu em seu rosto. Era o único sinal de que estava chegando nela, mas era o suficiente.

— Algo mais?

Eu me inclinei um centímetro mais perto, o calor do seu braço nu queimando o meu. Com nossa pele quase se tocando, dobrei meu pescoço para poder falar diretamente em seu ouvido.

— Você odeia lavar roupa.

Ela se virou, mal sentindo o meu nariz e estreitou os olhos.

— Como você sabe disso? Invadiu minha casa ou algo assim também?

— Não. — Passei a mão pelo seu braço nu, do pulso ao ombro. Sua respiração tremeu e os pelos finos de seu antebraço subiram. Seu peito arfou, mas ela não se afastou.

Pelo menos eu não fui o único afetado por esse magnetismo entre nós. Por esta química e esse... *Desejo*. Tocá-la pressionou meu controle até o limite, então, antes que ele quebrasse, sacudi o tecido de sua camiseta e me afastei.

— É o que diz sua camiseta.

Ela se encolheu, olhando para as palavras em seu top cinza. A cor em suas bochechas ficou mais brilhante quando ela se afastou um centímetro, fingindo que meu toque não tinha nos queimado.

Eu elaborei um plano enquanto trabalhava no Mustang hoje.

Minhas táticas de intimidação não estavam funcionando em Bryce e nunca funcionariam. Ela não se importava que eu tivesse dinheiro. Não se

importava que tivesse poder. Não se importava que tivesse atração suficiente nesta cidade para arruinar seu precioso jornal.

Porque ela era diferente. Não iria responder da mesma maneira que um homem. Então, em vez de tratá-la como trataria um, tive que tratá-la como a mulher linda que era.

Não poderia ameaçá-la em silêncio, mas talvez pudesse seduzi-la para o meu lado. O plano parecia brilhante uma hora atrás. Agora que eu a toquei, talvez fosse tão estúpido quanto parecia.

Como deveria seduzir uma mulher que não me permitia pensar em outra coisa senão tirar aquela legging?

Tomei outro gole da minha cerveja e limpei a garganta.

— O jornal sai no domingo. Alguma coisa que você queira jogar na minha cara antes disso?

— Não no momento, — disse calmamente enquanto eu analisava seu perfil.

Seu nariz era reto, exceto por uma pequena protuberância no final. Seus lábios eram carnudos, o fundo ligeiramente molhado da cerveja. Ela até tinha um queixo bonito. Não sei se já notei o formato do queixo de uma mulher antes, mas o dela era afilado a um ponto suave. Não conseguia pensar em um queixo mais bonito do mundo.

— Você está me olhando.

Eu pisquei.

— Sim.

Ela virou o pescoço para encontrar o meu olhar.

— Com o risco de ser repetitiva, não respondeu à minha pergunta. Por que está na minha varanda? Porque se é para me intimidar dizendo que está me seguindo por aí ou para ameaçar...

Bati minha boca na dela. *Oh inferno.* Eu nunca dei o primeiro passo em uma mulher. Minha técnica de sedução era uma merda. Mas não pude resistir à boca e tive que prová-la. Deslizei minha mão pelo seu rosto, meu polegar apoiado naquele queixo perfeito.

Bryce ficou congelada. Eu engoli o pequeno suspiro que ela soltou quando meus lábios esmagaram os dela. Ela não se afastou. Eu esperei por isso, contando mentalmente os segundos antes que sua garrafa de cerveja se chocasse contra minha têmpora. Precisaria de pontos, com certeza.

Exceto que nunca veio.

Em vez disso, ela derreteu.

Minha língua disparou e lambeu seu lábio inferior, provando sua própria doçura com a cerveja amarga. Ela se separou de mim e inclinou a cabeça, me dando permissão para afundar e me molhar. E Deus — eu gemia — ela tinha um gosto bom.

Ela deslizou a língua na minha boca, mas antes que pudéssemos levar a sério, afastou o rosto, as bochechas coradas e os olhos cheios daquele familiar fogo irritado. Bryce levantou-se, pegando sua cerveja para marchar até a porta da frente. As chaves sacudiram em sua mão e a porta se abriu,

mas antes que desaparecesse lá dentro, ela me deu um rosnado por cima do ombro.

— Bêbado ou não, saia da minha varanda.

Sim. Essa era uma ótima ideia.

Capítulo 8

Bryce

Meus dedos foram do volante para os meus lábios. Desde o beijo de Dash na sexta-feira à noite, não conseguia parar de tocá-los. Durante todo o fim de semana, me peguei olhando fixamente para o espaço com os dedos nos lábios. Não importa o quanto os esfreguei, não importando as muitas camadas de gloss que apliquei, seu toque estava lá como uma tatuagem invisível.

Por que deixei ele me beijar? Por que eu o beijei de volta? Exercício, é por isso. Estava culpando o exercício por tudo isso.

Trabalhei duro na academia na sexta-feira, correndo cinco quilômetros na esteira, seguido por vinte minutos na escada, depois dez burpees[3]. Me esforcei muito, tentando acertar minha cabeça. Tentando afastar minha mente de Dash e queimar alguma frustração sexual.

Meu treino tinha sido tão intenso que me senti acabada quando voltei para casa. Normalmente, *acabada* era um bom estado para se estar. Acabada significava um longo banho quente e um sono profundo e sem sonhos.

[3]Flexão-Burpee ou Burpee é um exercício corporal completo de flexão com salto utilizado em treinamento de força e exercício aeróbico. De acordo com o Oxford English Dictionary, o exercício foi nomeado na década de 1930 pelo fisiologista estadunidense Royal H. Burpee, que desenvolveu o Teste de Burpee.

Maldito exercício.

O exercício não era mais uma atividade aprovada, não até ter minha cabeça no lugar, no que dizia respeito a Dash. Não quando ele apareceu e me pegou despreparada.

Forçando meus dedos de volta ao volante, entrei no estacionamento no jornal. Eu tinha uma semana movimentada pela frente e começar segunda-feira sem foco não era uma opção. A edição de domingo do *Tribune* de ontem, saiu pela porta sem problemas e estava na hora de me concentrar nos meus artigos para quarta-feira.

Não tive tempo de me preocupar com Dash Slater. Não tive tempo de pensar em como a língua dele tinha gosto de canela e cerveja. Ou quão perto estava de arrastá-lo para dentro da minha casa até o quarto na sexta-feira.

Meu núcleo estremeceu. *Inferno.*

— Bom dia, Art, — disse quando entrei no prédio, esperando que meu sorriso não parecesse tão forçado quanto parecia.

— Bom dia. — Ele sorriu. — Como você está?

— Eu estou bem, — menti. — Vai ser um ótimo dia. Posso sentir isso.

Ele riu.

— Você e seus sentimentos.

Sentimentos. Gostaria de poder entendê-los no que diz respeito a um moto ciclista gostoso. *Por que ele me beijou? Por quê?* Não tinha tempo para esse tipo de distração.

Deixei Art trabalhando adicionando o papel de ontem ao nosso sistema de arquivo eletrônico e fui para minha mesa. Sentando na cadeira, arrumei minha bolsa e olhei ao redor da sala vazia, respirando fundo.

O cheiro do jornal não estava me trazendo muito conforto hoje. O cheiro de Dash estava muito fresco em minha mente, vento e água de colônia e uma pitada de óleo.

O bastardo estava até roubando cheiros de mim.

Bem, não o deixaria tirar meu foco dessa história. Draven estava sendo acusado de assassinato, e eu estaria lá a cada passo do caminho. Uma vez que ele estivesse cumprindo pena de prisão, descobriria por que os Tin Gypsies haviam fechado seu clube.

Ontem, escrevi outro artigo sobre o assassinato. O tempo estava do meu lado e a polícia havia divulgado algumas informações novas para a mídia, incluindo alguns detalhes da autópsia de Amina. Imprimi o nome dela junto com a causa da morte.

Eu não incluí a evidência sexual. Fiel à minha palavra com Mike, manteria isso para mim até que o chefe considerasse isso interessante. Mais cedo ou mais tarde, a fuga sexual de Draven e Amina viria à tona. Por enquanto, estava contente em ter esse conhecimento para usar, como fiz minha própria investigação.

Um barulho da sala de imprensa chamou minha atenção e levantei, empurrando a porta. Papai estava na parte de trás da Goss.

Hoje estava usando um par de Birkenstocks[4] com meus jeans skinny preto e camiseta, querendo me sentir confortável do lado de fora enquanto meu interior estava todo torcido em um nó, então meus passos estavam quase silenciosos quando atravessei a sala de imprensa.

— Olá, papai.

Ele pulou, girando.

— Olá, você. Me assustou.

— Desculpe. — Eu sorri, mas caiu quando meus olhos pousaram em um par de pernas penduradas por baixo da impressora. — Esse é o BK?

Que eu saiba, BK não usava botas de motociclista pretas. As coxas de BK não eram firmes e os jeans que usava não os moldavam perfeitamente. BK não tinha quadris estreitos ou abdômen liso.

Meu coração parou. Conhecia aquele cinto preto. Tive fantasias vívidas de desafivelá-lo o fim de semana inteiro.

Antes que pudesse virar as costas e correr para a porta, Dash deslizou por baixo da máquina. Ele tinha uma chave inglesa em uma mão e uma chave de fenda na outra. Seus dedos estavam manchados de graxa.

— Descobri, — ele disse ao papai, mal me olhando.

— Sério? — Papai perguntou.

— Sério. — Dash se levantou, ainda se recusando a olhar para mim. — Eu acho que deve resolver o problema agora. Há uma engrenagem que

[4] Marca de sandálias alemã.

provavelmente precisa ser substituída em breve. Vou ver se consigo uma peça e troco. Mas consegui arrumar o que está trabalhando por enquanto, para que não pule as rotações.

— Isso é ótimo. — Papai deu um tapinha no ombro de Dash. — Eu não posso dizer a você o quanto aprecio isso. Precisaria contratar um técnico da empresa de impressão, e trazer um aqui pode ser caro.

— Não tem problema. — Dash pegou um pano em cima de uma das torres, limpando as mãos. Seus olhos ficaram fixos em papai como se eu não existisse.

Eu odiava como meu coração afundou. Recusando-me a deixá-lo vencer, coloquei meu melhor rosto indiferente e torci um pouco o nariz. Ele não ia me ignorar. Eu iria ignorá-lo.

Olá, ensino médio.

— Quanto eu devo a você? — Papai perguntou.

— Nada.

— Não, não posso deixar você fazer tudo isso de graça.

Dash riu, aquele sorriso diabólico indo direto para o meu centro. *Caralho*.

— Vou lhe dizer uma coisa, me compre uma cerveja na próxima vez que nos encontrarmos pela cidade.

— Tudo bem. — Papai estendeu a mão novamente. — Farei isso.

Dash jogou o pano de lado e apertou a mão do papai. Então, finalmente, ele olhou na minha direção.

— Bryce.

— King. — Eu segurei seu olhar castanho. — Como você está hoje?

— Eu tive um bom fim de semana. — Ele sorriu. — Sempre contribui para uma boa segunda-feira.

Se a definição dele de um bom fim de semana era invadir minha vida privada na sexta-feira, me beijando, apenas para ir embora e encontrar outra mulher para tornar o seu fim de semana bom, eu o destruiria.

— Sorte sua, — disse. — Gostaria de poder dizer o mesmo. Tive um convidado indesejável na sexta-feira que estragou o meu fim de semana inteiro.

— O quê? Por que não me contou sobre isso ontem? — Papai perguntou. — Que convidado?

— Ontem estávamos ocupados com o jornal. Mas parece que tenho um problema de pragas na minha varanda. Posso pegar sua espingarda?

Dash riu baixinho, seu peito largo tremendo enquanto sorria para a parede.

— Uma espingarda? — A testa de papai franziu. — Que tipo de praga? esquilos?

— Não. — Eu balancei minha cabeça. — Uma cobra.

— Você odeia cobras.

— Muito. Por isso, a espingarda.

Dash continuou a rir baixinho. O movimento fazendo sua mandíbula parecer mais forte. Mais sexy. *Ugh.*

— Você não vai usar a espingarda. — Papai franziu o cenho. — Eu vou hoje à noite e vejo se consigo encontrá-la.

— Obrigada. — Eu diria a ele mais tarde que a cobra foi embora. — Bem, tenho um dia ocupado. Que bom que você ajudou no trabalho com a impressora.

— Também acho. Foi uma coisa boa que Dash apareceu quando aconteceu. — Papai riu. — Eu estava prestes a colocar fogo nesta coisa maldita.

— Estou feliz que não fez isso. — De pé na ponta dos pés, dei um rápido beijo na bochecha de papai, depois me virei e caminhei em direção à porta. Atrás de mim, a voz profunda de Dash retumbou e o som de botas ecoaram atrás de mim no chão.

Papai não usava botas. Ele era um homem de tênis.

Cada célula do meu corpo queria dizer a Dash para ir embora. Ou pedir que me beijasse novamente. Não tinha certeza de qual.

Lutar contra o desejo de virar era difícil, mas mantive meus ombros retos e minhas pernas avançando. Quando empurrei a porta, só abri uma fresta, esperando que ela fechasse no rosto de Dash.

Isso não aconteceu. No momento em que estava na minha cadeira, Dash estava empoleirado na beira da minha mesa. Ele cruzou os braços sobre o peito, flexionando os bíceps com o movimento. A definição em torno de seus músculos não era algo que você via frequentemente em meros mortais, toda a pele esticada coberta de tatuagens.

Engoli minha saliva.

— O que você quer?

— Uma cobra? — O canto daquela boca sensual apareceu. Seus olhos estavam brilhando e cheios de travessuras.

Dei de ombros.

— Combina.

Ele sorriu, mostrando-me aqueles dentes brancos. Uma mecha de cabelo caiu sobre sua testa e eu juntei minhas mãos para me impedir de colocar no lugar. Dash tinha um cabelo ótimo. Aposto que era sedoso e grosso, os fios como chocolate escuro. Foi apenas o tempo suficiente para que eu conseguisse me controlar se ele estivesse em cima de...

Oh, pelo amor de Deus. Aquele beijo mexeu com o meu cérebro e deu a ele vantagem. De alguma forma, tinha que devolver, o que seria difícil com ele sentado na beira da minha mesa, cheirando a pecado e pura tentação.

— Há algo que precisa? — Perguntei.

— Que tal um obrigado?

— Por?

Ele acenou com a cabeça para a porta da sala de impressão.

— Por consertar sua impressora.

Se não fosse o estresse que tiraria o pai e o orçamento do jornal, eu teria morrido mil mortes antes de expressar uma palavra de gratidão por um trabalho que não lhe pedi para fazer. Mas o alívio do pai tinha sido palpável.

— Obrigada.

— Isso foi tão difícil?

— Você se importaria de sair da minha mesa? Eu tenho trabalho a fazer hoje.

— Não posso.

— Jesus. Aqui vamos nós de novo.

— Li seu jornal ontem.

— E.

— Foi... *Informativo.*

— Bem, esse é o objetivo de um jornal. Para informar as pessoas.

— Você está fazendo um ótimo trabalho. — Seu elogio parecia genuíno; porém, não confiei nisso por um segundo. — E tenho uma proposta para você.

Arqueei uma sobrancelha, um silencioso *estou ouvindo.*

— Vamos chamar de trégua.

— Uma trégua? — zombei. — Por que eu concordaria com uma trégua? Estou ganhando.

— Talvez.

Besteira.

— Definitivamente.

— Bem. Você é boa. Mas nós dois queremos a mesma coisa. Ambos queremos descobrir quem matou aquela mulher.

— Mas eu já sei. Foi...

— Não foi o meu pai. — Ele levantou um dedo. — Se for, você pode provar que estou errado. Mas se eu estiver certo, o que estou, não seria melhor imprimir a história real? Aquela sobre o verdadeiro assassino, antes de mais alguém?

— Detesto contar isso a você, King, mas sou a única na cidade divulgando a notícia. Não preciso da sua ajuda para entender a história. Inferno, posso esperar e imprimir o que os policiais me informam e ainda vou manter meus leitores informados.

— Mas esse não é o seu estilo.

Não, não era. Eu queria um furo de reportagem. E não apenas contra outros meios de comunicação. Também queria denunciar a polícia.

— O que exatamente está sugerindo que façamos com uma trégua? Trabalhar juntos?

— Está certo. Parece que podemos ser muito bons juntos.

O calor corou no meu rosto quando seus olhos se voltaram para os meus lábios. Nós apenas compartilhamos um único beijo, mas ele estava certo. Dadas as faíscas que estalavam quando estávamos na mesma sala, seríamos incríveis juntos. A química, misturada com a nossa antipatia mútua, seria inflamada como fogos de artifício. Provavelmente incendiaríamos os lençóis.

A insinuação pingou de suas palavras, mas Dash não estava pedindo sexo, estava? Ele estava pedindo informações. Um pouco lisonjeada por esse pedido ter reconhecido minha liderança, eu considerei.

— Você quer que eu entregue o que encontrar sobre o assassinato de Amina Daylee. O que você tem para mim?

— O mesmo. Vou compartilhar o que encontrar com você.

— Incluindo o que descobrir sobre o seu pai?

Ele pensou sobre isso, finalmente dizendo:

— Ok.

Tentador. A proposta, o homem, ambos tentadores. Meus olhos se estreitaram enquanto analisava o rosto de Dash. Parecia sincero. Se estava mentindo, ele era bom nisso, mas não ia entregar todas as minhas informações por um capricho de segunda-feira de manhã.

— Talvez. Vou pensar sobre isso.

— Bom o suficiente. — Se levantou da mesa e o alívio rolou sobre meus ombros. Ele estava sentado muito perto.

— Tchau, — disse de costas.

Exceto que Dash não andou até a porta como eu esperava. Ele atravessou o corredor até a mesa do papai e sentou na cadeira.

— O que está fazendo?

Ele acenou com a mão na cadeira.

— Sentado.

— *Por que* você está sentado?

Ele não respondeu. Em vez disso, Dash examinou a mesa de papai até que seus olhos pousaram em uma foto emoldurada ao lado de um porta canetas. Ele pegou, um sorriso se espalhando em sua boca.

— Você parece diferente.

Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Eu trabalhava na TV.

A foto que ele segurava era uma que mamãe havia enquadrado para o pai. Éramos nós três há um ano. Eles vieram a Seattle para uma visita, e me convenceram a ingressar no jornal e finalmente me mudar para Clifton Forge depois de enrolar e hesitar por anos.

No dia da foto, vieram para a estação de TV para ver onde eu trabalhava. Minha maquiagem estava pesada e meu cabelo penteado. Eu estava vestindo um terno azul marinho, pronta para gravar.

— Hum. — Dash colocou a moldura de volta e me olhou de cima a baixo. — Gosto mais disso.

— Eu também. — Virei para minha mesa, abrindo uma gaveta para o meu calendário. Desde sua última visita, fiz questão de colocar tudo em uma gaveta ou armário antes de sair para o dia. Eu mudei para a data de hoje, vendo que precisava agendar uma consulta com um dentista.

Faria isso depois de me livrar de Dash.

— Por que entrou na TV?

Eu virei uma página na minha agenda.

— Você ainda está aqui?

Dash riu, inclinando a cadeira e apoiando os antebraços nos joelhos.

— Até responder à pergunta.

— Por quê? Por que se importa?

— Chame isso de curiosidade. Geralmente sei um pouco mais sobre uma mulher antes de beijá-la.

— Acho isso impossível de acreditar.

Ele abaixou a cabeça, os ombros tremendo enquanto ria.

— Sim. Você está certa. Nem sempre faço perguntas primeiro. Mas hoje sou assim.

— E se responder, vai me deixar em paz?

— Sim. — Ele assentiu. — Palavra de escoteiro.

Fiz uma careta para esconder o sorriso que ameaçava. Isso era flertar? Sem surpresa, ele era bom nisso. Deus, ele precisava sair. Eu não estava com vontade de falar de mim mesma, mas se discutir minha história fosse o ingresso para um escritório sem Dash, então iria derramar.

— Eu fui para a faculdade no estado de Montana em Bozeman. Me formei em Inglês porque eles não tinham um programa de jornalismo. Meu professor favorito sabia que queria me tornar jornalista, então conseguiu um estágio na estação de TV para mim. Meu chefe na delegacia disse que eu tinha talento para isso.

Eu desprezava a palavra hipnotizada, mas olhando para trás, uma parte de mim tinha sido encantada pelo brilho e glamour da televisão. Como estagiária, vi apenas os eventos emocionantes. Acompanhei os repórteres quando eles entraram em campo, armados com microfones. Fiquei ao lado dos cinegrafistas enquanto eles filmavam uma cena de crime com luzes azuis e vermelhas da polícia ao fundo. Eu escolhi o produtor para o noticiário da

noite. A âncora da noite era uma mulher bonita, inteligente e espirituosa. Ela usava ternos de grife e tinha uma equipe de maquiagem para deixar seu rosto impecável.

Tudo parecia tão especial. Tão emocionante.

Na faculdade, morava com meus pais, não fui para o dormitório para economizar dinheiro. Então, não tive essa experiência na faculdade. Não foi preciso dividir o banheiro com outras vinte mulheres. Não havia festas de fraternidade ou noites selvagens nos bares. Peguei uma carga de aula mais pesada que o normal e me formei um ano antes. Para uma jovem de 21 anos que ansiava por uma nova aventura na televisão.

— Há quanto tempo você trabalha na TV? — Dash perguntou.

— Muito tempo.

Eu tinha dado os melhores anos da minha vida por esse trabalho. Estava tão desesperada por emoção e subir a escada. Queria desesperadamente me sentar no assento daquela âncora. Tinha desistido de tudo mais, perdendo a chance de casar com um homem bom e ter filhos.

— Por que você desistiu? — Dash perguntou.

— Cerca de cinco anos atrás, entrevistei uma mulher que deixou Seattle para Montana. Ela acabara de ganhar o Pulitzer por uma história secreta sobre um mafioso importando armas.

— Sabrina.

— Uh... Sim. — Eu pisquei. Acho que ele se aprofundou muito mais na minha história do que eu suspeitava. — Sabrina MacKenzie.

— Holt agora. Eu a conheço.

— Você conhece?

Ele assentiu.

— Ela mora em Prescott. É onde meu irmão também vive. Emmeline, minha cunhada e Sabrina são boas amigas.

— Mundo pequeno.

— Especialmente em Montana.

— Enfim, entrevistei Sabrina. E fiquei com ciúmes, — admito. — Eu estava com ciúmes da sua história. Ela se colocou lá fora e não escondeu nada. Papai acabara de comprar o jornal e estava me implorando para me mudar para cá. Mas fiquei em Seattle, esperando uma história como a dela. Isso nunca veio e os anos, eles continuaram passando. Finalmente desisti. Estava na hora de voltar para casa.

Tinha desperdiçado cinco anos depois da minha entrevista com Sabrina, me arrebentando em Seattle. Toda vez que trazia uma ideia de história para o meu produtor, eles acenavam e sorriam e diziam que era uma boa ideia. Então eles atribuíam a outra pessoa, normalmente um homem. Porque eu era necessária na tela. Era o rosto bonito que entrava na casa das pessoas para lhes contar notícias boas ou más.

Estava cansada de ser o rosto bonito.

Aqui no *Clifton Forge Tribune*, não ganharia nenhum prêmio. Não iria salvar inúmeras vidas tirando armas ilegais das ruas e afastando das crianças. Mas poderia fazer um trabalho honesto. Poderia dizer a verdade.

E se não ia ter uma família, eu teria esse papel. Seria o meu legado em vez de uma família.

Não falharia em outra carreira.

— Alguma outra pergunta? — falei, a vulnerabilidade grossa na minha voz. *Por que disse a ele tudo isso? Por que simplesmente não deixei em "trabalhei na TV e agora não?"* - Em vez disso, abri um pedaço do meu passado e joguei por todo o quarto para ele examinar.

Seu olhar percorreu meu rosto, vendo demais. *A tristeza. A falha. O arrependimento.* Até meus amigos mais próximos de Seattle, apesar de ter tido muitas horas de trabalho, não sabiam desses sentimentos.

— Não. Não há mais perguntas. — As rodas da cadeira deslizaram quando se levantou. Ele empurrou-o na mesa do papai e depois voltou a sentar na minha.

— Bom. — Eu me inclinei e peguei meu laptop da minha bolsa. — Eu tenho um dia ocupado.

— Bryce.

Eu encontrei seu olhar.

— Kingston.

— Acho que prefiro King, — ele resmungou.

— Então vá embora, King. Preciso trabalhar.

Dash levantou-se, movendo-se para a porta, mas um impulso me fez gritar e detê-lo.

— Espere. — Precisava do meu poder de volta. Precisava de controle. Então me levantei da minha cadeira, caminhando direto para o seu espaço sem hesitação. Seus olhos brilharam quando estendi a mão e enfiei meus dedos naquele cabelo. Era sedoso, como eu esperava. Com um aperto firme nesses fios grossos, puxei sua boca para a minha.

Ele congelou por uma fração de segundo, mas depois aprofundou o beijo. Seus braços envolveram minhas costas, me esmagando em seu peito enquanto sua língua empurrava dentro da minha boca. O gosto de canela explodiu na minha língua enquanto ele saqueava. Para não ficar atrás, me certifiquei de encontrá-lo batida por batida, derramando tudo o que tinha naquele beijo. Um fim de semana de frustração e saudade, tudo entregue com sucção, lambida e punhos no cabelo.

Eu dei o melhor que pude antes de rasgar meus lábios, colocando uma palma no esterno e empurrando-o com toda a minha força.

Dash cambaleou para trás. Seus lábios estavam inchados, e nós dois respiramos com dificuldade. Confusão estava escrita em todo o seu belo rosto, junto com luxúria. Ele ansiava por mais.

E agora, eu tinha meu poder de volta.

— Concordo com a trégua depois de conversar com seu pai, — disse. — Prepare tudo. Quero falar com ele esta noite.

Capítulo 9

Dash

— Pai? — Chamei-o pela casa. Sem resposta.

As luzes estavam apagadas na cozinha e na sala de estar. Sua moto não estava na garagem.

— Porra, — murmurei, cerrando os punhos.

Ele não deixaria de pagar a fiança, não quando a oficina estivesse em risco. Deveria ter pressionado mais na sexta-feira quando o peguei no tribunal, mas ele não queria falar naquela hora. Não queria conversar agora.

Uma hora depois que deixei Bryce no jornal, minha cabeça ainda estava girando com aquele beijo. Eu tinha ido à oficina para passar o tempo trocando o óleo enquanto esperava papai chegar. Quando eu mandei uma mensagem para ele ontem, me ignorou. Todo o maldito fim de semana. Finalmente, ele respondeu ontem à noite, prometendo estar na oficina às dez. Quando deu onze horas e ainda não tinha aparecido, eu vim aqui.

Quando papai não queria ser encontrado, não era fácil achá-lo.

O que ele estava escondendo? Por que não falou comigo sobre isso? Assassinato não era incomum em nosso passado, mas era a primeira vez que ele havia sido preso pelo crime.

Filho da puta. Saí pela porta lateral, saindo para montar na minha moto. Não havia sentido continuar minha busca. Quando *ele* estivesse pronto para falar sobre Amina Daylee, apareceria.

A viagem de volta à oficina foi rápida. Passei o tempo me perguntando como convenceria Bryce a manter essa trégua se papai não quisesse falar. Ela ficaria muito irritada, e duvidava que outro beijo me desse mais tempo. Sentir seus lábios nos meus, valeria a pena tentar. Ficaria mais que satisfeito com uma repetição desta manhã, se isso significasse colocar a mão dela no meu cabelo e seu corpo magro pressionado contra o meu novamente.

Parei no estacionamento, surpreso ao ver a moto de papai e ele lá dentro conversando com Presley.

— Quando você chegou aqui?

Ele olhou para o relógio.

— Cerca de cinco minutos atrás.

— Fui para sua casa.

— Foi o que Pres disse. Desculpe, estou atrasado. Fiz uma rápida viagem hoje de manhã para clarear a cabeça.

— Você não saiu da cidade, não é?

— Não, ele não saiu, — Presley respondeu por ele. — Prometeu que não cruzou a linha do condado.

— Nós precisamos conversar.

Papai assentiu, sem se mover da cadeira em frente à mesa de Presley.

— Sim.

— Eu vou chamar Emmett e Leo. Pres, você se importaria de levar Isaiah e pegar almoço para todos nós? Mande Emmett e Leo entrarem.

— Claro. — Ela se levantou e pegou sua bolsa. — Sanduíches?

— Parece bom. Aqui. — Peguei minha carteira do bolso de trás e tirei cinquenta dólares.

Presley pegou e correu do escritório. Minutos depois, Emmett e Leo entraram no escritório pela porta interna que dava para a garagem. O som estridente das portas do compartimento de garagem se fechando os acompanhou.

Virei a placa na porta do escritório para *FECHADO* enquanto os caras se sentavam. Não é exatamente a longa mesa na sede do clube onde costumávamos ter reuniões, mas um lembrete de como as coisas haviam mudado.

O silêncio se prolongou por muito tempo, enquanto esperávamos que papai falasse. O relógio na parede marcava um ritmo incompatível com o meu batimento cardíaco.

— Draven— Emmett quebrou primeiro.

— Nós estudamos juntos no colegial. — Os olhos de papai estavam fixos nos papéis espalhados na mesa de Presley. — Eu a conhecia há anos.

Todos nós já sabíamos disso, graças aos jornais de Bryce, mas eu duvidava que papai os tivesse lido desde que foi libertado. Nenhum de nós interveio, no entanto. Nós o deixamos ditar o ritmo. O presidente, atual ou anterior, merecia esse respeito.

— Me ligou do nada. Eu não tinha notícias dela há anos. A encontrei no hotel, — papai continuou. — Conversamos por algumas horas, colocando a conversa em dia. Passei a noite.

— Você transou com ela? — Eu perguntei.

Seus olhos se voltaram para os meus, uma pitada de remorso brilhando em seu olhar. Então me deu um único aceno de cabeça.

Então Bryce estava certa sobre isso também.

— Passei a noite. Levantei-me para ir para casa. Tomei banho, vim trabalhar e o resto você sabe.

— Ela foi esfaqueada, — disse Emmett, os dedos apoiados em seu queixo. — Alguma ideia se os policiais têm a arma do crime?

Papai suspirou.

— Segundo Jim, eles encontraram uma das minhas facas de caça no hotel.

— Como sabem que é sua? — Perguntei.

— Meu nome está gravado na lateral. Sua mãe me deu há muito tempo.

— Merda. — Leo deixou a cabeça cair na parede. — Você está fodido.

A sala ficou em silêncio novamente, Leo não estava errado. Se a polícia tivesse a arma do crime e pudesse colocar o pai no local, não havia muito o que faltava.

— Algo mais?

Ele balançou sua cabeça.

— Não sei. Jim me aconselhou a ficar quieto. Me encontrei com Marcus duas vezes e ele me fez algumas perguntas sobre o que aconteceu. Como a conhecia. Não contei a ele nada além de irmos para o colégio juntos. Depois disso, eles praticamente me deixaram sozinho na minha cela. Não perguntaram mais nada.

— Sim, porque não precisam fazer perguntas, — disse Emmett. — Eles têm você no local durante o tempo em que ela foi morta. Era a sua arma. A menos que possamos provar que foi outra pessoa, eles têm tudo o que precisam para acusá-lo.

— E o motivo? — Eu perguntei. — Por que você a mataria?

Papai hesitou, seus olhos caindo em seus pés. Mas então ele os levantou e balançou a cabeça.

— Nenhuma ideia.

Meu íntimo torceu. Eu podia contar com três dedos o número de vezes que meu pai mentiu para mim. Agora adicionaria um quarto. Não era óbvio para Emmett e Leo, mas havia algo que ele não estava dizendo.

Com Emmett e Leo aqui, não confrontaria papai. Eu perguntaria depois, quando estivéssemos apenas nós dois. Por enquanto, tínhamos outras coisas para discutir.

— Então é uma armação. — Tinha que ser uma armação. Certo? Papai teria nos dito se tivesse matado a mulher. — Quem gostaria que você levasse a culpa?

Papai bufou.

— Essa é uma lista longa, filho.

— Faça assim mesmo — Emmett ordenou. — Temos que começar em algum lugar.

— Eu tenho algumas ideias, — disse papai. — Preciso fazer algumas ligações, então vamos nos reagrupar.

— Bem. Há algo mais. — Fiz uma pausa, respirando fundo porque duvidava que a reação ao meu anúncio fosse positiva. — Fiz um acordo hoje com Bryce Ryan.

— Quem? — Papai perguntou.

— A nova repórter gostosa da cidade, — respondeu Leo. — Dash a seguiu por toda a semana.

— Realmente? — Os olhos do papai se estreitaram.

— Não é assim. — Agora era minha vez de mentir. — Eu lhe disse ontem que ela é boa. Passei pelo jornal hoje para ter uma palavra esta manhã. Fizemos um acordo. Ela nos diz o que tem. Nós fazemos o mesmo. Mas primeiro, ela quer falar com você.

— Não. — Papai se levantou e foi até a porta. Com um movimento, estava aberta e ele estava saindo.

— Onde diabos você está indo? — Eu o persegui. Ele se moveu rápido, sem parar quando o segui para fora. — Papai. Que porra é essa? Nós não terminamos de conversar.

— Não tenho mais nada a dizer agora, Dash. Você queria conversar. Nós conversamos. Agora preciso ir. Quero um pouco de espaço.

— Para quê?

— Para quê? — Ele girou em mim, raiva colorindo seus olhos. — Uma mulher que eu conheço há mais de quarenta anos está morta. Uma mulher com quem me importava. E está morta por minha causa. Então, é pedir demais que você me dê algum espaço e me deixe absorver isso?

Porra. Eu dei um passo para longe, levantando minhas mãos. Isso não era sobre Amina.

Isso era sobre mamãe.

Era sobre o seu assassinato e a culpa que papai carregava há décadas.

O amor de sua vida estava morto por causa de suas escolhas. Isso custou a Nick e a mim, nossa mãe. E agora outra mulher estava morta porque, por mais normal que fosse sua vida hoje em dia, papai sempre seria um alvo.

— Alguém quer que você passe o resto da vida apodrecendo numa cela, pai. Só estou tentando evitar isso.

— Eu sei. — Ele soltou um longo suspiro. — Amina, ela era... Tínhamos história. Não consigo pensar direito agora. Estou analisando isso há mais de uma semana. Antes que possa falar sobre algo, preciso resolver isso na minha cabeça.

— Ok. — Ele pode precisar de tempo, mas eu continuaria me esforçando para descobrir quem realmente matou aquela mulher. Não iria deixar que os policiais levassem meu pai por um crime que ele não havia cometido.

Papai caminhou até sua moto, parando um metro para falar por cima do ombro.

— Fique limpo, Kingston.

Endireitei a minha coluna. Papai não me chamava de Kingston há anos. Parecia com minha falando nosso nome completo quando estávamos com problemas.

— Eu quero dizer isso, — disse ele. — Não faça algo estúpido para ser preso também. Na pior das hipóteses, se precisar, passarei os poucos anos que me restam vestindo uniforme laranja. Lidaria melhor com isso se soubesse que está livre.

Eu assenti.

— Isso é o que sempre foi. Ser livre. — Ele foi até a moto, tocando o guidão. Embora os Tin Gypsies não existissem mais, ele ainda tinha o velho lema gravado no tanque de gasolina.

Viver para a estrada.

Ser livre.

Papai e o pai de Emmett haviam fundado o clube Tin Gypsy nos anos 80. Eles recrutaram alguns amigos até que crescessem. No começo, havia um monte de jovens que queriam andar de moto e dizer *foda-se* para qualquer autoridade ou convenção. Eles queriam a chance de ganhar algum dinheiro extra para suas famílias.

Isso aconteceu quando eles restauravam moto com peças de sucata, o metal mais parecido com estanho barato do que as máquinas de aço em que gastamos fortunas agora.

Quando papai falou daquela época, parecia mais simples. Poderia ter continuado assim se mamãe não tivesse morrido.

Papai piscou algumas vezes rápido demais e meu coração torceu. *Ele estava chorando?* Eu não tinha visto papai chorar desde o funeral da mamãe. Mesmo assim, não durou mais do que algumas lágrimas de partir o coração. Ele estava com raiva demais para chorar. Focado demais na vingança para deixar sua tristeza aparecer por muito tempo.

Sem outra palavra, passou a perna por cima da moto. Ele arrancou os óculos escuros do cabelo, escondendo qualquer emoção, e saiu correndo do estacionamento como se seu apelido fosse Dash[5], não o meu.

Eu abaixei minha cabeça, esfregando a tensão longe do meu pescoço.

— Todos nós sabemos quem armou para Draven. — Emmett disse em voz baixa, atrás de mim. Eu me virei para encontra-lo e Leo a alguns passos de distância.

— Sim. — Todos nós sabíamos. — Papai tem que ser o único a fazer essa ligação.

— Você poderia, — argumentou Leo.

[5]Dash: Arrancada.

— Eu poderia, mas não vou. — Foi a razão pela qual não havia telefonado quando ele estava na prisão. — Papai se aproximará dos Warriors. Ninguém mais.

Emmett e Leo assentiram sem outra palavra.

— Vamos trabalhar.

Talvez outra tarde trabalhando em carros me ajudasse a descobrir o que diabos estava acontecendo. Porque no momento, eu com certeza não tinha ideia.

— Tanta coisa pela sua trégua. — Bryce se virou, marchando para fora da oficina. — Sabia que isso era um erro.

— Espere. — Eu persegui, agarrando seu cotovelo. — Apenas espere.

— Por quê? — Ela puxou seu braço livre. — Isso é *quid pro quo*. Eu te dou uma coisa. Você me dá algo. Se Draven não está aqui para me contar o lado seu da história, então eu estar aqui é inútil. Estou deixando...

— Meu pai não matou Amina Daylee.

Ela me encarou novamente, colocando as mãos nos quadris.

— Como você....

— Apenas sei. — Fechei meus olhos nos dela. — Ele não a matou. Mas alguém matou e se acredita na verdade e na justiça do jeito que eu suspeito, você quer encontrar o verdadeiro assassino.

— Os policiais...

—... tem um homem que acreditam culpado. Eles não vão investigar mais fundo do que a superfície.

Ela bufou.

— Como posso confiar...

— Você pode...

— Pare de me interromper.

Fechei a boca com força.

O rosto dela estava vermelho e o peito arfava.

— Como posso confiar em você?

Confiar?

— Você não pode.

Bryce soltou uma risada seca.

— Então o que estamos fazendo?

Dei um passo mais perto. A atração por estar perto era irresistível. Queria que acreditasse em mim, pelo menos uma vez.

— Não confie em mim. E eu não vou confiar em você. Talvez não possamos ficar no caminho um do outro e ambos teremos nossas respostas.

— Parece complicado.

Minha mão deslizou para sua bochecha, emoldurando seu rosto.

— E é.

— Dash, — avisou, colocando a mão entre nós. Ela descansou no meu peito, firme, mas não me afastou.

Cheguei mais perto. A pressão em sua mão cedeu.

— Não consigo parar de pensar em seus lábios.

Os olhos de Bryce caíram na minha boca.

Minha mão surgiu entre nós, cobrindo a dela e prendendo-a no meu coração. Eu esperava que ela tentasse puxá-la para longe, mas então ela bateu na minha camiseta enquanto arrastava minha boca na dela.

Minha língua mergulhou em sua boca, aproveitando o tempo para explorar os cantos que eu tinha perdido nos nossos dois últimos beijos. Com meu braço livre, eu a prendi, meu braço apertado sobre seus ombros. Inclinei minha cabeça para me aprofundar e roubar sua respiração.

Ela tremeu, os joelhos tremendo, mas se agarrou a mim tão ferozmente. O beijo foi quente e úmido. O sangue correu para o meu pau, fazendo-o inchar contra seu quadril.

— Mais, — ela gemeu na minha boca.

Eu rosnei, soltando sua mão para agarrar sua bunda, puxando-a para cima e em volta dos meus quadris. Suas pernas envolveram minha cintura e seus braços envolveram meu pescoço. Levando-nos até a superfície mais próxima, a coloquei no capô do Mustang em que trabalhei o dia todo.

O dono era um idiota arrogante de Hollywood e eu não queria nada além de transar com Bryce no capô do carro.

Definitivamente era para onde estávamos indo. As coxas de Bryce apertaram em minha volta, quando a deitei no capô brilhante. O metal se dobrou um pouco quando eu coloquei meu peso nela, pressionando meu

peito contra seus seios. Nossas bocas se separaram, ela ofegando por ar enquanto eu chupava e lambia meu caminho pelo seu pescoço.

— Diga-me agora se você quiser parar, — eu ofeguei contra sua clavícula.

Ela balançou a cabeça, as mãos mergulhando nos meus cabelos.

— Não pare.

Eu puxei com força o decote em V da sua blusa, arrastando-a sobre o peito. Então fiz o mesmo com a taça do sutiã, para poder trancar minha boca sobre seu mamilo.

As costas de Bryce arquearam, empurrando seu seio ainda mais para dentro da minha boca. Suas unhas cravaram no meu couro cabeludo.

Minhas mãos rasgaram do outro lado de sua blusa, costuras se dividindo quando eu liberei seu outro mamilo.

— Última chance.

Apontei minha língua, arrastando-a sobre o botão endurecido.

Ela assobiou.

— Pare.

A luxúria rugindo em minhas veias se transformou em gelo, e congelei. *Merda.* Eu não esperava isso. Tirei minha boca de sua pele, afastando-me alguns centímetros.

Bryce sentou-se no carro, mais uma vez segurando minha camisa enquanto ela me puxava para perto. Nariz no nariz, ela sussurrou:

— Pare de me avisar. Você não entendeu? Isso só me faz querer ainda mais.

Obrigado, porra.

— Então espere.

Batendo minha boca na dela, nos beijamos através de um frenesi de dedos atrapalhados e roupas voando. Bryce gritou quando a puxei do capô do carro e levantei-me. Eu já tinha tirado sua camiseta e ela fez o mesmo pela minha. O sutiã foi o próximo. Mas quando peguei o fecho, uma brisa entrou na garagem, trazendo nós dois de volta à realidade.

Uma das portas da baia ainda estava aberta. Eram apenas oito horas e o brilho do pôr do sol ainda iluminava o estacionamento. Nesta época do ano, não escurecia completamente em Montana depois das nove. Não que isso importasse. As luzes da loja estavam acesas. Qualquer um que passasse por lá nos veria no Mustang.

Com uma rápida investida, peguei Bryce, um braço embaixo da bunda dela para apoiá-la enquanto meu outro mergulhava naquele cabelo macio e escuro, suas pernas envolvendo-me novamente. Eu usei meu aperto para inclinar sua cabeça, depois fundi minha boca com a dela, beijando-a loucamente enquanto nos levava para a outra parede.

A pressão no meu pau fez o andar desconfortável, especialmente quando ela apertou seu centro mais perto. Finalmente cheguei ao painel de controle e apertei o botão vermelho para fechar a porta. A luz do lado de fora

desapareceu, deixando apenas nós e as barras fluorescentes brilhando no alto.

Bryce deslizou sua mão pela pele nua do meu abdômen, até atingir o cós da minha calça jeans. Com um movimento rápido de seus dedos, abriu o botão. Logo em seguida, o zíper. Então ela mergulhou sua mão dentro da minha cueca, segurando o meu pau enquanto eu gemia em sua garganta.

— Porra. — Eu afastei minha boca, procurando um lugar para colocá-la. Meus olhos pousaram em um banco de ferramentas. Dois longos passos e a deitei, empurrando e afastando as ferramentas que não tinha guardado.

Os movimentos frenéticos de Bryce combinaram com os meus quando alcancei atrás dela e abri seu sutiã.

— Depressa.

— Preservativo. — Procurei no bolso de trás da minha carteira e peguei uma camisinha.

Movendo o peso no banco, Bryce lutou para tirar o jeans. *Droga, eles eram muito apertados.* Eu apreciei isso quando ela entrou na garagem mais cedo. *Mas agora?*

— Cristo. — Eu a peguei pelas axilas, seus seios saltando quando a coloquei no chão. Então caí de joelhos, puxando o jeans preto e a calcinha por suas pernas tonificadas tão rápido que ela teve que se firmar nos meus ombros. As sandálias dos pés caíram no chão.

Não pude resistir. Sua boceta nua estava ali e me inclinei, arrastando minha língua através de suas dobras.

— Oh, meu Deus, — ela ofegou, quase desabando sobre mim.

Eu sorri e me levantei. Teria minha boca nela novamente. *Em breve.* Mas agora, queria me enterrar dentro dela.

Minhas botas e jeans sumiram rapidamente, rolei a camisinha no meu pau. Então tive Bryce nos meus braços. Desta vez, nos virei para a parede, sua coluna colidindo com o concreto frio, ao mesmo tempo em que alinhei com seu centro e empurrei fundo.

— Ahh, — ela chorou, o som de surpresa e prazer ecoando nas paredes.

Eu enterrei meu rosto em seu pescoço, respirando fundo para não me envergonhar e gozar depois de uma estocada.

— Porra, você é gostosa.

Ela gemeu, inclinando a cabeça para o lado. Inclinando um pouco os seus quadris, soube que queria mais.

Deslizei para dentro e para fora devagar, vendo-a respirar com dificuldade e seu corpo tremer.

— Bom?

— Uh-huh. — Ela assentiu. — Mais forte.

— Porra, mais forte. — Eu obedeci, estabelecendo um ritmo constante. O som de seus pequenos gemidos, a sensação de seu calor úmido, a maneira como ela se movia comigo, impulso após impulso. O desejo emanava no ar. A necessidade de aprofundar ainda e obtê-la com mais intensidade, me levou a uma cegueira de prazer. *Transar com esta mulher é incrível.*

Nós lutamos, mãos indo a todos os lugares, tentando sentir tudo. Nos beijamos duramente, batendo os lábios numa voracidade que não satisfaziam o nosso desejo. Nossa atração sexual se espalhando de superfície em superfície, abandonando a parede quando não era o suficiente. A bancada de ferramentas sendo descartada quando não era o suficiente. Até que terminamos no Mustang novamente, nossos corpos suados, brilhando e o capô manchado debaixo de nós.

— Dash. — Ela se contorceu quando entrelacei meus dedos com os seus, segurando-os sobre o metal vermelho. — Eu estou...

— Goze, Bryce.

Ela gozou com tanta força *que* vi as manchas brancas em sua visão. Quando sua boceta pulsou e apertou o meu pau, eu me soltei, derramando dentro dela e gemendo, com a cabeça inclinada para trás.

Mole e desnorteado, caí sobre o carro ao lado de Bryce, meu coração trovejando atrás das minhas costelas. — Isso foi... Incríííííííível.

Não havia palavras. Sexo assim não deveria existir, porque agora eu queria todos os dias. Bryce era mais viciante do que qualquer droga no planeta.

Nos levantamos, retornando à realidade, até nossos corpos esfriarem da tensão sexual. *Nós transamos. Duramente.* Nós nos expusemos, evidenciando fraquezas que não poderíamos reparar.

— Oh meu Deus. — Bryce disparou do carro como um raio. Apoiei-me em um cotovelo, minhas pernas balançando no chão. Nunca vi uma mulher se vestir tão rápido.

Droga, se isso não machucou meu ego.

— Obrigado. Precisava disso. — Me arrependi das palavras instantaneamente.

Os braços de Bryce pararam enquanto fechava o jeans. Seu olhar em minha direção, poderia me matar, mas dissimulou sua fúria rapidamente e calçou suas sandálias. *Talvez ela devesse me odiar. Talvez eu devesse afastá-la.* Provavelmente era melhor assim. Então, eu também poderia fazê-lo.

Deitei-me de volta no carro, cobrindo a maior parte de meu rosto, com o meu braço.

— A porta lateral sai no estacionamento. Faça-me um favor e tranque-a quando sair.

Capítulo 10

Bryce

Eu deveria entrar. Exceto que estava sendo muito difícil sair do meu carro.

Estava parada no estacionamento da Clifton Forge High School, inspecionando meu esmalte. Passei duas horas pintando as unhas de minhas mãos em casa ontem à noite. Foi uma coisa de conforto. Quando tinha muito em mente, pintar as unhas era o meu principal alívio. E considerando o que aconteceu com Dash na oficina na noite passada, havia muita coisa em minha mente.

Fui direto para casa depois que ele me dispensou. *Bem, não exatamente fui dispensada.* Já estava saindo. Suas palavras de despedida me chocaram, o suficiente para que eu tivesse obedecido e trancado a porta lateral atrás de mim.

Mesmo depois de um banho quente, com as unhas feitas e uma noite sem dormir, não conseguia entender como isso tinha acontecido. Um momento, estava lá, deleitando-me com a honestidade de suas palavras quando ele disse que eu não podia confiar nele. Eu fiquei mais suave com a vulnerabilidade exposta em sua voz quando pediu que trabalhássemos

juntos. Quando sua boca tocou a minha, todo pensamento racional desapareceu.

Porra, o que eu estava pensando? Não havia dúvida de que Dash me seduziu. E tola que eu era, deixei. O sexo, teria sido capaz de entender rapidamente. Era só sexo. Duas pessoas se unindo para transar. A tensão entre nós era combustível, e só havia sido uma questão de tempo antes de nos separarmos. O sexo não era o problema.

O problema era que Dash me rejeitou e nunca me senti tão usada.

Vire a fechadura ao sair.

Ai.

Daí a razão pela qual fui direto para o meu esmalte de unha à meia-noite. Na penumbra do meu quarto, o vermelho que tinha escolhido parecia mais escuro. Agora que estava sentada em plena luz do dia, a cor combinava com o carro que Dash me fodera ontem à noite.

Vermelho quente.

Quando chegasse em casa hoje à noite, estava jogando o esmalte quase novo fora.

Eu deveria entrar. Vinte minutos se passaram desde que dirigi para o colégio e queria entrar antes que o escritório fechasse. O colégio estava fechado durante o verão e, de acordo com o site, o horário de expediente terminava às três. Eu só tinha quinze minutos, mas aqui estava, presa olhando minhas unhas.

Minhas unhas sexuais.

Estava nebuloso, mas tinha certeza de que havia arranhado Dash uma ou duas vezes durante nossa escapada. *Desgraçado.* Eu gostaria de ter tirado sangue.

Incomodou-me realmente que me senti usada. *Dash era um vilão em todos os sentidos, mas isso me impediu de tolamente esperar que fosse mais?* Não. Eu tinha vergonha de mim mesma. Não pelo sexo.

Pela esperança.

Não era avessa ao sexo casual. Uma vez, me envolvi com um homem do trabalho, um assistente de produção que era tão bonito quanto arrogante. Nós dois começamos a dormir juntos, e semanas depois, deitados nus na cama, ele me perguntou se tinha falado dele com o produtor executivo. Ele estava atrás de uma promoção e pensou que dormir com a âncora feminina poderia melhorar suas chances. O idiota realmente achou que eu tinha alguma influência. Ele não percebeu que eu era apenas um fantoche para a rede, um rosto bonito para dar más notícias com um sorriso.

Me senti usada então, mas não era nada comparado a como me sentia agora.

Talvez hoje tenha sido extremo porque deixei de lado todas as minhas inibições. Entreguei meu corpo inteiramente a Dash, deixando-o me levar até o limite e além. Talvez tenha doído mais hoje, porque nunca tinha tido esse sexo tão intenso.

Foi cru, áspero e visceral. De agora até o fim da minha vida, o orgasmo da noite passada seria o parâmetro para todas as comparações futuras.

Estúpida, Bryce. Tão estúpida.

Sendo justa, Dash havia me avisado para não confiar nele. A sensibilidade entre minhas pernas era uma lembrança latejante do meu erro.

Nunca deveria ter ido à oficina. Nunca deveria ter acreditado que Dash queria uma trégua. Quando Draven não estava lá ontem à noite, deveria ter me virado e fugido.

Exceto que subestimei Dash e sua capacidade de encantar. Meu entusiasmo tinha sido minha fraqueza e Dash a explorou com precisão. Até me fez duvidar que Draven fosse culpado do assassinato de Amina.

Draven era culpado, não era? O homem não podia ser inocente, certo? A menos que tudo isso tenha sido uma armação.

As dúvidas estavam passando nos cantos da minha mente o dia todo. *Droga, Dash.*

Tirei o bloco de notas amarelo da bolsa e peguei uma caneta no porta-copos. Lançando-o para uma página em branco, escrevi uma palavra em grandes letras maiúsculas.

MOTIVO

Qual era o motivo de Draven para matar? Nós poderíamos colocá-lo na cena do crime. Ele transou com Amina antes de ser esfaqueada. O delegado Wagner estava limitando extremamente os detalhes do caso, mas, me informou que haviam encontrado a arma do crime no local, uma faca preta de caça.

Isso significa um meio e oportunidade. *Mas qual era o motivo de Draven? Por que mataria Amina Daylee, uma mulher com quem cursara o ensino médio e, pelo que eu saiba, não a via muito desde então? Foi um crime passional?*

Talvez Draven tivesse usado Amina como Dash havia me usado. Mas, em vez de sair pela porta lateral como eu, Amina ficou com raiva. Talvez tenha inflamado sua raiva e ele a matou no calor do momento.

Por mais tentador que fosse seguir essa teoria, ela não estava certa.

Não havia passado muito tempo com Draven, mas tinha um conhecimento carnal de seu filho. Dash tinha o talento de me irritar. Nós nos provocávamos e irritávamos um ao outro. Mas ele não era impulsivo. Dash era calculista e preciso, características que ele provavelmente aprendeu com o pai.

Meus olhos voltaram à palavra no meu bloco de notas, girando-o, olhando-o de lado, para trás e de cabeça para baixo.

Qual era o motivo de Draven?

Eu esperava perguntar a ele ontem à noite. Em vez disso, deixei Dash me deixar nua na oficina. *Trégua, minha bunda.*

Ele parecia sincero. Não havia como fingir esse nível de satisfação com o sexo. *Então, por que me dispensou?* Certamente sabia que isso seria contraproducente para a suposta *trégua.*

Uma coisa era certa: Kingston Slater me confundiu. Usá-lo para captar os motivos de Draven não era uma opção agora.

Então teria que encontrar outra maneira.

Havia duas pessoas naquele quarto de motel quando Amina foi assassinada: o assassino e a própria Amina. Ela era a chave. Se Draven era inocente, seu passado poderia me levar à verdade.

Eu sorri pela primeira vez durante todo o dia, joguei minha bolsa no ombro e fui para o colégio. Lá dentro, o saguão estava vazio e silencioso. Meus saltos ecoaram enquanto caminhava para o escritório, acenando para a secretária sentada na frente, Samantha, de acordo com a placa de identificação em sua mesa.

— Olá.

— Oi. Como posso ajudá-la? — Ela perguntou.

— Eu sou Bryce Ryan. — Estendi minha mão sobre o balcão. — Trabalho no jornal e esperava que você pudesse me ajudar.

— Vou tentar. — Seu sorriso alegre aliviou meus nervos.

A secretária do meu colégio tinha sido mais aterrorizante do que a diretora, mas com base no número de cartões de agradecimento pregados a um quadro de cortiça na parede ao lado da cadeira dela, eu achava que os alunos aqui adoravam Samantha.

— Estou procurando qualquer informação que possa encontrar sobre um ex-aluno.

O rosto de Samantha caiu.

— Que pena. A diretora não está, é com ela que você precisa conversar sobre os registros dos alunos. Ela sabe todas as regras sobre concessão de permissão e tudo mais.

— Droga. — Bati minhas unhas vermelhas de sexo quente no balcão. — Ela virá amanhã?

— Não, desculpe. Ela tirou duas semanas de férias. Tentamos aproveitar durante o verão.

— Posso imaginar que todos vocês mereçam. — Olhei o corredor passando pelo escritório. Estava vazio, todas as salas de aula fechadas, com exceção de uma. A porta sob o letreiro da *biblioteca* estava aberta. Apontei para a porta. — Acho que você não tem nenhum anuário antigo na biblioteca que eu possa olhar?

Samantha olhou para o relógio.

— Pode haver, mas eu teria que procurar. E esperava sair daqui cedo hoje para ir ao salão para um horário no cabelereiro. Eu sou a única aqui. Você se importaria de voltar amanhã? Posso procurá-lo para você.

Merda. Tinha perdido muito tempo no estacionamento olhando minhas unhas e pensando em Dash.

Irritante, mulherengo, mago do sexo Dash.

— Claro. — Balancei a cabeça, forçando um sorriso maior. — Obrigada.

Samantha acenou.

— Vejo você amanhã então.

— Amanhã. — Só que realmente não queria esperar até amanhã.

Com mais um olhar ansioso para a biblioteca, me virei e me retirei para as portas da frente. À minha esquerda, havia uma ampla entrada para os banheiros, meninos de um lado e meninas do outro.

Uma ideia surgiu e meus passos diminuíram.

O banheiro.

Atrás de mim, Samantha estava fora de sua cadeira, puxando uma sacola de um armário no escritório. Ela estava de costas para mim.

Dane-se. Entrei no banheiro feminino e caminhei para a segunda cabine.

Estava realmente fazendo isso? Não respondi a essa pergunta para mim mesma. Em vez disso, prendi a respiração e não me movi além de piscar. Talvez minha ambição pela história tenha ficado fora de controle. Talvez eu estivesse delirando por falta de sono. Talvez estivesse desesperada para não voltar ao meu carro, onde sem dúvida pensaria em Dash. Seja qual for o motivo, foi uma ideia estúpida.

Mas fiquei lá, imóvel e respirando superficialmente.

Na pior das hipóteses, Samantha me encontraria e eu mentiria sobre minha bexiga cheia. Na melhor das hipóteses, ela sairia pela porta e eu ficaria trancada dentro da escola sozinha. Ok, isso não era ótimo, mas encontraria uma saída, mais cedo ou mais tarde. *Talvez.*

Esconder-me no banheiro tinha funcionado para mim na delegacia. Poderia lidar muito bem com isso.

O som de sapatos ecoou no corredor do lado de fora. Permaneci congelada em minha cabine, meu coração disparado e palmas das mãos suando. Quando a luz que entrava no banheiro do saguão se apagou, meus ombros relaxaram e soltei um suspiro.

Esperei mais cinco minutos antes de fazer um movimento. Então fui na ponta dos pés até o banheiro.

— Meu carro. — Bati minha palma na minha testa. Se Samantha o visse no estacionamento, poderia voltar. Mas não tinha voltado até agora, então talvez eu estivesse segura. Observando ao redor, vi pequenas esferas pretas nos cantos superiores do saguão. *Devo acenar para as câmeras? Sorrir para elas?*

Meu compromisso com o ato era forte, então caminhei até a porta da frente, fingindo abri-la. Então fingi um suspiro dramático, puxando as mechas do meu cabelo. Não estava contracenando com ninguém aqui, mas isso me fez sentir melhor. Com uma volta rápida, caminhei pelo saguão, olhando por todos os corredores e dando um *Olá* silencioso. Era tão estranho quanto achava que era, uma atriz que eu não era.

Fingindo que acabei, fui direto para a biblioteca. A sala estava escura, a única luz que vinha das janelas ao longo da parede. Estava claro o suficiente para não esbarrar em uma estante de livros, mas não o suficiente para explorar seriamente, então peguei meu telefone na bolsa e acendi a lanterna.

— Anuários, — murmurei, vasculhando as prateleiras enquanto avançava ainda mais na sala. — Onde estão os anuários?

Passei por prateleiras e mais livros de não-ficção, seguidos por algumas fileiras de ficção para infanto juvenil. Cinco fileiras ao longo da parede dos fundos continham uma antiga *Enciclopédia Britânica.* Meus pais

haviam comprado uma dessas quando eu era criança, vinte e poucos anos atrás, e estes pareciam ter mais ou menos essa idade.

Era um desperdício de um espaço perfeitamente bom para a biblioteca, na minha opinião. Essas filas não seriam mais adequadas, por exemplo, para os *anuários?*

— Droga. — Hora de desistir e tentar sair deste prédio. Samantha estava me esperando amanhã, então eu esperaria. É o que eu provavelmente deveria ter feito em primeiro lugar.

Eu contornei o último canto da sala, passando pela mesa do bibliotecário. Atrás, as prateleiras eram brancas, enquanto as outras na sala eram de madeira. Com um rápido movimento da minha lanterna, esperava encontrar dicionários e enciclopédias. Eu olhei duas vezes quando a luz pousou em livros altos e finos, a maioria com letras pressionadas por papel alumínio nos dorsos. Contendo o ano e *Clifton Forge High.*

— Bingo— Meu sorriso parecia insano.

Corri para as prateleiras, jogando a minha bolsa no chão enquanto caí de joelhos. Examinei as fileiras dos anuários dos anos em que Amina estaria no colégio. Puxei um período de seis anos das prateleiras e fiquei confortável no tapete.

O ano em que Amina seria caloura não tinha fotos dela, então mudei para o segundo ano e a encontrei imediatamente. Minha luz brilhou em sua foto escura da escola, com cabelos loiros na altura dos ombros. Fiel ao estilo da época, estava emoldurando seu rosto.

Eu toquei a página. Amina era linda. Seu sorriso era natural e brilhante, mesmo em preto e branco. Na página, a dela era de longe a melhor foto. De alguma forma, não tinha o constrangimento que seus colegas de classe não conseguiam esconder.

Meu coração apertou. Ela morreu agora, sua luz sufocada por um assassino cruel. Não era justo. A menos que provasse ser uma pessoa horrível, eu estava fazendo minha missão pessoal de homenagear Amina Daylee em meu jornal. Não era muito, mas era algo que poderia fazer pela jovem da foto.

E algo que poderia fazer por sua filha.

Eu virei a página, procurando as fotos com cuidado, esperando encontrar fotos dela envolvidas em clubes ou esportes ou...

— Invasão de domicílio? Não esperava isso de você.

Eu gritei quando a voz profunda atravessou a sala. Todos os músculos do meu corpo se contraíram, mantendo-se rígidos, enquanto Dash emergia do canto escuro onde estava escondido.

— Idiota. — Eu bati uma mão sobre o meu coração. Batia tão forte e rápido que senti batendo nos meus bulbos capilares. — Você me assustou.

— Sinto muito. — Ele levantou as mãos, embora seu sorriso traísse seu pedido de desculpas.

— Não, você não sente, — murmurei. — Deus, não gosto de você.

Ele seguiu em minha direção, aquelas pernas longas diminuindo a distância entre nós. Dash se moveu como se não estivesse com medo de ser

pego, o barulho de suas botas alto no espaço silencioso. Ocupou um lugar ao meu lado no chão, sua coxa quase tocando a minha.

— O que está fazendo aqui? — Eu me afastei. — Como é que entrou?

— Usei uma janela no vestiário das meninas na academia. — Ele balançou as sobrancelhas. — Costumava esgueirar-me muito lá no ensino médio.

— Nenhuma surpresa. — Fiz uma careta, ignorando a pontada de ciúmes.

Aquelas garotas do ensino médio provavelmente *adoraram* Dash. Sem dúvida, ele tinha feito algumas tatuagens naquela época e andado no estacionamento em uma Harley. Provavelmente tinha transado com a líder de torcida no vestiário das meninas, enquanto o namorado dela, o garoto mais gostoso do time de futebol, estava do outro lado do muro dos meninos.

— Por que está aqui? — Perguntei.

— Segui você.

— Claro que seguiu. — Revirei os olhos. Dado seu conhecimento da minha rotina, o homem deve estar me seguindo há semanas.

Ele se aproximou para olhar o anuário que eu estava analisando. Afastei mais um pouco, depois peguei os anuários na minha frente e os coloquei do meu outro lado, usando meu corpo como um bloqueio. Estes eram *meus* anuários, não dele. Mas antes que pudesse pegar o último, ele o pegou.

A única maneira de chegar lá era sentar no colo dele. Meu cérebro gritou *zona de perigo* e eu me afastei ainda mais.

— O que estamos procurando? — Ele perguntou, pegando seu anuário e folheando as primeiras páginas.

— Suas fotos, — brinquei. — Vou emoldurar e colocar na minha mesa de cabeceira.

— Realmente?

— Não.

Ele riu, folheando mais páginas.

— Fico feliz em ver que o sexo não entorpeceu seu espírito.

— Pelo contrário, eu o odeio ainda mais agora.

— Ai. — Ele agarrou seu coração. — Cruel.

— Não é mais cruel do que você me mandar embora ontem à noite como se eu fosse uma prostituta de cinco dólares. — Folheei o meu próprio livro, as páginas virando rápido demais para realmente ver o que havia nelas. Mas mantive meus olhos grudados na página para que ele não visse o quanto me magoou.

— Bryce. — Sua mão veio ao meu braço, acalmando meus movimentos. Eu encarei seus dedos longos no meu pulso, mas me recusei a olhar para o seu rosto. — Eu sou um idiota. A coisa toda... Isso me pegou desprevenido. E então você agiu como se não pudesse se afastar de mim rápido o suficiente. Sinto muito.

— Está tudo bem. — Afastei seu aperto. — Foi apenas sexo.

— Apenas sexo? Mulher, aquilo foi coisa de outro mundo.

Dei de ombros, não confiando em mim mesma com palavras. Quero dizer... *Ele não estava errado*. E deveria tê-lo odiado depois da noite passada.

Irritou-me muito que eu não fiz.

Voltando ao anuário, encontrei a seção de fotos do clube. Observei os rostos pequenos na abundância de fotos de grupos, fazendo o possível para ignorar o cheiro intoxicante da camiseta de Dash. Qualquer que fosse o sabão em pó que ele usava, acrescentava um cheiro fresco ao seu aroma naturalmente rico. A combinação era tentadora. Mesmo depois da noite passada, esse homem ainda me tentava.

Caralho.

Levantei minha lanterna para a página, olhando de soslaio para as pequenas fotos até encontrar o rosto de Amina na foto de grupo da turma do segundo ano. Seu cabelo estava maior que a foto anterior, mas o sorriso e o olhar despreocupado permaneciam.

— É ela?

Sua respiração tocou minha bochecha e virei o meu rosto para o seu perfil. Dash estava a um centímetro de distância, a uma curta distância de beijá-lo. Me inclinei, não confiando em mim mesma com sua proximidade.

— Essa é ela. — Torci para dar-lhe meu ombro e forçá-lo a se afastar.

Ele voltou ao seu próprio anuário, mas não se afastou. O calor do seu braço irradiava contra mim, me distraindo das fotos. *Foco, Bryce.* Estreitei meus olhos no anuário. *Foco.*

Eu estava aqui para encontrar informações sobre Amina. Dash era um incômodo e nada mais. Exceto pelo fato de que ele era responsável pela dor maçante no meu núcleo.

O som de virar as páginas era o único barulho na sala. Dash virou suas páginas no ritmo das minhas, até que ele parou.

— O quê? — Inclinei-me para olhar a página que ele tinha aberto.

— Nada. — Ele virou a página. — Acabei de ver uma foto do meu antigo vizinho. Não envelheceu bem.

— Oh. — Voltei ao meu livro, me afastando ainda mais.

Dash voou pelo resto de seu anuário, colocando-o no chão quando terminou. Então ele alcançou a prateleira atrás de nós e pegou um livro diferente. Este mais novo e mais grosso.

— O que você está fazendo?

Ele sorriu e folheou as páginas até encontrar o que estava procurando. Então, com o livro aberto, me entregou.

— Esse sou eu no meu último ano.

Encontrei Dash rapidamente na página colorida. Ele parecia mais jovem, e mais arrogante, se isso fosse possível. Eu me odiei por isso, mas o adolescente Kingston Slater era totalmente um bad boy.

Sua mandíbula estava mais definida agora, seus ombros mais largos. Os olhos de Dash tinham mais rugas nas laterais quando ele sorria. Perdido em seu rosto jovem, comparando suas diferenças com o homem com quem estive ontem à noite, pulei em um farfalhar de páginas e o zumbido de um

livro batendo fechado. Eu desviei meus olhos da foto no momento em que Dash se levantou do chão em um flash, o anuário que estava olhando descartado no chão.

— Você está indo?

Ele levantou a mão, acenando sem dizer uma palavra enquanto saía da sala.

Que diabos? Devo sair também? Olhei em volta, tentando descobrir se havia uma razão para o súbito desaparecimento de Dash, mas a biblioteca ainda estava silenciosa. Talvez tivesse ido ao banheiro. Talvez não quisesse estar sentado tão perto de mim também.

Descartei tudo, focando no que eu vim aqui para fazer. Além disso, devido ao seu comportamento recente, Dash voltaria a aparecer em breve.

Passei pelo resto do segundo ano de Amina e depois analisei seu último ano. Acabara de abrir a capa dura para começar seu último ano, o livro que Dash estava vendo, quando o chiado dos pneus me arrepiou a espinha.

Deixando o anuário de lado, fiquei de pé, rastejando em torno de uma das estantes para olhar pela janela. Um carro de polícia estava estacionado bem em frente.

Ao longe, vi Dash em sua Harley. *Observando. Esperando.*

Ou ele sabia que os policiais estavam a caminho e foi por isso que saiu. Ou...

— Ele não faria, — disse a mim mesma.

Não teria chamado a polícia para mim, teria?

Enquanto os policiais corriam para as portas da frente, respondi minha própria pergunta. *Claro que ele faria.*

Eu cerrei os dentes.

— Aquele filho da puta.

Capítulo 11

Dash

Voltei a dobrar a página que rasgara do anuário e a enfiei no bolso de trás. Não havia mais necessidade de encará-lo - eu havia memorizado a foto.

Quando estava sentada ao lado de Bryce e folheando aquele anuário, não tinha sido o rosto de Amina que chamou minha atenção.

Foi da mamãe.

Amina Daylee e mamãe estavam sorrindo lado a lado. O braço de mamãe estava em volta dos ombros de Amina. O de Amina estava na cintura da mamãe. A legenda abaixo da foto dizia *Inseparáveis*.

Elas eram amigas. Pelo jeito, melhores amigas. E, no entanto, nunca tinha ouvido o nome Amina Daylee antes. Papai sabia, mas ele não havia mencionado que Amina era amiga de mamãe. Classificou tudo isso como uma *história*. *Por quê?*

Por que não mencionou que Amina era amiga de mamãe? Eu tinha doze anos quando mamãe morreu. Também não me lembrava dela ter mencionado uma amiga chamada Amina. *Houve uma briga? Ou elas apenas se separaram?* Até que soubesse, guardaria essa foto para mim mesmo.

Papai resumiu com uma única palavra.

História.

Maldita história.

Nossa história iria nos arruinar.

Se Bryce não fosse a única a fazer perguntas, acabaria por ser outra pessoa. Fomos estúpidos ao pensar que poderíamos nos afastar dos Gypsies sem suspeitas. Nós fomos estúpidos em pensar que os crimes e os corpos que enterramos ficariam a sete palmos de terra.

Talvez esconder nossa história tenha sido um erro. Talvez a coisa certa a fazer seja contar a história, pelo menos as partes legais, mas contá-la. Exceto, sabia a história certa para contar? A foto no meu bolso de trás dizia o contrário. Dizia que não sabia nada da história.

— Dash? — A voz de Presley encheu a oficina. — Eu pensei que você tinha saído.

— Voltei. — Virei-me da bancada de ferramentas onde estava perdido em pensamentos. — Não estava com vontade de ir para casa.

— Estava apenas trancando. — Ela caminhou mais fundo na oficina da porta do escritório adjacente.

Os caras haviam saído cerca de vinte minutos atrás, com o trabalho feito para o dia. Mas Presley nunca saía antes das cinco. Mesmo quando a mandávamos para casa mais cedo, ela sempre se certificava de que o escritório estivesse aberto de acordo com a hora da entrada.

— Você está bem? — Ela perguntou.

Suspirei e me inclinei contra o banco.

— Não.

— Quer falar sobre isso? — Ela ocupou o espaço ao meu lado, batendo-me com o ombro. — Sou uma boa ouvinte.

— Inferno, Pres. — Coloquei um braço em sua volta, puxando-a para o meu lado.

Ela me abraçou de volta.

Mamãe era uma abraçadora. Sempre abraçava Nick e eu crescendo. Depois que ela morreu, os abraços pararam. Mas então Presley começou na oficina e não acreditava em apertos de mão.

Ela abraçava todos com aqueles braços finos. Sua cabeça veio apenas para o meio do meu peito, mas poderia dar um abraço apertado como se não se importasse com mais nada.

Presley era linda e seu corpo era magro e elegante, mas o abraço não era sexual. Nenhum de nós a via assim, nunca a vimos. Desde o dia em que começou aqui, ela se encaixou como uma família. E esses abraços eram o jeito dela de nos confortar. Conforto de uma amiga próxima que tinha um coração de ouro.

— Fiz alguma coisa. — Soltei um suspiro profundo. — Porra, sou um idiota.

— O que você fez?

— Você sabe que eu tenho seguido Bryce por aí, esperando poder fazê-la recuar nessa história. A ameacei. Isso não funcionou. Me ofereci para trabalhar com ela. Isso não deu certo.

Eu deixei de fora a parte sobre o meu plano de seduzi-la porque, do meu ponto de vista, foi ela quem me seduziu simplesmente respirando. E não ia falar sobre sexo, e não porque me envergonhava. Era o contrário. Parecia especial. No momento, queria guardar tudo para mim.

— Ok, — disse Presley, pedindo-me para continuar. — Então...

— Então eu, uh... — Soltei um suspiro profundo. — A fiz ser presa hoje. Ela entrou no colégio para olhar alguns anuários antigos. A segui, a deixei lá e chamei a polícia. Eles a levaram por invasão.

— Caramba. — Presley se encolheu. — Não gosto particularmente da mulher, principalmente porque parece determinada a provar que Draven é um assassino. Mas caramba, Dash. Isso é cruel.

Era cruel. E anos atrás, tinha sido minha norma. Tratava as mulheres como objetos. *Úteis. Descartáveis. Substituíveis.* Presley não tinha estado por perto durante os anos em que eu passei por mulheres como se trocasse de roupa. Ela apareceu mais tarde, quando eu diminuí a velocidade e fiz o meu melhor para me tornar um homem decente. Quando não era tão cruel.

Presley tinha começado na oficina, trazido seus abraços e nos suavizou.

Nós a deixamos nos suavizar.

— Você gosta dela, não gosta? — Perguntou. — E é por isso que se sente um idiota.

Não é uma pergunta que iria responder.

Tirando meu braço, virei-me para o banco e ocupei minhas mãos colocando algumas ferramentas de volta nos pinos pendurados na parede.

— Isaiah disse que seu senhorio está aumentando o preço do aluguel.

— Sim. — Ela foi junto com a minha mudança de tópico. — O contrato dele é mês a mês. Acho que o proprietário percebeu rapidamente que Isaiah era um bom inquilino. Acrescente a isso o fato de estar trabalhando aqui e a cidade inteira saber que pagamos bem. O proprietário está se aproveitando.

— Leve-o para o apartamento acima do escritório amanhã. Deixe-o olhar em volta. Se quiser ficar lá por um tempo, é dele.

— Ok. — Presley assentiu. — Está uma bagunça, mas vou perguntar. Quanto custa alugar?

— Ele limpa tudo, pode ficar lá de graça.

— Isso é legal da sua parte.

Dei de ombros.

— O cara precisa de uma folga.

Isaiah era um ex-presidiário. Encontrar um apartamento nunca seria fácil, algo que o proprietário provavelmente também sabia. Não era justo e definitivamente não era algo que Isaiah merecia. Ele não era um homem mau. Eu sabia como eram os homens maus, tinha um espelho. Isaiah foi preso por um crime muito menor do que muitos que cometi.

— O que você vai fazer hoje à noite? — Perguntei.

— Nada demais. Jeremiah tem que trabalhar até tarde, então vou jantar sozinha. Provavelmente vou assistir TV ou ler até ele chegar em casa.

— Hmm. — Fiz uma careta e abaixei meu queixo para escondê-lo dela. Não está bem, porque ela viu minha careta.

— Não, — ela retrucou.

— Não disse uma palavra.

— Você não precisa. — Presley fez uma careta. — Em algum momento, todos terão que aceitar que eu vou me casar com ele.

— Talvez quando ele comprar um anel para você.

Ela apertou as mãos nos quadris.

— Ele está economizando para isso. Não quer começar nosso casamento em dívida por causa de um diamante.

— Ele pegou o dinheiro, Pres.

— Como você sabe? — Ela respondeu.

— Um palpite.

Eu não diria a ela que investigamos Jeremiah. *Extensivamente.* Presley entrou no escritório uma manhã cerca de um ano atrás e anunciou que eles se casariam. Estavam namorando há um mês naquele momento e tinham acabado de ir morar juntos.

Mas a corrida para dar o nó parou no minuto em que Jeremiah ganhou o título de noivo. Começou a trabalhar até tarde. Passava cada vez menos tempo em torno de Presley. Todos nós reconhecemos o que ele estava fazendo. O homem nunca iria se casar com ela. A promessa de uma vida juntos era como a mantinha no controle e como vivia do dinheiro dela.

Nenhum de nós pensou que ele a estivesse traindo, mas ficamos observando.

Estávamos preocupados com ela. Mas sempre que explicávamos isso, expressávamos nossas preocupações, ela desligava. Ficava brava. Então tivemos uma reunião, papai, Emmett, Leo e eu. Todos concordamos em ficar de boca fechada até que eles definissem a data do casamento. Então nós interviríamos, porque não havia como ela se casar com o idiota. E depois que ele partisse o coração dela, revezaríamos com o nariz dele.

Eu estalei meus dedos. A antecipação de uma luta há muito atrasada trouxe de volta um sentimento familiar que eu tranquei quando encerramos as brigas na sede do clube. Às vezes realmente sentia falta da luta. *A agressão. A vitória.* Entrar no ringue e deixar tudo para trás.

— Eu vou levá-la para jantar, — ofereci.

— Tudo bem. Tenho sobras que precisam ser finalizadas. Vejo você amanhã.

Com um abraço de despedida, ela atravessou a oficina para a porta do escritório. Mas antes que ela desaparecesse, eu a parei.

— Pres?

— Sim?

— Sobre Bryce.

Ela me deu um pequeno sorriso.

— Você gosta dela.

— Sim, — eu admiti. *Eu gosto dela.*

E me senti culpado por tê-la feito ser presa. Me senti culpado por expulsá-la da oficina do jeito que tinha feito ontem à noite. Eu disse a mim mesmo que era a melhor coisa.

Claro que não pensava assim.

Pres acenou, me dando um pequeno sorriso.

— Boa noite.

— Noite.

Fiquei na oficina por um tempo depois que ouvi o carro de Presley se afastar. Havia muito trabalho a ser feito, mas o roer em meu íntimo continuava roubando meu foco. Finalmente desisti e fui embora.

Eu não tinha certeza de como, mas sabia que não seria capaz de dormir hoje à noite até que fizesse isso certo com Bryce. Ou pelo menos tentasse.

Minha primeira parada foi em sua casa. Todas as luzes estavam apagadas, então peguei a fechadura da garagem dela, apenas para encontrá-la vazia. Em seguida, fui até o jornal. Essa mulher era tão motivada, que não me surpreenderia se ela tivesse saído da cadeia e fosse direto ao trabalho para escrever uma história sobre a experiência. Mas as janelas do jornal também estavam escuras e o estacionamento estava vazio. Verifiquei a academia. O supermercado. A cafeteria.

Nada.

Fazia algumas horas desde que ela foi presa no colégio, dando-me muito tempo para sair de lá antes que ela percebesse que eu rasguei essa página do anuário. Os policiais deveriam tê-la deixado ir agora. Levaria uma

advertência e um sermão de Marcus. Nada mais. Isso deveria levar uma hora, no máximo. Então, onde ela estava?

Meu estômago revirou quando passei pelo colégio e vi seu carro. Estava no mesmo lugar que estava antes.

Significava que Bryce ainda estava na prisão.

— Merda. — Corri para a delegacia.

Imaginei-a sentada em uma cama em uma cela, furiosa. Ela provavelmente planejou meu assassinato dez vezes.

O estacionamento da delegacia estava vazio. Alguns carros de patrulha estavam estacionados ao lado de um prédio enquanto eu estacionava ao longo da calçada da frente, desligando minha moto para esperar.

E esperei.

Uma hora e meia se passou enquanto eu mexia no meu telefone. Tenho certeza de que as câmeras de vigilância e o policial que as observavam estavam se perguntando o que eu estava fazendo, mas ninguém apareceu. E ninguém entrou.

Merda. Ela estava aqui? Eu não tinha verificado a casa dos seus pais. Talvez eles tenham vindo buscá-la e ela tenha ido para lá. Eu verifiquei a hora no meu telefone pela centésima vez quando o sol começou a se pôr, a noite escurecendo. Bufei e xinguei baixinho, exatamente quando um familiar táxi amarelo entrou no espaço atrás de mim.

— Ei, Rick. — Acenei e caminhei até a janela do lado do motorista.

— Dash. O que você está fazendo aqui?

— Esperando para pegar alguém. Você?

— O mesmo.

Rick provavelmente estava começando seu turno. Ele dirigia sua própria empresa de táxi, Uber ainda não era uma coisa comum por aqui, e ganhava a vida decentemente transportando pessoas bêbadas para casa. Inferno, me pegou em mais do que algumas ocasiões.

Quais eram as chances de que mais de uma pessoa precisasse ser buscada na delegacia de polícia em Clifton Forge na terça-feira bem antes das coisas divertidas começarem nos bares? *Poucas.*

— Você está aqui por causa de Bryce Ryan?

— Uh, sim. Acho que esse foi o nome que a central me passou.

— Aqui. — Eu cavei no meu bolso, pegando minha carteira e puxei duas notas de vinte e entreguei a ele. — Eu a levo.

Ele assentiu e sorriu enquanto pegava o dinheiro.

— Ótimo. Obrigado, Dash.

— Vejo você por aí. — Bati no capô antes de sair do seu caminho. Suas luzes traseiras mal estavam no estacionamento quando a porta da frente da delegacia se abriu e Bryce saiu correndo.

— Ei, espere! — Ela acenou para o táxi, mas Rick já tinha ido embora. — Droga.

Bryce passou a mão pelos cabelos, os ombros caídos. Eles se endireitaram quando seus olhos pousaram em mim esperando na base da escada.

— Eu vou lhe dar uma carona.

— Não. — Ela começou a descer os degraus, seus passos pesados. — Vou andando.

— Venha. — Eu a encontrei quando ela alcançou o último degrau, seus olhos raivosos no nível dos meus. — Vou levá-la para casa.

— Fique longe de mim. Você me fez ser presa por invasão de propriedade. Fui algemada. Tive que tirar minha foto e impressões digitais. Eu fiquei na *cadeia.*

— Sinto muito.

— Não, você não sente. — Ela tentou me desviar, mas me movi mais rápido, bloqueando sua fuga.

— Bryce, — eu disse gentilmente. — Sinto muito.

— Você está realmente com tanto medo que eu encontre algo?

— Sim.

Minha resposta, e a verdade nessa única palavra, a pegou desprevenida. Ela se recuperou rapidamente.

— Eu não entendo você. Vem à minha casa e me beija. Então conserta a prensa do meu pai e pede uma trégua. Nós fazemos sexo. Você me expulsa. Me segue até o colégio e entra. Então chama a polícia para mim. É fogo ou gelo. Cansei.

— Olha, isso não faz sentido para mim também. — Desde o dia em que ela chegou à oficina, meu cérebro e emoções estavam todas distorcidas. — Tudo o que sei é que parece que não consigo ficar longe de você, mesmo sabendo que devo.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Esforce-se mais.

— Deixe-me levá-la ao seu carro.

— Em cima disso? — Ela apontou para a minha moto. — Não.

— Com medo? — Eu perguntei, provocando-a.

Os olhos dela se estreitaram.

— Nunca.

— Por favor. Estraguei tudo mais cedo. Sinto muito. Deixe-me pelo menos levá-la ao seu carro.

— Não. — Ela não iria se mexer, então decidi apelar para sua lógica.

— Não há mais ninguém. Você terá que andar quilômetros e está escurecendo. Rick provavelmente já está na próxima chamada. Suponho que não ligou para seus pais por um motivo. Vamos. É apenas uma carona.

Um grunhido saiu de sua garganta. Parecia *tudo bem.*

Desta vez, quando ela tentou passar por mim, eu a deixei passar. Foi para a moto, seus olhos observando o cromo e a tinta preta brilhante.

Eu a encontrei lá e subi na moto.

— Suba.

Se ela não tinha certeza, não deixava transparecer. Subiu atrás de mim, mudando de um lado para o outro até ficar firme. Então, colocou os braços em volta da minha cintura, tentando não segurar muito forte.

A sensação de seus braços em minha volta, a maneira como a parte interna de suas coxas abraçava meus quadris, apertando a cada volta, era quase tão boa quanto parecia em cima dela na oficina. A viagem para o colégio não era longa o suficiente.

Meu pau inchou enquanto percorríamos o caminho. Mais alguns quilômetros e teria sido impossível ignorar, mas entramos no estacionamento do colégio e no segundo em que parei, ela desceu da moto. O feitiço rompeu.

Ela foi direto para a porta do carro, pegando as chaves da bolsa e recusando qualquer contato visual.

— Bryce. — Desliguei o motor da moto para que ela pudesse me ouvir, para que ela pudesse ouvir a sinceridade em minhas palavras. — Eu sinto muito.

— Você me disse para não confiar em você, e deveria ter ouvido.

— Esse é o problema. Quero que você confie em mim.

— Então pode me atrapalhar mais ainda? — Ela girou, seus olhos brilhando. — Ou apenas me atrapalhar e ponto final?

— Para que possamos descobrir a verdade. Para saber quem realmente matou Amina.

— Eu. Não. Preciso. Da. Sua. Ajuda.

— Não, não precisa. — Passei a mão pelo meu cabelo. — Mas talvez... Talvez eu precise da sua.

Isso a fez parar. Bryce não era fácil. Ela era forte e dinâmica. Única. Via através da besteira como uma profissional, e a verdade era que confiava nela. *Por quê?* Não conseguia explicar isso. Mas confiava nela.

Nunca, nem uma vez, disse a uma mulher que precisava de ajuda. No entanto, aqui estava eu, dizendo isso a ela.

Eu chutei o suporte na minha moto e me sentei no banco para encará-la. Não podia ir até meu pai para obter informações; ele estava se escondendo demais. Ter uma nova perspectiva de Bryce poderia ser a única chance de sua liberdade.

Isso significava que era hora de contar tudo. De ser verdadeiro com ela. Para tentar conquistar sua confiança. Então saberia no que estava se metendo comigo.

— Vamos conversar. Sem conversa fiada. Sem segundas intenções. Apenas conversar.

Ela se encostou na porta.

— Tudo o que você diz é um jogo justo para o meu jornal.

— Não tudo.

— Então terminamos aqui. — Ela pegou a maçaneta da porta.

— Isso pode arruinar a vida de pessoas que merecem uma segunda chance. Você quer me destruir quando tudo acabar? Ótimo. Mas por eles, não posso deixar isso acontecer.

Emmett e Leo arriscaram suas vidas para ficar ao nosso lado quando fechamos o clube. Eles estavam construindo boas vidas. Vidas honestas. Desistiria da minha, mas não os trairia.

Bryce colocou as mãos nos quadris.

— Então, onde isso nos coloca?

— Responderei suas perguntas. Algumas coisas poderão ser registradas. Algumas ficarão de fora.

— E deveria acreditar em você?

Eu assenti.

— Sim.

— Como posso saber que será honesto?

— Porque me sinto um merda, — eu admiti. — Muitas pessoas não conseguem me irritar, mas você consegue. E me sinto culpado. Pelo que disse ontem à noite. Por ligar para a polícia hoje. Este sou eu dizendo que estraguei tudo. Pedindo mais uma chance.

Ela me lançou um olhar cauteloso.

— Você tem que saber que acho que isso é tudo mentira. Apenas mais um dos seus truques.

— Eu sei. — Suspirei. — Faça suas perguntas de qualquer maneira. Só não imprima as coisas que machucarão outras pessoas. De acordo?

A oferta pairou no ar, até que finalmente, ela me deu um único aceno de cabeça.

— De acordo. Quero saber por que você fechou seu clube.

— Oficialmente, nossos membros decidiram seguir direções diferentes. Papai e eu ficamos em Clifton Forge com Emmett e Leo. A maioria dos outros Gypsies se afastou. — Quando ela franziu a testa, levantei minhas mãos. — Eu sei que você provavelmente pensa nisso como esse grande evento, mas não foi. Isso aconteceu devagar. Um cara saiu por um motivo ou outro. Não colocamos ninguém novo.

— Atrito. Você está dizendo que fechou o clube por causa de desgaste?

— É a verdade.

Jet havia prospectado o clube no mesmo ano que eu. Ele se mudou para Las Vegas depois que conheceu sua namorada lá e agora dirigia sua própria oficina. Gunner havia se mudado para Washington para viver à beira-mar com o dinheiro que havia escondido ao longo dos anos. Big Louie, que era alguns anos mais novo que papai, comprou o boliche aqui na cidade e encontrava papai para tomar uma bebida no The Betsy toda quinta-feira.

Os outros haviam se espalhado como vento. Alguns chegaram a se juntar a outros clubes. Esses tinham doído, mas não culpamos os homens que queriam continuar vivendo a vida do clube.

— O clube mudou, — disse a Bryce. — Todos nós fizemos essa escolha juntos. Por unanimidade. — Eu sempre tive orgulho de colocar meu colete com o patch de Gypsy nas costas. Então, um dia, vesti o colete e não tive orgulho. Foi nesse dia que comecei a questionar tudo. — O que era, que tipo de homem nos tornamos, não tinha o mesmo encanto.

— E o que aconteceu? Que tipo de homem você era?

— Homens que faziam o que queríamos, porra. — Se alguém me irritasse, eu arrancaria alguns dentes. Se alguém machucasse um membro da nossa família, pagaria com a vida. — Nós éramos destemidos. Intimidadores. Não nos importávamos muito com a lei. E nós tínhamos dinheiro.

— Como você ganhou seu dinheiro?

— A oficina.

Ela fez uma careta.

— Não se esqueça com quem você está falando. Quinze anos atrás, havia rumores de que você tinha pelo menos trinta membros. Sua oficina pode ser legal, mas não estava mantendo tantas pessoas.

Não surpreende que Bryce tenha feito sua pesquisa. A mulher que me pegou completamente desprevenido, que chamou minha atenção, era mais afiada do que a faca enfiada na minha bota.

Na verdade, tínhamos mais de quarenta membros naquela época. Cerca de quinze tinham a idade do meu pai e quase todos estavam mortos agora. A expectativa de vida no clube não correspondia exatamente a expectativa padrão.

Mesmo sendo pequenos em comparação com outros clubes do país, éramos poderosos. Papai queria crescer e se expandir por todo o Noroeste. Ele teria feito se não tivéssemos decidido nos separar. Mas sua ambição fez com que nos tornássemos alvos.

Nossas famílias eram alvos.

— Confidencial? — Esperei que ela assentisse antes de continuar. — O dinheiro vinha da proteção às drogas. Às vezes, contrabandeamos as drogas nós mesmos, mas principalmente garantíamos que as mulas chegassem ao seu destino com segurança. Evitávamos que os caminhões fossem pegos pela polícia ou por outro traficante.

— Que tipo de drogas?

— Metanfetamina principalmente. Executamos o que quer que os fornecedores preparavam no Canadá. Um pouco de maconha. Um pouco de cocaína e heroína. Não sei o que mais havia, mas isso importa?

— Não. — A decepção em seus olhos fez meu estômago cair. — Acho que não.

Por ela, eu queria ser melhor. Fazer melhor. *Por quê?* Era a pergunta com a qual lutei desde o início. Mas havia algo, *essa mulher*, que me fazia querer deixá-la orgulhosa. E eu daria todo o dinheiro no meu cofre para não ver aquele olhar em seu rosto novamente.

— Foi assim que fizemos a maior parte do nosso dinheiro, — disse. — Era mais fácil anos atrás até que a patrulha da fronteira começou a reprimir. Poderíamos escapar pelas brechas porque Montana tem uma grande fronteira e eles não podem vigiar tudo.

— Então você trabalhou para traficantes de drogas?

Eu assenti.

— Entre outras coisas.

— Que outras coisas? Seja específico.

— Proteção. Uma empresa na cidade poderia nos contratar e garantíamos que eles não tivessem problemas. Garantíamos que seus concorrentes tivessem. Também tínhamos um circuito de luta ilegal. Era bem grande. Tínhamos lutadores vindos de todo o Noroeste. Nós organizávamos isso, alguns de nós brigavam, e o clube aceitava todas as apostas. Também ganhei muito dinheiro.

Se Emmett e eu tivéssemos ido contra o papai, ainda estaríamos disputando as lutas. Mas papai insistiu que tudo tinha que parar. Ele estava certo. Foi melhor assim.

— Não faz sentido. Se você ganhava um bom dinheiro, por que desistir?

— Não se pode gastar dinheiro na prisão, Bryce. E acontece que também ganhamos muito dinheiro com carros personalizados.

Ela analisou meu rosto.

— Isso é tudo?

— Sim. Desculpe desapontá-la, mas encerramos o clube por razões nobres. Não valia mais a pena colocar membros ou suas famílias em perigo.

— Em perigo por causa de quem?

— Clubes rivais. Antigos inimigos. E meu palpite é que um desses inimigos é o assassino de Amina.

Capítulo 12

Bryce

A vontade de me beliscar era esmagadora. Parte do meu cérebro tinha certeza de que tinha caído no sono na cama de pedra na cela da prisão e isso era tudo um sonho. Eu não podia acreditar que estava do outro lado de Dash no estacionamento vazio de seu colégio enquanto o sol se desvanecia à distância. A brisa fresca da noite de Montana soprava uma mecha de cabelo na testa de Dash. As copas das árvores verdes que ladeavam o colégio farfalharam ao longe.

Era quase sereno demais. Era quase bonito demais para ser real. Mas se isso fosse um sonho, não estava pronta para acordar. Com fome de mais, fiquei parada, observando enquanto ele se sentava encostado na moto e me contava sobre seu antigo clube.

Tudo isso pode ser uma mentira e outra traição. Enquanto eu ainda estava furiosa com Dash durante as últimas 24 horas, eu queria a história o suficiente para ouvir e fingir que, quando seus olhos brilharam, foi por honestidade.

Deus, eu fui estúpida. *Mas eu fui embora?* Não. Verdadeiro ou falso, eu lambi cada uma de suas palavras. Perguntas surgiram na minha cabeça mais rápido do que uma série de fogos de artifício Black Cat explodindo.

— Então você acha que um dos ex-inimigos do seu clube matou Amina?

Ele assentiu.

— São os mais prováveis. Alguém quer se vingar de papai. Eles esperaram até baixarmos a guarda. Ficou confortável. Tiveram a chance de indiciá-lo por assassinato.

— Quem?

— Provavelmente outro clube.

— Mas não existe mais os Tin Gypsies. A menos que seja mentira.

— Não, o clube acabou.

— Então, sem um clube, você não é mais uma ameaça.

Ele encolheu os ombros.

— Não importa. A vingança não se importa se estamos usando patch ou não. Alguém que quer o suficiente, vai esperar.

Isso era verdade. Quando a vingança consumia as pessoas, era inacreditável a paciência que eles podiam ter. Se Draven estava sendo incriminado, a pessoa responsável era inteligente. Esperaram, como Dash presumiu, até que os Slaters não estivessem preparados para enfrentar uma ameaça.

— Então você suspeita que foi outro clube. Qual? — Eu peguei alguns nomes em minha pesquisa. Havia um número surpreendente de gangues de motociclistas, ou pelo menos membros, que estavam em Montana.

— Nossa maior rivalidade nos últimos anos foi com o Arrowhead Warriors. Eles não eram tão grandes quanto nós, mas o presidente deles era e ainda é ambicioso. Sem medo de puxar um gatilho. Por um tempo, ele criou o hábito de ir atrás de nossos novatos, prometendo dinheiro e poder. Ele manipulava os mais fracos. Convencia os rapazes mais jovens a ingressarem no clube deles em vez do nosso.

— Você provavelmente não os queria de qualquer maneira.

Ele riu.

— Nada a ver conosco perder caras que não eram leais.

— O que mais?

— Os Warriors administravam suas próprias rotas de drogas, mas tínhamos relações com os maiores traficantes. Eles fizeram o que puderam para nos emboscar, esperando que os revendedores nos vissem como fracos e mudassem os parceiros de negócios. Nós retaliamos. Eles também. No final, era difícil saber exatamente o que havia começado tudo.

Os cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiaram.

— Quero saber o que significa retaliação?

— Não. — O toque de malícia em sua voz me fez tremer. — Mas o ponto de virada foi quando eles foram atrás da minha cunhada.

— O quê? — Eu ofeguei. — Ela está bem?

— Ela está bem. Eles tentaram sequestrá-la, mas tivemos sorte. A aplicação da lei local o interrompeu antes que as coisas piorassem. Mas era uma linha que nunca deveriam ter cruzado. Os membros faziam jogo limpo. Eles sabiam os riscos desde o primeiro dia. O mesmo fizeram suas esposas e namoradas. Quando as coisas ficavam ruins, trancávamos todo mundo. Mas Nick, meu irmão, nunca esteve no clube. Emmeline nunca deveria estar em perigo.

Era interessante como esses homens, esses criminosos, viviam de acordo com um código. Eles tinham limites. Embora eu acho que desde que Emmeline havia sido ameaçada, esses limites não eram exatamente sólidos. *Essa tentativa de sequestro teria sido noticiada?* Fiz uma anotação mental para checar os arquivos quando fosse trabalhar amanhã.

Os olhos de Dash baixaram para o asfalto.

— Papai era o presidente então. Algo sobre o sequestro de Emmeline ligou um interruptor nele. Acho que porque ele viu o quanto Nick a amava. Ele não queria custar ao filho a esposa. Não depois que já nos custou nossa mãe.

— Sua mãe? — Meu coração parou. Em todas as notícias que li sobre o clube, Draven e Dash, apenas algumas mencionaram a mãe de Dash. Segundo as histórias, ela foi morta em um trágico acidente em casa. Não houve menção ao envolvimento do clube ou aos detalhes em torno de sua morte. — Como?

Dash me deu um sorriso triste.

— Essa é uma história para outro dia.

— Ok. — Eu não iria pressionar. Não agora, quando isso claramente lhe traria dor. Ou quando arriscaria que a conversa terminasse.

— O tempo era tudo, — disse Dash. — Papai se aproximou do clube após a ameaça de Emmeline e perguntou a todos nós se consideraríamos sair do negócio das drogas. No ano anterior, todas as pessoas na mesa teriam dito *não.* Mas a patrulha da fronteira havia aumentado. Um punhado de caras havia sido preso e estavam cumprindo pena ou tinham acabado de sair. E ao mesmo tempo que Emmeline foi sequestrada, um dos nossos membros mais antigos, o pai de Emmett, foi assassinado.

Eu fiquei tensa.

— Assassinado? Por quem?

— Os Warriors. Nós lutamos por mais de dez anos. Esta não foi a primeira morte, do nosso lado ou do deles. Mas foi a gota d'água. Eles vieram ao The Betsy, onde estávamos bebendo uma cerveja, assistindo a um jogo de eliminatórias. Stone, esse era o seu nome, levantou-se para ir ao banheiro. Dois Warriors estavam esperando. O levaram para fora e, antes que qualquer um de nós soubesse que ele saiu, eles o jogaram de joelhos e colocaram uma bala entre seus olhos.

Eu estremeci, a imagem mental impossível de ignorar. E, meu Deus, pobre Emmett. Meu estômago torceu em um nó apertado. *Queria saber mais?* Eu sabia que a violência de que Dash falava não se limitava apenas aos

Arrowhead Warriors. Tinha certeza de que isso também se estendia aos Gypsies e a ele mesmo. *Ele também era um assassino?*

Definitivamente não queria a resposta para isso.

— Stone estava no clube desde o começo. — Dash falou para o chão, mas havia tristeza em seu olhar. — Ele e papai se juntaram na mesma época. Era como um tio. Stone me ajudou a arrumar minha primeira moto. Me deu camisinha quando fiz 14 anos e me disse para manter sempre uma no bolso. Neal Stone. Ele odiava seu primeiro nome. Era mais careca do que o traseiro de um bebê, então deixou crescer uma grande barba branca para compensar e depois trançou a maldita coisa. — Dash balançou a cabeça com uma risada silenciosa. — Merda, sinto falta daquele cara. Emmett chegou ao fundo do poço por um tempo. Não foi bom. Mas ele voltou ao clube. Fez as pazes com isso, ou tentou pelo menos.

— Eu sinto muito.

— Eu também. — Dash piscou algumas vezes antes de me olhar novamente. — De qualquer forma. O tempo estava do lado de papai. Aconteceram coisas ruins para nossos membros, nossas famílias, que nos fizeram querermos uma pausa. Todos entendemos. Estava na hora de mudar.

— Vocês se dissolveram.

— Não imediatamente, mas começamos a ir nessa direção. A primeira coisa que fizemos foi chegar a um acordo com os Warriors. O presidente deles sabia que haviam ultrapassado uma linha. Ele sabia que se a família

fosse justa, corriam o risco de perder alguns de seus entes queridos. Então concordamos com uma trégua.

— Você e suas tréguas, — murmurei.

Ele riu, o canto da boca subindo.

— Nós vendemos a eles nossas rotas de drogas. Garantimos que nossos revendedores fossem bons com isso e não os retaliassem. Ficamos sem drogas todos juntos.

— Simples assim?

— Sim. Sorrio toda vez que gasto esse dinheiro.

E eu estava supondo que havia muito disso. Provavelmente pilhas de dinheiro que escondeu debaixo do colchão ou enterrou no quintal.

— Depois disso, desvendamos o restante das atividades ilegais, — disse. — As brigas. Os pagamentos das empresas da cidade. Tudo isso. Só não valia o risco de acabarmos na prisão. Acabou tudo em cerca de seis anos.

— E então vocês se separaram.

Ele assentiu.

— Então nós terminamos. Poderíamos ter ficado em um clube jurídico, mas muita coisa havia mudado. E os Gypsies sempre teriam uma reputação. Não importa o que fizéssemos, as pessoas teriam medo. Esperavam o pior.

Isso fazia sentido. Embora não pudesse imaginar o quão difícil tinha sido dizer adeus a algo que tinha sido sua vida. O clube estava arraigado em todos os aspectos de seu mundo, em sua carreira. A sua família. Deve ter sido como cortar um membro, mas ele conseguiu.

Todos eles conseguiram.

Ficamos em frente um do outro, o único som vindo da brisa e alguns pássaros voando acima. Eu processei tudo o que me disse, esperando que fosse verdade.

Parecia verdade. *Era isso? Ele tinha confiado a mim sua história?* Era difícil não se emocionar com seu gesto de fé.

Meu instinto estava me dizendo que Dash não mentiu. E, por enquanto, isso era bom o suficiente, especialmente porque quase não era oficial. Podia ver agora, por que ele iria querer guardar seus segredos. Se tudo isso acontecesse, arruinaria a reputação que estavam tentando reparar. Isso poderia significar uma investigação mais profunda da polícia.

— Espere. — Minha cabeça inclinou para o lado. — Se vocês chegaram a uma trégua, por que os Warriors incriminariam Draven pelo assassinato de Amina?

— Boa pergunta. Pode ser que um de seus membros esteja agindo sem a permissão do presidente. Pode ser um dos nossos antigos membros que se juntou aos Warriors.

Espere, o quê?

— Você teve membros que deixaram os Gypsies e se juntaram aos Warriors mesmo depois que mataram o seu... — como eles se chamavam? — Irmãos?

Ele zombou.

— Sim. A vida de um mecânico honesto e trabalhador não é para todos. Esses caras tinham vinte e poucos anos. Atraídos pela vida do clube. Não foi uma surpresa tão grande.

— Acha que um ex-membro está incriminando Draven?

— Neste ponto, tudo é possível. Mas há cinco homens que foram para os Warriors. No momento, eles são meus principais suspeitos.

Se eu estivesse na posição dele, ficaria cautelosa também. Queria seus nomes, mas duvidava que Dash os desse para mim. Tive a sensação de que não seria convidada para uma reunião de clubes.

O silêncio voltou, os pássaros encontraram uma árvore ao longe para pousar e cantar. As informações rolaram repetidamente em minha mente, mas eu estava sem perguntas no momento.

— E agora? — Perguntei.

— Agora? — Ele se levantou da moto e se aproximou. — Agora você toma uma decisão. Pega tudo isso e decide a que profundidade quer ir. Acredita em mim ou não. Confia em mim ou não. Fica quieta ou não. Mas agora você sabe com que tipo de homens está lidando. Aqueles que guardam ressentimentos por anos. Aqueles que não têm limites. Os que não têm medo de ir atrás de uma mulher só porque ela está transando com um homem com o sobrenome Slater.

—Transamos. Passado.

Dash se aproximou, o calor de seu corpo afugentando o frio da brisa. Arrepios surgiram nos meus antebraços e eu os apertei com força em volta da minha cintura.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Passado?

— Você me prendeu. Tenho que ir ao tribunal amanhã. Definitivamente no passado.

— Hmm. — Ele levou a mão ao meu rosto, mas não tocou minha bochecha. Em vez disso, pegou uma mecha solta do meu cabelo e colocou-a atrás de minha orelha. Seus dedos roçaram-na, mas a leve pincelada foi o suficiente para enviar arrepios até os meus dedos.

Eu era patética. Passei horas em uma cela, mas aqui estava, ofegando sobre ele novamente.

— Foi por isso que me contou tudo isso? — Perguntei. — Para me foder de novo?

Dash balançou a cabeça, dando um passo para trás.

— Quer a verdade?

— Sabe que eu quero.

— Então me ajude. Ajude-me a encontrar.

Eu realmente faria isso? Confiaria nele? Não havia dúvida de que, se trabalhássemos juntos, qualquer história que contasse seria melhor. Mais profunda. Mais completa. E caramba, nós dois sabíamos o quanto eu queria essa história.

— Se você esconder algo de mim, algo que faça diferença ou me coloque em perigo, eu imprimo, — avisei. — Tudo isso. Seja oficial ou não. Arruíne ou não a sua vida e a de seus amigos, contarei ao mundo.

Isso poderia me custar o meu jornal. Eu teria que violar minha ética jornalística e nenhuma fonte provavelmente confiaria em mim novamente. E poderia até me custar a vida se esse ex-moto clube decidisse retaliar. Estava colocando minha integridade e meu trabalho em risco. Mas era a única vantagem que tinha sobre Dash.

Enquanto isso, imprimiria o superficial. Eu imprimiria as coisas que ele me disse que eram oficiais. E seguraria o resto.

— Eu quero dizer isso. — Enfiei um dedo em seu rosto. — Nada de esconder coisas. Não farei isso se não puder confiar em você.

Ele hesitou, com a mão no bolso, mas depois assentiu. Com uma volta, Dash caminhou até sua moto, jogando uma perna longa para montar na máquina.

— Temos um acordo? — Eu falei antes que ele ligasse o motor.

Ele me lançou um sorriso sexy.

— Combinado.

Revisar artigos de jornal antigos não era empolgante em um dia normal, mas hoje era como tortura. Não apenas as notícias de Clifton

Forge de décadas atrás eram excepcionalmente chatas, mas também incrivelmente incompletas.

Voltei trinta anos em busca de informações sobre a mãe de Dash. Quando fiz minha pesquisa anterior sobre os Tin Gypsies, eu me concentrei nas referências de clubes e nos associados aos membros importantes, como Draven e Dash. Eu não estava de olho no nome de Chrissy Slater.

Quando me deparei com o obituário afirmando que ela havia morrido em um trágico acidente, li e segui em frente. Mas a conversa da noite anterior despertou minha curiosidade.

Como ela morreu? Como exatamente foi a tragédia? Dash disse que era uma história para outro dia e, dada a expressão em seu rosto, não era uma história feliz.

Então eu fui procurar esta manhã. Talvez eu o livrasse de ter que reviver a morte dela, se pudesse ler sobre isso. Exceto que tudo o que encontrei durante esse período foi o obituário dela, que eu já tinha visto, e uma foto de Draven e seus dois filhos no funeral.

A dor de Draven consumia a foto, as mãos apoiadas nos ombros dos filhos. Draven não se parecia em nada com o homem confiante que eu vi ser preso. Seu corpo suportava o peso de mil pedregulhos, o rosto pálido. A foto era em preto e branco, mas eu jurava que seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar.

Dash e Nick eram muito parecidos quando crianças. Eu não tinha certeza da idade de Dash, talvez do ensino médio, mas ele parecia perdido. Nick era o oposto. Enquanto o irmão mais novo e o pai sofriam exteriormente, seu rosto não revelava nada. Nick não estava apenas perdido, ele estava com raiva. E agora fazia sentido porque ele não havia entrado no clube.

A punição de Nick em Draven era dar as costas ao estilo de vida de seu pai, mas como tinha sido seu relacionamento com Dash? Afastei esse pensamento, desenhando uma linha firme lá. A dinâmica da família de Dash não era da minha conta. Isso era muito pessoal. Muito íntimo. Esse era o problema dele, não meu.

Eu estava curiosa? Absolutamente. Mas se eu me deixasse atravessar, se me importasse muito, a pessoa que mais sofreria seria eu.

Eu não me importo. Eu não me importo. Eu não me importo.

Eu não posso me importar.

Minha tarefa era obter informações para escrever a melhor história possível. Eu falharia se me permitisse me envolver em sentimentos.

Não se tratava de Dash. Isso era sobre fatos. Era sobre Amina e encontrar seu assassino.

Dash estava tão certo da inocência de seu pai. *Eu?* Eu não tinha certeza. Ainda não. Mas a convicção de Dash era difícil de ignorar. Ele plantou dúvidas em minha mente que apareciam constantemente.

Como Dash reagiria se Draven fosse, na verdade, o assassino? Meu estômago deu um nó com a ideia do coração de Dash se partir.

Droga.

Eu me importava.

Terminando a sessão em nosso sistema de arquivos, fiz mais algumas anotações no meu bloco de notas. Enquanto procurava informações sobre Chrissy Slater, encontrei a maioria dos artigos que li anteriormente sobre os Tin Gypsies.

Foi interessante lê-los novamente, desta vez sabendo mais sobre a história deles. As histórias eram todas superficiais, o que não foi um choque. A menos que um dos membros do clube traísse seu segredo, ninguém de fora jamais saberia a verdade.

Mas eu sabia.

Até notícias rasas se encaixam no que Dash me disse ontem à noite. Talvez ele realmente tivesse me dito a verdade.

Talvez fosse um teste para ver se o trairia. Eu não faria. Ele conseguiria guardar seus segredos. Levaria todos eles para o túmulo porque tinha dado a ele minha palavra.

A menos que...

A menos que me enganasse. Então faria exatamente como prometido. Eu diria ao mundo todos os detalhes sórdidos e ele poderia apodrecer na prisão.

Na noite passada, quando cheguei em casa, passei horas escrevendo tudo o que ele me disse. Todas as informações estavam seguras no meu computador e armazenadas em backup em um arquivo em nuvem criptografado.

Se algo acontecesse comigo, papai teria acesso a essa unidade de nuvem por minha vontade.

Meu cérebro estava sobrecarregado com informações e deixei minha cabeça cair nas mãos, massageando minhas têmporas. Não conseguia parar de pensar em tudo o que Dash tinha me dito.

Era estranho que acreditasse nele? Que acreditei em cada palavra? Por quê? Porque nós fizemos sexo? Deveria ter sido capaz de manter distância. Mas o bastardo arrogante se esgueirou por baixo da minha pele. Não conseguia descartá-lo completamente, mesmo depois do golpe que ele fez no colégio.

Eu gemi. *Deus, eu era patética.*

— O que há de errado?

Sentei-me direito, girando com a voz de papai quando ele atravessou a porta da sala de imprensa e sentou-se em sua mesa.

— Nada.

— Hmm. Pensei que você estivesse chateada porque precisa ir ao tribunal em uma hora.

— Você ouviu? — Eu estremeci. Não tinha planejado contar a meus pais sobre minha prisão, mas deveria saber que eles descobririam. Era Clifton Forge, não Seattle. — Como?

— Você não é a única que fala com Marcus Wagner regularmente. — Papai balançou a cabeça, o mesmo movimento lento que me dava quando eu o desapontava. Essa decepção era dez vezes pior do que qualquer palmada que já recebi da colher de pau de mamãe. — O que estava pensando?

— Eu não estava, — admiti. — Foi estúpido.

— Sim, foi.

— Mamãe sabe?

Ele me lançou um olhar que dizia *o que você acha?* Meus pais não acreditavam em esconder as coisas, especialmente quando se tratava de sua única filha.

— Droga.

— Esteja pronta para uma repreensão severa. — Enquanto papai era o único a me dar um olhar decepcionado, isso era sua especialidade, sempre deixava os sermões para mamãe, porque esses eram dela. — O que está acontecendo na investigação de assassinato? O que posso esperar do jornal no Domingo?

— Neste momento, não será muito. A polícia não divulgou nada de novo.

— E o que você achou?

— Nada sólido. Ainda. — Assim que tivesse uma história para contar, papai seria o primeiro a saber. — É melhor eu ir ao tribunal. Não quero me atrasar.

Ele riu.

— Diga ao juiz Harvey que mandei olá.

Eu não disse olá ao juiz. Em vez disso, fiquei na frente dele e recebi um sermão que colocou trinta e cinco anos de sermão de mamãe em vergonha absoluta.

Felizmente, o sermão sobre minha responsabilidade como adulta e membro da imprensa foi o pior que recebi. O juiz Harvey me fez jurar sempre obedecer ao horário do colégio e pedir permissão antes de entrar em uma biblioteca, com o qual prontamente concordei. Meu castigo por invadir a escola foi cumprido o tempo, além do sermão. Foi sem dúvida o pior dos dois.

Limpa e pronta para uma noite sozinha, não voltei ao trabalho depois de sair do tribunal. Passei pelo supermercado e comprei ingredientes para fazer enchiladas[6] caseiras. Então pulei a academia e fui para casa.

Acabei de me convencer a dobrar o queijo na minha receita de enchilada, que se dane as calorias, precisava de queijo, quando entrei na minha rua. Todos os pensamentos sobre o jantar saíram pela janela. Uma Harley preta brilhante estava estacionada em frente à minha casa.

Seu dono estava sentado na minha varanda.

Entrei na garagem e saí do meu carro. Então carreguei meus braços com as sacolas de compras e caminhei até a porta da frente.

[6] Panqueca de milho, mexicana, muito condimentada.

— O que está fazendo aqui?

— O que há nas sacolas?

— Jantar.

— O suficiente para dois? — Dash se levantou e pegou as sacolas de plástico das minhas mãos, seus bíceps flexionando. As sacolas não eram pesadas, mas uma veia estalou em seu antebraço, deixando minha boca salivando.

Patética. Eu era patética.

Sexo com ele duas noites atrás me transformou em uma bagunça hormonal. Eu estava dolorida. Contorcida. Não conseguia parar de pensar naqueles dedos longos cavando minhas curvas. Aqueles lábios macios na minha pele nua. E seus olhos, aqueles olhos castanhos vibrantes que viam abaixo da superfície. Não podia estar perto dele e não pensar no que tinha acontecido na oficina. Se não estivesse tão furiosa ontem à noite, aquela carona em sua moto teria me levado perto de um orgasmo.

— Você acabou de se convidar para jantar? — Deslizei a chave na fechadura, na esperança de esconder minhas bochechas coradas.

— O que vai fazer?

— Enchiladas com queijo extra.

— Então sim, eu me convidei. — Ele seguiu atrás de mim até a cozinha, depositando as sacolas no balcão. Enquanto eu guardava as compras, olhou ao redor da minha sala de estar. — Lugar legal.

— Obrigada. O que está fazendo aqui? Além de invadir minha refeição.

— Você disse algo que eu não gostei ontem à noite.

— Sério? — Joguei um saco de queijo ralado no balcão. — E o que foi?

— Você disse 'Transamos. Passado.'

— Sim. — Impressionante, ele se lembrava palavra por palavra. — Seu argumento?

— Eu não gostei.

— Que pena. E eu não gosto de você.

— Huh. — Ele olhou pela janela da sala por um longo momento, as mãos plantadas nos quadris. Então acenou, observando seu copo e seguiu em minha direção. A temperatura na cozinha subiu vinte graus quando se aproximou. Ele não parou de andar até que estava ali, o calor do seu peito atingindo o meu como uma onda. Suas mãos emolduraram meu rosto com aquelas palmas ásperas e calejadas. — Gramática não é minha coisa.

— Não? — Minha respiração engatou quando sua boca caiu sobre a minha. — Eu amo gramática.

A respiração de Dash deslizou nos meus lábios.

— Você quis dizer isso?

— Quis dizer o quê? — A proximidade com ele fez meu cérebro entrar em curto-circuito.

— Única. — Ele deu um beijo suave no canto da minha boca. — Porque nós fomos explosivos naquela oficina. Você não está um pouco curiosa como seríamos em um quarto?

— Não, — menti.

Queria dizer que sim, mas meu orgulho estava em jogo aqui. Meu coração. Ele me tratou horrivelmente depois da conexão na oficina. *Mas era só sexo, certo?* Sexo casual. Não precisava significar nada. Porque não me importava.

Eu não ligo.

Meu corpo, por outro lado, se importava muito em ter um orgasmo decente, *não* induzido por si mesmo.

Dane-se. Sim, eu queria saber como seria o sexo em uma cama. Pressionei a minha mão na borda do balcão, preparando-me para aprofundar meu beijo em Dash. *Para deixá-lo.* Mas uma lufada de ar me forçou a abri os meus olhos quando Dash se afastou e saiu da cozinha.

Ele alcançou a camisa preta por trás da cabeça, arrancando-a enquanto caminhava pelo corredor que levava ao meu quarto.

Ele sabia que o seguiria.

Bastardo.

Capítulo 13

Dash

— Dash. — Tucker Talbot apertou minha mão. — Acalme-se.

— Tenha um bom dia, Tucker. — Acenei para o presidente do Arrowhead Warrior e subi na minha moto.

Papai deu a Tucker um último adeus, seguido pelo mesmo para os cinco homens que ele trouxe para a reunião.

Todos os homens que já estiveram no moto clube Tin Gypsy.

Os seis estavam ao lado de suas próprias motos, cada um usando seu colete. Na parte de trás dos coletes, o adesivo dos Warriors era costurado no couro preto. O design era uma ponta de flecha emoldurada pelo nome do clube e pelo ano em que foram fundados. Tudo em branco, simples e claro em comparação com a arte do colete dos Tin Gypsies.

Levei quase um ano para parar de procurar meu colete antes de sair pela porta. Aquele colete de couro tinha sido a peça de roupa mais importante que eu já possuí. Era estranho vir a uma reunião com outro clube e não tê-lo nas minhas costas.

Senti falta do seu poder. *Seu status.*

Em vez disso, estava vestindo uma jaqueta de couro preta que havia comprado no primeiro mês depois de guardarmos nossos coletes para

sempre. Estava muito quente para uma jaqueta, mas eu precisava de algo para cobrir a Glock no coldre ao meu lado.

Papai e eu fomos para longe dos Warriors e descemos a estrada. A cerca de 80 quilômetros do bar onde nos encontramos com Tucker e sua turma, papai saiu da estrada em uma pequena faixa ao lado de um campo aberto. Descemos de nossas motos e caminhamos até onde o asfalto encontrava a grama, olhando as árvores e as montanhas ao longe.

— Você acha que Tucker está dizendo a verdade? — Perguntei.

Papai suspirou.

— Não sei.

— Inteligente da parte dele trazer os caras. — Esperava que Tucker aparecesse com seu vice-presidente e sargento de armas. Em vez disso, trouxe os homens anteriormente leais aos Gypsies.

Tucker nos deixou perguntar à queima-roupa se eles tinham algo a ver com o assassinato de Amina. Nós os conhecíamos. Passamos um tempo andando ao lado deles. E quando cada um jurou que não tinha nada a ver com a armação para papai, nós acreditamos.

Aqueles cinco estavam fora da lista.

Tucker ainda tinha um ponto de interrogação por trás do nome.

Como os Warriors estavam no topo da lista de pessoas que gostariam de se vingar de papai por crimes passados, ele havia marcado uma reunião com Tucker.

Os Warriors estavam localizados em Ashton, uma cidade a cerca de três horas de Clifton Forge. Papai não podia ir lá sem violar a trégua, então todos nós nos encontramos em um bar na periferia de nosso condado. Era longe o suficiente da cidade para que os Warriors o vissem como um terreno neutro.

Tudo o que meu pai pediu foi uma reunião. Nenhuma explicação. Sem motivo. Não que Tucker precisasse de um. Ele estava nos vigiando melhor do que nós mesmos.

— Difícil dizer se Tucker estava mentindo, — disse papai. — Mas tem um bom argumento. Que motivo eles teriam para me incriminar?

Os Warriors estavam ganhando mais dinheiro agora com nossas antigas conexões com drogas do que nunca. Não estávamos nos matando mais. Eles estavam felizes que os Gypsies desapareceram. Tucker havia dito isso hoje.

— Não acho que ele correria o risco de nos irritar, nos fazer começar o clube novamente, — disse a papai.

— Nem eu.

— Quão leais acha que seus membros são hoje em dia?

Papai zombou.

— Considerando quanto controle ele tinha naquele dia? Não muito.

Se Tucker não foi o único a incriminar o pai, poderia ter sido um de seus membros. Não seria a primeira vez que um deles violaria ordens.

Os Warriors que tentaram sequestrar Emmeline estavam agindo por conta própria e sua própria estupidez. Esperavam obter alguma atenção do presidente voltando para o clube como heróis, arrastando Emmeline atrás deles. Exceto que não conseguiram pegá-la. E, em vez de dar um tapinha nas costas deles, Tucker havia mandado uma mensagem para seus membros.

Ninguém ia contra suas ordens.

Tucker entregou os homens que tentaram sequestrar Emmeline na porta da frente de papai. Os Gypsies haviam lidado com eles para sempre. Aqueles dois foram enterrados nas montanhas onde seus corpos nunca seriam encontrados.

Não sabíamos se a mensagem de Tucker havia sido recebida. Talvez outro idiota que quisesse se destacar também tivesse se tornado um traidor.

— Se foi um Warrior, provavelmente nunca saberemos, — disse papai. — Tucker não vai admitir que um de seus irmãos tenha desobedecido suas ordens. De novo não.

— Então, onde isso nos deixa?

— Inferno, se eu soubesse. — Papai olhou para a grama do prado rolando em ondas fáceis sob o vento suave. — O que está acontecendo com o repórter? Ela ainda é um problema?

Sim, ela era um problema. Não conseguia tirar a mulher da minha mente.

— Sim e não, — respondi. — Acho que a convenci a trabalhar conosco e não contra. Mas isso me custou.

— Quanto? — Papai pagava os proprietários de jornais anteriores por anos para imprimir apenas o mínimo.

— Não dinheiro. Uma história. Ela queria saber mais sobre o clube. Por que desistimos. O que fizemos. Algumas informações foram oficiais. A maioria foi extraoficial.

Papai se afastou da vista e colocou as mãos nos quadris.

— E confia nela para ficar quieta?

— Ela ficará. Ela é honesta.

Era a melhor maneira de descrever Bryce. Quando ela disse que algo estava fora do registro, não seria impresso. Fazia parte do seu código como jornalista. Enquanto mantivesse minha parte do acordo e dissesse a verdade, nosso relacionamento permaneceria mutuamente benéfico.

Não seria difícil de fazer. Aqueles olhos castanhos profundos olhavam para mim e a verdade era fácil de ver. Além disso, se tentasse mentir, ela veria através o meu papo furado. Aqueles olhos eram lindos. E espertos.

Depois que eu a fodi duas vezes na noite passada, Bryce adormeceu exausta e nua sob os lençóis, o cabelo sedoso sobre os travesseiros brancos. Os cantos de sua boca se levantaram levemente quando ela dormiu, e aquele pequeno sorriso tornou quase impossível ir embora.

Mas não passava a noite com mulheres. Acordar com elas dava-lhes ideias sobre comprometimento. *Alianças. Bebês.* Nada disso era para mim.

Deixei Bryce sorrindo em seu travesseiro, mesmo que houvesse tentação lá. O desejo de puxá-la em meus braços e segurá-la até o nascer do sol.

Foi uma coisa muito boa que eu fui para casa. *Foda-se a tentação.* Voltei para casa, caí na minha própria cama e olhei para o teto por algumas horas imaginando quando exatamente eu tinha ficado sob seu feitiço. O inferno era que sempre voltava ao primeiro dia.

Para ela ao sol, caminhando em minha direção na oficina.

— Há quanto tempo você está transando com ela? — Papai perguntou.

— Não muito tempo. — *Eu sou tão óbvio?* — Como soube?

—Eu não sabia. Mas eu sei agora. Isso é inteligente?

— Provavelmente não — admiti.

Seria muito mais seguro manter minhas relações com mulheres fáceis que param no The Betsy procurando uma distração de uma noite. Bryce não era nada fácil. Ela era forte. Ela me fez rir com sua inteligência e atrevimento. Ela me desafiou. E quando não estava me irritando, estava me excitando.

— A verdade. Ela chamou minha atenção e estou tendo dificuldades para me virar.

— Sua mãe era assim, — disse papai em voz baixa. Um pequeno sorriso surgiu em sua face. — Éramos crianças quando nos conhecemos na escola. Eu não pensei em nada dela. E era apenas mais uma garota no parquinho. Mas então ela entrou no ensino médio no primeiro dia do

primeiro ano. Estava sorrindo e usando este vestido amarelo, amava amarelo. Usava isso o tempo todo.

— Eu lembro.

— Uma espiada para ela e eu nunca desviei o olhar. — O sorriso desapareceu. — Deveria ter deixado ela ir. Deixá-la encontrar alguém digno.

Coloquei minha mão em seu ombro.

— Se mamãe estivesse aqui, ela chutaria sua bunda por dizer isso.

Papai bufou uma risada.

— Ela tinha tanto fogo. Eu esqueço isso às vezes. Deus, eu sinto falta dela. Todo dia. Sinto falta de brigar com ela. Sinto falta dela me dizendo para colocar minhas meias no cesto. Sinto falta dos biscoitos de chocolate que ela fazia todos os Domingos. Sinto falta do amarelo.

— Eu também.

O rosto de papai ficou tenso quando ele engoliu. Por trás dos óculos escuros, ele piscou furiosamente para afastar a emoção. Isso foi mais dele do que eu tinha visto em anos. Ele não falava muito sobre mamãe.

Um pouco mais desde Amina Daylee.

— Encontrei uma foto no anuário sênior dela. — Peguei minha carteira e puxei a página que eu dobrei e enfiei ao lado de uma pilha de vinte anos.

Essa foto era algo que eu escondi de Bryce. Eu quase contei a ela sobre isso quando estávamos conversando na outra noite, mas eu o mantive no meu bolso. Em breve, diria a ela e cumpriria minha promessa de

compartilhar. Mas isso estava muito próximo de casa. Antes de entregá-la a Bryce, tinha que obter algumas respostas do meu pai.

Talvez ele não me excluísse desta vez.

— Aqui. — Entreguei a foto. Se ele ficou surpreso, ele não mostrou. — Mamãe e Amina. Elas eram amigas?

— Melhores amigas, — ele corrigiu. — Você mal conseguia separar as duas.

— Elas tiveram uma briga?

— Amina se mudou depois do colegial. — Ele deu de ombros. — Eu acho que elas perderam contato.

— Você acha? — Mesmo se elas tivessem perdido o contato, você não acha que Amina teria pelo menos ido ao funeral de mamãe?

— Sim. — Papai dobrou a página e devolveu, encerrando esse tópico.

Sério? Ele era irritante. Papai tinha transado com essa mulher. Tinha que ter algum tipo de sentimento por ela. Tanto quanto eu sabia, Amina era a única mulher com quem ele esteve desde mamãe. Poderia insistir com isso por mais, mas seria inútil.

Ele já estava no próximo tópico.

— Liguei para alguns caras da cidade para ver se ouviram falar de alguém que gostaria de me incriminar. Ninguém tem ideia. O primeiro palpite deles foi sobre os Warriors.

— E os Travelers? — Dizer o nome desse clube azedava meu estômago. Meu ódio por eles duraria uma vida.

— Eles estão todos mortos.

— Você tem certeza?

Papai tirou os óculos escuros do nariz e nos cabelos. Seus olhos castanhos encontraram os meus para reforçar sua declaração.

— Eles estão mortos. Todos eles. Eu me assegurei disso.

— Tudo bem. — Eu acreditava nele. — Quem mais?

— Nenhuma maldita pista. Acho que tudo o que podemos fazer agora é esperar. Espero que alguém comece a falar.

— É isso? — Eu não podia acreditar que estava ouvindo isso. — Você está desistindo assim facilmente? Estamos falando da sua vida, papai. Sua liberdade.

— Talvez seja melhor assim. Talvez meus pecados finalmente tenham me alcançado e esteja na hora de pagar. Nós dois sabemos que mereço uma vida inteira atrás das grades. Se isso acontecer, não vou lutar.

Quem era esse homem? Não era o mesmo homem que jurou vingança contra os Travelers depois que eles mataram minha mãe. Este não era o homem que se vingara com extrema violência. Este não era o homem que se recusava a desistir.

— Está falando sério?

— Completamente. — Ele parou de lutar.

Eu balancei minha cabeça, acenando para ele enquanto caminhava para minha moto. Papai poderia estar desistindo, mas eu não estava.

A viagem a Clifton Forge foi rápida. Deixei o rugido do motor, o vento chicoteando meu rosto e os pneus batendo no asfalto absorverem parte da minha frustração com papai. Quando cheguei à Avenida Central, não me virei para ir para casa ou para a oficina. Continuei em frente, indo para o bairro tranquilo onde Bryce morava.

Ela tinha uma maneira de ver as coisas com novos olhos, uma perspectiva diferente, e eu queria que soubesse sobre o meu encontro com os Warriors.

Quando parei, ela estava na cozinha. Eu a vi através da grande janela sobre a pia. Toquei a campainha, passando a mão pelos cabelos quando os seus passos vieram na minha direção.

Não houve surpresa em seu rosto quando ela abriu a porta.

— Você novamente? Isso vai se tornar uma coisa normal?

O cheiro da cozinha flutuou para fora e eu olhei para ela.

— O que você está fazendo?

— Um assado. Cozinhei a carne na panela elétrica o dia todo.

Eu não tinha comido nada desde o café da manhã e meu estômago roncou. *Alto.*

Ela teve pena de mim, abrindo mais a porta e saindo do caminho.

— Entre. A cerveja está na geladeira.

Tirei minhas botas e a segui até a cozinha. Pegando uma cerveja, torci a tampa e fui para trás de Bryce no fogão, espiando por cima do seu ombro.

— Purê de batata?

— Espero que você goste de molho salgado. — Ela estava mexendo em uma panela. — Eu só faço molho salgado.

— Você não vai me ouvir reclamar. — Dei um beijo em seu ombro, aproveitando o arrepio que percorreu sua espinha. Ontem à noite, nos divertimos descobrindo os pontos sensíveis do outro. Esse era um deles.

Bryce virou-se para o fogão, passando a mão pelos meus peitorais para ajustar o polegar sobre o meu mamilo. Eu sorri, esse era um dos meus pontos sensíveis.

Meu estômago roncou novamente, insistindo no jantar primeiro. Ontem à noite, tivemos enchiladas perto da meia-noite. Mas hoje à noite, por mais que eu a quisesse nua, estava com muita fome para apresentar qualquer tipo de desempenho decente.

— Os pratos estão no armário ao lado da geladeira. Talheres estão nessa gaveta. — Ela apontou para a do lado da pia. — Nós vamos comer na ilha.

— Ok. — Eu arrumei a louça quando ela terminou de cozinhar e encheu meu prato. Dando uma primeira mordida, quase gozei no meu jeans. Não era melhor que suas enchiladas, mas era definitivamente igual. — Porra, isso é bom.

— Que bom que aprova.

— Continue me alimentando com comida assim e eu nunca irei embora.

— Então considere esta sua última refeição. — Ela sorriu. — O que você está fazendo aqui?

— Papai e eu nos encontramos hoje com os Warriors.

— Sério? — Seu garfo congelou no ar. — O que aconteceu?

— O presidente deles nos garantiu que não foram eles. Ele trouxe os cinco caras que deixaram os Gypsies para os Warriors. Deram sua palavra de que não tinham nada a ver com isso. Estou inclinado a acreditar neles. Ainda assim, poderia ter sido alguém agindo por conta própria, mas, a menos que apanhemos o cara, ninguém vai admitir.

— Interessante. — Ela girou o garfo no ar enquanto pensava sobre isso. — E agora?

Dei de ombros.

— Eu não sei. É por isso que estou aqui. O que acha?

— Hmm. — Ela deu outra mordida, pensando enquanto mastigava. — Se você não tem uma pista sobre quem pode estar incriminando Draven, acho que devemos continuar investigando Amina. Pelo menos descobrir por que estava aqui em Clifton Forge. Isso pode nos dar uma pista de quem saberia que ela estava na cidade. Poderia diminuir as possibilidades.

— Exceto que meu palpite é que o cara que a matou estava seguindo papai por aí. À espera de uma oportunidade para incriminá-lo.

— Verdade. Mas não acha que o jeito que foi morta era meio pessoal? Quero dizer, ela foi esfaqueada *sete* vezes. Como se ele a conhecesse.

— Talvez. Ou talvez fosse para parecer pessoal, já que era para parecer que papai fez depois de fazer sexo. — Ainda não era algo que gostava de imaginar.

— Também é verdade. Mas se você não tem pistas sobre quem poderia seguir seu pai, então não temos outra opção senão investigar a vítima.

— Sim. Acho que vale a pena tentar. — Peguei um pedaço de batatas e molho salgado da maneira certa.

Se não encontrássemos pistas para provar que meu pai era inocente, investigar a vida de Amina poderia pelo menos me dar mais informações sobre o relacionamento dela com mamãe.

Porque a resposta superficial do papai não iria resistir. Mamãe tinha sido o tipo de pessoa que puxava outras pessoas para sua vida. Ela não teria deixado uma melhor amiga se afastar. Algo tinha que ter acontecido, e o que quer que fosse, papai não iria dizer.

— Mais alguma coisa? — Perguntou Bryce.

Este seria o momento adequado para conta-la sobre a foto do anuário. Deveria confessar que roubei e a prendi antes que notasse, mas isso significaria uma briga. Esta noite, eu não tinha como lutar com Bryce. Não quando ela venceria.

Então, enfiei outra garfada na boca e torci muito para que ela não descobrisse antes de eu contar.

— Não. Isto é muito bom.

— Você já disse isso. — Ela sorriu.

— Vale a pena repetir. Eu não sou muito de cozinhar. Nunca aprendi. Mamãe adorava cozinhar para nós, e depois que ela morreu, papai não tomou seu lugar na cozinha. Nós comemos muito fora de casa e Nick ficou cansado disso, então ele aprendeu. Ele ficou muito bom. Quando ele se formou e se mudou, papai e eu voltamos a comer fora.

— Eu aprendi a cozinhar com minha mãe. Você a conheceu? — Quando balancei a cabeça, ela disse: — Não estou surpresa. Você não frequenta exatamente os mesmos lugares. Ela é mais do tipo de jogar jogos de tabuleiro nas noites de sexta feira do que cervejas no The Betsy.

Eu ri, terminando o resto da minha refeição.

— Obrigado pelo jantar. Novamente.

— De nada.

Nós dois levantamos ao mesmo tempo para pegar nossos pratos, mas eu a parei e os peguei da sua mão.

— Eu tiro os pratos.

— Eu não me importo.

— Descanse um pouco. Eu faço isso. — Fui até a pia e liguei a água. — Nick aprendeu a cozinhar. Eu aprendi a lavar.

— Como os Gypsies começaram? — Bryce perguntou atrás de mim.

Sorri olhando para um prato enquanto o enxaguava. Ela sempre tinha uma pergunta. Durante toda a vida, eu duvidava que ela pudesse perguntar a todos.

— Meu avô fazia parte de um pequeno clube da cidade. Formado principalmente pelos caras que gostavam de andar. Ele era dono da oficina. Construiu a partir do zero e era o ponto central do clube. Papai sempre soube que ele assumiria o cargo, mas planejara ir para a faculdade e sair de Clifton Forge por um tempo primeiro. Mas então meu avô morreu uma semana depois que papai se formou, então ele ficou para cuidar da oficina. Também entrou no clube.

Papai nunca foi amargo por não ter a chance de se afastar. Porque ele teve mamãe que estava mais do que feliz em ficar aqui, perto de sua família. Ela só queria estar onde papai estava.

— Um dos amigos de papai do ensino médio foi para a Califórnia. Stone, aquele cara de quem eu falei, pai de Emmett. Enfim, Stone ficou com um grande clube por lá. Não se juntou, mas deu-lhe ideias. Então ele voltou para casa em Montana e conversou com papai sobre se juntar ao clube aqui. Fazendo algumas mudanças. O Clifton Forge Motorcycle Club se tornou o Tin Gypsies. O resto é história.

— Então seu avô começou os Tin Gypsies?

— Tecnicamente. Embora a maioria dê crédito a papai e Stone. E realmente, Stone nunca quis ser o líder, por isso coube ao papai.

— Ele era o presidente?

Eu assenti.

— Durante todos os anos, exceto os cinco anos em que o cargo me pertenceu. Stone era seu vice-presidente, como Emmett era meu.

Papai me disse uma vez que ele e Stone não pretendiam que os Gypsies ficassem tão grandes. As coisas haviam se aprofundado mais do que eles esperavam. Mas a oficina nem sempre dava muito lucro. Stone também trabalhava como mecânico e os dois tinham famílias para alimentar. Seus irmãos no clube também precisavam de dinheiro, então ele tomou decisões, certas e erradas, para tornar melhor para todos os homens.

Que eu saiba, papai não se arrependeu de nada até mamãe ser assassinada. E então, era tarde demais. Ele se perdeu na raiva e vingança.

— Onde você conseguiu o apelido Dash?

Coloquei um prato na máquina de lavar louça.

— Mamãe. Ela me chamava de Dash desde que me lembro, porque nunca parei de correr. Só era chamado de Kingston quando estava em um grande problema. Quando criança, nada era rápido o suficiente. Quebrei um braço correndo com minha bicicleta ao redor do quarteirão quando tinha sete anos. Nick me construiu um carrinho de rolimã quando eu tinha dez anos e desativei os freios. Sempre estas merdas. Tudo o que conseguiu foi me fazer a usar capacete.

— Eu não sabia que estava dormindo com um viciado em adrenalina. — Ela riu. — Quer outra cerveja?

— Depende. Estou voltando para casa cedo?

— Antes de responder a isso, tenho mais uma pergunta.

— Claro que sim. — Coloquei o último prato, depois a encarei. — Manda ver.

— O que é isso entre nós?

— Sexo. — Sorri. — Realmente ótimo sexo.

— Você acha que devemos definir um pouco, de... Limites?

— Limites. — Eu arqueei uma sobrancelha. — Como anal?

— Não. Meu Deus. Você é um homem. — Ela riu, revirando os olhos. — Não limites sexuais, embora tenha alguns. Quero dizer limites para este encontro que estamos tendo. Suponho que você não esteja procurando nada sério.

— Não.

— Está bem então. Limites.

— Que tal continuarmos até ficarmos cansados um do outro? Então terminamos. — Embora, dependendo dos seus limites sexuais e se o sexo esquentasse mais, se isso fosse realmente possível, não me cansaria de Bryce tão cedo. — Combinado?

— Combinado. — Ela deslizou do banquinho, vindo lentamente em minha direção. — Deveria saber, ver você lavando a louça é realmente sexy.

Meu pau estremeceu quando ela entrou no meu espaço, passando as mãos no meu peito.

— Talvez eu fique por aqui hoje à noite. Deixe você me preparar o café da manhã. Então lavo sua louça novamente.

— Não faço café da manhã.

Dei um beijo em sua boca e corri minha língua ao longo de seus lábios.

— Eu realmente não estava falando sobre lavar mais pratos.

Ela sorriu contra a minha boca.

— Então eu acho que você pode ficar.

Capítulo 14

Bryce

— Ugh. Onde está? — Eu vasculhei o cesto de roupa suja perto da secadora, procurando a camisa verde que eu queria vestir. Não eram menos de cinco toalhas ou minha impressionante coleção de meias desdobradas que nunca pareciam ser combinadas.

Abandonando a cesta próxima à máquina de lavar, procurei, mas voltei de mãos vazias. Não estava em um dos muitos cabides vazios no meu armário. Verifiquei todas as três cestas aqui na lavanderia. O único outro lugar que poderia ser era a própria secadora. Vestindo apenas meu sutiã e calça jeans, me ajoelhei na frente da máquina e comecei a procurar.

— O que está fazendo?

— Merda. — Eu pulei com a voz de Dash, segurando meu coração. — Você me assustou.

— Desculpe.

— Tanto faz. — Continuei procurando, ainda irritada com ele por me manter acordada a noite toda. E não de um jeito bom. — Você ronca.

Seu peito tremeu com uma risada silenciosa.

— Mais uma vez, desculpe.

Dash bocejou enquanto se apoiava no batente da porta, vestindo apenas uma cueca boxer preta. Seus olhos estavam sonolentos e seu cabelo uma bagunça. Minha boca ficou com água na pele deliciosa em exibição.

Era realmente difícil ficar brava com ele quando parecia assim de manhã. Talvez uma noite sem dormir tivesse valido a pena pela vista da manhã.

O abdômen tanquinho merecia aplausos diários, bem como o V dos seus quadris. Suas coxas fortes sob a costura daqueles boxers, forçando o elástico ao redor do músculo esculpido. Seus braços estavam cruzados, evidenciando seu vigor e suas veias serpenteavam por seus antebraços. Adicione as tatuagens e eu não estava mais tão irritada com o ronco.

Em um braço, havia uma caveira adornada com arte, metade do rosto era detalhada com joias ciganas, enquanto o outro dava a ilusão de metal. Ambos os antebraços tinham tons de preto diferenciados. E no outro braço, um retrato em preto e branco de uma mulher sorrindo.

Nós não tínhamos conversado sobre suas tatuagens, mas sabia que o retrato era de sua mãe.

Aquela não era sexy, mas derreteu meu coração. Este homem dormiu na minha cama. *Quando foi a última vez que eu literalmente dormi, ou tentei dormir, com outra pessoa?* Fazia séculos desde que meu colchão sentia o peso de duas pessoas.

Dash também dormiu como se estivesse morto. Menos o ronco. Esta manhã, tirei seu braço das minhas costas nuas e deslizei para fora da cama, e ele não se mexeu.

Eu só tive um pequeno surto no chuveiro. Era esperado, já que estava basicamente dormindo com o inimigo e Dash não era exatamente um material de relacionamento de longo prazo.

Recusei-me a me apegar.

Sexo. Apenas sexo.

Estava me lembrando repetidamente, porque se não mantivesse esse pensamento circulando em meu cérebro, esqueceria que Dash não era confiável. Pior, eu desenvolveria sentimentos mais perigosos do que os que já estão se formando.

Eu não podia permitir sentimentos profundos ou conexões. Sim, era reconfortante acordar com seus dedos longos espalhados na minha pele. Ele me tocou a noite toda. Quando mudava ou me movia, sua mão sempre me encontrava. Mas não precisava disso de Dash. Se precisasse de algum conforto, daria um abraço na mamãe.

Dash e eu estávamos trabalhando juntos para encontrar informações. Estávamos curtindo o corpo um do outro à noite. Foi aí que coloquei limites. Quando encontrarmos o assassino de Amina, ou se as evidências apontassem para Draven e Dash aceitasse que seu pai era um assassino, esse caso terminaria.

Não iria me acostumar com Dash roncando na minha cama. Não estava contando com aquele corpo delicioso e a pele bronzeada por muito tempo. Não iria admitir o quão adorável era vê-lo praticamente cair no sono, enquanto estava na entrada da minha lavanderia, me vendo procurar uma camisa.

Observei mais atentamente a secadora, meus olhos capitando a sombra verde do que eu estava procurando.

— Bingo. — Arranquei sorrindo e passei a camisa por cima da minha cabeça. A frente era de gola V, solta, mas não drapeada. E o bonitinho bolso sobre um dos meus seios, adicionava alguns detalhes.

Quando olhei para cima, os olhos de Dash estavam abertos e trancados naquele bolso.

— O que vamos fazer hoje? — Ele perguntou, passando a mão no rosto. A barba por fazer em sua mandíbula era grossa, quase uma barba. Eu gostava de barbas.

— Nós?

Ele assentiu.

— É sexta feira.

— Sim. Será o dia todo. Então?

— Então, é sexta-feira. Eu não preciso ir para a oficina. Vamos fazer algo.

— Algo, — repeti a palavra. *Ele acabou de me convidar para um encontro? O que aconteceu com o sexo apenas durante a investigação?* Passar o dia juntos,

em plena sexta feira, era algo que um casal faria. Não éramos um casal, embora, não iria dizer não a um dia reservado para transar com Dash.

— Sim. — Ele encolheu os ombros. — O que você faria em seguida para investigar Amina?

Oh. Certo. *Amina.* Não era sobre sexo ou passar um tempo comigo no dia de folga dele. Tolice a minha. Hora de voltar aos trilhos.

— Quero saber por que ela deixou a cidade depois do colegial. Onde esteve. Por que voltou para Clifton Forge e por que ligou para o seu pai.

— Ok.

Eu fiquei de pé e brinquei com ele quando saí da lavanderia.

— Eu estava voltando para o ensino médio e terminando de checar os anuários. Você sabe, aqueles que estava olhando na biblioteca quando você chamou a polícia.

— Quanto tempo vai jogar isso em mim? — Ele me seguiu até a cozinha, com os pés descalços.

— Para sempre. Lembra? Eu não gosto de você.

— É bom saber. — Dash riu e acenou com a cabeça na minha caneca de café. — Tem mais daquele café?

— Claro. — Peguei uma caneca, colocando-a sob a minha cafeteira e com um refil, eu o encarei. Entre nós estava a ilha, impedindo-me de alcançar aqueles braços tatuados. Eles eram... *Ugh.* Tentadores. Tão irritantemente tentador e ele realmente precisava se vestir.

— Você quer vir comigo para o colégio? — Eu perguntei, entregando a ele sua caneca cheia. Talvez se levasse Dash, seria mais fácil enfrentar Samantha na recepção da escola. Estava completamente envergonhada de encará-la novamente depois de ser presa. Um ajudante, especialmente um tão perturbador quanto Dash, poderia tirar um pouco do foco em mim.

— Hum... Talvez. — O vinco entre as sobrancelhas se aprofundou quando ele tomou um gole do café. — Você sabe onde ela está morando? Bozeman, certo? Foi o que seu artigo disse.

— Sim. — Eu recebi essas informações do delegado Wagner quando ele me deu o relatório preliminar sobre Amina junto com o nome dela.

— Vamos pular o colégio. Faremos uma viagem, em vez disso.

Estava pensando em uma viagem a Bozeman de qualquer maneira. Duraria duas horas a viagem de ida e, dependendo do que descobrirmos, levaria o dia inteiro. Já havia entregue meu conteúdo para o jornal deste Domingo e estava à frente na quarta-feira. Se fosse escrever algo sobre Amina na edição da próxima semana, precisaria obter novas informações em breve.

— Tudo bem. — Balancei a cabeça. — Mas ainda gostaria de dar uma passada no colégio.

— Por quê? Provavelmente não vamos encontrar muito lá de qualquer maneira.

Provavelmente encontraríamos mais algumas fotos antigas e, embora elas pudessem lançar luz sobre a adolescente Amina, era mais importante conhecer a pessoa em que havia se tornado quando adulta.

— Sim, provavelmente está certo. Podemos não ir ao colégio e pegar a estrada. Preciso enviar uma mensagem ao meu pai, avisando que não irei ao trabalho hoje e então, podemos ir.

— Bom. — Ele sorriu. — Se importa se tomar banho?

— Vá em frente. As toalhas estão no armário alto.

— Quer se juntar a mim? — Ele piscou.

Eu ignorei a onda de calor entre as minhas pernas.

— Nós não temos tempo.

— Querida. — Ele colocou a xícara na ilha e caminhou em minha direção, seus passos lentos e constantes aumentando meu ritmo cardíaco a cada passo. Agarrei a borda da ilha e rezei para que meu corpo não derretesse aos seus pés. Quando ele falou, sua voz era áspera, como as pontas dos dedos que ele colocou no meu cabelo. — Há todo o tempo do mundo.

— Deveríamos ir. — Não havia convicção por trás dessa declaração.

— Amanhã, não tome banho sem mim.

De repente, desejei que fosse amanhã.

Com um puxão brincalhão na minha orelha, Dash soltou a mão do meu cabelo e saiu da cozinha. Dessa vez, seus passos foram certeiros e rápidos. Os de um homem pronto para começar a trabalhar.

Fechei os olhos e esperei meu batimento cardíaco normalizar, depois, preparei para nós xícaras de café para levar na viagem, enquanto a água corria no banheiro.

Dash estava a poucos metros de distância, nu e molhado. Descarreguei a máquina de lavar louça para não chegar perto do banheiro. Então eu preparei minha bolsa para a viagem, pegando os blocos de notas extras que eu não precisaria para esta história. Sentei-me na ilha, bebendo meu café até Dash sair vestindo as roupas de ontem e seu sorriso arrogante.

— Aqui. — Estendi uma caneca de viagem.

— Não há porta-copos na moto.

Eu pisquei.

— Hã?

— Porta-copos. — Ele foi até a porta da frente para calçar sua bota. — Minha moto não tem.

— Bem, então é bom que eu vá dirigindo. Meu carro vem equipado com porta-copos.

Dash se endireitou.

— Vamos de moto.

— Não, eu vou dirigir...

— Querida, a moto é divertida. Confie em mim.

— Você me disse para não confiar em você.

Ele sorriu.

— Faça uma exceção. Andar por Montana no verão é imbatível.

— Tudo bem. — Enfiei a caneca de café em sua barriga e inclinei a minha para os meus lábios, porque não queria arriscar adormecer na moto.

— Isso foi mais fácil do que pensei que seria. — Ele tomou um gole longo de seu próprio copo.

— Cale a boca. — *Eu secretamente queria andar em sua Harley?* Sim. Mas eu morreria antes de admitir isso para ele.

Coloquei minha xícara na ilha e comecei a tirar o essencial da minha bolsa e carteira. *Dinheiro. Cartões de crédito. Carteira de motorista. Brilho labial. Laço de cabelo. Chiclete. Telefone.* Os jeans que usava eram justos e os bolsos não guardavam tudo, então o laço de cabelo ficou no pulso. A goma, dinheiro e cartões no meu jeans. Mas os outros itens ainda precisavam de um novo lar.

Eu olhei para Dash e sorri. Então me mudei para o seu espaço, agradável e perto. Meus dedos engancharam no bolso de seu jeans, abrindo-o enquanto sua respiração engatava. Com minhas coisas colocadas no bolso dele, dei um tapinha em sua coxa antes de me afastar.

— Tudo pronto.

— Cuidado. — Dash apertou o zíper, fazendo um ajuste flagrante em seu pênis. — Posso fazer você entrar lá para recuperá-los.

Meu núcleo apertou.

— Eu posso insistir.

Lá fora, o ar da manhã estava fresco e limpo. Nós caminhamos para a moto de Dash e ele sentou no banco molhado primeiro.

— Suba.

— Capacetes? — Eu não me importava quando era apenas um passeio lento pela cidade. *Mas a rodovia?* Estava insistindo em um capacete.

Dash abriu a boca para protestar, mas parou quando viu o olhar no meu rosto. Estava supondo que era parte medo, parte emoção.

— Por favor?

Ele suspirou.

— Vamos parar na oficina e pegá-los.

— Obrigada. — Me acomodei no assento, envolvendo meus braços em volta de sua cintura. Então ele ligou a moto, afastando-se do meio-fio e descendo a rua.

Para meu alívio, a oficina não estava aberta quando chegamos. Não estava pronta para aparecer na moto de Dash e receber olhares questionadores de seus funcionários sobre o motivo de estar envolvida com o chefe deles. Com a maneira como correu para pegar um capacete, imaginei que ele não estivesse pronto para abordar nosso relacionamento com seus funcionários também.

Depois que Dash insistiu que eu usasse sua jaqueta de couro e afivelasse o capacete preto fosco na minha cabeça, recusou um para si, saímos da cidade. A manhã clara fez mais para me manter acordada do que o café jamais pôde, e foi emocionante estar atrás de Dash enquanto ele navegava pela estrada curva.

Senti a mudança em seus músculos quando ele nos inclinou para um lado ou para o outro. O seu poder e a máquina entre as minhas pernas. Algumas vezes, ele soltava o guidão com uma mão para segurar minha coxa, aqueles dedos compridos apertando-a para garantir que eu estivesse bem. Eu apertava meus braços em torno de suas costelas em um silencioso *sim*.

A familiaridade da minha cidade natal me envolveu quando chegamos a Bozeman. Essas eram as ruas onde eu aprendi a dirigir. Passamos na minha escola e no restaurante onde sempre comemorávamos os aniversários de papai. Andamos por lojas e prédios que não estavam lá durante a minha juventude, as mudanças que eu não vi por morar na cidade.

Eu sempre imaginei voltar aqui e ter uma família. Esperava um dia retornar a Bozeman e ir à procura de casas com meu marido. Queria mandar meus filhos para a mesma escola onde eu tinha ido.

Estar aqui era agridoce. As memórias rodavam junto com os sonhos agora desaparecidos. Uma pontada de tristeza me atingiu e a afastei, não querendo pensar na minha falta de marido e filhos.

Quando chegamos a um cruzamento, apontei para Dash virar à esquerda. Então naveguei pela cidade e em direção ao endereço de Amina. Eu o peguei de registros públicos um dia e o anotei no meu bloco de notas amarelo, em preparação para esta viagem.

Dash diminuiu a velocidade nas ruas residenciais enquanto meus olhos examinavam as frentes da casa em busca de números.

Apontei para uma casa de dois andares de pêssego suave.

Estacionamos e desci da moto primeiro, removendo meu capacete. Dash simplesmente se levantou e passou a mão pelos cabelos para domar a bagunça pelo vento. Dois golpes e parecia perfeitamente desgrenhado. Puxei meu cabelo para fora do meu pulso, torcendo minha juba em um nó.

— Esta era a casa dela? — Dash apontou para o seu lugar.

— É fofa. — Sua casa estava localizada em um parque infantil. Rodeado por cinco casas quase idênticas, o parque tinha duas mesas de piquenique e um playground para as crianças. O quarteirão formava uma ferradura ao redor do parque. Em frente à casa de Amina, havia uma placa de *venda* recentemente afixada na grama verde. — Não esperava que já estivesse à venda.

— E agora? — Dash perguntou.

— Agora— estendi minha mão — você me dá meu telefone e vamos procurar casas.

Uma ligação para a corretora de imóveis e ela estava a caminho para nos mostrar a casa.

— Não perderam tempo colocando isso no mercado, — disse Dash, sentados à mesa de piquenique, esperando o corretor de imóveis.

— Não é como se ela estivesse voltando. Tenho certeza de que a filha ou quem quer que esteja instalando a propriedade quer comprar no verão, para vender antes do inverno.

— Sim. Lugar legal.

— Com certeza é. Tudo isso é novo quando cresci aqui. Tudo isso costumava ser terra agrícola.

Essa subdivisão estaria na minha lista curta como mãe. Era exatamente o tipo de lugar em que eu gostaria que meus filhos crescessem, onde conhecíamos os vizinhos e as crianças brincavam juntas nas tardes de sábado.

Minha casa em Clifton Forge era uma casa térrea, como todas as outras da rua. Meu quintal era mínimo. A Associação de Proprietários cuidava da remoção de neve das calçadas. Quando me mudei, soube que era a pessoa mais jovem do quarteirão, cercada por casais idosos e um viúvo aposentado.

Como a nova solteirona da rua, me encaixei bem.

Uma porta de carro foi fechada e a corretora de imóveis que eu tinha ligado, sorriu e acenou quando veio em nossa direção.

— Olá.

— Oi. — Sorri. Dash e eu levantamos, e quando estávamos de pé, deslizei minha mão na dele. O braço preso enrijeceu.

É bom saber como ele se sente sobre segurar as mãos. Não havia tempo para deixar isso me irritar, porque a corretora estava andando apressada, com a mão estendida o tempo todo.

Após as apresentações, ela nos levou para dentro de casa.

— Seu tempo é perfeito. Colocamos isso no mercado ontem à tarde. Este bairro é tão desejável agora. Vai vender rápido.

— É adorável. — Sorri para Dash, fingindo ser o casal feliz. Quando a corretora de imóveis se aproximou da porta, apertei seus dedos. — Você simplesmente não ama esta varanda, querido?

— Uh...

Esse cara. Eu segurei sua mão e seu cérebro entrou em curto-circuito. Revirei os olhos e falei:

— *Fingindo.*

— Certo. — O braço tenso de Dash relaxou. — É perfeito, querida.

A corretora de imóveis levantou-se e empurrou a porta para nos deixar entrar primeiro. Então ela acendeu as luzes atrás de nós quando nos deixamos vagar.

— São três quartos, dois banheiros e um social. Conceito aberto, como você pode ver. Foi construído há seis anos e só teve uma proprietária. Ela cuidava incrivelmente do lugar, e o vendedor está interessado em vendê-lo mobiliado.

— Isso pode ser ótimo, não é, querido? — Perguntei a Dash.

Ele jogou um braço em volta dos meus ombros.

— Claro que seria. Estávamos querendo móveis novos. Esse sofá parece muito melhor do que o nosso.

Eu fingi uma risada, saindo do seu abraço para olhar em volta. Meus olhos procuraram por fotos, quaisquer pistas da vida de Amina. Não era fácil com a corretora de imóveis pairando, mas, felizmente, seu telefone tocou.

— Você se importaria se eu saísse para a varanda para atender? — Ela perguntou, já se movendo para lá. — Sinta-se à vontade para olhar, enquanto eu atendo.

Dash fechou a porta atrás de si e nós dois observamos enquanto ela caminhava em direção ao parque, o telefone pressionado contra a orelha.

Eu me apressei até uma mesa final e abri a gaveta. Vazia. Então corri para a próxima, fazendo o mesmo. Só tinha o controle remoto para a televisão. A cozinha foi minha próxima parada e comecei com as gavetas lá também.

Dash seguiu, olhando por cima do ombro para a porta da frente.

— O que você está procurando? — Ele sussurrou.

— Qualquer coisa que possa nos contar sobre Amina.

— Ok. — Ele foi até uma gaveta, mas eu o parei com um olhar.

— Não. Você fica de guarda. — Eu acenei para ele ir embora. — Se ela voltar, distraia-a.

Ele fez uma careta.

— Como?

— Não sei. Sorria para ela. Isso parece fazer a maioria das mulheres cair aos seus pés.

— Exceto você — ele murmurou.

Fiquei focada na minha busca, sem me preocupar em corrigi-lo. Dash não precisava saber que seu sorriso era tão letal para mim também.

A cozinha não tinha nada além de coisas típicas da cozinha. Não havia nem uma gaveta bagunçada com correspondência antiga. *Talvez a filha já tivesse limpado as coisas? Talvez Amina fosse uma maníaca por limpeza?*

Subi as escadas correndo, olhando para a esquerda e a direita para me orientar. Então fui direto para o quarto principal. No andar de baixo, não havia fotos. Nada emoldurado nas mesas finais ou acima do manto da lareira. E o mesmo aconteceu aqui.

Não havia um indício da vida vivida dentro dessas paredes. Não fiquei completamente surpresa, mas esperava uma foto aqui e ali.

Verifiquei as gavetas do quarto principal e do banheiro por garantia, mas todas estavam vazias, como eu esperava. Estava terminando minha volta pelo quarto de hóspedes quando ouvi a voz de Dash subir as escadas.

— Não. Sem filhos. Graças a Deus.

Realmente? Essa última parte era necessária? Era uma coisa boa que eu só estava usando-o para fazer sexo. Mesmo fingir ser um casal era cansativo. Primeiro a mão. Agora a aversão às crianças. Sim, era uma coisa muito boa que isso fosse apenas sexo.

Eu sorri e tirei uma mecha de cabelo caída do meu rosto quando entrei no corredor. Fui direto para o lado de Dash, envolvendo meus braços em sua volta.

— É uma casa tão bonita. Posso nos ver morando aqui. Tendo bebês aqui. Muitos e muitos bebês.

Uma careta visível cruzou seu rosto.

— Se vocês dois gostariam de algum tempo para conversar sobre uma oferta, eu ficaria feliz em encontrá-los no meu escritório. — A corretora de imóveis sorriu com cifrões nos olhos. — Não tem um agente de compras, certo?

— Isso mesmo — disse. — Mas acho que precisaremos de mais um pouco de tempo para discutir. Talvez durante o almoço. Podemos ligar para você mais tarde?

— Absolutamente. — Seu cartão saiu voando de sua mão, mais rápido do que uma trapaça de pôquer com um ás na manga.

Nós a seguimos para fora de casa, permanecendo na calçada quando ela entrou no carro. Ela estava no telefone novamente antes mesmo de deslizar no banco do motorista. No momento em que o carro saiu, dei um passo bem grande para longe de Dash.

— Isso foi improdutivo. — Fiz uma careta. — Não esperava que fosse listado tão cedo. E para que todos os toques pessoais sejam apagados. A família de Amina deve ter esclarecido rapidamente. Não vi uma foto nem nada.

— Nem eu.

— Droga — murmurei, andando pela calçada no momento em que uma mulher empurrava um carrinho ao virar a esquina. Não pensei muito nela até que ela caminhou até a casa ao lado de Amina.

— Com licença, senhorita? — Acenei quando me aproximei. — Você conhecia sua vizinha?

— Amina? Bem, claro. — Os ombros dela caíram. — Fiquei tão triste ao ouvir o que aconteceu com ela.

— Eu também. — Estendi minha mão. — Meu nome é Bryce. Sou jornalista e estou escrevendo um artigo sobre ela. Uma espécie de memorial. — Não era inteiramente uma mentira.

— Oh. — Ela apertou minha mão. — Isso é bom.

— Nós apenas viemos para ver onde ela morava e ter um vislumbre de sua vida. Parece que este lugar se encaixa com ela. É encantador e bonito.

— Ela era as duas coisas — respondeu a jovem. — Adorávamos tê-la como nossa vizinha.

— Era apenas Amina? Ela morava sozinha, certo?

Ela assentiu.

— A filha dela a visitava ocasionalmente. Ela veio na semana passada para limpar as coisas de sua mãe. Pobrezinha. Parecia com o coração partido fazendo tudo sozinha.

— Oh, isso é horrível. Não havia outra pessoa da família?

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Amina não tinha muitas visitas. Apenas a filha duas vezes por ano e o namorado que visitava no fim de semana ocasionalmente. Mas normalmente era apenas ela. Ela me fez refeições suficientes por duas semanas quando o bebê nasceu.

— Isso é adorável, — disse, embora minha mente ainda estivesse presa em uma palavra. — Não sabia que Amina tinha um namorado.

— Ah, sim. Exceto que talvez namorado não seja o termo certo. Não sei o quão sério eram. Mas ele estava aqui de vez em quando.

— Você sabe o nome dele?

— Desculpe. Amina não falava muito sobre ele. E quando vinha, eles meio que mantinham em segredo, se é que você me entende. Ele chegava aqui tarde na sexta-feira à noite. E ia embora no domingo de manhã antes da missa.

— Entendo. — Parecia que Amina tinha um encontro sexual, não um namorado. *Era Draven? Eles estavam dormindo juntos por um tempo?* — Bem, obrigada. E sinto muito pela sua perda.

— Obrigada. Boa sorte com o seu memorial. Amina foi a melhor.

Acenei, me afastando, mas parei.

— Posso fazer mais uma pergunta?

— Claro.

— Você sabe como ele era? O namorado?

— Ele provavelmente tinha a idade dela. Mais velho. Mais ou menos da mesma altura que ele. — Ela apontou um dedo para Dash, que ainda estava na frente da casa de Amina. — Eu só o vi duas ou três vezes e sempre quando estava saindo. Como eu disse, Amina não falava muito sobre ele e eu não queria bisbilhotar. Tenho a sensação de que ele era do seu passado e veio com algumas lembranças.

— Por que você diz isso?

Ela encolheu os ombros.

— Eu não sei. Talvez porque ela nunca falava sobre ele. Nunca. Até perguntei uma vez se ela teve um bom fim de semana com sua companhia e apenas sorriu sem me responder. Era quase como se eles estivessem escondendo alguma coisa. Sempre me perguntei se talvez ele fosse casado.

— Talvez.

Os olhos da vizinha se arregalaram quando ela percebeu o que acabara de dizer.

— Oh Deus. Não. Não é isso que eu quero dizer. Por favor, não coloque isso na sua história. Amina era tão gentil, doce e generosa. Não quero que você pense que ela é algum tipo de destruidora de casas ou amante. Eu só estava pensando alto. Tenho certeza que ele não era casado. Ela não era assim.

— Não se preocupe. — Eu sorri. — Não vou escrever nada que não seja verdade. São só especulações.

O seu rosto empalideceu.

— Realmente. Tenho certeza que ele não era casado. E ela era maravilhosa. Verdadeiramente.

— Eu tenho certeza que você está certa. Obrigada novamente.

Ela foi até a porta, desaparecendo rapidamente lá dentro com o carrinho. Provavelmente com medo de enfiar o pé na boca novamente.

Dash e eu não ficamos mais tempo. Nós dois caminhamos em silêncio até a moto, sem conversar até ter meu capacete colocado.

— Bem, isso foi interessante, — disse calmamente. — Acontece que Amina tinha uma visita regular nos fins de semana.

— Eu ouvi isso.

— Você sabe onde seu pai esteve na maioria dos fins de semana?

O maxilar de Dash ficou tenso.

— Ele não a matou.

— Não estou dizendo isso. — Fiz uma careta. — Mas acho melhor descobrir exatamente há quanto tempo seu pai faz sexo com Amina Daylee. E se não era ele, ela tinha um namorado. Me pergunto como ele reagiu ao saber que ela foi para Clifton Forge e ficou com seu pai.

— Parece que precisamos rastrear um namorado.

— Sim nós precisamos.

Dash montou na moto.

— Ainda bem que a vizinha apareceu. Caso contrário, isso teria sido uma viagem desperdiçada.

— Tivemos sorte. — Me acomodei atrás dele. — E tivemos a sorte da casa estar à venda também para que pudéssemos entrar.

— O que faria se não estivesse à venda? — Ele perguntou por cima do ombro.

Dei de ombros.

— Arrombaria a fechadura na porta da frente ou entraria pela janela.

Os olhos de Dash franziram para os lados quando um sorriso lento se espalhou por seus lábios. Então ele começou a rir, o som ecoando pelo quarteirão enquanto seus ombros tremiam.

— Deus, você é incrível. Pena que não gosta de mim.

— Está certo. Eu não gosto de você. — *Nem um pouco.*

Capítulo 15

Dash

Bryce e eu paramos em uma lanchonete para almoçar antes de voltarmos para Clifton Forge. A viagem de volta foi tranquila, não tão íntima e empolgante quanto a viagem a Bozeman. Seus braços não me seguravam tão ferozmente. Suas pernas não abraçavam a parte externa das minhas coxas.

Talvez tivesse se acostumado com a moto e como mudar seu peso. Mas aquele leve toque parecia mais com ela se afastando.

Eu não esperava o *ato* todo *como um casal.* Fazia sentido o porquê de Bryce ter feito isso, mas, por mais idiota que eu fosse, levei muito tempo para entender.

Eu apenas... Não era aquele cara. Não era do tipo de esposa e filhos. Ser um homem de família era a prioridade de Nick, não a minha. Minha sobrinha e sobrinho eram crianças incríveis. Gostava de ter uma cunhada que me enchia o saco e amava meu irmão tão eternamente quanto minha mãe amava meu pai.

Mas nunca imaginei isso na minha vida, e mesmo que pudesse imaginá-lo, não queria.

Porra, não, obrigado.

Testemunhei em primeira mão a destruição que trouxe para a vida de papai quando mamãe morreu. Vi o medo de Nick quando soube que Emmeline quase havia sido sequestrada.

Tive numerosos olhos roxos, um antebraço e clavícula fraturadas, dois narizes quebrados e algumas concussões graças ao ringue de boxe e algumas lutas. Dor física que poderia suportar. *Um coração partido?*

Não. Não faz sentido nem me colocar nessa posição.

Bryce estar chateada comigo não ia me fazer mudar de ideia. Ela não pode julgar o modo como vivia minha vida - passado, presente ou futuro. Não era minha esposa ou namorada, então não devia ficar com raiva por não querer segurar as mãos ou me encolher com a ideia de *bebês*.

Quando entramos em Clifton Forge, era a minha vez de ficar bravo. Bryce e eu éramos casuais. Estávamos fazendo sexo temporariamente. Acho que não deveria ter passado a noite.

Quando eu parei na sua casa, ela saiu da moto em um piscar de olhos, tirando o capacete.

— Precisamos conversar com seu pai e ver se foi ele que visitava Amina.

— Sim.

— Quero estar lá.

— Tudo bem. — Estreitei os olhos e analisei seu rosto. Não parecia zangada. Não parecia magoada. Ela parecia cansada.

Talvez eu estivesse lendo demais a sua reação comigo na casa de Amina. Talvez ela estivesse preocupada com o que descobrimos com o vizinho. *Tinha me irritado por nada?*

Esperava que sim. Isso seria muito mais fácil se não tivesse que me preocupar com Bryce me pressionando por um compromisso.

— Encontre-me na oficina às dez da manhã, — disse a ela, devolvendo seus itens do meu bolso.

— Estarei lá. — Sem outra palavra, ela se virou e caminhou pela calçada até a porta da frente.

Esperei apenas o tempo suficiente para ver que ela conseguiu entrar, então eu corri para longe. Não queria ficar mais uma noite de qualquer maneira. Sua cama era desconfortável, seus travesseiros muito firmes. E ela acordou tão cedo que eu nem conseguia dormir no meu dia de folga.

A volta para casa levou dez minutos. Minha casa ficava nos arredores da cidade, cercada por alguma propriedade aberta que possuía, garantindo sempre o espaço. Quando entrei, fui direto para o meu chuveiro, querendo enxaguar o cheiro do doce sabão de coco de Bryce. Não precisava do lembrete dela na minha pele a noite toda.

A água escorria das pontas dos meus cabelos enquanto me limpava. Fui nu para o meu quarto e, embora ainda fosse tarde, desabei na minha cama king-size. Espalhando-me, peguei um travesseiro e o enfiei em uma bola embaixo da minha cabeça.

Muito melhor.

Exceto que revirei durante minha soneca. E a noite toda, minha mão continuou procurando por algo que não estava lá.

****

— Bom dia. — Emmett atravessou a porta aberta da oficina no dia seguinte.

— Ei, — disse, deitado no chão, ao lado do Mustang. O para choque que instalei esta manhã estava no lugar e checava tudo vendo se ajustava corretamente. Ele aproximou quando me levantava, entregando-me a xícara extra de café que trouxe.

Coloquei a tampa branca nos meus lábios, surpreso quando provei creme e chocolate.

— O que é isso?

— Um café duplo alguma coisa. Não sei. Fiquei com a loira que trabalhava na tenda de café ontem à noite e ela me deu de graça quando a deixei esta manhã.

Eu ri.

— Bom.

— E aí?

— Vou dizer quando todo mundo chegar aqui.

Liguei para Emmett e Leo esta manhã, acordando-os às seis da manhã de um sábado. Ambos estavam irritados por eu tê-los acordado no dia de

folga. Eles tiveram sorte de não ter ligado às quatro, foi quando liguei para meu pai.

Ele tinha acordado muito cedo também.

Pedi a todos para me encontrarem na oficina às dez.

O relógio na parede mostrava nove e quarenta e cinco. E um Audi branco estava entrando no estacionamento.

Emmett olhou para o carro, depois para mim.

— Você sabia que ela viria?

— Eu a convidei. Ela faz parte disso agora.

— Parte do quê? — Sua testa franziu.

— Encontrando a verdade. Melhor tê-la do nosso lado do que contra.

Emmett observou meu rosto.

— Você tem algo rolando com ela?

— Algo assim. — Não havia sentido em negar. Quando ela estava por perto, ela tinha meu foco. Emmett perceberia quando ela entrasse na oficina.

— Isso é inteligente?

Soltei um longo suspiro.

— Não, mas agora é tarde demais.

— Ela está sob sua pele.

E mergulhando mais fundo, até os ossos, todos os dias.

Caminhando para fora, peguei Bryce quando ela saiu do carro. Linda, como sempre. Seus cabelos estavam lisos e elegantes, caindo pelas costas. Imediatamente me arrependi de não ter ficado em sua casa ontem à noite.

Seus óculos escuros estavam protegendo os olhos. Mas a maneira como ela segurava os ombros, a inclinação do queixo para cima, dizia que estava preparada para uma briga.

Ela provavelmente conseguiria uma.

Bryce andou na minha direção, vestindo um jeans solto, preso no tornozelo. Eles deixavam suas curvas para a imaginação, mas sabia como ela era por baixo. Sua camiseta preta se ajustava firmemente aos seios e abdômen. Com as sandálias de salto, era impossível desviar o olhar. Embora ela pudesse estar usando um saco de batatas e ainda assim teria minha total atenção.

Ela era elegante e linda, não importa o que usasse. Vinha da maneira como se comportava, com tenacidade e força. Poucas pessoas, muito menos mulheres, me questionaram. Mas essa mulher era uma lutadora. Não seria pressionada e não aceitaria as coisas pelo valor aparente.

Por isso, ela tinha que estar aqui hoje.

Bryce veria algo que eu poderia não perceber.

O rugido de um motor familiar ecoou nas paredes de aço da oficina quando Leo parou no estacionamento. Ele dirigiu-se ao lado de Bryce, diminuindo a velocidade para acompanhar seus passos. Quando estacionou e tirou os óculos escuros, deu-lhe o sorriso que muitas vezes o levava ao banheiro do The Betsy, transando com quem se apaixonava por ele.

Minhas mãos se fecharam. Informaria a Leo que Bryce estava fora dos limites. Para sempre. Mesmo quando nós dois terminarmos, ela não deveria estar perto da sua cama. Emmett também para esse assunto.

— A oficina está fechada, linda, — disse ele, ainda montado em sua moto. — Mas vou dar uma olhada no seu carro na segunda-feira. Eu lhe darei um serviço especial. Ficaria até tarde, só para você.

— Uau. — Bryce parou ao lado de Leo. Ela levou a mão ao coração. — Realmente?

— Isso deveria ser bom — Emmett murmurou. Não tinha notado ele parado ao meu lado.

— Sério. — Leo piscou e passou a mão pelos cabelos. — Talvez quando terminarmos o seu carro, posso levá-la para dar uma volta. Ensinar como se divertir muito.

— Eu gosto de me divertir. — Bryce usou a mesma voz que usou para mim no primeiro dia em que veio aqui, açúcar puro e sexo. Ela estava atraindo Leo para sua armadilha, a mesma maldita coisa que tinha feito comigo. *Deus, eu era um idiota.* Ela me provocou. E vendo-a fazer isso com Leo, pude ver por que me apaixonei.

— Porra, ela é boa. — A maneira como segurava seu corpo era confiante e equilibrada. Não ostentava a aparência de algumas mulheres para mantê-lo cativo. Não esticou o peito nem deu um sorriso tímido. Não havia nada tímido em seu sorriso, e é por isso que era tão devastador.

Ficou lá como a deusa que era e deixou Leo olhá-la de cima a baixo, sabendo que ele gostou do que viu. E sabendo que ela estava no controle completo.

Meu pau se mexeu. Estraguei tudo por não ficar na sua casa ontem à noite. Éramos uma coisa de curto prazo e eu queria saborear enquanto durasse. Não cometeria o mesmo erro esta noite.

— O que você diz? — Leo lambeu os lábios.

Bryce deu um passo mais perto.

— Eu o comeria vivo, garoto bonito. Guarde o serviço especial para alguém que recebe seus pedidos na cama.

O queixo de Leo caiu.

Bryce girou nos calcanhares e marchou em minha direção.

— Vocês todos seguem a mesma linha para levar as mulheres para a cama? Oferecendo uma *carona?* Isso realmente funciona?

Eu sorri.

— Toda vez.

— Nem sempre. — Ela sorriu.

— Verdade. — Eu agi da mesma maneira que Leo no primeiro dia em que veio à oficina. E ela me derrubou. — Nós usamos apenas essa linha no Verão. Não podemos andar no Inverno, então criamos algo novo.

— Dada a sua reputação, tem que ser melhor.

Dei de ombros.

— Nem sempre. Às vezes, basta um *Olá.*

— Vamos terminar de falar sobre isso. — Uma labareda de aborrecimento — *e ciúme?* — Misturou sua voz. O que quer que ela estivesse sentindo, ela afastou e estendeu a mão para Emmett. — Eu sou Bryce Ryan.

— Emmett Stone. — Ele segurou o olhar dela, como se estivesse avaliando um inimigo em potencial.

— Quem é essa? — Leo olhou para Bryce quando ele ficou ao lado de Emmett.

— Bryce Ryan — ela falou ao mesmo tempo em que eu disse: — É a nova repórter da cidade.

— Ahh. A pedra no nosso sapato.

— Ou a mulher que pode realmente ajudar a limpar o nome do seu chefe — ela retrucou.

— Acalme-se. Ela está no nosso time, Leo. — Enviei-lhe um olhar de aviso. — Estamos trabalhando juntos.

Sua carranca se aprofundou quando o trovão de outro motor sinalizou sua aproximação.

Papai entrou na garagem, estacionando junto a Leo, e não perdeu tempo chegando até Bryce e estendendo a mão.

— Bryce. Eu sou Draven. Não a conheci da última vez que esteve aqui.

— Sim. — Ela apertou a mão dele. — Você estava um pouco ocupado naquele dia.

Ela tinha que lembrá-lo da prisão? Entendi que era a maneira de exercer algum controle sobre a situação, enviando uma mensagem de que papai

também não a intimidaria. Mas ela arriscou irritá-lo. Ele estava de boca fechada sobre tudo isso o suficiente.

Cristo. Eu acabaria sendo mediador entre os caras e Bryce.

— Vamos conversar lá dentro. — Eu acenei para todos na oficina.

Todos nós assumimos lugares na oficina. Leo e Emmett subiram em um banco de ferramentas. Eu fiquei contra uma parede. Papai estava no centro da sala, com as pernas abetas e os braços sobre o peito.

E Bryce, para me torturar, foi e se apoiou no Mustang.

— Quanto ela sabe? — Papai perguntou, encarando Bryce.

— O suficiente para enterrar você, se me trair — respondeu ela.

— O suficiente para que ela saiba os riscos envolvidos — corrigi. — Temos um acordo. É entre mim e ela. E não é o objetivo deste encontro.

— Ela é uma pessoa de fora. E não faz parte do...

Eu levantei a mão, silenciando o protesto de Leo.

— Está feito.

A oficina ficou silenciosa. Bryce olhou em volta da sala, esperando para ver se alguém iria se opor. Mas o de Leo seria o último. Pelo menos, a última objeção enquanto ela estava na sala. Emmett me encurralaria mais tarde e expressaria suas preocupações. Papai não faria objeção; ele sabia que era tarde demais. Suas críticas só viriam se eu tivesse cometido um erro e estivéssemos lidando com as consequências de Bryce escrever uma história que condenaria a todos nós.

— Emmett e Leo— olhei para eles — alguma palavra na cidade sobre quem pode ter armado para papai?

Ambos balançaram a cabeça quando Emmett falou.

— Não há nada. Nem uma pista sequer. Eu até me encontrei com alguns membros antigos que foram para os Warriors. Podem estar mentindo, mas acho que não foram eles.

— Isso acompanha a história que nos contaram quando nos encontramos com eles e Tucker.

— Está quieto porque todo mundo acha que Draven fez — disse Leo.

Meu olhar encontrou o de Bryce, reforçando silenciosamente minha mensagem. *Ele não a matou.*

— Ouça. Ontem, Bryce e eu fomos para...

— Há quanto tempo você estava dormindo com Amina? — Bryce disparou a pergunta para papai.

— Jesus Cristo — murmurei. Tanto por dar a papai um pouco de conhecimento sobre a nossa viagem ontem, antes de falar sobre o assunto.

— Passei a noite com ela, — papai respondeu, a tensão na oficina aumentando. — Porém, você já sabia disso.

— Não na noite anterior à sua morte. — Bryce balançou a cabeça. — Antes. Quantas vezes foi visitá-la?

As sobrancelhas dele se juntaram.

— Visitá-la?

— Fomos à casa dela em Bozeman ontem, — expliquei. — Olhamos em volta. A vizinha disse que tinha um cara da minha altura e da sua idade em alguns fins de semana. Era você?

— Não. A primeira vez que vi Amina em mais de vinte anos foi no dia em que ela veio aqui.

— Por que ela veio? — Bryce perguntou. — Contou a você?

— Disse que queria visitar. Ver como as coisas mudaram. Ligou-me aqui na garagem e perguntou se a encontraria para tomar uma bebida. Eu disse a ela que a pegaria no seu quarto de hotel. Cheguei lá. Começamos a conversar. Nunca tomei aquela bebida.

Eu olhei para Bryce.

— Isso significa que há um namorado por aí. Talvez alguém que ficou com ciúmes e a matou depois que ele foi embora.

— Crime passional faz sentido, — disse Emmett. — Dado o número de vezes que ela foi esfaqueada. Mas como ele conseguiu sua faca, Draven?

— Inferno se eu souber. Não caço há anos. Nem me lembro onde a guardava. Em algum lugar em casa, provavelmente.

— Um namorado não saberia disso. — Passei a mão pelo meu cabelo. — Ou quem você era para roubá-lo. Nenhum namorado agindo com raiva e ciúme levaria tempo para armar para você.

— A menos que... — Bryce começou a balançar, mudando seu peso de pé para pé quando um vinco se formou entre suas sobrancelhas. — E se Amina estivesse namorando alguém de Clifton Forge? Talvez ela tivesse

voltado aqui. Talvez tenha mentido sobre não estar aqui por décadas. Se o namorado dela fosse da cidade, seria plausível que ele pudesse ter feito uma armadilha para incriminar você. Especialmente se ele o conhecesse, Draven.

— Ela não mentiu — disse papai. — Amina não tinha motivos para me enganar.

— Mas e se ela fizesse parte da organização? — Bryce respondeu, conversando com as mãos em movimento. — Talvez ela e esse namorado tenham vindo à cidade. Ela o chamou para o hotel enquanto ele foi à sua casa roubar sua faca. Exceto que algo dá errado. Talvez eles tivessem planejado plantar a faca em outro crime. Mas ele voltou para o hotel e ficou furioso porque vocês dois fizeram sexo. Matou-a. E incriminou você.

Era possível. Tênue, mas possível.

— Amina não queria me incriminar — papai insistiu. — Ela... Ela não era assim.

— Você disse que havia história, pai. Tem certeza de que ela não gostaria de vê-lo na prisão?

— Tenho certeza.

— Como pode...

— Kingston. — Uma palavra e não havia espaço para discussão. — Tenho certeza. Alguém me preparou para assumir a culpa por assassinar uma mulher inocente. Ela só queria visitar uma cidade em que não vivia há anos. E me ver, um velho amigo do ensino médio. É isso aí.

Bryce abriu a boca, mas deu uma olhada no meu olhar e fechou-a novamente. Não haveria como discutir isso com papai. Ela não o conhecia o suficiente para ouvir a convicção em sua voz.

— Então, onde estamos? — Emmett perguntou, pegando o cabelo nas mãos para amarrá-lo.

— Estamos no mesmo lugar em que estávamos. — Papai suspirou. — Quem quer que tenha feito isso, fui pego em flagrante. Os policiais sabem que eu estava lá. Eles têm minhas impressões digitais na minha arma. Não podemos fazer nada além de esperar e aguardar que alguém seja estúpido e comece a falar.

— Isso não vai acontecer. — Eu apertei minhas mãos. — Ninguém vai falar. Quem fez isso é paciente. Realmente paciente. Eles não fizeram nenhum movimento contra nós.

— Eles provavelmente não vão, — disse Emmett. — Pelo menos ainda não. Estão esperando para ver o que acontece com Draven.

— Exatamente, — Leo murmurou. — Enquanto isso, estamos presos. E todos temos que continuar olhando por cima dos ombros até conseguirmos avançar.

— Ou, — Bryce disse baixinho, — usamos a liderança que temos. Garantimos que esse namorado não começou a namorar Amina para ir até Draven. Se o assassino soubesse que havia uma conexão entre Draven e Amina, ele poderia estar jogando com ela desde o início.

— Concordo, — eu disse. — Precisamos rastrear esse cara.

— Como? — Leo perguntou.

— Poderíamos perguntar à filha, — sugeriu Bryce.

— Não. — O grito de papai ecoou nas paredes.

— Por que não? — Empurrei a parede. Papai realmente quer definir a vida na prisão? — Ela pode saber quem sua mãe estava vendo.

— Não. — Ele apontou para o meu rosto. — A filha está fora de cogitação. Ela acabou de perder a mãe. Não precisa ser incomodada por uma maldita repórter e pelo filho do homem suspeito de matar sua mãe. Deixe-a em paz. Isso é uma ordem.

Fazia muito tempo desde que ele emitira uma ordem. Desde os dias em que ele usava o adesivo de presidente para os Gypsies e não para mim.

— Entendido? — Papai perguntou a Emmett e Leo.

— Entendido, — responderam em uníssono.

Papai olhou para mim, seu olhar duro e inabalável.

— Dash?

Porra. Bryce estava fervendo, mas eu estava preso no canto. Não iria contra papai. Não quando ele tinha ido tão longe para defender sua opinião.

— Entendido.

— Estamos com você, Prez, — Emmett disse enquanto a cabeça de Leo balançava em concordância.

— Bom, — disse o pai. — E isso vale para ela também. Se incomodar a filha, cuidarei para que ela nunca mais escreva outra história. Difícil de escrever quando você não tem as mãos.

Inferno. Ele tinha que continuar piorando as coisas? Isso foi demais. Se sua intenção era assustar Bryce, ele falhou. Ela estava lívida. Eu podia sentir o calor de sua raiva do outro lado da sala. Provavelmente derreteu a tinta do Mustang.

Mas não disse uma palavra quando meu pai saiu pela porta.

— Acho que essa reunião acabou. — Leo pulou do banco enquanto papai se afastava da oficina. Ele levantou o queixo para Bryce enquanto caminhava em direção à moto. — Mude de ideia sobre esse passeio.

— Eu ligarei para Dash.

Leo olhou entre nós, começando a compreender, depois riu.

— Ah. Boa sorte, irmão.

Emmett o seguiu, acenando enquanto caminhava para sua moto.

— Vou manter um ouvido aberto.

— Faça isso, — eu disse. — Tenha um bom fim de semana.

— Eu vou. — Ele sorriu. — Acho que posso precisar de outro café.

Quando o barulho das motos se foi e a oficina estava silenciosa, me virei para Bryce.

— Ele me ameaçou.

— Sim ele ameaçou.

Ela levantou o queixo.

— Você vai ficar do lado dele?

Minha resposta imediata foi *sim.* Eu sempre apoiaria papai e ele deixou claro onde estava. Mas se tudo se resumisse a isso, machucá-la, eu sabia que a resposta era não.

— Não. Mas isso não importa, porque não vai incomodar a filha. Você é mais compassiva do que isso.

— Temos que conversar com a filha, — disse ela imediatamente. — Talvez o namorado não seja nada, mas é a única informação nova que temos.

— Papai tem razão. Ela acabou de perder a mãe. Se mora em Denver, as chances de ela conhecer a conexão de fim de semana de sua mãe são pequenas de qualquer maneira. Não vale a pena provocar tanta dor.

— Mesmo que isso signifique que seu pai passe o resto da vida na prisão? Ainda acha que ele é inocente depois de ameaçar cortar fora minhas mãos?

Passei a mão pelos cabelos.

— Ele não faria isso. — Talvez tivesse feito anos atrás, mas não agora. — Ele está apenas tentando assustá-la. E sim, ele é inocente. Se quer passar a vida na prisão por um assassinato que não cometeu, acho que essa é a realidade da situação.

— Não precisa ser.

Não, não. Por que papai não luta? O que está escondendo?

Os segredos de Draven Slater o levariam à penitenciária estadual pelo resto da vida. *Filho da puta.* Cerrei os dentes, resistindo ao desejo de pegar

uma chave inglesa e jogá-la pela loja. Por que ele estava recuando? Isso não fazia sentido.

E por que eu deveria lutar por sua liberdade quando ele não estava lutando?

— Não sei o que fazer aqui, querida, — confessei, balançando a cabeça. — Estou chateado, com certeza. Mas papai está certo. Sinceramente, acho que a filha não vai nos dar nenhuma informação. E estou em um beco sem saída até que ele decida o quanto quer pressionar. Tudo o que posso fazer é respeitar os desejos do meu pai enquanto o defendo porque *sei que* ele é inocente. O que você faria se fosse seu pai?

— Eu não sei. — A raiva de Bryce desapareceu. Sua voz suavizou. Ela atravessou a sala e colocou a mão delicada no meu braço. — Nós dois queremos a verdade, mas eu tenho uma história. Posso imprimir exatamente o que acontecer com o julgamento dele. Com sua convicção. Nós dois sabemos que tudo se resume a isso. E posso aceitar que ele é o assassino. Que a justiça foi feita. Posso aceitar isso como a verdade. Você pode?

— Ele é meu pai, — sussurrei. — A escolha é dele.

— Ok. Então acho que terminamos aqui.

— Sim, eu acho que sim.

Ela soltou a mão e se afastou.

— Vejo você por aí, King.

— Tome cuidado, Bryce. — Meu coração torceu. Eu estava perdendo dos dois lados. Emmett tinha acertado uma coisa: ela estava mais do que

apenas debaixo da minha pele. Estava lá. Mais profundo do que eu queria admitir para mim mesmo.

Seus calcanhares clicando no chão enquanto saía. Mas antes de desaparecer, ela parou e olhou por cima do ombro.

— Que tal jantar, uma última vez?

Uma última vez.

— Vou levar a cerveja.

Capítulo 16

Bryce

Sentada sozinha na minha cozinha, peguei meu sanduíche de salada de frango.

Duas semanas se passaram desde a reunião na oficina e minha última noite com Dash. Desde então, jantares haviam sido comidos neste local para que pudesse olhar pela janela da cozinha, esperando ouvir o trovão de sua moto antes de parar no meu meio-fio.

Sentia falta de ter um convidado não "convidado" para o jantar. Mais e mais a cada dia, sentia falta de Dash, e não apenas pelo sexo. Sentia falta de falar com ele e ouvir sua voz. Sentia falta da maneira fácil como ele se movia pela minha casa. Eu até senti falta do ronco.

Mas não tinha ouvido falar dele. Nossa despedida final foi, bem... *Final.*

Meu coração tolo esperava que eu tivesse deixado uma impressão duradoura. Uma que o faria ansiar por me ver de novo, do jeito que eu ansiava. Claramente, o sexo que achava inesquecível era realmente o oposto.

Ele provavelmente encontrou uma nova substituta no The Betsy para lhe fazer companhia. Um feito fácil para Dash Slater, encontrar uma mulher

disposta a levá-lo para sua cama. *Às vezes, basta um olá.* O pensamento dele dizendo essas palavras para outra mulher fez meu estômago revirar.

Joguei meu sanduíche, a maioria não consumida. Não tive muito apetite durante a última semana. A sensação de que estava desistindo da história de Amina Daylee tinha desgastado meus nervos.

Como Draven poderia não querer encontrar o assassino de Amina? Como poderia Dash ficar bem, deixando uma pista aberta? Especialmente considerando o quão fortemente ele acreditava que seu pai era inocente.

Não fazia sentido. Era como desistir.

Não tinha escrito nada sobre o assassinato dela ou os Tin Gypsies nas últimas duas semanas. Minhas histórias eram focadas em atividades de Verão na cidade, particularmente no desfile do Dia da Independência e nas várias celebrações do feriado.

Porque não tinha certeza do que escrever ainda. Sem novas informações sobre o caso de assassinato de Amina ou sabendo quando Draven seria levado a julgamento, não havia nada para imprimir. E eu não estava pronta para escrever uma história sobre o ex- Moto Clube Tin Gypsy.

As informações que Dash me disse oficialmente seriam suficientes para um recurso fácil de domingo. Um popular também. Mas para mim, essa história era monótona. Sem vida. As coisas boas eram todas as coisas que ele me disse extraoficialmente. Desde que ele manteve sua parte do acordo para não esconder as coisas de mim, eu estaria mantendo as minhas também.

Ou ele não tinha?

A reunião na oficina tocou repetidamente em minha mente. A insistência de Draven em não conversamos com a filha estava me incomodando. Não conhecia o homem, mas ele tinha sido tão firme.

Ele sempre foi assim? Estava apenas tentando me intimidar? Acreditei na ameaça, mais do que acreditei nas que Dash tivesse me dado. Se eu fosse até a filha de Amina, ele retaliaria. Ele poderia até me causar danos físicos.

E era por isso que eu tinha que ir.

A insistência de Draven foi mais do que poupar os sentimentos de uma filha em luto. Ele estava escondendo alguma coisa. *Fui a única que viu?*

Ou Dash não se importava, cego por sua lealdade ao pai, ou conhecia o segredo de Draven e estava mentindo para mim, o que significava que minha história incluiria todas as palavras que ele falou sobre os Gypsies.

Estava esperando para ver se algo surgia - não iria. Assassinos com um pouco de senso não andam por aí falando sobre o referido assassinato. Eles certamente não se gabam de tramar um crime notório. E o assassino de Amina era mais esperto do que seu mediano Gummy Bear.

Dane-se a ameaça de Draven. E dane-se Dash por me fazer sentir falta dele. Além disso, Draven nunca saberia que eu estava indo. Não, a menos que ele estivesse me seguindo também.

Pegando meu telefone, abri meu aplicativo da United Airlines e fiz o check-in do meu voo, saindo amanhã de manhã para Denver.

Então abri o bloco de notas amarelo que estava ao meu lado, lendo o endereço de Genevieve Daylee pela centésima vez.

****

Olhei o endereço de Genevieve Daylee pela centésima vez.

— Obrigada, — disse ao meu motorista do Uber quando saí do carro.

O ar da manhã estava fresco e quente no Colorado. O sol batia forte. Eu me levantei muito antes do amanhecer para dirigir até Bozeman e pegar meu voo, vendo o sol nascer da minha minúscula janela no avião. Então pedi uma carona para a casa de Genevieve.

Os residenciais nesta rua eram todos iguais, laterais bege com janelas de grade branca. Genevieve tinha um vaso cheio de petúnias roxas e rosa ao lado de sua porta, iluminando sua varanda. Respirei fundo, empurrei meus ombros para trás e subi a calçada. Depois de bater, eu esperei.

Talvez devesse ter ligado primeiro, mas não querendo arriscar ela fazer perguntas ou mandar uma mensagem para Draven dizendo que eu tinha entrado em contato, arrisquei uma visita surpresa. Era uma aposta que ela estivesse em casa, mas era sábado e espero ter sorte. Caso contrário, meu voo de volta seria adiado até que eu pudesse encontrar algum tempo para vê-la.

Passos leves, um rápido giro da fechadura e a porta se abriu.

— Olá. — Ela sorriu.

— O-oi. — Eu dei uma olhada dupla. Ela parecia muito com Amina. Familiar, mas havia algo mais lá também. Algo que eu não conseguia identificar.

Seu cabelo era escuro e comprido, enrolado em espirais grossas. Seu rosto estava em forma de coração com uma pele impecável. Seus olhos eram de um castanho profundo que eu tinha certeza que já tinha visto em algum lugar antes. E ela tinha o queixo e a boca da mãe.

— Posso ajudar?

Eu me tirei do meu estupor, sorrindo e segurando minha mão.

— Oi. Eu sou Bryce Ryan. Você é Genevieve Daylee?

— Sim. — Ela hesitantemente pegou minha mão. — Eu conheço você?

— Não. Nós nunca nos conhecemos. Sou repórter do *Clifton Forge Tribune.*

— Oh. — Ela se afastou, levantando a mão para a porta.

— Esperava que você estivesse disposta a me ajudar, — disse antes que ela pudesse me calar. — Estou escrevendo uma peça especial para sua mãe. Uma história para mostrar quem era e como era sua vida antes.

Os olhos dela se estreitaram.

— Por quê?

— Porque sua morte foi horrível e trágica. Porque as pessoas mortas dessa maneira são frequentemente lembradas pela maneira como morreram, não pela maneira como viveram.

Genevieve deixou minhas palavras se prolongarem. Tinha certeza que bateria a porta na minha cara, mas então a hesitação em seu rosto desapareceu e ela a abriu mais.

— Entre.

— Obrigada. — Entrei, deixando escapar o fôlego que estava segurando. Quando inspirei, o cheiro de chocolate e açúcar mascavo encheram meu nariz. Meu estômago roncou, morrendo de fome por apenas comer o saquinho de biscoitos de avião. — Cheira incrível aqui.

— Fiz biscoitos de chocolate. Receita da mamãe. Eu estava sentindo falta dela hoje.

— Sinto muito pela sua perda.

Ela me deu um sorriso triste, me guiando pela sala limpa e aconchegante e entrando no canto do café da manhã na cozinha.

— Em alguns dias, não parece real. Que vou ligar e ela vai atender o telefone.

— Vocês eram próximas? — Perguntei quando ela me acenou em uma cadeira.

— Fomos. Crescendo, éramos apenas nós duas. Ela era minha melhor amiga. Tivemos nossas brigas quando era adolescente, brigas normais entre mãe e filha. Mas ela estava sempre lá para mim. Sempre me colocou em primeiro lugar.

— Parecia ser uma ótima mãe.

Os olhos dela encheram de lágrimas.

— Por que ele faria isso com ela?

Ele quer dizer Draven. Genevieve pensou que ele havia matado sua mãe. Dash havia plantado dúvidas suficientes em minha mente que eu estava operando sob a possibilidade de ser inocente.

Mas, no que dizia respeito ao mundo, até onde Genevieve sabia, Draven Slater era o assassino de Amina.

— Não sei. Eu gostaria que as coisas fossem diferentes.

— Eu também. — Ela se afastou da mesa em uma agitação, indo para a cozinha e pegando dois copos de um armário de nogueira. Então encheu os dois com leite da geladeira e os trouxe para a mesa. Em seguida, veio um prato cheio de biscoitos recém-assados. — Estou sofrendo de dor. Se você sair daqui e este prato ainda tiver biscoitos, ficarei desapontada com nós duas.

Eu ri, pegando um biscoito.

— Nós não podemos fazer isso.

O primeiro biscoito foi degustado, seguido rapidamente por um segundo. Depois do terceiro, nós bebemos um pouco de leite, nos entreolhamos e sorrimos.

Talvez ela parecesse familiar porque era muito acolhedora. Tão amigável. Ela me trouxe para sua casa, compartilhou um pedaço de sua mãe e confiou em mim para cuidar disso. *Ingênuo?* Sim, ligeiramente. Ou ela não estava cansada do mundo. Ela não esperava que as pessoas mentissem, trapaceassem e roubassem.

Eu a invejei.

— Deus, isso é bom. — Peguei um quarto biscoito.

— Mesmo? Não sei de onde ela tirou essa receita, mas é a única que vou usar.

— Eu posso ter que roubar isso de você.

— Se eu te der, você colocará na sua história? Acho que mamãe teria gostado de compartilhar isso com o mundo.

Minha mão foi para o meu coração.

— Seria um prazer.

Os olhos de Genevieve passaram pelo meu ombro, olhando fixamente para a sala de estar atrás de nós.

— Mamãe e eu não nos víamos muito. Não depois que ela aceitou o emprego em Bozeman e se mudou para Montana.

— Você cresceu em Denver?

— Eu cresci. Morávamos a cerca de oito quilômetros daqui. Eu fui para o colégio que você provavelmente passou no seu caminho.

Um imenso prédio de tijolos vermelhos cinco vezes o tamanho do meu colégio.

— Foi por isso que ela se mudou para Bozeman? Por causa do seu trabalho?

— Sim. Mamãe trabalhava para uma empresa de suprimentos hidráulicos. Eles estavam expandindo e começaram um escritório em Bozeman. Ela se ofereceu para ir. Mas você provavelmente já sabia tudo isso.

— Apenas o nome. — A internet poderia me contar tudo sobre a empresa, suas filiais e seus produtos. Mas não me falou sobre Amina. A internet não podia me contar sobre a pessoa que tinha sido. — Ela era boa em seu trabalho?

— Ela era, — disse Genevieve com orgulho. — Trabalhou para aquela empresa desde o começo e eles realmente a amavam. Era como uma família. Eu conhecia todos os seus colegas de trabalho. Alguns deles me contratavam no verão para cortar a grama. Todos eles vieram para a formatura da minha faculdade. O chefe dela me ajudou a planejar seu funeral.

Meu coração apertou. Não podia imaginar ter que planejar o funeral da minha mãe.

— Parece que ela era o tipo de pessoa que fazia amizades íntimas e duradouras.

— Ela amava. As pessoas eram atraídas por ela por isso. Era difícil ser mãe solteira. Meus avós faleceram antes de eu nascer, então ela fez tudo sozinha. Nunca reclamou. Nunca me tratou como um fardo. Ela somente construiu essa vida para nós. Feliz.

Genevieve deixou cair o queixo, fungando. Fiquei quieta, a emoção entupindo minha garganta, enquanto ela enxugava os olhos. Quando ela olhou para cima, ela forçou um sorriso.

— Deveria ter ligado, — disse. — Eu sinto muito. Estou aqui, surpreendendo você. Deveria ter ligado primeiro. — *Maldição. Draven estava certo sobre isso, não estava?*

Deixei as semanas de silêncio de Dash me irritarem. E agora estava aqui incomodando uma jovem que havia perdido a pessoa mais importante em sua vida.

— Não, estou feliz que você esteja aqui. — Genevieve pegou outro biscoito. — Não falo sobre mamãe há algumas semanas. Foi uma agitação depois que ela foi... Você sabe. Todo mundo estava tão chocado e eu estava tão ocupada organizando seu funeral. As pessoas falaram sobre ela então. Mas depois que acabou, tudo ficou quieto. As pessoas voltaram para suas vidas.

— E você está aqui.

— Estou aqui. Com o coração partido. — Ela deu uma mordida e a mastigou com um queixo trêmulo. — Mas é bom falar sobre o quão maravilhosa ela era. E não sobre como ela morreu. A única pessoa que falou comigo sobre ela esta semana foi o promotor em Clifton Forge e isso é apenas porque eu quero acompanhar o julgamento.

— Ainda não está agendado.

— Eu sei. Eu o quero trancado. Quero-o fora das ruas e longe do mundo. Talvez então eu possa esquecer. Fico com tanta raiva e... — Quando ela parou, a mão livre agarrou a mesa, os nós dos dedos brancos. — Quero ver seu túmulo. Você sabia que enterramos mamãe em Montana?

— Hum, não. Eu não sabia. — Não tinha acompanhado os preparativos para o funeral de Amina. O obituário que incluí no jornal havia sido vago sobre o assunto, afirmando que a família contrataria serviços privados em Denver. Presumi que esses serviços incluíam o enterro.

— Ela queria ser enterrada em Clifton Forge. Deixe-me dizer, foi um choque descobrir sua vontade. Mas acho que ela queria ficar com os pais novamente.

— Então você estava em Clifton Forge?

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Não pude ir. Não estava pronta para enfrentar isso ainda. Fui a Montana para arrumar seus itens pessoais e colocar a casa dela à venda. Mas isso foi o mais perto que pude chegar. Eu não estava pronta para estar naquela cidade onde ela foi... Você sabe. Mas vou para lá na próxima semana.

— Você vai para Clifton Forge? — Meus olhos se arregalaram.

Ela assentiu.

— Eu quero ver por mim mesma. A funerária me enviou uma foto de seu túmulo e a maquete de sua lápide, mas não é a mesma coisa. Então, vou fazer uma viagem rápida no próximo domingo. Entrar e sair. Não quero correr o risco de encontrá-*lo.*

Sim, ver Draven seria ruim.

— Se precisar de companhia, eu ficaria feliz em ir com você.

— Obrigada, Bryce. — Ela olhou para mim com seus gentis olhos castanhos e aquela pontada de familiaridade bateu novamente. — Talvez aceite, obrigada.

— Por favor, aceite. — Em nosso curto período de tempo juntas, me tornei estranhamente leal a Genevieve. Se pudesse ajudar ao ficar ao seu lado enquanto ela visitava o túmulo de sua mãe, eu o faria.

Não é para a minha história. Mas por essa mulher que já se sentia uma amiga.

Eu quis dizer o que disse a Genevieve. Escreveria algo especial para Amina. Incluiria a receita de biscoitos. Talvez isso acalmasse alguma culpa por aparecer inesperadamente à sua porta.

Genevieve levou o copo vazio à pia para lavá-lo. Levantei e trouxe o meu também, entregando a ela.

— Posso fazer outra pergunta?

— Claro. — Ela riu. — Para uma repórter, não perguntou muito.

— Estava apenas me aquecendo. — Eu pisquei. — Sua mãe tinha mais alguém a quem era próxima? Um melhor amigo? Ou um namorado? Outros que gostariam de falar sobre ela para a história.

Ela soltou um longo suspiro.

— Mamãe estava namorando um cara. Lee.

Eu congelei, pronta para absorver cada palavra sobre o namorado.

— Lee.

— Lee. — Ela disse o nome dele com um lábio enrolado. — Em toda a minha vida, mamãe não namorou. Nem uma vez. Mas ela estava diferente ultimamente. Mais silenciosa. E não posso deixar de pensar que foi por causa dele.

— Eles estavam ficando sérios?

Ela encolheu os ombros.

— Eu não sei. Essa é a parte louca. Ela agia de maneira diferente, mas nunca falava sobre ele. A única razão que eu sabia sobre, foi porque voei para Bozeman para surpreendê-la em um fim de semana e ela teve que ligar para Lee e cancelar os planos. Sempre que perguntava sobre ele, ela ignorava. Dizia que era casual. Mas se você conhecesse mamãe, nada sobre ela era casual. Ela acolhia as pessoas. Suas amizades duraram décadas.

— Então você não o conhecia?

Ela balançou a cabeça.

— Não, nunca nos conhecemos. Eu nem sabia o sobrenome dele.

E lá se foi minha vantagem.

— Talvez ela estivesse preocupada que você não gostasse dele.

— Sim. É o que acho também. Era estranho para mim, ela ter outra pessoa em sua vida. Mamãe era boa em sentir quando eu estava desconfortável. Simplesmente não conseguia imaginá-la com um namorado. — Ela olhou por cima do ombro da pia. A luz da janela captou seus olhos, fazendo-os brilhar.

Uh! O que havia nos olhos dela?

— O que mais você pode me dizer sobre ela? — Eu perguntei. — Algo legal que gostaria que outras pessoas soubessem.

— O seu sorriso estava sempre cheio. Dentes largos e brancos. Era como se não soubesse dar um meio sorriso. — A dor no sorriso de Genevieve voltou junto com um brilho de lágrimas. — Ela era bonita.

— Ficaria honrada em escrever isso sobre ela, você tem alguma foto? Adoraria incluir algumas de suas favoritas.

— Gostaria disso.

Durante a hora seguinte, sentei-me ao lado de Genevieve em seu sofá enquanto ela passava por álbuns de fotos e lembranças antigas de sua infância. Todos eram na casa de Amina, e embora as tivesse empacotado e levado para o Colorado, confessou não ter coragem de passar por elas ainda.

— Obrigada por sentar comigo. — Ela colocou a tampa na última caixa. — Tenho certeza de que isso foi mais louco do que você esperava quando veio aqui. Desculpa.

— Não se desculpe. — Coloquei minha mão sobre a dela. — Estou feliz por estar aqui.

A verdade era que quanto mais me sentava com Genevieve, mais gostava dela. Ela contou uma história após outra sobre sua mãe, enquanto examinávamos fotos antigas. Algumas das viagens de carro que as duas fizeram. Fotos de algumas viagens de acampamento especiais nas montanhas do Colorado.

Genevieve havia me contado como Amina sempre dava alguns dólares a um mendigo que implorava na esquina, mesmo sendo mãe solteira, não tinha muito dinheiro de sobra. Ensinou Genevieve a ser forte, nunca desistir e viver uma vida honesta.

Depois de ouvir tudo, sabia que minhas acusações na garagem de que Amina poderia estar no esquema com Draven estavam equivocadas. Amina não tinha sido uma farsante.

E ela criou uma filha adorável.

Em todas as fotos, o rosto brilhante e sorridente de Amina estava presente. Quando ficava ao lado da filha, as duas estavam sempre se tocando, uma mão segurando, um braço por cima do ombro, um apoiado no outro. O vínculo delas era especial e vê-lo através das fotos me deixou mais determinada a contar a história de Amina.

Para mãe.

E filha.

Ela merecia ser lembrada por mais do que sua morte.

— Isso foi realmente perfeito, — disse a Genevieve. — Sinto que conheço sua mãe agora. Espero que minha história possa fazer justiça à sua memória. Posso fazer mais uma pergunta, extraoficialmente?

— Claro. — Ela girou no sofá, me dando sua atenção.

— Em todas essas fotos, eram principalmente vocês duas. — Mesmo quando bebê, as fotos eram apenas de Amina e Genevieve. Havia um amigo ou vizinho ocasional incluído, mas a grande maioria das fotos era de mãe e filha. — E quanto ao seu pai?

— Mamãe nunca falou sobre ele. Nunca. — Os ombros dela caíram. — Eu perguntei. Ela disse que ele era um homem legal, mas não fazia parte da minha vida. Ela sempre disse que *ele foi* um erro, mas que lhe deu o melhor

presente do mundo. E você sabe, não forcei. Aceitava essa resposta porque a tinha. Ela era o suficiente.

— Eu posso ver isso.

— Só que agora que ela se foi, gostaria de saber quem ele era. Se ainda está vivo. Seria bom saber se eu tivesse um pai lá fora.

Meu intestino estava gritando que o segredo de Amina sobre a linhagem de sua filha e o namorado secreto não era uma coincidência. *Esse namorado misterioso poderia ser o pai de Genevieve?*

— Ela já disse a você o nome dele? — Eu perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— Não.

Se o pai de Genevieve fosse o namorado, isso explicaria tudo. Por que Amina não queria que ela conhecesse *Lee.* Por que o escondeu de todo mundo. Porque não estava pronta para apresentar pai e filha.

Minha mente estava acelerada, imaginando como esse homem se encaixaria na imagem. Ele era o assassino? Tentaria entrar em contato com Genevieve agora? Sabia que tinha uma filha?

Mais perguntas vieram à minha mente quando Genevieve destruiu minhas teorias com uma única frase.

— Mamãe não me disse o nome dele, só que as pessoas o chamavam de Prez.

Prez.

Onde eu tinha ouvido esse nome antes? Não, não é um nome. Um apelido.

Prez.

Minha mente acelerada parou.

— Estamos com você, Prez.

Em nossa reunião na garagem, Emmett disse isso a Draven. Ele o chamou de *Prez.* Olhei para Genevieve, focando em seus olhos. Conhecia aqueles olhos. Se Draven deu o cabelo castanho ao filho.

Ele dera aqueles olhos castanhos à filha.

Capítulo 17

Dash

— Outra, Dash?

Agitei o último gole de cerveja no fundo do meu copo de cerveja.

— Sim. Obrigado, Paul.

Quando ele foi buscar meu Guinness, escuro, como meu humor, olhei em volta do bar lotado. Era uma noite movimentada no The Betsy, com moradores locais desfrutando de um Verão quente no Sábado à noite. As pessoas esbarravam umas nas outras enquanto andavam pela sala e gritavam para conversar sobre a música alta. Emmett e Leo estavam na mesa de sinuca. Cada um deles tinha uma mulher pendurada no cotovelo.

Emmett chamou minha atenção e me indicou para brincar. Havia uma terceira mulher vagando pela mesa de sinuca que estava me encarando a noite toda.

Balancei minha cabeça e olhei para frente, olhando para a parede de garrafas de bebidas à minha frente enquanto Paul colocava minha cerveja fresca. Um gole e o copo ficou pela metade porque bêbado era bom. A única maneira de aproveitar esta noite seria se estivesse bêbado.

Porra, Bryce. Isso era culpa dela. Arruinou os sábados para mim.

Ela esteve em minha mente frequentemente nas últimas duas semanas. Na oficina, estava trabalhando em uma troca de óleo e me perguntando o que ela estava fazendo. Adormecia à noite, sentindo falta do toque de sua pele. Eu vinha para a cidade cedo aos domingos e quartas-feiras para pegar um jornal na mercearia no minuto em que eles abriam.

Seus artigos eram os únicos que lia. Cada vez, esperava ver algo sobre mim, papai ou os Gypsies na primeira página, mas acho que não eram mais grandes notícias. Ainda assim, eu lia todas as palavras que ela escrevia, precisando dessa conexão.

Ontem à noite, estava com tanta fome depois do trabalho, que quase fui à sua casa. Fiquei tentado a esperar em sua varanda até que ela chegasse em casa. Sorriria e imploraria para que me preparasse o jantar. Exceto que tínhamos terminado as coisas, então fui para casa com manteiga de amendoim e geleia.

A esqueceria em breve, certo? Era melhor seguirmos caminhos separados.

Ou deveria ser.

Até ela arruinar os sábados. Até que arruinou The Betsy.

O único banco confortável no bar era *esse* banco, o mesmo que ela estava no dia em que a encontrei aqui. The Betsy era normalmente um lugar que eu vinha para sair com outras pessoas. Ser social. Só que todo mundo aqui me irritava. Eles não eram tão divertidos de conversar como me lembrava, não quando comparado a conversar com Bryce. E não havia uma mulher na sala que tivesse qualquer fascínio.

Tomei o resto da minha cerveja e acenei para Paul para encher novamente. Um aceno rápido e trinta segundos depois, tinha uma nova Guinness. Seu serviço rápido *quase* compensou o fato de que o peguei olhando os peitos de Bryce.

— O que está fazendo aqui? — Leo bateu a mão no meu ombro, empurrando-se entre mim e o cara sentado à minha direita. Ele se virou para trás, com um sorriso no rosto enquanto examinava o bar. Ele piscou para uma mulher que passava. Deu uma levantada de queixo para um idiota da mesa do canto.

Esse costumava ser eu. O rei deste bar. Este era o meu lugar feliz.

Então Bryce arruinou tudo com seu sorriso sexy e cabelos brilhantes. *Ela me arruinou.*

Engoli minha cerveja inteira com três goles enormes e soltei um arroto.

— Paul— Bati minha mão no bar. — Whisky desta vez.

— Você está de mau humor, — Leo murmurou. — Venha e jogue um pouco. Vou deixar me derrotar.

— Passo.

— Irmão. — Leo colocou seu ombro em mim para falar baixo. — Anime-se. Leve para casa a loira no canto. Ela fará você se sentir melhor. Ou pelo menos deixe-a chupá-lo no banheiro.

— Não estou interessado. — A única mulher cujos lábios pertenciam ao redor do meu pau era os de uma linda repórter.

— Eu desisto de você. — Leo franziu a testa, depois acenou para Paul. — Não o interrompa. Vou garantir que ele chegue em casa.

A cerveja estava indo direto para minha cabeça, *obrigado, porra,* e eu acenei para Leo.

— Obrigado.

— Ei, Dash. — Uma mão delicada deslizou pela minha coxa e eu me afastei de Leo para ver a loira que estava no canto. — Como vão as coisas? Não vejo você por aqui há algumas semanas.

— Tudo bem. — Coloquei a mão sobre a dela antes que pudesse alcançar meu zíper. — Você?

A loira não teve chance de responder.

Uma mão agarrou a parte de trás da minha camiseta, apertando-a com força no meu pescoço. Antes que pudesse me virar e ver quem era, aquela mão deu um puxão forte e eu voei para trás do banquinho. Se não fosse pelos reflexos rápidos de Leo, eu estaria caído sentado no chão sujo do bar.

Encontrei meu equilíbrio, me endireitando, e levantei para encarar a pessoa que estava prestes a levar um chute no traseiro. Mas o rosto que encontrei não era aquele que eu socaria.

— Bryce, o que...

— Maldição. — Suas mãos bateram no meu peito, me empurrando de volta contra o banquinho.

Leo segurou meu braço para que eu não caísse. Ou talvez ele tenha pensado que iria atrás dela.

Não era fã de ser empurrado, mas caramba, fiquei feliz em vê-la. O rosto de Bryce estava cheio de raiva, as bochechas vermelhas e os olhos ardendo. Ela furiosa era um nocaute.

Avançando, ignorei a raiva saindo em ondas e passei meus braços em volta dela, esmagando-a no meu peito.

— Tire suas malditas mãos de mim. — Ela empurrou e se contorceu, tentando se libertar.

Mas a segurei mais apertado, enterrando meu nariz em seus cabelos. Cheirava a açúcar, dominando a cerveja velha no chão e a fumaça de segunda mão flutuando pela porta da frente.

— Dash, — ela retrucou, o som abafado no meu peito. — Solte-me, seu imbecil.

— Sentiu minha falta? — Eu ri. O sorriso no meu rosto doía por não usá-lo ultimamente. — Tenho que dizer, querida, realmente gosto que você esteja com ciúmes.

— Ciúmes? — Ela congelou em meus braços. — Você acha que eu me importo com a loira? Foda o cérebro dela, não me importo.

— Huh? — Eu a soltei. — Foda o cérebro dela?

Eu tinha dado espaço suficiente para ela acabar e me dar um tapa na cara. *O que diabos estava acontecendo agora?*

— Você é um bastardo mentiroso, — ela fervia. — Pode ter me enganado duas vezes, mas isso *nunca* acontecerá novamente. Não estou mais

jogando seu jogo. Não importa o que for preciso, farei tudo ao meu alcance para todos vocês ajoelharem. — Com isso, ela girou e saiu do bar.

Eu pisquei duas vezes, atordoado quando os olhos em volta da sala pousaram em mim. Levantando a mão, esfreguei a bochecha que ela provavelmente deixou vermelha. Então olhei por cima do ombro para Leo.

— Isso acabou de acontecer?

— Droga. — Ele estava olhando para a porta, um sorriso enorme se espalhou por seu rosto. — Ela é um foguete. Se você não se casar com ela, eu casarei.

— Vá para o inferno. — Me virei, depois corri para a porta. — Bryce!

O estacionamento estava lotado. Havia carros e motos por toda parte. E nenhum sinal de Bryce, até que o flash dos faróis chamou minha atenção ao longe.

Saí, correndo para a única saída do estacionamento. Não era fácil depois da cerveja, mas empurrei minhas pernas com força, minhas botas batendo no asfalto rachado. Cheguei bem a tempo de ficar no meio da estrada quando o Audi de Bryce derrapou a alguns centímetros dos meus joelhos.

Ela abaixou a janela.

— Saia.

— Não. — Plantei as duas mãos no capô. — O que foi aquilo?

— Sério? Não se faça de bobo.

— Ajude-me aqui, querida. Eu estou bêbado. Você foi lá e eu fiquei tão feliz em vê-la. Então, jogou um monte de merda que fez minha cabeça girar. Apenas fiz uma corrida da morte e tenho certeza que meu coração pode explodir. Se eu desmoronar, não me atropele.

— Isso não é uma piada! — Ela gritou. Sua frustração encheu o ar da noite. Quando bateu em uma lágrima, meu coração apertou. — Você mentiu para mim. Novamente. E eu caí nessa.

Meu estômago deu um nó. *Algo ruim aconteceu. Alguma coisa séria.* E não tinha ideia do que poderia ser, além da fotografia do anuário. *Mas isso não era grande coisa para essa reação, era?*

— Saia e fale comigo. — Levantei minhas mãos, recuando do carro. — Por favor.

Ela manteve as mãos no volante, os olhos flutuando no espelho retrovisor. Dez segundos se passaram e eu tinha certeza de que ela estava pensando em me atropelar. Mas, finalmente, baixou o queixo e estacionou o carro.

Ela saiu, vestindo um jeans apertado e salto alto. Sua blusa cinza estava amarrotada, como se tivesse dormido com ela ou a tivesse usando desde o amanhecer.

Eu fiquei para trás enquanto ela se apoiava no carro, cruzando os braços.

— Por que você mentiu?

— Eu não menti para você. — A menos que... *Merda.* A foto do anuário. *Bryce tinha descoberto que mamãe e Amina eram melhores amigas?*

— Estava fazendo isso agora. — Ela revirou os olhos. — Pare de fingir

— Mulher, o que você está fazendo?

— Ela se parece com você. Levei um minuto para descobrir, mas você tem o mesmo cabelo e o mesmo nariz.

— Quem? — *Quantas bebidas Paul me deu?* Porque ela não estava fazendo nenhum sentido. *Estava falando sobre mamãe?* Não tinha o cabelo da mamãe. Tinha o de papai. — De quem você está falando?

— Sua irmã.

Minha irmã?

— Eu não tenho uma irmã.

— Isso é uma perda de tempo. — Ela girou para longe do carro, indo para a maçaneta. — Tudo o que vou conseguir são mais mentiras.

Com uma explosão de velocidade, corri para o lado dela, prendendo-a contra o carro antes que ela pudesse abrir a porta. Qualquer burburinho que eu tinha dentro se foi. A verdade em sua voz me deixou sóbrio.

O que diabos ela descobriu?

— Eu não tenho uma irmã — eu repeti.

Ela torceu e eu deixei que tivesse espaço suficiente para virar. Seu rosto estava duro, pedra pura um segundo. Então a raiva desapareceu. Os seus olhos se arregalaram e uma mão veio à boca.

— Oh meu Deus, — ela sussurrou. — Você não sabia.

— Sabia o quê? — Eu exigi. — O que você fez?

Ela engoliu em seco.

— Fui ver a filha de Amina em Denver. Voei hoje de manhã e voltei. Eu conversei com ela por horas. Sobre sua mãe e sua infância. E...

— Continue, — rosnei quando ela fez uma pausa.

— Eu perguntei sobre o pai dela, mas ela não sabia nada sobre ele. Tudo o que Amina havia dito era que ele se chamava *Prez.* Eu acho que... Tenho certeza de que Draven é o pai dela. Ela é sua irmã.

Não. Eu me afastei, balançando a cabeça.

— Não. Não é possível.

— Talvez tenha sido por isso que Amina veio aqui se encontrar com Draven. Para discutir a filha deles. Faz sentido.

— De jeito nenhum. Se tivesse uma irmã, eu saberia. — Fechei minhas mãos em punhos, andando na frente dela. *Poderia ter uma irmã?* Papai tinha sido um homem diferente depois que mamãe morreu. Talvez tenha engravidado Amina depois do funeral.

— Qual a idade dela?

— Vinte e seis.

Todo o ar escapou dos meus pulmões e não conseguia respirar. Colocando minhas mãos nos joelhos, lutei para não cair. Mamãe morreu quando eu tinha doze anos. Era um garoto do ensino médio voltando para casa no carro do meu irmão mais velho para encontrar minha mãe morta.

Encontrar o sangue ensopado na calçada da frente, ao lado de uma bandeja plástica com flores amarelas.

Se essa irmã tinha 26 anos, era nove anos mais nova que eu. Três anos antes quando minha mãe foi arrancada de nós. *Três.*

— Não. Impossível. Mamãe e papai estavam irremediavelmente apaixonados. Sempre. Não conseguia lembrar de uma vez que eles brigaram. Não conseguia me lembrar de uma noite em que papai dormiu no sofá porque ele a irritou.

— Dash, ela poderia...

— Não! — Eu rugi. — Papai não teria traído mamãe. Isso. É. Impossível.

Bryce manteve a boca fechada, mas havia julgamento em seus olhos. Ela tinha certeza de que ele era um traidor assassino. E eu o defenderia até o fim.

— Entre no carro. — Andei em torno da frente do carro dela, abrindo a porta do passageiro. Quando Bryce não se mexeu, berrei mais alto: — Entre no carro!

Seu corpo entrou em ação. Ela se virou, entrando e amarrando o cinto de segurança. Eu subi também, sem me preocupar com um cinto.

— Dirija.

Ela assentiu, colocando o carro em marcha. Mas antes de soltar o freio, olhou para mim.

— Eu sinto muito. Pensei que soubesse.

— Não há nada para saber. — Olhei pela janela, minhas mãos segurando minhas coxas. Cada grama de minha força de vontade foi para não socar meu punho através do vidro.

A mão de Bryce se estendeu pelo console.

— Dash...

— Não. Me. Toque.

Sua mão voltou ao volante.

Eu não queria conforto. Não queria o calor suave da sua pele na minha. Não queria acreditar em uma palavra que saíra da sua boca.

Ela estava errada. Estava completamente errada. E provaria isso. Esta noite.

— Dirija — pedi novamente.

— Onde?

— Direto.

Bryce seguiu silenciosamente minhas instruções de uma palavra pela cidade até que entramos na rua tranquila da minha infância. Apontei para o meio-fio em frente à casa de papai e ela parou. Sem uma palavra, saímos do carro e ela seguiu atrás de mim até a porta lateral.

Cinco batidas fortes e uma luz acendeu dentro.

Papai foi até a porta para destrancá-la.

— Dash?

Eu o empurrei para dentro, marchando para a cozinha.

A cozinha da mãe.

Aquela em que ela nos preparava refeições todos os dias. Onde embalava nossos almoços em caixas de alumínio com desenhos animados na frente e enchia nossas garrafas térmicas de leite com chocolate. Onde beijava papai todas as noites e perguntava sobre o seu dia.

Impossível. Papai amava mamãe com cada grama de seu ser. Ele nunca a trairia. Bryce estava errada e eu queria que ela testemunhasse, para ouvir a verdade em sua voz quando ele negasse ter uma filha.

Papai entrou na cozinha, seus olhos apertando os olhos quando se ajustaram à luz. Ele estava sem camisa, vestindo apenas um par de calças de pijama xadrez.

Bryce deslizou atrás dele, escolhendo ficar contra a geladeira. Se estava assustada, não demonstrou. Se estava duvidando de si mesma, também não demonstrou isso.

Foda-se ela. Ela não sabia. Não sabia que cresci com duas pessoas que se amavam mais que a vida. Que papai quase morreu de coração partido quando mamãe foi assassinada.

— O que está acontecendo? — Papai perguntou.

— Eu quero a verdade. — Meu peito arfava e lutei para manter minha voz firme. — E você vai me dar.

Ele ficou imóvel. Calmo.

— A verdade sobre o que, filho?

— Bryce foi ver a filha de Amina.

Os olhos de papai se fecharam e seu queixo caiu.

Não.

Papai sempre abaixava a cabeça quando desapontava seus filhos.

— Então é verdade? Ela é sua filha? — Um leve aceno de cabeça e eu voei pela sala, meu punho colidindo com sua bochecha. Um estalo encheu a cozinha e Bryce soltou um pequeno grito quando ela pulou. — Você está morto para mim.

Sem outra palavra, saí da sala. As paredes estavam se fechando em mim. Voei pela sala de lama e saí para o ar, ofegando pelo ar da noite.

Uma mão, suave e leve, pousou na minha espinha.

— Eu sinto muito.

— Ela o amava. E ele... — Minha garganta se fechou com as palavras. Não pude dizer isso. Não podia acreditar que papai tinha traído mamãe.

Minha mãe tinha suportado tanta merda dele. E isso lhe custou a vida. Enquanto isso, o homem que eu amava, o homem que admirava, havia engravidado sua melhor amiga do ensino médio.

A foto das duas fazia sentido agora. Elas foram amigas. *Mamãe sabia? Ou o pai tinha escondido Amina e sua filha de todos nós?*

— Porra. — Levantei-me e caminhei até o carro de Bryce, seus passos ecoando atrás.

Dentro do carro, ela não pronunciou uma palavra enquanto se afastava.

Abaixei a cabeça, enfiando as mãos nos cabelos.

— Tenho que contar a Nick.

Depois de anos, meu irmão e meu pai finalmente tinham um relacionamento decente. Uma ligação e eu destruiria novamente.

— Sinto muito. Sinto muito — Bryce cantava por cima do volante. Os olhos dela estavam colados na estrada à frente. — Pensei que você soubesse. Pensei que estava mentindo para mim e encobrindo seu pai. Teria lidado com isso de maneira diferente. Eu *deveria* ter lidado com isso de maneira diferente.

— Não foi você quem traiu a esposa e acabou de perder o respeito do filho.

Os ombros dela caíram.

— Eu ainda sinto muito.

— Não é sua culpa. — Minha mão deslizou para seu ombro e ela ficou tensa. *Merda. Estava com medo de mim?* Estava com raiva, mas não com ela. — Desculpa. Por mais cedo.

— Não se preocupe com isso. — Bryce relaxou. — Sempre achei que você tinha um temperamento. E sou uma garota grande. Posso lidar com um homem gritando comigo. Só não faça disso um hábito.

— Eu não vou. — Não queria que Bryce tivesse medo de mim. Observei a estrada enquanto ela dirigia em direção ao The Betsy, mas quando chegamos lá, não diminuiu a velocidade. Ela passou pelo bar. — Onde estamos indo?

Bryce me deu um pequeno sorriso quando entrou no estacionamento do Stockyard's, um bar a duas quadras do The Betsy, conhecido por sua comida gordurosa.

— Está com fome? Estou faminta. Tudo o que almocei foram biscoitos.

Capítulo 18

Bryce

— Gosto daqui. — Dash olhou em volta da barra escura, segurando um enorme cheeseburger nas mãos. — Não venho aqui há anos. É muito mais silencioso do que The Betsy. A comida também é boa.

— Muito bom. — Dei outra mordida enorme no meu hambúrguer e gemi.

Meus pais adoravam Stockyard's. Era mais a velocidade deles do que um bar barulhento como o The Betsy. Atendia à multidão discreta de Clifton Forge com sua música sutil e uma abundância de mesas para as pessoas se sentarem e visitarem. Não era surpresa que, quase à meia-noite, o local estivesse quase vazio.

Imaginei que a única razão pela qual eles ficavam abertos até tarde era porque era o único lugar na cidade a servir comida tão tarde. Provavelmente lotariam com The Betsy em breve, bêbados procurando uma refeição pesada para combater o álcool. E então, é claro, eles estavam abertos para servir os jogadores de pôquer na mesa ao longo da parte de trás. Sete homens estavam sentados debruçados sobre suas fichas enquanto um jovem ruivo com um belo sorriso distribuía suas cartas.

Dash estava de costas para eles, mas a cada dez minutos, ele olhava por cima do ombro, lançando um olhar através da distância da sala.

— Não é fã de pôquer? — Perguntei depois de outra de suas carrancas.

— O de capuz cinza é o noivo de Presley, Jeremiah. — Ele franziu o cenho. — Ela provavelmente está sentada em casa sozinha enquanto ele está aqui perdendo dinheiro e ficando bêbado. O cara é um cretino, mas ela aguenta a merda dele.

— E acho que ela não gosta quando você expressa essa opinião.

— Não muito. — Ele balançou a cabeça. — Todos nós tentamos conversar com ela, mas sempre termina em uma briga. Então agora ficamos calados. Pelo menos, faremos até que eles realmente decidam se casar. Então todos nós nos juntaremos sobre ela.

— Uma intervenção? — Eu ri. — Boa sorte com isso. Vai ter que me dizer como vai ser.

Do meu breve encontro com Presley na oficina, imaginei que era do tipo que se decidia. Dizer a ela que *não* provavelmente funcionaria tão bem quanto para mim.

Dash e eu não falamos enquanto terminávamos nossas refeições. Desde que entramos e pedimos, nenhum de nós falou sobre o que havia acontecido na casa de Draven. Mas com cada mordida engolida, estava chegando. O que aconteceu não poderia ser ignorado para sempre.

Com guardanapos amarrotados e manchados de gordura jogados sobre as poucas batatas fritas restantes em nossos pratos, o olhar de Dash encontrou o meu.

— Então...

— Então. Quer falar sobre isso?

Ele passou a mão pela barba por fazer.

— Não posso acreditar que ele faria isso com mamãe. Ela era incrível. Uma mulher despreocupada e amorosa. Não merecia um marido traidor. Deus, espero que não soubesse. Que morreu pensando que ele era fiel.

— Posso perguntar como ela morreu?

— Ela foi morta do lado de fora da casa. — Ele apoiou os cotovelos na mesa, falando em voz baixa cheia de dor. — Nós a encontramos, eu e Nick.

Minha mão chegou ao meu peito. Era inimaginável. De partir o coração. Eu queria abraçar Dash, mas, por enquanto, resolvi sussurrar:

— Sinto muito.

— Nick tinha dezesseis anos e tinha um carro. Eu implorei que ele me desse uma carona para casa da escola naquele dia, para não ter que andar de ônibus. Ele estava chateado porque havia uma garota que estava perseguindo e ela queria que a levasse. Mas me levou para casa. Ele sempre me colocava em primeiro lugar, nossa família em primeiro lugar. Mesmo na adolescência. Chegamos em casa e vimos mamãe deitada de lado na calçada. Ela estava jardinando, usando as luvas que eu comprei para o Dia das Mães.

Coloquei minha mão sobre a de Dash, segurando firme.

Ele se virou, enfiando os dedos nos meus.

— Havia outro clube em Montana que estava causando problemas aos Gypsies. Eles eram chamados de Travelers. Papai e o clube brigavam bastante com eles ao longo dos anos, mas não havia sido nada muito sério. Nada perigoso. Então, papai e o clube ficaram agressivos com a expansão. Adotaram mais rotas de drogas para aumentar a renda do clube, até roubaram alguns de outros clubes. Os Travelers não gostaram de perder e fizeram algumas ameaças. Papai os dispensou, não os levando a sério. Até que eles foram além.

— Eles vieram atrás da sua mãe.

Ele assentiu.

— Dirigiram até nossa casa. Atiraram na parte de trás da cabeça dela enquanto ela plantava flores amarelas. Você não conseguia nem reconhecer o seu rosto. A bala apenas a atravessou.

Minha mão apertou a dele e fechei os olhos. O cheeseburger não estava bem, não quando me imaginei no lugar de Dash. Encontrar o corpo morto de sua mãe era um horror que nenhuma criança deveria ver.

— Dash, eu estou... Eu sinto muito.

— Eu também. — Ele ficou quieto por alguns minutos, com os olhos na mesa. Mesmo quando o garçom apareceu para pegar nossos pratos e encher nossas águas, não se mexeu. Apenas segurou minha mão até que estávamos sozinhos. — Papai e os Gypsies mataram todos os seus membros. Até o último.

Abri minha boca para responder, mas não tinha as palavras. Era difícil compreender esse tipo de assassinato e violência. Difícil de ver Dash nessa vida. E, ao mesmo tempo, fiquei feliz por ele, Nick e até Draven, terem se vingado. Não era preto e branco, neste mundo que ele me puxou. Não havia uma linha clara entre certo e errado, não como acreditava antes.

Ele olhou para cima da mesa e ajustou seu aperto na minha mão, envolvendo-a completamente.

— Não somos bons homens, Bryce.

— Talvez. Mas é um bom homem para mim.

— Tem certeza disso? Eu a joguei na cadeia. Nem sempre a tratei bem. Gritei com você hoje à noite.

Tranquei meus olhos com os dele.

— Tenho certeza.

Dash amava as pessoas em sua vida. Ele era leal e gentil. Gostava de me irritar, mas nunca demais. Quando cruzou uma linha, todas foram atos perdoáveis. E um pedido de desculpas não demorava muito a seguir.

Até a coisa toda na cadeia.

Porque se nossos papéis tivessem sido invertidos, eu provavelmente teria feito o mesmo com ele. Não admitiria isso tão cedo, mas o perdoaria por tudo.

Depois de pagar a conta, Dash e eu saímos na noite escura.

— Para onde? — perguntei enquanto caminhávamos para o meu carro.

— Se importa se ficar na sua casa?

Peguei as chaves da minha bolsa.

— Estou lhe dando um soco nas costelas se roncar.

Ele riu.

— Eu não ronco.

Meu alarme me acordou às quatro da manhã. Corri para desligá-lo e não acordar Dash.

O homem estava deitado de bruços, com o rosto virado para longe de mim. Mas a mão estava nas minhas costas. Seu polegar se moveu, esfregando um pequeno círculo.

— É cedo.

— Tenho que ir ao jornal e garantir que tudo saia para entrega, — disse, saindo da cama.

Papai provavelmente já estava no jornal, de olhos brilhantes e sorrindo. Estava ansiosa para me juntar a ele. As manhãs de domingo e quarta-feira eram os dois dias em que não queria ficar na cama.

Embora hoje, com Dash aqui, eu estivesse tentada.

Tomei um banho eficiente e passei uma maquiagem mínima para esconder as olheiras sob os olhos. Ficar acordada depois da meia-noite de um sábado não era algo que normalmente fazia. Mas a noite passada foi uma exceção. Para muitas coisas.

Vestindo um par de jeans, tênis e camiseta, caminhei em direção à porta do quarto, pronta para o café, mas hesitei quando vislumbrei Dash. Devo dizer adeus? Ou apenas sair?

Ele provavelmente estava dormindo. Não estava roncando agora que eu estava saindo.

— Bryce.

— Sim? — sussurrei.

— Venha aqui.

Andei na ponta dos pés ao redor da cama, me curvando.

— O quê?

— Beijo, — ele ordenou com os olhos fechados. Aqueles cílios escuros estavam perfeitamente na sua bochecha.

Eu sorri, colocando minha mão em sua testa para afastar seus cabelos despenteados antes de deixar meus lábios em sua têmpora.

— Tchau.

Era impossível tirar o sorriso do meu rosto enquanto dirigia para o jornal. Mesmo com apenas algumas horas de sono, estava descansada e renovada.

Dash e eu caímos na minha cama na noite passada, emocionalmente exaustos e plenos. Ele não fez um movimento por sexo. Nenhum de nós fez. Dormiu de cueca. Eu vesti uma blusa e shorts. Então, com sua mão escorregando por baixo da barra da minha camisa, adormecemos.

A sua palma da mão ficou quente na minha pele a noite toda.

Ele provavelmente teria ido embora quando voltasse para casa. Dash foi atingido por um rolo compressor emocional na noite passada e precisou

de tempo para resolver tudo. Eu só esperava que ele soubesse que poderia recorrer a mim se precisasse de um ouvido compreensivo.

Na noite passada, as coisas haviam passado muito além da minha história. Isso não era mais sobre mim. Ou Amina Daylee. Ou Genevieve. Ou até Draven. Isso era sobre Dash.

Meus sentimentos por ele não podiam mais ser ignorados. Quando meu pai me pedisse uma história sobre os Tin Gypsies, eu contaria uma mentira. Não havia nada que valesse a pena imprimir.

Uma história não valia a pena partir o coração de Dash. Já teve o suficiente disso em sua vida. Não tiraria mais proveito dele.

Entrando pela entrada dos fundos da sala de imprensa, encontrei papai em pé junto a Goss.

— Oi, pai.

— Como está minha garota? — Ele perguntou enquanto eu beijava sua bochecha.

— Bem. Como está?

Ele entregou o papel de amostra nas mãos.

— Estamos quase terminando. Eu tenho uma última corrida aqui. BK está trabalhando nos pacotes.

Analisando a primeira página, sorri com o último dos artigos de Willy sobre os viajantes das ferrovias. As pessoas adoraram o seu segmento, inclusive eu.

— Não poderia ter saído melhor, — disse a papai. — Vou ajudar BK.

Depois de uma hora juntando papéis e organizando-os em pilhas, cumprimentamos os motoristas de entrega na doca de carregamento. Cinco pais e cinco filhos entraram no estacionamento na mesma hora. Estavam entregando os jornais pela cidade e arredores hoje de manhã.

A maioria dos nossos assinantes teria suas notícias antes das sete.

— O que vai fazer pelo resto do dia? — Papai perguntou, desligando uma fileira de luzes na sala de imprensa. BK já tinha saído, fazendo algumas de suas próprias entregas antes de ir para casa.

— Não muito. Preciso lavar a roupa, — resmunguei. — E você?

— Um cochilo. Então sua mãe quer jantar no Stockyard's. Está convidada para vir.

— Obrigada. Vamos ver. — O que nós dois sabíamos que significava *não*.

Não suportava mais cheeseburger. O pensamento de outro fez meu estômago revirar. O café que bebi enquanto empacotava papéis também não estava bem, provavelmente por causa de toda a comida pesada antes de dormir.

Quando chegasse em casa, ia fazer-me um pedaço de torrada seca e esperava que ele iria absorver um pouco da graxa residual.

— Tenho algumas novas ideias de histórias que quero discutir com você. Vai estar aqui amanhã?

— Claro. Às oito, o mais tardar. Podemos conversar sobre elas então. Me abraçou e acenei enquanto caminhava para a porta.

— Bryce.

— Sim? — me virei.

— Você ficou quieta sobre os Tin Gypsies. Realmente desistiu disso?

— Acontece que não há muito a dizer. — Foi um alívio. Papai não me pressionou a escrever a história, mas, ao dizer a ele que estava deixando passar, isso me deu permissão para fazer exatamente isso.

— Tudo certo. E a investigação do assassinato? Marcus lançou algo novo?

— Não ultimamente. Duvido que haja muito até o julgamento. Gostaria de fazer um artigo memorial sobre Amina Daylee, mas acho que é muito cedo após o assassinato. Havia muita coisa no ar. Gostaria de dar um tempo.

— Ok. Acho que vamos imprimir boas notícias por um tempo. Não é algo ruim.

Eu sorri.

— Não, não é.

— Vejo você amanhã.

— Tchau, pai. — Acenei novamente, depois saí para fora, saboreando o calor do sol da manhã no meu rosto. Era uma hora estranha para uma soneca, mas quando voltei para casa, uma onda de exaustão me atingiu com força e soube que no segundo em que chegasse em casa, iria voltar para a cama.

As torradas teriam que esperar até que eu estivesse completamente acordada.

Com meu carro estacionado na garagem, entrei na casa, meio adormecida.

— Ahh! — Gritei. Apertei meu coração, esperando que ele parasse de tentar se libertar. — O que você está fazendo?

Dash deixou cair a toalha que ele dobrara em cima da pilha de outras.

— Lavanderia.

— Pensei que tivesse ido embora.

— Tomei banho, mas não consegui encontrar uma toalha no banheiro. Então fui procurar e peguei uma de uma cesta de lavanderia. Decidi dobrar essa. Então eu encontrei outra. E outra.

— O que posso dizer. Detesto dobrar roupas.

Ele sorriu.

— Descobri isso duas cestas atrás, querida.

Andei mais fundo na sala, sentando no braço do sofá enquanto Dash dobrava outra toalha.

— O que está realmente fazendo aqui? Porque não é para dobrar minha roupa.

— Estou me escondendo.

— Escondendo, — repeti.

— Sim. — Ele pegou a cesta, agora cheia de roupas dobradas, e colocou-a de lado. — Posso me esconder aqui?

A vulnerabilidade em sua voz torceu meu coração.

— Claro.

— Obrigado. — Dash ficou parado na minha frente, com os pés descalços no tapete, e levantou as mãos para emoldurar meu rosto. — Beijo.

— Você está exigente hoje.

Ele deixou cair seus lábios nos meus.

— Você gosta disso.

Quando sua língua varreu meus lábios, a onda de calor no meu núcleo provou o seu ponto. Abri minha boca, deixando-o varrer para dentro. Seu gosto consumiu minha boca e minhas mãos alcançaram seus quadris, puxando-o para mais perto.

Ele entrou entre as minhas pernas, usando as suas para empurrá-las. Então se inclinou e forçou a inclinar, mantendo o aperto firme no meu rosto.

Nossas bocas moldadas, lutando entre si por mais. A temperatura na sala aumentou e eu doía ao sentir minha pele nua contra a dele. As semanas desde que eu o tinha dentro de mim tinham sido longas demais, e a necessidade de senti-lo era avassaladora. Ofegando e procurando mais para acender o fogo, agarrei sua camiseta e o puxei em cima de mim.

Ele afastou os lábios, me agarrando pelos quadris e girando nós dois, então estava sentado no sofá e eu montei em seu colo. A ereção de Dash, grossa e dura sob o zíper, esfregou contra o meu núcleo.

— Fora. — Puxei sua camisa, arrastando-a pelo corpo enquanto ele trabalhava no botão e no zíper livre no meu jeans.

— Está molhada para mim? — Ele deslizou a mão na minha calcinha, encontrando minhas dobras escorregadias com o dedo médio. Um sorriso se espalhou por seu rosto quando ofeguei com o dedo se curvando por dentro.

— Sim, — gemi, fechando os olhos e deixando minha cabeça descansar de lado. — Senti sua falta.

Tinha sentido falta mais do que apenas de seu corpo, mas mantive esse pensamento para mim mesma.

Os lábios de Dash chuparam meu pescoço, beijando e lambendo quando sua mão livre puxou a gola da minha camiseta.

— Senti sua falta também.

Ele definitivamente estava falando sobre sexo. Mas nos cantos do meu coração, fingi que era algo mais.

Sua mão entre as minhas pernas atormentou, provocou, até que eu estava quase sem fôlego. Mas não queria gozar em volta de seus dedos. Procurando a força em meus joelhos balançando para ficar de pé, saí de seu colo, empurrando meus jeans e calcinha para o chão.

Tirei minha camisa e, quando olhei para Dash, ele puxou seu próprio jeans pelos quadris e a camisa estava fora. Aqueles abdominais rasgados estavam amontoados e sua mão estava fechada em torno de seu eixo pulsante, uma camisinha no lugar.

Montei sua cintura, pegando seu rosto em minhas mãos.

— Porra, você é sexy.

— Eu sei. — Ele sorriu quando beijei o canto da boca.

Essa arrogância deveria ter sido um desvio, mas o homem tinha um espelho. E ele sabia o que fazia comigo.

Dash se posicionou na minha entrada e, eu afundava lentamente, envolvendo-o. O alongamento, aquele preenchimento incrível, estremeceu minha espinha e quase tive um orgasmo naquele momento.

— Porra, — Dash gemeu, esticando seu pescoço quando levantei antes de afundar novamente. — Você acaba comigo.

A roupa que ele dobrou caiu do sofá quando nos perdemos no frenesi. Eu o montei com força até meus músculos enfraquecerem e meu ritmo diminuir. Dash assumiu o controle, esmagando nosso peito enquanto nos reposicionava, eu de costas com as pernas abertas. Ele entrou em mim, forte e no controle.

Sentir sua masculinidade fluindo de seus braços e pernas, me surpreendeu, enquanto ele estocava, empurrando seus quadris uma e outra vez até que me desfiz. Meu orgasmo tomou conta de mim em ondas longas e com força até que estava mole.

Dash gozou pouco tempo depois, se libertando enquanto os sulcos do peito e do abdômen se flexionavam. Eu definitivamente tinha ficado muito tempo sem essa visão. *Era meu. Tudo meu. Por um pouco mais de tempo.*

— Isso só fica melhor, — ele ofegou no meu cabelo quando desabou em cima de mim. Então deu um rápido beijo no meu pescoço e se levantou, deslizando para fora. — Volto logo.

Enquanto foi lidar com a camisinha, trabalhei para recuperar o fôlego. Havia uma sensação carregada sob a minha pele. Uma eletricidade. Eu estava tão cansada quando cheguei em casa, mas agora queria mais.

Dash voltou para a sala, estendendo a mão para me ajudar no sofá. No momento em que eu estava de pé, envolvi minha mão em torno de seu pau. Talvez, ele animasse para uma segunda rodada.

— Ainda não. — Ele sorriu, pegando minha mão. — Estou sem camisinha.

— Oh. — Meu ânimo caiu. — Eu não tenho nenhuma.

— Vou correr e pegar um pouco mais tarde. Gostaria de comprar eu mesmo, de qualquer maneira.

Ele gostava de comprar a sua? Eu pisquei, insegura de tê-lo ouvido corretamente.

— O que exatamente isso significa? Porque parece que você precisa de preservativos para usar com outra pessoa que não eu.

E isso absolutamente não iria funcionar.

— O quê? Não, querida. — Ele pegou meu rosto em suas mãos e beijou minha testa. — Você é a única. Mas vi um dos meus irmãos no clube engravidar uma garota porque ela tinha ferrado com a camisinha. Sempre criei o hábito de comprá-las eu mesmo.

— Não sou mentirosa, nem manipuladora.

— Pare. — Ele me beijou novamente. — Sei que não é. Mas ainda assim eu compro meus preservativos.

— Tudo bem. — Eu bufei, saindo do seu abraço e andando pelo corredor até o meu quarto. Doeu que ele não confiasse em mim o suficiente para fornecer proteção, que não era diferente de qualquer outra mulher com quem dormiu.

— Não fique brava. — Dash me pegou no corredor, me envolvendo em seus braços. — Não estou dizendo nada disso para machucá-la. Só não quero filhos. Não me vejo como pai. Nunca tive essa necessidade.

Por que fui atraída por um homem tão emocionalmente indisponível? Não era a primeira vez, que estive com um que tinha pavor de compromisso. *Por que parecia encontrar homens que pensavam que a ideia de família era uma sentença de morte?*

— Está tudo bem, — murmurei, incapaz de esconder a irritação na minha voz. Não era culpa dele. Estava apenas sendo honesto. O problema não era Dash. Era eu. — Só estou cansada.

Emocional e fisicamente.

Ele me deixou ir.

— Vamos dormir por um tempo.

E esquecer que essa conversa aconteceu.

O que importava se ele não queria filhos? Nós não estávamos nesse caminho, então era melhor esquecer tudo isso. Talvez isso fosse mais do que apenas sexo. Mas isso não significava que éramos um casal. Poderia ser seu esconderijo temporário, isso não significava que tínhamos um futuro.

Dash me seguiu até o quarto, e subi debaixo dos lençóis, olhando para longe dele. Mas, em vez de me dar o meu espaço, me pegou nos braços, me posicionou no peito e acariciou meu cabelo até que, com corações machucados e tudo, nós dois adormecemos.

****

Acordamos horas depois, enquanto o sol entrava no quarto, embora nenhum de nós tenha feito um movimento para se levantar. Fiquei envolta em seu peito enquanto seus dedos desenhavam padrões nas minhas costas.

— Não sei como vou contar a Nick, — disse Dash em meus cabelos.

— Sobre... — *Genevieve.* Deixei o nome dela não dito, suspeitando que isso o irritaria. Ele não estava pronto para falar sobre sua meia-irmã, por mais maravilhosa que ela fosse.

— Sim. Sobre... ela. — Ele suspirou. — Nick e papai brigaram depois que mamãe morreu. Levou anos para eles resolverem isso. A merda que aconteceu, com Emmeline quase sendo sequestrada, os juntou novamente. Isso irá destruí-los novamente. Papai vai perder o filho e os netos dessa vez também. Nick não o perdoará.

Eu levantei para ver seus olhos. Eles eram dourados na penumbra. Cativante. Triste.

— Talvez antes de ligar para Nick, deva entender toda a história.

— Não. — Franziu a testa. — Não posso falar com papai.

— Você precisará fazê-lo em algum momento. — A menos que Draven fosse preso por matar Amina. Então Dash poderia evitar seu pai. Mas no final, se arrependeria. — Não faça isso por ele. Faça isso para obter respostas. E então pode decidir o que fazer com Nick.

Ele soltou um longo suspiro. Esperava que levasse algum tempo para pensar sobre minha sugestão, mas em um momento eu estava afundando em sua expiração, e no outro estava sendo empurrada para o lado enquanto ele voava da cama.

— Vamos.

— Agora?

— Agora. E você vem comigo.

— Eu? Por quê? Acho que seria melhor se fosse apenas você e seu pai. — Já tinha me intrometido na cena da cozinha na noite passada.

— Você precisa estar lá para me parar se eu tentar matá-lo.

Eu atirei um olhar para ele.

— Não é engraçado, Dash.

— Então... Estará lá para mim? — Ele estendeu a mão. — Por favor?

Capítulo 19

Dash

— Foi aqui que você cresceu? — Bryce entrou na garagem de papai.

Não era realmente a pergunta que estava fazendo. Ela queria saber se era onde mamãe havia morrido.

Olhei para a calçada.

— Sim.

— Oh. — Ela estacionou o carro. — Pensei que talvez você tivesse se mudado. Depois...

— Não. Papai pensou que isso mostraria fraqueza.

A sua boca se abriu.

— O quê?

— Foi o que ele nos disse, enfim. Mas, na verdade, acho que ficou porque não conseguia aceitar a ideia de morar em outro lugar. Ele comprou esta casa para mamãe alguns anos depois que se casaram.

Esta era a casa onde haviam se amado. Onde trouxeram Nick e eu para casa do hospital. Onde eles fizeram nossa família.

A casa era pintada de um verde suave. A guarnição era marrom e combinava com a porta da frente. Papai tinha repintado alguns anos atrás porque estava começando a lascar. Ele dissera aos pintores que escolhessem

exatamente as mesmas cores, porque essas eram as cores que mamãe havia escolhido quatro décadas antes.

— Ela está nas paredes, — eu disse a Bryce. — Nos pisos, quartos e corredores. Por isso ele não pôde sair. Não é *a* casa *dela.* A casa *é* ela.

— Ele a ama.

Eu assenti.

— Acima de tudo, ela era preciosa para ele. Pelo menos eu pensava que sim. Agora... Não tenho certeza.

Talvez eu não conhecesse papai. O pai que eu admirava não teria traído sua esposa.

Por quê? Não fazia sentido. *Se papai amava tanto mamãe, por que ele procuraria outra mulher? Como pôde fazer isso com ela?*

Ficamos sentados por alguns momentos, porque não conseguia pegar a maçaneta da porta. Estava com tanta raiva em nome da minha mãe, que sentia falta todos os dias.

Como ele pôde?

— Dash. — Bryce colocou a mão no meu joelho. — Posso ouvir as perguntas surgindo em sua mente. Pergunte a ele. Obtenha suas respostas.

Ela olhou para a casa e eu segui seu olhar. Papai estava parado na janela da frente, observando enquanto eu debatia se devia ou não sair do carro. Mesmo à distância e através do vidro, podia ver um corte em sua bochecha. Bati nele mais forte do que eu pensava. Fazia sentido porque meus dedos estavam doendo muito hoje.

Nunca bati no meu pai antes. Nunca teria sonhado com isso.

Ou eu tinha.

Eu soltei um suspiro profundo. Bryce estava certa. Tinha que obter algumas respostas.

— Vamos.

Saímos do carro ao mesmo tempo, e eu peguei a sua mão, levando-nos até a porta lateral. Não bati. Encontramos papai esperando no sofá de couro na sala de estar.

Sem uma palavra, sentei-me em uma cadeira em sua frente. Bryce sentou na outra na sala. O par costumava combinar com o sofá, mas mamãe as tinha reestofado alguns meses antes de morrer para um verde intenso. Elas eram feias como o pecado, mas segundo papai estava pronto para conseguir substituições, eu iria levar essas duas cadeiras para casa.

Os olhos de papai estavam vermelhos e a pele pálida. Esse corte foi muito pior de perto e provavelmente poderia ter que levar alguns pontos. Seu cabelo grisalho estava uma bagunça, oleoso e precisava de um bom xampu.

Enquanto de alguma forma consegui adormecer na cama de Bryce na noite passada, papai parecia que não tinha cochilado.

— Quero saber o porquê. — Quebrei o silêncio, querendo falar primeiro. Essa visita não era para papai; ele não merecia dirigir o show. — Quero saber por que fez isso com ela.

— Foi um erro. — A voz de papai falhou. — Sua mãe e Amina eram amigas. Melhores amigas.

Bryce endureceu, seu rosto estalando na minha direção.

— Você sabia disso?

Sim. Eu fiquei quieto. Se contasse a ela sobre aquela foto estúpida do anuário, ficaria irritada e sairia. Eu *precisava de* Bryce para isso hoje. Tê-la aqui fornecia um amortecedor. Manteria minha raiva sob controle com ela na sala. Não podia arriscar que descobrisse e me deixasse lidar com papai sozinho.

O olhar do meu pai segurou o meu. Ele sabia que eu estava mentindo por omissão, mas não havia como ele falar, não quando sabia que minha mentira inofensiva não era nada comparada aos pecados que cometera.

— Continue, — eu pedi.

— Passamos muito tempo juntos, nós três. Sua mãe nunca deixou Amina de fora. Ela a amava.

— Esse amor era aparentemente unilateral se sua melhor amiga dormiu com seu marido.

— Eu não sabia. — Papai abaixou a cabeça. — Não vi. Acho que talvez sua mãe tenha visto e foi por isso que ela começou a colocar alguma distância entre ela e Amina no último ano. Mas eu não vi.

— Viu o quê? — Perguntei.

— Amina estava apaixonada por você, — Bryce adivinhou.

Papai assentiu. — Ela era minha amiga. Isso é tudo o que sempre foi para mim. Nunca amei outra mulher além de Chrissy.

— Então, como pôde transar com a amiga dela e engravidá-la? — Meus punhos bateram nos meus joelhos.

A mão de Bryce se estendeu pelo espaço entre nossas cadeiras, cobrindo um dos meus punhos. *Obrigado, porra, que ela veio comigo hoje.* Eu já queria ir embora. Mas sua mão segurou firme, me mantendo no meu lugar.

— Amina deixou Clifton Forge depois do colegial. Não pensei muito nisso, quando ela e sua mãe pararam de conversar por alguns anos. Imaginei que elas se separaram. Mas então Amina ligou para ela em uma tarde qualquer. Veio visitar e passou o fim de semana na cidade. Elas vieram festejar no clube uma noite.

— E foi aí que...

— Não. — Papai balançou a cabeça. — Não, naquela época. Amina voltou para Denver. Mas depois daquela primeira viagem, voltava todos os anos. Sempre no verão. Sempre para um fim de semana. Ela vinha festejar na sede do clube, embebedar-se, namorar. Vocês eram jovens e o clube não era mais a praia de sua mãe. Também não era realmente minha, sinceramente. Mas Amina era solteira, então não pensamos muito nisso.

A história estava progredindo e minha pele estava arrepiada. Mas mantive minha mandíbula fechada.

— Chrissy e eu tivemos uma fase difícil. Você e Nick eram meninos então. Meu Deus, nós brigávamos. O tempo todo. Todo dia.

— Quando? Não me lembro de você brigarem.

— Ela escondia. — Ele passou a mão pelos cabelos. — Ela sorria quando vocês dois estavam em casa porque não queria que vocês soubessem. Nós nos tolerávamos e depois brigávamos quando você e Nick estavam dormindo. Não gostava de como as coisas estavam indo com o clube, estávamos correndo riscos e eu estava escondendo coisas dela. Ficou tão ruim que ela me expulsou.

— Mas você sempre morou aqui. — Teria lembrado se ele se mudasse.

— Você tinha apenas oito anos. Nick tinha doze anos. Dissemos a vocês que eu estava viajando. Uma longa viagem. E passei três semanas morando na sede do clube.

Agora essa viagem, eu me lembrava. Papai nunca tinha saído há tanto tempo e mamãe estava triste. Porque sentia falta dele. Acho que havia mais do que isso.

— Você perdeu minha corrida de kart. Eu estava bravo com por ter ido embora porque venci e você não me viu vencer. — Eu zombei. — Mas você estava na cidade o tempo todo.

— Eu assisti você vencer a corrida por trás de um binóculo a cerca de cem metros de distância.

— Mentiu para nós.

Ele assentiu.

— Porque sua mãe me pediu.

— Você não pode culpá-la por nada, — eu bati. — Nunca.

Papai levantou a mão.

— Não estou. Isso é por minha conta. Tudo isso.

— Então, enquanto você morava no clube, Amina veio fazer uma visita — disse Bryce.

— Sim. Nós tivemos uma festa. Nós dois ficamos bêbados e chapados. As coisas estavam turvas, mas a levei para a cama. Na manhã seguinte, acordei e sabia que havia cometido um erro terrível. Disse a ela o mesmo. Ela começou a chorar e confessou estar apaixonada por mim. Amina se odiava por isso. Também amava Chrissy.

Quem se importava com Amina? Ela não chegou a amar papai. Ele não era dela para amar. E ela com certeza não amava mamãe, não se transou com o marido de sua amiga. Pela primeira vez, não consegui sentir pena de Amina ter sido esfaqueada até a morte.

E nunca perdoaria papai por fazer isso com mamãe.

— Eu o odeio por isso.

Papai soltou uma risada seca.

— Filho, eu me odeio por vinte e seis anos.

— E mamãe? Ela também o odiava? Porque voltou para casa. Você parecia feliz. Ou isso foi tudo mentira?

— Eu voltei. Ajoelhei-me e implorei à sua mãe que me deixasse voltar para casa.

— Ela o perdoou? — Meus olhos se arregalaram. — De jeito nenhum.

O rosto do pai empalideceu quando seus olhos se encheram de lágrimas.

— Você nunca disse a ela, — Bryce sussurrou. — Ela nunca soube.

— Ela nunca soube. — Sua voz era rouca. Grave. — Amina e eu prometemos ficar calados. Ela sabia que isso iria esmagar Chrissy, então foi para casa em Denver e não voltou. Isso me consumia. Finalmente decidi confessar. Para ficar limpo. Mas então...

— Ela foi assassinada. — Minha voz era plana e sem vida, como o corpo de minha mãe sozinha em seu túmulo.

— Eu decepcionei sua mãe de todas as formas possíveis. — Uma lágrima caiu em seu rosto. — Desejei, durante anos, ter tido a coragem de contar sobre Amina, porque ela teria me deixado. Deveria ter me deixado, então ela não estaria plantando flores naquele dia. Mas eu era um covarde, com medo de perdê-la.

— Você a perdeu de qualquer forma.

Outra lágrima caiu, escorrendo por sua bochecha e pela barba que ele deixou crescer desde a prisão.

— Meu silêncio foi o maior erro da minha vida.

Minha garganta queimava e meu coração se partia. *O que teria acontecido se ele tivesse dito a verdade? Mamãe ainda estaria viva?*

— E sua filha? — Bryce perguntou. — Ela não sabe sobre você.

— Porque eu não sabia sobre ela. Não até Amina me ligar no mês passado e me pedir para encontrá-la no Evergreen Motel.

Fechei os olhos, não querendo ouvir mais nada. Mas não consegui encontrar forças para resistir. Então fiquei lá, pensando em minha linda mãe e em como isso era injusto. Tudo o que ela fez foi amar um homem egoísta e covarde. E ele a destruiu. Teve um filho com outra mulher.

— Conversamos sobre Genevieve naquela noite, — disse papai. — Levei algumas horas para colocar minha cabeça em ordem, que tinha uma filha. E fiquei furioso por ela ter escondido de mim.

— Mas você transou com ela? — *Novamente*. Ele transou com aquela cadela novamente.

Ele abaixou os olhos enquanto eu fumegava. Era como se tivesse cuspido no túmulo de mamãe. A mão de Bryce na minha apertou com força.

— Você fez isso, Draven? Você a matou?

Abri meus olhos, fixando meu olhar nele. Seria muito mais fácil se dissesse sim. Então apodreceria em uma cela da prisão e eu nunca mais pensaria em meu pai.

— Não. Não a matei. — Era a verdade. — Me acalmei e conversamos por horas. Amina lamentou manter Genevieve longe, mas estava assustada. Ela sabia que Chrissy havia sido morta. Sabia que estar na minha vida poderia colocar sua filha em risco. Então ficou longe.

— Por que ela voltou agora? — Bryce perguntou.

— Ela disse que era hora de a filha conhecer o pai. Acho que recebeu a notícia de que os Gypsies haviam fechado e esperou para se certificar de que era seguro.

Seguro. Pulei da minha cadeira e fui até a janela.

— Alguma vez foi seguro?

As duas mulheres que amaram meu pai morreram violentamente. Ele não esfaqueou Amina, mas a matou da mesma forma. Como se ele tivesse matado mamãe.

— Você merece passar o resto da sua vida na prisão, — eu disse

— Sem dúvida, — papai respondeu instantaneamente. — Mereço.

Não importa o quão bravo estivesse com ele, não deixaria isso acontecer. Não por papai, mas por nós. Se alguém queria apanhar Draven Slater, havia uma possibilidade muito real de um de nós ser o próximo.

Além disso, ele deveria ter que morar nesta casa pelo resto da vida. Era a prisão de sua própria autoria. Ele poderia viver seus anos sozinho aqui, cercado pelo fantasma de sua esposa morta. E nenhum juiz ou júri jamais o puniria do jeito que estava se punindo.

— Mais alguma coisa? — Perguntei.

— Não.

— Ok. — Me virei, afastando da janela e saindo da sala.

Bryce hesitou, mas quando não parei, correu para alcançar-me.

Estava quase no carro dela quando papai chamou meu nome. Não era por trás da porta lateral. Ele passou pela porta da frente para ficar na varanda.

Papai não pronunciou outra palavra. Em vez disso, apertou as mãos e subiu os degraus da varanda, um de cada vez.

Quanto tempo se passou desde que ele subira aqueles degraus? No último, seu pé pairava sobre o cimento da calçada, relutante em pisá-lo. Quando aterrissou, sua bota estava pesada e lenta.

Lentamente, dolorosamente, caminhou pelo caminho em direção ao lugar onde mamãe estivera. A última vez que o vi naquela calçada foi o pior dia da minha vida.

Nick entrou correndo para ligar para ele. Os gritos do meu irmão foram tão altos e frenéticos que eles foram ouvidos na rua. Ajoelhei-me junto ao corpo de mamãe, um garoto assustado chorando e implorando que fosse um pesadelo.

Papai correra para casa da oficina. Quando ele pulou da moto, veio direto para mamãe, me empurrando para o lado. Então ele a pegou nos braços e lamentou, com o coração partido.

Nossas vidas estilhaçadas.

A memória me pegou. A dor no meu peito era insuportável, deixando minhas pernas fracas e minha cabeça tonta. Meu braço disparou, procurando algo para agarrar.

Eu encontrei Bryce. Ela veio do meu lado, em pé. Era minha âncora quando papai deu um último passo e abaixou a cabeça.

— Sinto muito, — ele sussurrou no chão, então olhou para mim. — Eu sinto muito.

— Você nunca deveria ter começado o clube. — Palavras que eu nunca pensei que diria.

Não culpava o clube pela morte de mamãe. Nick culpava. Mas eu não. Eu culpei o homem que apertou o gatilho, aquele que meu pai me prometeu ter sofrido uma morte cruel e lenta.

Agora? Agora desejava nunca ter sido um Tin Gypsy.

— Você está certo. — Papai assentiu. — Nunca deveria ter começado o clube.

Pelo menos acabou.

Soltei Bryce, virando as costas para meu pai pelo carro.

Ela não me fez esperar. Ela correu para o lado do motorista e entrou, saindo da garagem e correndo pela rua. Papai ficou parado no mesmo lugar na calçada, olhando para os pés como se ainda pudesse ver o corpo de mamãe lá.

Inclinei-me para a frente, deixando cair a cabeça nas mãos e apertei os olhos com força. Meu estômago revirou. A pressão na minha cabeça era esmagadora. Manchas brancas apareceram na minha visão. A picada aguda na minha cabeça era como uma adaga maçante sendo empurrada lentamente na minha têmpora.

Era um ataque de pânico? Ansiedade? Eu também nunca tive um, mas estava a três segundos de vomitar no carro de Bryce.

— Quer que eu encoste? — Ela perguntou.

— Não. Dirija. — Engoli em seco. — Continue dirigindo.

— Ok. — Sua mão veio à minha espinha, esfregando para cima e para baixo antes de voltar ao volante.

Me concentrei no zumbido das rodas contra o asfalto, respirando fundo para combater as emoções. Quilômetros depois, quando não tinha medo de vomitar, chorar ou gritar, abri a boca.

— Sinto falta da mamãe. Ela estava tão feliz e, caramba, nos amava. Todos nós. Até ele.

Porra. Uma lágrima escorregou livre e eu a afastei, recusando-me a deixar cair mais.

— Eu gostaria que ele tivesse dito a ela.

— Sim — eu engasguei.

— Mas como ele não fez, fico feliz que ela nunca soube de Amina — disse Bryce gentilmente.

Parte de mim gostaria de vê-la chutar a bunda do papai por isso. Deixá-lo e puni-lo por ser infiel. Mas isso teria partido seu coração.

— Eu também.

Bryce dirigiu pela cidade, indo a lugar nenhum quando virou uma estrada, depois a seguinte. Finalmente, quando me recompus, perguntei:

— Você me levaria para buscar a minha moto?

— Claro. Está se sentindo bem em andar?

— Sim. Não tenho certeza do que foi isso. Sentimento estranho, no entanto.

Ela me deu um sorriso triste.

— Luto, se eu tivesse que adivinhar.

— Nunca acaba.

Bryce dirigiu alguns quarteirões até chegarmos à Avenida Central e seguimos para The Betsy.

— Genevieve não tinha um sobrenome para o namorado de Amina. Teríamos que continuar investigando para descobrir quem ele é. Se você quiser.

— Você está presumindo que eu não quero que papai vá para a prisão.

— Eu sei que você não quer, — disse ela. — Quer a verdade tanto quanto eu. Alguém matou Amina e essa pessoa merece ser levada à justiça.

— Concordo. — Não deixaria essa pessoa ameaçar minha família. Nick e Emmeline. Os filhos deles. Emmett e Leo. Presley. Eles eram a única família que importava agora. — Como quer encontrar o namorado?

— Genevieve não tinha fotos porque duvido que Amina as tenha tirado. Aparentemente, ela não falava muito sobre ele. Tudo o que Genevieve sabia era o nome, Lee.

— Genevieve. — O nome dela tinha um gosto amargo.

Eu já a odiava.

Não era lógico, mas as emoções estavam segurando o guidão hoje. Genevieve não era minha irmã. Ela era alguém que eu faria o meu melhor para esquecer que estava respirando.

— Sim, esse é o nome dela. — Bryce franziu a testa. — Antes de condená-la pelas ações de seus pais, lembre-se de que ela também perdeu a mãe. Ela é uma pessoa doce. Gentil e autêntica.

— Ela não significa nada.

— *Ela* é sua meia-irmã, goste ou não. Antes que isso acabe, ela vai saber sobre Draven. Sobre você. No momento acha que ele é responsável por matar sua mãe. Como você acha que vai se sentir quando o homem que ela acha que matou a mãe é na verdade o seu pai? Vá com calma com Genevieve. Ela não merece sua raiva. Não fez nada de errado.

— Jesus, — resmunguei. — Você sempre tem que ser tão razoável?

— Sim.

Eu lutei com um sorriso.

— Então agora o quê? A filha...

— Genevieve, — ela corrigiu.

— *Genevieve* é um beco sem saída. O que vem a seguir?

— Não sei. — Ela suspirou. — Honestamente, com tudo o que aconteceu nos últimos dias, preciso de um tempo para pensar. Respirar fundo e deixar isso afundar em mim.

Respiração e tempo pareciam bons para mim também.

O estacionamento do The Betsy estava quase vazio quando chegamos. Minha moto estava estacionada ao lado do prédio onde a deixei a noite passada. Ninguém que ia ao The Betsy ousaria tocá-la.

Bryce ficou em seu lugar enquanto esperava que eu saísse do carro.

— Tchau.

— Ligo para você mais tarde.

— Você não tem o meu número.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Tem certeza disso?

Eu memorizei o número de seu telefone desde o dia em que ela veio à oficina para uma falsa troca de óleo. Willy tinha me dado quando eu liguei para ele. Duvidava que Bryce soubesse que seu empregado já foi um convidado frequente em nossas lutas ilegais. Ele sempre apostava em mim e ganhei muito dinheiro para ele, então não havia muito o que escondesse sempre que eu ligava.

— Bem. Tanto faz. Ligue-me mais tarde.

Ela me deixou na minha moto e eu a vi ir embora.

Esperei cinco minutos antes de tirar meu telefone do bolso.

— Sério? — Ela respondeu, um sorriso em sua voz. — Preciso ficar preocupada de que está se transformando em um perseguidor?

Sim. Não havia como manter meus limites com ela. Ficou do meu lado nas últimas vinte e quatro horas e as coisas eram diferentes. Desde o começo, tudo nela tinha sido diferente.

— Tenho um acordo para você, — disse, montando minha moto. — Vou dobrar o resto da sua roupa se me preparar o jantar.

— Estou fazendo café da manhã para o jantar. Sinto-me como biscoitos e molho.

Minha boca encheu de água.

— Poderia tomar café da manhã.

— Estou fazendo os biscoitos do zero. É um pé no saco e faz uma bagunça. Ajude na limpeza e com a roupa e pode vir às seis.

Como essa mulher poderia me fazer sorrir depois da tarde que tivemos?

Feitiçaria.

— Estarei lá.

Capítulo 20

Bryce

— Bom dia, — eu disse enquanto entrava na oficina de Clifton Forge. Um dos homens que vi no primeiro dia em que cheguei aqui estava trabalhando em uma moto na primeira baia.

— Olá. — Ele olhou por cima do ombro de sua posição agachada no chão.

Este não era Emmett. Emmett era o cara maior, com cabelos longos.

— Você é Isaiah, certo?

— Sim. — Ele terminou de apertar algo, *um parafuso?* Com uma ferramenta, *uma chave inglesa?* Eu teria que trabalhar nos termos do meu carro se eu fosse ficar por aqui. Ele largou a ferramenta e depois se levantou. — Você é Bryce.

— Eu sou. Prazer em vê-lo novamente. — Fui até ele, minha mão estendida.

— Desculpe, estou sujo de óleo. — Ele levantou as mãos, me fazendo abaixar as minhas. — O que posso fazer para você?

— Eu estou procurando por Dash.

— Ainda não o vi esta manhã. Mas ainda um pouco cedo para ele chegar aqui.

Eram apenas sete e meia, mas tinha acordado Dash às seis. Saí cedo para o jornal para passar algum tempo com papai. Dash tinha ido para casa tomar banho e se trocar, então presumi que ele estaria a caminho do trabalho. A oficina abria às oito e eu não estava com vontade de sair só para voltar novamente.

— Você se importa se eu esperar? — Perguntei a Isaiah.

— De modo nenhum. Você se importa se eu continuar trabalhando?

— Vá em frente. — Havia um banquinho preto sobre rodas a alguns metros de distância. Peguei, deixando Isaiah voltar para a moto quando entrei no espaço.

Para uma oficina, era clara e limpa. O cheiro de óleo e metal pairava no ar, misturando-se com o ar fresco da manhã que entrava pela porta aberta da baia. Havia placas de carros penduradas em algumas paredes, ferramentas em outras. Era quase intocado.

Aquele Mustang ainda estava em sua baia. Desde que Dash e eu tínhamos feito sexo como animais selvagens naquele carro, mantive minhas unhas pintadas de vermelho intenso. Eu sorri para mim mesma, pensando que era meu próprio segredo sujo que o dono daquele carro nunca saberia.

— Dash me disse que algumas celebridades têm suas motos e carros refeitos aqui. Você está consertando a moto de uma pessoa famosa?

— Sem celebridade. — Isaiah riu. — Essa é minha.

— Ah. Você estava no clube?

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Acabei de me mudar para cá. Mas esta era barata, então pensei que conseguiria consertar isso.

Isso explicava por que parecia mais uma mistura maçante de sucata do que a brilhante Harley de Dash. A moto de Isaiah tinha muito o que melhorar se ela se encaixasse aqui.

— De onde se mudou? — Perguntei, mas antes que ele pudesse responder, acenei com a mão como se estivesse apagando a pergunta. — Desculpa. Essa é a repórter em mim saindo. Você está tentando trabalhar e eu estou distraindo você. Esqueça que estou aqui.

— Está tudo bem. — Ele deu de ombros, ainda não respondendo à minha pergunta quando voltou ao trabalho.

Qual era a sua história? Ele era bonito. Isaiah tinha cabelos escuros cortados perto do couro cabeludo. Uma mandíbula forte. Se ele sorrisse, aposto que seria devastador. Exceto que Isaiah nunca sorria. E não havia muita luz em seus olhos. *Sempre foi assim?* Havia tantas perguntas a fazer, mas segurei minha língua. Duvidava que respondesse de qualquer maneira. Isaías tinha esse jeito gentil de excluir as pessoas. Não foi rude ou combativo. Mas todo o seu comportamento disse que ele era um livro fechado.

O barulho de um motor se aproximando ficou mais alto. Eu me levantei da cadeira, presumindo que era Dash.

— Tenha um bom dia, Isaiah.

— Obrigado, Bryce. — Ele acenou. — Você também.

Aqueles olhos me fizeram querer envolver meus braços em sua volta e nunca soltá-lo. Ele estava tão sozinho. Tão comovente. Meu coração torceu. *Alguém sabia sobre o passado de Isaiah? Será que Dash sabia?*

No estacionamento, vi uma moto preta, mas não era Dash. Então fui até o escritório, encontrando o Slater errado.

Droga. Eu deveria ter olhado mais de perto a moto ao longo da cerca antes de entrar aqui, em minha defesa, exceto na de Isaiah, todas eram parecidas por trás.

Draven estava parado na porta do que presumi ser o seu escritório. Ele estava com uma expressão vazia no rosto.

— Uh, desculpe. — Dei um passo para trás. — Eu fui...

— Dash não está aqui.

— Certo. — Minhas escolhas eram esperar aqui ou voltar para Isaiah. *Escolha fácil.* Eu estava a meio caminho da porta quando Draven me parou.

— Entre.

Assumindo um sorriso educado, entrei em seu escritório, tomando a cadeira em frente à dele atrás da mesa. Da próxima vez que vim aqui de manhã, esperaria até as nove.

— Então.... — Draven clicou em uma caneta quatro vezes. — Você a conheceu.

— Ela?

— Genevieve.

— Oh. Sim.

Draven manteve os olhos na caneta.

— Como ela é? Está bem? Saudável e tudo mais?

Bem, merda. Ele tornou difícil não gostar dele completamente. Especialmente com a culpa que atava sua voz. **N**ão estava dando desculpas, não mais. E havia uma pitada de desespero lá. Meu coração suavizou. Não havia como questionar que Draven havia sido um marido infiel. Mas ele amava seus filhos.

E queria conhecer sua filha.

— Passei apenas algumas horas com ela, mas parece saudável. Está arrasada com a morte da mãe. Mas é doce. Muito gentil. Ela se parece um pouco com você. Tem seus olhos e cabelos.

— Amina me mostrou fotos. — Ele engoliu em seco. — Ela... Ela é linda.

— Pelo que posso dizer, essa beleza está por dentro e por fora.

— Quero conhecê-la, mas não sei se é uma boa ideia, — disse ele em voz baixa. — Eu falhei com todos os meus filhos, mesmo aquela que não conhecia.

— Sim, você provavelmente não deveria tentar encontrá-la. Ela acha que você matou Amina.

Ele se encolheu, os nós dos dedos ficando brancos quando estrangulou a caneta. — Oh, certo.

— Se você quer um relacionamento com ela, temos que provar que é inocente.

— Nós?

— Sim, nós. Quero a verdade. — Perguntei-lhe à queima-roupa ontem se ele matou Amina. Acreditava agora que ele não tinha. Se importava com ela. — Quero encontrar o assassino de Amina.

— Para a sua história.

Isso era para a história? Foi assim que tudo começou, com o meu desejo de me provar jornalista. Para mostrar aos executivos em Seattle, que não era um fracasso.

Exceto que não era um fracasso. Quando olhei para a carreira de papai, ele escreveu inúmeras histórias e não havia uma que se destacasse acima das outras. Não havia uma joia da coroa que ele elogiasse. No entanto, ele era meu herói. Escrevia porque adorava escrever e divulgar as notícias.

Eu também.

Eu não precisava de uma exposição em uma antiga gangue de motociclistas para provar meu valor. Eu precisava da verdade.

Isto é por mim. E...

— Por Dash.

Era sobre salvar seu pai de uma vida na prisão. Era sobre identificar um assassino. Era sobre encontrar a pessoa que poderia vir atrás de Dash, um dia também.

Em algum lugar entre o momento em que ele consertou a impressora Goss e dobrou minhas toalhas, Dash escorregou em meu coração.

Poderia superar seu passado criminoso? Poderia esquecer que ele fez coisas violentas e cruéis que mal conseguia entender? *Sim.*

Porque ele não era mais aquele homem. Não para mim.

Ontem à noite, enquanto o observava esfregar minha panela de ferro fundido e limpar os balcões da bagunça de biscoito, percebi o quão bem nos encaixamos. Ele segurou meu coração em suas mãos cobertas de espuma de sabão.

Se ele apenas quisesse filhos.

Isso tinha que ser um empecilho? Talvez não tenhamos que enfrentar esse fim iminente.

Já tinha desistido de ter filhos, então por que torná-lo um requisito para ficar com Dash? Além disso, não tinha certeza se poderia até ter filhos neste momento. Talvez sejamos como os Caseys, meus vizinhos de setenta e seis anos que moravam do outro lado da rua. O Sr. e a Sra. Casey não tinham filhos, e toda vez que os via, pareciam irremediavelmente felizes.

Irremediavelmente feliz parecia um sonho.

Um novo sonho.

A porta do escritório se abriu e Dash entrou, seguido de perto por Emmett.

— Ei. — Dash entrou no escritório de Draven, lançando um breve olhar para o pai antes de fingir que não estava lá. Dash fez a barba e tomou banho depois que ele saiu da minha casa. Seu cabelo ainda estava úmido nas

pontas, onde crescia no pescoço. Foi uma boa olhada. Uma ótima aparência. — O que você está fazendo aqui? Tudo certo?

Eu assenti.

— Estou bem.

Emmett se aglomerou no escritório, também não olhando para Draven. Claramente, no momento em que Dash saiu de minha casa, ele envolveu Emmett no adultério de Draven.

Pelo canto do olho, vi os ombros de Draven caírem. *O que ele esperava? Que depois de um dia, tudo seria perdoado?*

Dash estava arrasado. A memória de sua mãe era sagrada. Chrissy não estava aqui para punir Draven, então Dash estava fazendo isso por ela.

O único problema era que, se íamos encontrar um assassino, precisávamos deixar de lado os sentimentos.

— A razão de ter vindo aqui esta manhã foi porque estava pensando em algo e queria falar com você, — eu disse a Dash.

— Atire. — Ele se inclinou contra a parede, Emmett ao seu lado.

— A polícia encontrou uma arma de crime no local e a identificou como de Draven. Operamos sob a suposição de que a faca era de Draven. Mas também achamos que essa foi uma armadilha premeditada. A faca poderia ter sido uma farsa? Você disse que tinha o seu nome gravado na lateral. E se alguém a copiasse para incriminá-lo?

Draven balançou a cabeça.

— Ela tem minhas impressões.

— As impressões não podem ser falsificadas? — Tinha visto isso em um filme de mistério e assassinato, então a pergunta não era inteiramente exagerada. Talvez eles tenham roubado impressões do guidão da moto de Draven.

Emmett assentiu.

— Possivelmente. Não seria fácil.

Dash passou a mão na mandíbula.

— Que faca era mesmo?

— Apenas uma faca Buck, — disse Draven.

— Com a alça de cerejeira, — acrescentou Emmett. — Eu peguei emprestada uma vez alguns anos atrás, quando fui caçar.

Cerejeira? Isso não estava certo. Eu mergulhei na minha bolsa para o meu bloco de notas amarelo, folheando a página onde havia anotado a descrição da faca. Era a única coisa que o delegado Wagner havia me dito semanas atrás, que não estava nas folhas do jornal.

— Não é cerejeira. Preta. A faca encontrada no local tinha um cabo preto.

— Sua faca era cerejeira. — Emmett balançou a cabeça. — Apostaria minha vida nisso.

Meu coração estava disparado. Talvez houvesse outra faca, encontraríamos uma trilha que levasse à pessoa que a falsificou. *Quantas pessoas gravavam facas em Montana?* Estávamos agarrando palhinhas, mas era alguma coisa.

A testa de Dash franziu.

— Não, espere. Você tinha uma faca preta, pai.

Antes que Draven pudesse responder, a porta do escritório se abriu novamente.

— Bom dia. — O que presumi ser a voz alegre de Presley a precedeu quando ela entrou no escritório de Draven. O sorriso em seu rosto sumiu quando ela me viu na cadeira de visitas.

— Ei, Pres? Lembra daquela faca que você gravou para o papai? — Dash perguntou. — A que comprou para o Natal alguns anos atrás?

— Sim. Ele disse que a outra estava ficando velha e as gravuras estavam sumindo. Por quê?

Dash empurrou a parede.

— De que cor era?

— Preto, é claro. Vocês todos amam preto.

Todos os olhos se voltaram para Draven.

— Para onde foi essa faca, pai? - Dash perguntou.

— Eu, hum... Acho que deixei no escritório da sede do clube depois que Presley me deu. Ainda pode estar na caixa também.

— Sério? — Presley colocou as mãos nos quadris. — Isso foi há quatro anos. Você nem usou?

— Desculpe, Pres, mas gosto da antiga. Cabe na minha mão.

Sem uma palavra, Dash saiu do escritório, Emmett logo atrás. Eu saí da cadeira, seguindo também. As botas de Draven bateram atrás de mim.

Quando saímos, olhei de soslaio para a luz do sol da manhã. Dash acelerou o passo, invadindo a sede do clube. Seus longos passos exigiram que eu pulasse alguns passos para acompanhar.

Eu não tinha dado mais do que alguns olhares curiosos no moto clube em minhas viagens à oficina. O edifício sempre parecia perigoso, sombreado pelas árvores ao redor. Mas quando nos aproximamos, os detalhes surgiram.

O revestimento de madeira estava manchado de marrom tão escuro que era quase preto. Havia acinzentado em alguns lugares onde o sol havia desbotado as tábuas. O telhado de carvão vegetal tinha algumas gotas de orvalho que ainda não haviam evaporado. A teia de uma aranha crescia em um canto embaixo dos beirais, felizmente longe da porta.

Não havia muitas janelas, apenas duas na frente do edifício. Elas sempre estavam escuras quando eu vinha aqui e agora eu via o porquê. Atrás do vidro sujo, havia placas de madeira compensada. A marca verde do depósito de madeira aparecendo em alguns lugares.

Dash subiu os dois degraus largos até a plataforma de concreto que percorria toda a extensão do edifício. Estava sombreado por uma pequena saliência do telhado. Pegou as chaves do bolso da calça jeans e todos nós ficamos amontoados atrás dele, enquanto destrancava o cadeado na porta.

O fedor de mofo e o ar viciado flutuavam do lado de fora, seguidos pelo cheiro persistente de bebida, fumaça e suor. Eu avancei. Desesperada por informações, coloquei-o de lado e entrei atrás de Dash.

Nós entramos em uma grande sala aberta. Draven passou por nós, acendendo uma fileira de luzes fluorescentes antes de desaparecer por um corredor à esquerda.

À minha direita havia um longo bar. As prateleiras empoeiradas atrás dela estavam vazias. O espelho atrás das prateleiras estava rachado em alguns lugares. Havia alguns letreiros de cerveja de lata e uma velha luz de neon. Apenas um banquinho estava escondido embaixo do bar. À minha esquerda, havia uma mesa de bilhar, os tacos pendurados em um suporte na parede. Duas bandeiras estavam presas atrás da mesa: uma bandeira americana e a bandeira do estado de Montana.

— Que lugar é esse? — Perguntei.

— Área comum, — Dash respondeu ao mesmo tempo Emmett disse, — Salão de festas.

Eu levaria o The Betsy ao salão de festas Tin Gypsy a qualquer dia.

— A faca desapareceu. — A voz de Draven ecoou na sala quando ele veio correndo pelo corredor. — Dadas as manchas frescas na poeira da minha mesa, ela foi tirada recentemente.

— Câmeras. — Emmett estalou os dedos, já se movendo para uma porta atrás do bar. — Deixe-me ver se elas pegaram alguma coisa.

Draven seguiu Emmett, deixando Dash e eu sozinhos.

Estava tão ocupada inspecionando o salão que não o havia notado. Ele ficou congelado, olhando fixamente para um par de portas duplas bem na nossa frente.

— Ei. — Andei para o lado dele, deslizando minha mão na dele. — Você está bem?

— Não venho aqui há um ano. É estranho. — Ele apertou meus dedos com força. — Era mais fácil ficar longe. Para calar a boca.

— Você quer esperar lá fora?

— Tinha que enfrentar isso algum dia. — Ele me puxou para um corredor à direita da sala de festas, diferente do que Draven havia tomado quando procurou sua faca. — Vamos.

O corredor estava escuro, com portas fechadas dos dois lados. Do lado de fora, o prédio não parecia tão grande, mas enganava. Embora não fosse tão alto, tinha que ser pelo menos o dobro do tamanho da oficina.

Dash segurou minha mão, mas apontou o queixo para uma das portas.

— Era aqui que alguns caras ficavam se não tivessem casa. Ou se eles precisassem apenas dormir. Estes eram os quartos deles.

— Você tinha um?

Ele parou na última porta do corredor, usando uma chave diferente da corrente para destrancar a trava. Então empurrou a porta para o lado.

O cheiro aqui era diferente, ainda empoeirado, mas havia uma pitada da especiaria natural de Dash agarrada ao ar. Havia uma janela, tapada como as outras. E uma cama coberta com uma colcha cáqui simples estava no meio do quarto.

Sem travesseiros. Sem mesa de cabeceira. Sem lâmpada. Apenas a cama e uma velha cômoda de madeira no canto.

— Este era o seu quarto? — Eu pisei mais longe, soltando sua mão para acender a luz. Então fui até a cômoda, passando o dedo pela camada de poeira por cima.

— Este era o meu quarto. — Dash se apoiou no batente da porta. — Pensei que talvez parecesse diferente. Me sentiria diferente. Achei que sentiria falta.

— Você não sente?

Ele balançou sua cabeça.

— Talvez eu sentisse dois dias atrás. Mas agora não.

Oh, Dash. Eu odiava ficar parada, vendo como seu coração se partia. Odiava que algo que ele considerava querido, algo que já amou, o clube, tivesse sido corrompido.

— O que é isso? — Fui até a cama, pegando o quadrado de couro dobrado ordenadamente em cima da colcha.

— Meu corte.

— É assim que você chama seus coletes, certo?

Ele assentiu, dando um passo atrás de mim.

— Quando projeta o clube, recebe um corte. Tem o adesivo do clube nas costas e um em perspectiva na frente.

— Quanto tempo você foi prospecto?

— Seis meses. Mas Emmett e eu éramos exceções. Normalmente é cerca de um ano. Tempo suficiente para sabermos que o cara estava falando sério. Que ele se encaixaria.

— Então o que acontece? — Desdobrei o colete, colocando-o cuidadosamente na cama. Meus dedos correram sobre o remendo branco abaixo do ombro esquerdo, a palavra *Presidente* costurada em fio preto.

— Então você está no clube. É da família.

Virei o colete, encarando o remendo nas costas enquanto Dash olhava.

— Isso é lindo.

As poucas fotos que eu tinha visto do emblema Tin Gypsy estavam em preto e branco nos jornais antigos. Mas na cor, o design era impressionante. Astuto e ameaçador ao mesmo tempo.

O nome do clube estava escrito no topo em letras em inglês antigo. Por baixo, havia um crânio detalhado e cuidadosamente costurado.

Uma caveira, exatamente o mesmo que a tatuagem no braço de Dash.

Metade do rosto era feito inteiramente de fio de prata, dando uma sensação metálica. Atrás havia um tumulto de chamas laranja, amarelas e vermelhas. A outra metade do crânio era branca. Simples. Exceto pelo colorido envoltório da cabeça sobre o crânio e delicadas costuras quase femininas ao redor dos olhos, boca e nariz. Era como uma caveira delicada com uma ponta áspera e violenta.

Viver para o percurso.

Correr livre.

Abaixo do crânio, as palavras eram costuradas em fios acinzentados por anos de uso.

Há quanto tempo Dash usou esse colete? Quantos dias ele colocou? Quão difícil foi dobrá-lo e deixá-lo aqui, juntando poeira em um quarto abandonado?

Dash colocou a mão no meu ombro, me virou em seu peito. Suas mãos vieram ao meu rosto. Sua boca caiu na minha. E ele me beijou suave e doce, como um obrigado.

Quando se separou, ele deixou cair a testa na minha.

— Eu aposto que você beijou muitas mulheres neste quarto, — sussurrei.

— Algumas, — ele admitiu. — Mas nenhuma era você.

Meus olhos se fecharam. Este não era o lugar ou o momento certo para essa conversa, mas perguntas pairavam entre nós, implorando para serem feitas.

— O que está acontecendo, Dash? Conosco?

— Eu não sei. É mais do que eu pensei que seria. — Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Você meio que me surpreendeu.

Eu sorri.

— Você me pegou de surpresa também.

O próximo beijo não foi suave nem doce. Dash esmagou seus lábios nos meus, suas mãos deixando meu rosto para se enrolar nas minhas costas, me puxando com força em seu corpo firme. Ele precisava disso, como precisava de mim ontem à noite. Se perdeu no meu corpo, buscando conforto.

Passei meus braços em volta do seu pescoço, inclinando minha boca para que pudesse ter um gosto mais profundo. Também me perdi nele. Ele fez de tudo uma aventura. Até vê-lo dobrar minha roupa ou lavar a louça foi emocionante. *Como iria deixá-lo ir?* Eu sabia que, naquele momento, não seria capaz de me afastar de Dash.

Ele me destruiu. Ele mudou o jogo.

Estávamos a segundos de rasgar as roupas um do outro quando uma garganta pigarreou da porta, forçando-nos a separar. Com os lábios inchados, nós dois nos viramos para ver Emmett.

— Dash. — Ele acenou com a cabeça no corredor. — Melhor vir e ver isso.

Capítulo 21

Dash

Bryce e eu seguimos Emmett pelo salão de festas do clube e até o porão. Este não era um lugar que eu queria Bryce, mas não havia como mantê-la afastada.

Enquanto descíamos os degraus, dei uma olhada em volta. Era mais limpo que no andar de cima. Isso, ou a poeira era menos visível nos pisos e paredes de concreto.

Papai construiu este clube ao lado dos membros originais. Eles transformaram o porão em uma espécie de bunker. Era um labirinto de salas de concreto, todos com tamanhos variados, mas cada um com um ralo no centro. Rios de sangue haviam sido lavados pelos esgotos. O cheiro de alvejante ainda pairava no ar, embora já tivesse passado mais de um ano desde que limpamos a sala principal da nossa última luta ilegal.

Os quartos menores tinham visto muito pior que o boxe.

Era estranho estar no clube, especialmente quando estava tão quieto. Nas noites em que ficava aqui nos meus vinte anos, aprendi a dormir com uma festa furiosa além da minha porta, se eu não estivesse no meio da festa.

Havia boas lembranças aqui. Quando criança, vínhamos aqui para churrascos em família com os irmãos de papai, homens que eram como tios até se tornarem irmãos meus. Nick e eu acendíamos fogos de artifício no estacionamento no Dia da Independência. Cada um de nós tomou nossa primeira cerveja neste clube e muito mais depois.

Sempre quis ser Gypsy. Outras crianças na escola falavam sobre faculdade. Trabalhos extravagantes. Eu só queria estar no clube do papai. Nick era o mesmo até que mamãe morreu. Mas mesmo depois que ele evitou os Gypsies e se mudou depois do colegial, meus sentimentos não haviam mudado.

Eu já era Gypsy muito antes de ganhar meu colete.

Ontem, eu disse ao papai que desejava que ele não tivesse fundado o clube. Estava com raiva. *Doeu.* Uma parte de mim queria rejeitar este lugar. Seria fácil colocar a morte de mamãe no clube e ir embora para sempre. Queimar tudo e, com ele, o estrago que causou na minha vida.

Exceto que teria que esquecer as boas lembranças também.

Houve boas lembranças.

Uma coisa era certa, fiquei feliz que Bryce se mudou para Clifton Forge *depois de* termos nos separado. Eu não teria tido uma chance com ela se estivesse liderando o clube. Ela era boa demais para se misturar com um criminoso. Inferno, era um esforço para eu persegui-la agora.

Mas não pude olhar para o futuro e não ver o rosto dela.

Ela me desafiou, me chamou de idiota. Compartilhou seu coração, sua lealdade, sua honestidade - tudo o que tive com o clube, com meus irmãos. Ela encheu aquele buraco e mais um pouco.

— Aqui. — Emmett entrou em uma das salas menores, onde ele montou uma estação de vigilância alguns anos atrás. Segurança e hackers se tornaram a especialidade de Emmett. Chamava isso de hobby. Eu chamava de presente.

Papai estava debruçado sobre um monitor, olhando para uma imagem congelada na tela.

— O que você achou? — Eu perguntei, tomando o lugar do meu pai.

Emmett sentou na cadeira, clicando para retroceder o vídeo.

— Acho que deveríamos ter mantido os sensores ligados depois do incidente do guaxinim. Veja isso.

Ele pressionou play no vídeo e saiu do caminho para dar espaço a Bryce. Ela veio ao meu lado, minha mão imediatamente encontrando a sua. Juntos, assistimos a cenas de uma das câmeras escondidas acima de cada janela do clube quando um homem se aproximou do prédio.

A cor na tela era uma mistura de verde, branco e preto da configuração da visão noturna. O rosto do homem estava coberto por uma máscara de esqui preta, camisa e calça de um tom correspondente.

Ele caminhou até o prédio, tirando uma ferramenta do bolso. E então abriu a janela de vidro.

— Porra. Deveríamos ter subido as janelas do porão. Elas eram tão pequenas, nem dezoito centímetros de largura, que não nos incomodamos. Além disso, a queda da janela era de pelo menos três metros. Nosso bunker de concreto não era pequeno. E até este inverno, tínhamos sensores em todas as janelas.

O homem provavelmente estava perto do meu tamanho, mas conseguiu entrar no porão. Ele se virou de bruços, as pernas entrando primeiro, e foi quando vimos.

Um patch nas costas dele.

— Malditos mentirosos desgraçados. — Minha voz ecoou nas paredes.

Larguei a mão de Bryce, andando pela sala enquanto esfregava minha mandíbula. Agora eu entendi por que papai estava contra a parede, fumegando em uma raiva silenciosa.

— O que estou perdendo? — Bryce perguntou.

— Isso é um patch do Arrowhead Warrior, — Emmett respondeu, tocando na tela. Ele a congelou antes que o homem caísse lá dentro.

— Oh. — Seus olhos se arregalaram. — Quando isso foi tirado?

— Na noite anterior ao assassinato de Amina — papai respondeu. — Ele deve ter vindo aqui, arrombado enquanto eu estava com ela no hotel, roubado minha faca e depois esperado até eu sair para matá-la.

— Alguma ideia de quem ele é? Como saberia que você estaria com Amina? — Perguntei a papai, recebendo um aceno de cabeça em troca. — Emmett, podemos imprimir isso?

Ele assentiu, arrancando uma folha da impressora embaixo da mesa.

— Já imprimi.

— Quando sairmos hoje, ligue todos os sensores novamente, — pedi a Emmett. — E peça a Leo para vir e fechar as janelas do porão.

— Vou pedir.

— Você precisa ligar para Tucker, — disse a papai.

— Sim. Vamos conversar na Igreja. Bryce, parece que ela precisa se sentar.

Minha atenção mudou imediatamente. O seu rosto havia perdido toda a cor e eu corri para o seu lado.

— O que há de errado?

— Nada. — Ela me dispensou, seu rosto franziu. — Cheira estranho aqui.

— Vamos. — Eu agarrei seu cotovelo, levando-a para cima. Também não cheirava muito bem na sala de festas, mas quando chegamos à igreja, o cheiro de cerveja podre se foi.

A igreja era o coração do clube, localizada diretamente no centro. Você entrava por duas portas duplas na sala de festas. Era uma sala comprida e aberta, com uma mesa comprida. A mesa havia sido construída para acomodar cerca de vinte membros, mas houve anos em que era apenas uma sala de pé. Os oficiais e membros seniores se sentavam. Passei muitos anos contra a parede, ouvindo as decisões serem tomadas.

As cadeiras pretas de encosto alto foram todas empurradas para a mesa. O quarto foi deixado em bom estado, exceto pelo pó. As paredes eram forradas de quadros, principalmente de membros juntos em frente a uma fileira de motos. O patch do Gypsy fora transformado em uma bandeira pendurada na parede atrás da cadeira principal à mesa.

A cadeira do presidente.

Papai desistiu de seu assento, passando para mim. Ele foi em frente, mas depois percebeu seu erro. Se não fosse por Bryce, eu teria sentado lá para colocá-lo em seu lugar. Ele não merecia aquele lugar.

Mas, em vez disso, puxei uma das cadeiras do meio para Bryce, sentando ao lado dela.

— Qual é o incidente do guaxinim? — Bryce se inclinou para perguntar.

— Neste inverno, Emmett e eu recebemos um alerta dos sensores de movimento. Eles saíram às três da manhã na noite mais fria que tivemos em meses. Nós nos apressamos, quase congelamos nossos paus e encontramos três guaxinins na cozinha. Eles rastejaram através deste velho exaustor.

— Estavam fazendo uma bagunça, cagando em todos os lugares, — Emmett resmungou. — Estava frio para caralho, então levamos uma eternidade para tirá-los. Não sei por que eles deixariam suas tocas em primeiro lugar. Talvez para encontrar algo mais quente.

— Depois disso, fechamos o exaustor e decidimos deixar os sensores desligados, — disse a ela. — O lugar estava vazio. Não havia nada aqui para roubar.

— Ou você pensou isso, — ela murmurou.

— Sim. — Eu balancei a cabeça. — Ou pensamos.

Papai puxou a cadeira ao lado de Emmett. Ele não estava no assento do presidente, mas uma mudança veio pela sala quando ele se sentou. Como uma reunião chegando à ordem. Quando ele se sentava, ninguém mais ousava falar até que ele lhes desse permissão.

Mesmo que eu estivesse sentado na cadeira por anos, nunca tive esse tipo de presença dominante. Eu me preocupei por um tempo, me perguntei se seria reverenciado como papai. Talvez tivesse chegado com o tempo. Mas nós já tínhamos começado a fechar as coisas quando fui votado como presidente. Meu trabalho não era liderar os Gypsies no futuro. Fui o presidente que garantiu que cobríssemos tudo para podermos viver uma vida normal.

— O que vamos fazer sobre os Warriors? — perguntei, apoiando os cotovelos na mesa. — Tucker mentiu para nós.

— Ou ele não sabia, — respondeu papai. — Sim, há uma chance de ter pedido isso. Ou ele é tão ignorante quanto nós e é a vingança pessoal de alguém. Alguém que está me seguindo, me viu com uma mulher pela primeira vez em décadas e a usou como sua abertura para o golpe.

— Para quê? — Bryce perguntou.

Papai zombou.

— Inferno. Um milhão de coisas.

— Um milhão e meio, — eu murmurei.

Nós queimamos o clube deles uma vez. Provavelmente lhes custou uma fortuna para reconstruir. Os dois Warrios que tentaram sequestrar Emmeline haviam sido convidados de papai no porão, suas últimas respirações dentro daquelas paredes de concreto.

— O que fazemos? — Emmett suspirou. — Vamos atrás deles? Iniciar outra guerra?

— Nós vamos perder, — eu disse. — Não há chance de ganhar.

— Não quero guerra. Não desta vez. — Papai balançou a cabeça. — Primeiro, vou até Tucker, mostro a foto e vejo o que ele diz. Talvez ele nos dê um nome e isso possa acabar. Mas se tudo se resumir a isso, se ele defender seus homens, o que suspeito que ele faça, então eu levarei a culpa por Amina.

— Eles vão prendê-lo para sempre. — Ontem, estava bem com isso, quando estava com raiva e furioso. Hoje, agora que me acalmei, a ideia dele na prisão não se encaixa tão bem.

— Eu irei se é isso que é preciso para manter você e Nick livres disso.

— Exceto que eles poderiam estar atrás de qualquer um de nós, — disse Emmett. — Isso pode ter começado com você, mas eu aposto que é mais profundo. Não estou olhando por cima do ombro pelo resto da minha

vida. Sei que estamos enfrentando probabilidades ruins, mas temos que lutar de volta.

— Por que não fazer isso legalmente? — Bryce sugeriu. — Vamos obter as evidências para provar que há uma dúvida razoável. Podemos usar o jornal para imprimi-lo, criar um circo pela cidade. Começar o boato de que Draven é inocente. O delegado não terá escolha a não ser aprofundar.

— Você está falando sobre seguir as regras. — Papai deu uma risada. — Não somos bons em trabalhar com a polícia.

— Você também não é ótimo em manter as pessoas vivas *quebrando* as regras, então talvez seja hora de tentar uma abordagem diferente.

Droga, mulher. Ela não estava dando nenhum soco. Mas me encolhi com as suas palavras. Emmett também. Porque ninguém falava com papai assim, especialmente nesta sala.

Mas ela era destemida. O fogo em seus olhos, aquele brilho, fez meu peito inchar. *Era por orgulho? Ou amor? Ambos?*

Acho que me apaixonei por ela na noite em que me chutou da varanda da frente. Ou talvez foi o dia em que apareceu na oficina, cheia de atitude e determinação.

— Ela está certa, — disse a papai. — Não apenas porque é legal, mas porque os Warriors nunca esperariam isso. Vamos usar a polícia a nosso favor pela primeira vez.

Emmett assentiu.

— Se Tucker sabia disso, então ele está observando e nos esperando retaliar. Os policiais aparecendo à sua porta podem ser uma surpresa.

— Precisamos encontrar evidências, evidências sólidas e rápidas, — eu disse. — O advogado do estado definirá a data do julgamento em breve e, uma vez iniciado, será ainda mais difícil levar as pessoas a considerar outro suspeito. Precisamos que eles demorem.

— O que fazemos? — Papai perguntou.

Eu olhei para Bryce.

— Você precisa escrever uma história. Marcus é um bom policial, mas não vai acreditar em mim se eu entrar lá com novas evidências. Não quando ele decidiu que papai é culpado. Precisamos plantar a semente que a faca do papai foi roubada. Mostrar a imagem de alguém invadindo o clube. Marcus não será capaz de ignorar se você imprimir.

— Vou começar hoje. Podemos apresentá-lo no domingo. Mas... — Ela trancou os olhos com o pai do outro lado da mesa. — Significaria mais se eu pudesse imprimir a razão de você e Amina estarem no hotel. Isso o tornaria mais humano se as pessoas souberem que você estava lá para discutir sobre sua filha.

Papai soltou um suspiro profundo, mas balançou a cabeça.

— Não até eu conhecê-la. Devo isso a ela. Ela não deveria descobrir que eu sou o seu pai através de um jornal. Como você disse, ela acha que eu matei a mãe dela.

— Talvez eu possa ajudar com isso. — Bryce levantou a mão, como se estivesse se oferecendo para entrar em batalha. — Nós teremos sorte com o decorrer do tempo. Quando fui visitar Genevieve no fim de semana passado, ela disse que iria chegar no domingo para ver o túmulo de Amina. Vou ligar e verificar se ela vem. E eu acho... Direi quando ela chegar aqui. Espero que não pegue um jornal nessa manhã. Eu não sei. Mas talvez possa consertar isso.

— Faça, — disse. — Precisamos que a história lance mais luz sobre o relacionamento entre papai e Amina. Para contextualizar e mostrar que papai não a mataria. Eu acho que *minha irmã* seria uma boa maneira de fazer isso.

— Sinto que estou prestes a surpreendê-la, Dash. — Os olhos preocupados de Bryce encontraram os meus. — Já me sinto terrível.

— Seja gentil, — papai murmurou. — Por favor.

— Eu vou, — ela prometeu.

— E continuaremos procurando por mais. — Emmett bateu as juntas dos dedos na mesa. — Draven, você liga para Tucker.

Ele assentiu.

— Vou me encontrar com ele. *Sozinho.*

— Mantenha-nos informados. — Afastei-me da cadeira, ajudando a puxar Bryce para que pudesse ficar de pé. Então todos nós saímos do clube, com o plano em prática. Eu escoltei Bryce até seu carro. Sua ânsia de chegar

ao jornal era palpável, mas antes de ela sair, eu queria ter certeza de que ela estava bem.

— Está se sentindo melhor?

— Na verdade não, mas vou ficar bem. É apenas uma dor de estômago. Aquele cheiro no clube era — ela tapou a boca — potente. Vou trabalhar. Você me liga mais tarde?

Eu assenti.

— Preciso terminar alguns trabalhos aqui. Nós temos nos apoiado bastante em Isaiah e Presley para dirigir a oficina enquanto tivemos essa merda extra acontecendo. Está na hora de sujar as mãos e terminar alguns carros.

— Certifique-se de lavar as mãos antes do jantar. — Ela piscou, ficando na ponta dos pés para um beijo. Era um breve adeus. Nada fora do comum para a maioria dos casais. Mas nós não éramos um casal.

Não havíamos assumido um compromisso. Nós não fizemos promessas. Exceto quando me levantei e a observei partir, percebi que nenhuma outra mulher me beijaria novamente.

Bryce era isso para mim. *Única.*

A sombra de papai cruzou a minha.

— Você a ama.

Eu não respondi. Bryce seria a primeira a ouvir as palavras. Dei um passo em direção à oficina.

— Preciso começar a trabalhar.

— Dash. — A mão do papai voou, me parando. — Eu sinto muito.

— Não quero que você vá para a prisão, não quando não matou Amina. Mas você e eu? Já terminamos.

Os ombros dele caíram.

— Compreendo.

— Preciso de um tempo sem você aqui na oficina. Algum espaço para pensar. Você não é o homem que pensei que fosse.

— Eu nunca fui um herói, filho.

Eu encontrei seu olhar castanho.

— Mas você era para mim.

O golpe atingiu papai com força. Seu rosto ficou tenso como se tivesse levado um soco e estava lutando para respirar.

Deixando-o sozinho no asfalto, caminhei em direção à oficina, depois parei e olhei para trás enquanto papai ainda estava ouvindo.

— Nick merece saber. Ou você diz a ele, ou eu irei.

Ele simplesmente assentiu.

E duas horas depois, quando estava deitado de costas, embaixo do Mustang, o motor da moto de papai acelerou quando ele saiu da oficina. Meu telefone tocou trinta segundos depois.

Saindo do carro, peguei meu telefone no bolso. O nome de Nick apareceu na tela.

— Ei.

— Acho que você esperava esta ligação.

— Estava esperando por isso. Presumo que papai ligou para você?

— Sim. Parece que temos uma irmã. — O tom calmo na voz de Nick me surpreendeu. Achei que, dado o relacionamento passado com papai, ele ficaria furioso.

— Você não parece chateado.

— Estou surpreso. Não foi fácil ouvir e talvez eu não tenha envolvido minha cabeça em tudo isso. Mas principalmente, estou decepcionado. Triste por mamãe. Ainda bem que ela nunca soube. Mas não, não estou com raiva. Para mim, papai foi derrubado do pedestal há muito tempo. Ele é um homem falho, Dash. Sempre foi.

— Eu não sei o que fazer sobre isso.

— Nada para fazer. Siga em frente.

— Sim, acho que sim. — Fui até a porta da oficina aberta, olhando para fora. Havia um carro alinhado em frente a cada baia. Emmett, Isaiah e Leo estavam todos trabalhando rápido para passar pela fila.

Era um bom negócio, essa oficina. Deu-nos uma vida decente. Assim como a oficina que Nick dirigia em Prescott.

Siga em frente. Isso não parecia tão ruim agora que eu tinha Bryce. Cada um de nós tinha empregos decentes, boas casas, e havia muitas pessoas que nem sequer tinham isso.

— Eu conheci alguém.

Havia muito o que conversar, coisas a dizer sobre papai e o assassinato. Mas nada disso importava. Agora, eu só queria contar ao meu irmão sobre Bryce. Para compartilhá-la com minha família.

— É sério? — Ele perguntou.

— Ela é a minha Emmy. — Era a melhor maneira de descrever meus sentimentos por Bryce. Nick amava Emmeline com todas as moléculas do corpo. — Mas não faz muito tempo.

Ele riu.

— Eu me apaixonei por Emmy na primeira noite em que a conheci. O tempo não importa.

Nick e Emmeline se casaram na primeira noite em que se conheceram. As coisas tinham sido difíceis para eles, mas eles encontraram o caminho de volta juntos.

— Estou feliz por você. Quer um conselho gratuito de seu irmão mais velho, mais sábio e mais bonito?

Eu sorri.

— Certo.

— Agora que você a encontrou, não a perca.

Capítulo 22

Bryce

Cliquei em salvar minha história e carreguei a versão final na unidade em que meu pai a colocaria no layout do jornal de amanhã. Ele já havia encenado as fotos e formatado a manchete. Agora tudo o que ele precisava fazer era inserir o texto.

Esperei finalizar os detalhes até o último minuto, esperando que Dash ou Emmett encontrassem mais para incluir. Mas nos últimos cinco dias, nada de novo veio sobre o homem que invadira a casa do clube de Tin Gypsy e roubara a faca de Draven. O homem que provavelmente foi responsável pela morte de Amina Daylee.

Draven encontrou sua faca original, aquela com cabo de cerejeira. Estava em sua casa, como ele suspeitava, escondida em segurança em um saco de equipamentos de caça.

A foto que Emmett imprimiu das câmeras de vigilância estaria na primeira página de Domingo, juntamente com especulações sobre o roubo da arma do crime. Nosso jornal era sobre imprimir os fatos, então minhas conjecturas pessoais foram afastadas. Mas havia indícios entre esses fatos, o suficiente para plantar sementes de dúvida. Acrescente a isso minha

entrevista *exclusiva* com Draven Slater e sua confissão de uma filha secreta, esse plano podia funcionar.

Agora tudo o que precisava fazer era rezar para que, quando Genevieve chegasse a Clifton Forge amanhã, não lesse meu artigo antes que pudesse falar sobre Draven. Eu poderia ligar para ela e pedir que não pegasse um jornal local, eu duvidava que ela fosse assim mesmo. Mas se fosse parecida comigo, essa ligação só a deixaria curiosa. Estava apostando que ela não se importava com o mais recente *Clifton Forge Tribune.*

— É todo seu. — Virei-me na cadeira para encarar papai, que estava sentado em sua mesa.

— Obrigado. — Ele sorriu. — Vou colocar depois do almoço. Você avisou Marcus?

— Não. Ele pode ler com todo mundo.

— Oh. — Suas sobrancelhas se uniram. — Uh, ok.

— O quê? Você acha que é um erro?

— Acho que muita coisa mudou no último mês. Você estava no time do delegado Wagner há pouco tempo, querendo estar em suas boas graças. E agora, — apontou para o computador, — a história que redigiu não é a que eu esperava.

— Não, não é. — Não era o que eu esperava escrever também. — Mas esta é a história certa para contar. Draven não matou Amina Daylee. O verdadeiro assassino está lá fora, e se isso significa acender um fogo embaixo

da bunda do delegado para fazê-lo investigar mais fundo, é isso que eu preciso fazer.

— Ainda vale a pena dar-lhe um aviso. Dê-lhe uma dica. Você não quer arruinar esse relacionamento, Bryce.

Suspirei.

— Não acho que ele vai gostar muito de mim depois disso, de qualquer maneira.

Nenhuma quantidade de alcaçuz o faria confiar em mim uma vez que essa história fosse publicada.

— Uma ligação vai facilitar as coisas, — sugeriu papai. — Apenas faça-o sentir que você não mudou completamente de time.

— Por que você não liga para ele? Talvez seja melhor vir de você. — Porque a verdade era que eu havia trocado de time. Minha lealdade não era mais com Marcus Wagner. Junho tinha ido e vindo. O clima de julho envolveu Clifton Forge na luz do sol e no calor. E conforme o calendário passava, minhas prioridades haviam mudado.

Eu me apaixonei pelo homem que esperava expor como criminoso.

Tecnicamente, ele era um criminoso, ou um ex-criminoso. Principalmente, ele era meu. Falho e meu.

— Você precisa de mais alguma coisa? — Eu bocejei. — Se não, vou para casa.

— Ainda cansada?

— Sim. — Dei a meu pai um sorriso fraco. — Foi uma longa semana. Estou sem energia.

— Você precisa tirar uma soneca. Descanse um pouco. Gostaria de vir jantar hoje à noite? Tenho certeza de que sua mãe adoraria cozinhar para você.

Fazia semanas desde que fui à casa de mamãe e papai. Mamãe estava me implorando constantemente por uma visita e aparentemente havia recrutado papai para ajudar também.

— Sem planos. Eu adoraria. Vou ligar para mamãe e perguntar o que posso levar.

A porta do escritório se abriu.

— Ei, vocês dois.

— Falando no diabo. — Papai se levantou da cadeira, encontrando mamãe no meio da sala com um beijo.

— Oi, mãe. — Acenei, mas não me levantei da minha cadeira. — Você está bonita hoje.

— Obrigada. — Seu cabelo era do mesmo marrom rico que o meu, mas tinha algumas mechas grisalhas. Mamãe se recusou a cobri-los mais, porque em uma de suas viagens a Seattle, um garçom nos acusou de sermos irmãs. Onde a maioria das mulheres ficaria lisonjeada, dobrando a gorjeta do jovem, ela se ofendera. Ela o corrigiu gentilmente, informando-o de nosso relacionamento. Ela disse a ele que ser minha mãe era a maior fonte de orgulho em sua vida.

Como papai sempre dizia, era fácil amar Tessa Ryan.

Mamãe se aproximou e se abaixou para me abraçar enquanto eu ficava na minha cadeira, então ela se sentou na beira da minha mesa.

— Quer vir jantar hoje à noite?

Eu ri.

— Papai acabou de me fazer a mesma pergunta. E sim. Eu adoraria. O que gostaria que eu levasse?

— Oh, nada. Eu cuidarei disso. Na verdade, eu tenho mais, se você quiser levar o namorado.

O namorado. Dash era meu namorado? Ele provavelmente se encolheria com o termo. Juvenil demais para alguém como ele. Não era ousado o suficiente. *Qual seria a terminologia de MC? Ele era meu homem?* Ou *Old Man?* Se, e isso fosse muito, considerando sua fobia de compromisso, nos casarmos um dia, isso me faria sua O*ld Lady*?

Eu me encolhi. Se me chamasse de O*ld Lady*, eu negaria a ele sexo por um mês.

— Eu sinto falta de vocês, — disse. — Ryans apenas esta noite. Vou convidar Dash da próxima vez.

— Tudo bem. — Mamãe fez beicinho. — Mas espero encontrá-lo mais cedo ou mais tarde.

— Você vai. — Supondo que estávamos no ponto em que nos apresentamos a nossas famílias. *Nós estávamos, certo?*

Dash e eu precisamos continuar a conversa que começamos na sede do clube. Nosso relacionamento precisava de alguma definição, mas nenhum de nós o mencionou nos últimos cinco dias. Estava nervosa demais para perguntar. E eu suspeitava que Dash estivesse em águas desconhecidas.

Cobrindo outro bocejo, peguei minhas coisas na minha mesa e as enfiei na minha bolsa.

— Então, seis hoje à noite?

Mamãe assentiu.

— Você está se sentindo bem?

— Só cansada.

Ela se inclinou para frente, pegando minhas bochechas nas mãos e depois pressionou a palma da mão na minha testa. Ela testava minha temperatura dessa maneira desde que eu era criança. Fechei os olhos e sorri. Não importava a minha idade, ela sempre foi mãe, estava lá para confortar e cuidar.

— Você não está com febre.

— Eu não estou doente, — prometi. — Foi uma daquelas semanas. Estou esgotada.

— Ahh. Eu costumava me cansar quando era a semana do mês também. Não sinto falta dos absorventes, mas — ela abanou o rosto — essas ondas de calor a cada dez malditos minutos são um pé no saco.

Eu ri. — Não estou no meu per...

Meu coração caiu. *Quando foi a última vez que menstruei?*

Mamãe disse mais alguma coisa, mas minha mente estava girando, contando as semanas de junho e calculando a última vez que comprei absorventes no supermercado. A última vez que me lembrei foi em maio. Lembrei-me porque tivemos uma neve pesada e molhada na Primavera. Tinha ficado toda chorosa e hormonal porque um monte de árvores na cidade começou a florescer, mas o peso da neve quebrou seus galhos.

Oh, Porra. Pulei da minha cadeira, pegando minha bolsa.

— O que há de errado? — Mamãe perguntou.

— Nada, — menti, sem fazer contato visual com ela ou com papai. — Acabei de perceber que preciso executar uma tarefa rápida e quero ter certeza de chegar lá antes que eles fechem. Vejo vocês no jantar.

Sem outra palavra, deixei o jornal, dirigindo imediatamente para o supermercado.

Comprei coisas de que não precisava, palitos de dente, limas, Cheez Whizz, enchendo minha cesta enquanto passava pela entrada do corredor de produtos femininos várias vezes. Cada vez, olhava pelas prateleiras apenas para sair e ir embora. Finalmente, depois de pegar uma garrafa de suco de laranja, minha cesta estava ficando pesada e meu objetivo para esta viagem não podia mais ser evitado.

Respirei fundo e caminhei pelo corredor. Quando cheguei aos testes de gravidez, procurei rapidamente marcas que reconheci e coloquei três tipos diferentes na minha cesta. Então praticamente corri para o caixa, esperando que ninguém me visse.

A caixa não fez nenhum comentário enquanto examinava meus itens, *graças a Deus*, e quando todas as minhas coisas estavam escondidas em sacos de papel com segurança, levei-as ao meu carro e fui para casa.

A sensação de afundamento no meu estômago era insuportável. A ansiedade, esmagadora. *Eu estava grávida?* Estava com tanta pressa de comprar os testes, que realmente não tinha pensado no que aconteceria depois que os fizesse. Mas quando minha casa e meu banheiro se aproximaram, um calafrio de pânico se instalou em meus ossos.

Há um mês, a ideia de estar grávida teria me levado a uma histeria alegre. *Mas agora? Se eu tivesse um bebê, perderia Dash? Era suficiente para criar um filho sozinha? Ficaria de coração partido se os testes fossem negativos?*

Três testes de gravidez positivos depois, não precisei me preocupar com a última pergunta.

— Ei, querida. — Dash entrou pela minha porta da frente sem bater.

Estava na cozinha, sentada na ilha, olhando fixamente para estrias e grânulos no meu balcão de granito cinza. Eu cancelei o jantar com meus pais e mandei uma mensagem para Dash vir.

— Ei.

— Recebi algumas notícias. — Ele pegou o banquinho ao meu lado, inclinando-se para beijar minha têmpora. — Papai se encontrou com Tucker hoje.

— Sim? — Eu fingi um pouco de emoção sobre a reunião com o presidente dos Warriors. — O que ele disse?

— Papai diz que Tucker jura que não foram os Warriors. Ele deu uma olhada na foto e convenceu papai. — Dash se inclinou para o lado para pescar sua carteira. Então ele pegou uma cópia da foto que Emmett imprimiu no vídeo de vigilância, alisando-a no balcão.

Eu me inclinei para perto.

— O que estou olhando?

— Está vendo isso aqui? — Ele apontou para o logotipo dos Warriors costurado no corte do homem. — Veja na parte inferior da ponta da flecha, onde ela brilha?

— Sim.

— Tucker disse que eles mudaram o sistema há alguns anos, limparam algumas das extremidades e se livraram desse problema. Todos no clube receberam novos coletes.

— Eles confiscaram os antigos?

— Não. O que significa que quem tem um colete antigo é um Warrior há um tempo. E isso confirma que não foi um dos ex-Gypsies que se juntou a eles no ano passado.

Então, um Warrior estava tentando reiniciar uma guerra antiga.

— Podemos obter uma lista de nomes?

— Não de Tucker. Ele nunca desistirá de seus homens. Mas papai vai começar a colocar nomes no papel. Ele está com Emmett e Leo na oficina, fazendo isso agora. Disse a eles que eu terminaria em breve. Pensei que você poderia querer ir junto.

— Não, obrigada. — Eu não estava com vontade de ir à oficina. E, depois de dizer a Dash que estava grávida, tive a sensação de que ele também não iria me querer lá.

— Tem certeza disso?

— Tenho certeza.

— E hum... Genevieve? — Ele se esforçou para dizer o nome dela. Dash não aceitou a ideia de sua irmã.

— O voo dela chega tarde hoje à noite. Ela fica em Bozeman e vai dirigir amanhã. Ela acha que estará na cidade no meio da manhã. Ela prometeu ligar e eu vou encontrá-la no cemitério.

— Ligue para mim quando ela for embora. Diga-me como reagiu.

— Eu irei.

Não fazia ideia de como contar a Genevieve que ela era filha de Draven. E como se isso não fosse difícil o suficiente, também tentaria convencê-la de que ele não havia matado a sua mãe. Aquela amizade inicial que forjamos sobre biscoitos de chocolate seria testada.

Dash se levantou e foi até os armários pegar um copo, enchendo-o com água da geladeira. Ele estava ansioso para chegar à oficina.

— Então, antes de você ir... — *Deus, como eu diria isso?* Ocupei minhas mãos dobrando a foto e pegando sua carteira para guardá-la. Abri a dobra, pronta para enfiar dentro, mas outra página dobrada chamou minha atenção.

Eu levantei, reconhecendo uma foto em preto e branco. A caixa de troféus atrás das crianças era familiar. Fora o pano de fundo para numerosas fotos dos anuários da Clifton Forge High.

— O que é isso?

Dash baixou o copo de água dos lábios e fechou os olhos.

— Eu, uh... merda.

Desdobrando a página, observei as fotos, apenas vendo fotos da escola sem ninguém reconhecível. Mas eu virei e vi o rosto jovem de Amina. Ela estava sorrindo com outra garota.

Era a versão mais jovem de um rosto que eu tinha visto em um obituário.

Chrissy Slater.

— Dash. O que é isso?

Ele teve a decência de parecer culpado.

— Uma página que eu encontrei na escola quando estávamos olhando os anuários.

— Você encontrou isso e não me mostrou. — Lutei contra o desejo de amassar a foto em uma bola e jogá-la em seu rosto.

— Eu ia. Juro. Mas então não pareceu tão importante depois que você descobriu que mamãe e Amina eram amigas.

— Não parecia importante? — Eu fiquei boquiaberta para ele, deslizando para fora do meu banquinho. — Prometeu que me contaria tudo.

Você fingiu não saber que sua mãe e Amina eram amigas. Perguntei-lhe, imediatamente, se você sabia e mentiu para mim. Sobre o que mais mentiu?

— Nada.

— Eu confiei em você. Como pode fazer isto comigo? Depois de tudo? Eu *confiei em* você. — Contra o meu melhor julgamento, acreditava em Dash. Eu acreditava nele.

— Bryce, vamos lá. — Dash deu um passo em minha direção. — Não é grande coisa.

— Não. É uma grande coisa. — Me afastei. — Foi por isso que você chamou a polícia naquele dia? Então não descobriria que rasgou a página do anuário?

— Sim. E me desculpe. Mas nós estávamos em um lugar diferente então. Nós não estávamos juntos.

— Não, nós estávamos apenas transando, certo? Eu era apenas outra mulher para usar até você se satisfazer. Você ainda se sente assim?

Sua mandíbula apertou.

— Você sabe que não.

Fechei os olhos, lutando contra o desejo de chorar. *Como poderia confiar nele?* Depois de todo o nosso tempo juntos, ele poderia ter me dito, mas manteve o segredo.

Também não era segredo de nada. *Nada.* Algo tão pequeno que, mantendo-o longe de mim, ele realmente piorou. Maior do que tinha que ser.

Ou talvez eu estivesse exagerando. Talvez essa gravidez estivesse me fazendo pensar demais em tudo. *Como é que vamos ficar juntos se ele não confia em mim? Como íamos ter um filho?*

Ele cruzou a distância entre nós.

— Querida, você está exagerando.

— Talvez eu esteja, — sussurrei. — Mas algo sobre isso parece... Fora. Como se tivéssemos um problema importante aqui.

— Um problema importante? É uma maldita foto. Sim, eu deveria ter lhe contado, mas deixou de ser necessário.

— Você prometeu sem segredos. Que não esconderia nada de mim. Caso contrário, eu escreveria tudo.

— Espere. — Seus olhos se estreitaram. — É disso que se trata? A sua história?

Minha história? O que ele estava falando?

— Hã?

— É, não é? Porra. Eu sou tão estúpido. Na verdade, eu pensei que tínhamos algo aqui. Mas você acabou de me interpretar desde o início. Esperando até que eu fizesse algo que justificaria escrever a mensagem que está morrendo de vontade de expor.

— Isso não é verdade.

— Você já escreveu, não é? — Ele apontou para o meu laptop ainda na bolsa do balcão. — Está tudo pronto, não está?

— Sim, eu escrevi, — admiti. — Caso você me traísse. Mas era apenas para cópia de segurança. Não vou imprimi-lo.

— Como eu sei disso?

Eu lancei minhas mãos.

— Porque estou lhe dizendo que isso não é sobre a história. E eu não criei o hábito de mentir para você.

— Sempre foi a história. Desde o começo. E fui estúpido o suficiente para pensar que não queria mais, porque você me queria.

— Eu quero, espere. Como sou agora a vilã? Você é quem escondeu algo. Mentiu sobre essa foto estúpida. Por que me sentiria culpada?

— Essa foto não significa nada. Nós dois sabemos disso. Você tem uma história escrita que pode arruinar a vida das pessoas que amo. Não é um acordo entre amigos aqui, querida.

Abri minha boca para discutir, mas a fechei. Meus ombros caíram, sobrecarregados por uma desesperança que poderia me derrubar no chão.

— Não é sobre a foto ou a história, — sussurrei. — Nós não confiamos um no outro. Como isso pode funcionar se não confiamos um no outro?

A raiva de Dash evaporou e ele balançou a cabeça.

— Inferno se eu sei. Quando você descobrir, faça-me um favor e me indique. Porque agora, parece-me que isso acabou antes de realmente começar. Eu vou embora.

Ele passou a carteira, enfiando-a na calça jeans. E então, sem outra palavra, ele saiu da cozinha.

— Espere. — Enquanto estávamos lidando com coisas pesadas, tive que acrescentar mais uma coisa. Ele merecia saber antes de sair pela porta. — Eu tenho que lhe dizer uma coisa.

Dash se virou, colocando as mãos nos quadris.

— Pode esperar?

— Não. — Engoli a queimadura na minha garganta. *Diga a ele.* — Estou grávida.

Um silêncio aterrador encheu a sala. Segundos se passaram como horas. Um minuto pareceu um dia. Dash ficou tão quieto que parecia que ele nem estava respirando.

Era como eu sabia que ele tinha me ouvido.

Meu coração bateu forte, dolorosamente, enquanto eu esperava e esperava. Até que finalmente ele piscou, balançando a cabeça levemente.

— Não é possível. Eu sempre uso camisinha.

Seus preservativos preciosos.

— Uma delas não funcionou.

Era difícil dizer quando, mas o momento sugeria que era logo depois que nos reunimos. Talvez no Mustang. Mas adivinhar era inútil. Além da nossa separação de duas semanas depois que Draven havia me ameaçado, Dash e eu estávamos fazendo sexo constantemente.

O silêncio voltou. Lágrimas brotaram nos meus olhos e nenhuma quantidade de piscada poderia impedir minha visão de ficar turva.

Eu tinha uma amiga na emissora de TV de Seattle que dissera ao marido que estava grávida, encenando papinhas para bebê em casa ao lado de um macacão com *papai* estampado na frente. Na manhã seguinte ao seu anúncio, ela veio trabalhar e relatou que ele estava muito feliz.

E fiquei com ciúmes. Queria o riso. A excitação. O beijo depois que meu marido soubesse que estávamos formando uma família.

— Diga alguma coisa, — sussurrei. O silêncio estava partindo meu coração. Nesse momento, eu gritaria se isso significasse que ele falaria.

Seus olhos se ergueram do chão e foi então que vi o verdadeiro medo.

Dash girou em sua bota. Abriu a porta, sem se preocupar em fechá-la enquanto corria para a moto. O som do motor não se prolongou porque ele desapareceu rapidamente.

— Maldição. — Eu andei até a porta, piscando para afastar as lágrimas quando a fechei e tranquei a fechadura. Se ele voltasse, teria que tocar a campainha.

Mais cedo ou mais tarde, ele teria que voltar. *Não teria?* Não me deixaria para sempre. *Certo?* A ideia de fazer isso sozinha, de não ter Dash para me apoiar, fez meu corpo inteiro doer. *Nós conseguiríamos superar isso? Juntos?*

Nós teríamos que superar. Nós éramos melhores juntos. *Ele não viu isso?* Claro, poderia fazer isso sozinha. Mas não queria. Queria Dash.

Ele não poderia me evitar para sempre. *Nós* para sempre. Morávamos na mesma cidade. Estávamos tendo esse bebê, quer estivesse pronto ou não.

Porque talvez ele se considerasse o tio divertido, mas eu ficaria condenada se deixasse meu filho crescer sem conhecer o pai.

Não deixaria Dash se transformar em Draven, perdendo a vida de seu filho até que fosse tarde demais.

Caminhando para o balcão, bati com o punho no granito.

— Maldito seja.

Nós teríamos que conversar. E assim por diante. Antes que esse bebê viesse, Dash iria se preparar.

Me certificaria disso.

Determinada a não sentar aqui e me afundar, peguei meu telefone e enviei uma mensagem para mamãe, dizendo a ela que eu iria jantar depois de tudo. Estava me sentindo melhor. Ela respondeu com uma série de emoticons e emojis de carinha feliz.

Apaguei as luzes da minha casa, pegando minha bolsa e uma garrafa de vinho para mamãe, não precisaria dela por um ano. Depois fui para a casa dos meus pais, aproveitando um tempo sozinha com eles e fazendo o possível para não pensar em Dash e no bebê.

Quando cheguei em casa, estava exausta e pronta para entrar em colapso. Estava tão cansada que mal consegui abrir os olhos enquanto vagava para dentro.

A casa estava escura, mas não precisava das luzes acesas para encontrar o caminho para o quarto. Gostava do escuro porque escondia a cesta de roupa suja no sofá. Escondia o copo que Dash deixara na pia.

Também escondia a figura, envolta em preto, que estava esperando que eu chegasse em casa.

Capítulo 23

Dash

— Bom dia. — Isaiah entrou na garagem, passando a mão pelo cabelo curto. — Você está nisso há um tempo. Vai ficar a noite toda?

— Sim. — Bati a porta do Mustang, com um pano de limpeza na mão.

Depois de deixar a casa de Bryce ontem à noite, fiz uma longa viagem. Quilômetros e quilômetros voaram enquanto tentava colocar minha cabeça no lugar em torno da bomba que soltou. Ela mudou meu mundo com uma palavra. Virou a coisa toda de cabeça para baixo.

Grávida.

Eu não poderia colocar essa ideia em prática. Tínhamos sido cuidadosos. Preservativos eram necessários quando estava com uma mulher, sem exceções. E embora adorasse ficar nu com Bryce, havia uma razão para nos manter a salvo.

Alguns homens eram projetados para serem bons pais. Nick era um deles. Mas eu tinha feito muitas coisas, coisas violentas e vis, para ser um pai decente. Não importa o que Bryce disse, o quanto queria acreditar nela, eu não era bom.

Eu estragaria uma criança sozinho.

Todas as minhas precauções, minhas regras estritas para preservativos, eram inúteis agora.

Dentro de meses, seria pai.

E isso me assustou para caralho. Eu não sabia como ser pai. Veja o exemplo que tive para seguir. Um homem que levou assassinos à porta de sua esposa e sequestradores ao quarto de sua nora.

Não queria ser meu pai. O que era uma loucura desde que passei trinta e cinco anos seguindo seus passos.

Entrei para o seu clube. Sentei na sua cadeira. Assumi a sua oficina quando ele se aposentou. *Em trinta e cinco anos, meu próprio filho olharia para mim e desejaria que ele ou ela seguisse seu próprio caminho também?*

Depois da longa viagem, voltei para a oficina. Estava escuro, mas papai e Emmett ainda estavam aqui, conversando sobre os nomes dos Warriors. Entrei, sem dizer uma palavra, e comecei a trabalhar no Mustang.

Finalmente, eles perceberam que não estava aqui para conversar e me deixaram sozinho.

As horas voaram quando terminei as tarefas finais no carro. Então detalhei o interior. Faria o mesmo com o exterior a seguir e ligaria para o cliente para providenciar a retirada.

Precisava desse carro fora da minha oficina. Tinha esse pressentimento de que na noite em que eu transei com Bryce neste Mustang, também a engravidei.

— Terminou? — Isaiah perguntou, passando a mão sobre o capô.

— Quase. Desculpe se o mantive acordado ontem à noite. — Realmente não tinha pensado muito em Isaiah em seu apartamento acima da oficina, enquanto trabalhava. O cara provavelmente me ouviu batendo aqui a noite toda.

— Não se preocupe. Não durmo muito de qualquer maneira.

— Insônia?

Ele balançou sua cabeça.

— Prisão.

Isaiah não me contou muito sobre por que foi preso, apenas que foi condenado por homicídio culposo e passou três anos na prisão. Não pedi detalhes. Era assim que acontecia aqui, porque era assim no clube.

Pedimos o suficiente para saber com que tipo de homem estávamos lidando. Então julgamos com base no caráter, não nos erros passados.

Essa oficina era o seu próprio tipo de irmandade, embora irmão não fosse a palavra certa, considerando que Presley fazia parte dessa família tanto quanto Emmett, Leo ou Isaiah.

— Então você está, uh?... Está bem? — Isaiah perguntou.

Limpei minha garganta, pronto para negar, mas a verdade veio à tona.

— Bryce está grávida.

Os seus olhos se arregalaram.

— Como se sente sobre isso?

Eu soltei uma risada nervosa.

— Não tenho a menor ideia.

— E Bryce?

— Não fiquei tempo suficiente para perguntar, — admiti. Me ferrei como namorado ontem à noite. E como esperado, já estava estragando o show da paternidade também. Jogando meu pano no chão, encostei-me no carro. — Não sei o que fazer. Como lidar com uma criança ou uma mulher grávida.

— Conheci apenas uma mulher grávida. — Isaiah fez uma pausa. —Ela era... Especial.

Era. Talvez fosse alguém que conheceu uma vez. Mas tive a sensação de que ele havia perdido alguém.

— Isso a aterrorizou, — disse ele. — A ideia de ser responsável por outra vida. Ela também estava animada, mas assustada. E corajosa o suficiente para admitir isso.

— Aterrorizado parece a palavra certa.

— Eu aposto que Bryce também.

— Sim. — Abaixei minha cabeça. Tenho certeza que Bryce também estava com medo. Especialmente em casa e sozinha, lidando com essa coisa toda.

O que eu estava fazendo aqui? Havia uma pessoa que detinha o poder de aliviar meus medos. E não a encontraria na oficina.

— Tenho que ir. — Empurrei a bancada de ferramentas, acenando para Isaiah quando saí pela porta. Quando meu telefone vibrou no meu bolso, o

peguei. Um número desconhecido enviou uma mensagem de texto, então diminuí a velocidade, abrindo-a para ver a foto em anexo.

Foi quando meu coração parou.

Bryce estava de joelhos. Sujeira e folhas estavam espalhadas na terra por baixo da calça jeans, troncos grossos de árvores amontoados atrás dela. A foto estava escura, mas havia luz suficiente para ver o terror em seu rosto. Sua boca estava amordaçada com um pano imundo amarrado à cabeça. Os olhos dela estavam vermelhos e as bochechas manchadas de lágrimas.

Havia uma arma pressionada contra sua têmpora.

— Oh, Cristo. — Tropecei, perdendo o equilíbrio e caindo no cimento. *Não.*

Respirei fundo, tentando me concentrar. Então me virei novamente para a foto, meus olhos se estreitando para a pessoa segurando a arma. *Era uma mulher*. Estava de perfil, com o braço firme.

Quem era ela? Por que pegou Bryce?

Voltei ao texto, procurando qualquer tipo de mensagem, mas não havia nada. Apenas a foto.

— Dash? — Papai estava correndo no meu caminho. Não o tinha ouvido subir. — O que há de errado?

Eu pisquei, saindo da névoa quando ele me ajudou a ficar de pé. Então empurrei o telefone em seu rosto.

— Quem diabos é essa mulher?

— Que mulher?

— Ela. — Apontei para a foto. — Com a arma na cabeça de Bryce.

O medo virou raiva. Minhas mãos se fecharam e meu batimento cardíaco diminuiu. O sentimento assassino que não tive em anos veio rugindo para casa com uma vingança, instalando-se em meus ossos. A fúria ferveu meu sangue.

Aquela mulher estava morta, quem quer que fosse. E a pessoa segurando a câmera. Morto.

— Essa é... — Papai tirou os óculos escuros do rosto, apertando os olhos para o telefone. Então sua mandíbula caiu. — Porra.

— O quê?

— Não pode ser. — Ele balançou a cabeça.

— O quê? — rugi, diretamente em seu ouvido, fazendo-o recuar. — Quem diabos é essa mulher?

— Genevieve. — Ele engoliu em seco. — Acho que, Amina me mostrou fotos, eu acho que é Genevieve.

— Sua filha? — Fervi. — Sua maldita filha pegou minha mulher e colocou uma arma em sua cabeça?

— Não, não pode ser. Não faz sentido. — Papai passou a mão pelo rosto.

Tendo sentido ou não, ela estava morta.

— O que está acontecendo? — Isaiah correu para o meu lado.

— Isso. — Mostrei a ele a foto. Ele não fazia parte do clube, mas não era hora de segredos. Não quando precisava chegar a Bryce. Isaiah soltou

uma série de maldições quando puxei o telefone, ligando para Emmett. Ele atendeu no segundo toque. — Venha aqui.

— Dez minutos.

Desliguei, fazendo a mesma ligação para Leo, depois me virei para o papai.

— Por que ela levaria Bryce?

— Eu não sei, — respondeu.

— Ela deve saber sobre você. Acha que matou a mãe dela. Poderia ter pego Bryce por vingança?

— Não, — insistiu. — Não sabe que eu sou o pai dela. Amina jurou que nunca disse a ela.

— Ela mentiu. Essa mulher transou com o marido da melhor amiga e ficou calada sobre a filha por vinte e poucos anos. Não estou aceitando a palavra dela por ouro.

— A menos que Bryce já tenha dito.

— Duvido, — disse a ele. — Elas não deveriam se encontrar até o meio da manhã. E está escuro nesta foto.

Arrisquei outro olhar para a foto, ignorando meu estômago revirado. Me apeguei ao fato de que Bryce está viva. Ou ela estava. *O próximo texto seria o seu corpo sem vida?*

Não. Fechei os olhos, forçando a imagem mental até que tudo o que restava fosse preto. Bryce tinha que viver. Tínhamos coisas para resolver. Coisas para falar. Uma gravidez para sobreviver.

Uma criança para criar.

Juntos.

O rugido de um motor veio correndo para a garagem, Leo entrando e derrapando até parar. Os dez minutos de Emmett foram menos de cinco quando ele parou momentos depois.

Não demorou muito para alcançá-los.

— Ela deve ter vindo de Denver cedo, — disse Leo. — Esperou Bryce ficar sozinha.

Sozinha porque não estava lá para protegê-la. Estava muito ocupado aqui, meditando sobre as merdas que eram tanto minhas quanto dela.

Se ela sobrevivesse a isso, imploraria por perdão.

Mas talvez todos estivéssemos melhor se ela não me desse.

— Porra! — Rugi. Ao meu lado, Isaiah se encolheu.

Isso não estava acontecendo. Agora não. Não com Bryce. Ela era minha. Era a mulher que não sabia que precisava. Minha parceira no crime. Minha confidente. Meu coração. Quem fez isso com ela pagaria. Eu teria minha vingança e seria sangrenta.

Se ela não saísse disso, não, eu não poderia pensar assim. Ela tinha que sair dessa ilesa. E para cada arranhão, cada machucado, eu daria o mesmo castigo dez vezes.

— Não faz sentido. — Papai vinha dizendo isso várias vezes.

— O que não faz sentido? — Bati. Seu murmúrio estava acabando com minha paciência.

— Por que ela faria isso? Como sabe sobre nós? Se queria se vingar de mim por Amina, por que ir atrás de Bryce?

— Estamos deixando passar algo importante, — disse Emmett. — Ela está confusa com isso de alguma forma. Provavelmente desde o começo.

— E ela o que, matou sua própria mãe? — Papai bufou. — Não está certo.

— E se estivesse com raiva de sua mãe? Talvez Amina e ela tivessem brigado. Alguém está segurando essa câmera. Balancei meu telefone. — Ela pode não ter sido a pessoa a segurar a faca, mas todos nós vimos um Warrior invadir a sede do clube. Meu palpite é que o mesmo Warrior é quem está por trás dessa foto. E minha *irmã* está dando as ordens.

— O que fazemos? — Emmett perguntou. — Nós não podemos sentar aqui e esperar. Bryce poderia ser...

— Não. — Levantei uma mão. — Não diga isso.

Os pensamentos na minha cabeça eram ruins o suficiente. Não precisava dele adicionando horrores aos meus ouvidos.

— Precisamos encontrá-la. Ela está viva. — Tinha que estar viva. Não iria viver o resto da minha vida miserável e sozinho.

Ia encontrar Bryce, trancá-la em minha casa e nunca mais sair do seu lado.

— Pai, ligue para Tucker. Vamos torcer para que tenha mais informações do que ele disse.

Ele assentiu, o telefone já fora do bolso.

— Emmett, descubra o que você puder sobre Genevieve. Quando chegou a Montana. Onde está se escondendo.

Com um breve aceno de cabeça, ele correu para o clube.

— Há uma coisa, ahh. — Leo passou a mão pelos cabelos. — Não consigo identificar.

— O quê?

— Algo é familiar sobre esse lugar.

— Que lugar?

— Deixe-me ver essa foto novamente. — Se aproximou e pegou o telefone da minha mão. Então ele estreitou os olhos, os dedos aproximando-se na extremidade oposta. — Lá. Vê?

— O que estou procurando?

— Aquele prédio à distância. Veja?

Estava tão focado em Bryce e na arma que não havia estudado outras partes da foto. Mas lá estava. Ao longe, um antigo prédio de madeira era quase invisível dentro das árvores.

— Você conhece esse lugar? — Perguntei a Leo.

— É familiar. — Ele fechou os olhos, pensando por alguns segundos doloridos. Então seus olhos se abriram e estalou os dedos. — Fica na Castle Creek Road, a cerca de uma hora daqui. O caminho é pelas montanhas em uma trilha íngreme e antiga. Não vou lá há dez anos, mas esse edifício parece o antigo esconderijo dos Warriors, para alguns caras estive lá fora naquele dia.

— Você tem certeza? — Não podíamos dar ao luxo de dirigir uma hora para as montanhas em um palpite. Bryce pode não ter tempo extra, e se recebesse uma ligação pedindo dinheiro do resgate, queria um serviço de celular.

— Sim, irmão. Tenho certeza.

Papai se aproximou, sua mandíbula cerrada.

— Tucker jura que não são os Warriors.

— Ele sabia alguma coisa sobre Genevieve?

— Nada.

— Está mentindo, porra, — Leo mordeu, arrancando o telefone da minha mão para mostrar a cabana do papai. — Lembra daquela cabana que você tinha comigo, Jet e Gunner? É essa.

— Maldito Tucker, — ele amaldiçoou.

— Eu vou. — Apontei para Leo. — Vá na frente.

— Espere. — Papai agarrou meu braço, me parando. — Pode ser uma armadilha. Tucker sabe que achamos que um Warrior está por trás disso. Poderia ter levado Bryce e Genevieve. Prepare-se para tudo.

— Ou Genevieve é uma maldita psicopata. Talvez nem seja sua filha. Talvez essa tenha sido uma armação dos diabos, porque não conseguiu manter seu pau atrás do zíper. Quem sabe? O que eu sei é que Bryce está em perigo e farei o que for preciso para mantê-la viva. Se estiver naquela cabana, é para onde vou.

Ele soltou um longo suspiro.

— Estou indo também.

— Todos nós acreditamos na história de Amina, mas pode não ser verdade. Temos sido negligentes. Estamos em todo lugar e perdendo algo importante. — Olhei entre papai e Leo. — Estamos na defensiva desde o início e é hora de lembrar quem somos. Ninguém mexe conosco, se o clube acabou ou não. Alguém vai pagar por isso. Atire primeiro. Enterre depois.

O rosto de Leo endureceu.

— Caralho. Foda-se essa cadela.

Papai não foi tão rápido em condenar Genevieve.

— Gostaria de falar com ela.

— Se ela machucar Bryce, você terá que viver com a decepção.

Essa era a chance dele de escolher um lado e certamente era melhor o meu.

— Ok, filho. — Ele deslizou os óculos de sol no rosto. — Leo, vá na frente.

Nossas botas batiam na calçada enquanto íamos para nossas motos. Enquanto eu caminhava, liguei para Emmett, dizendo-lhe para sair do clube e nos alcançar. Quando enfiei meu telefone no bolso, o movimento ao meu lado chamou minha atenção.

— Eu também vou. — Isaiah estava correndo em direção a sua moto.

Merda. Isso poderia ficar feio e provavelmente não era o lugar para ele.

— Não, você fica.

— Por favor. Deixa-me ajudar.

Não tive tempo de discutir.

— Sua moto está pronta?

— Vai acompanhar.

— Bom. Porque vamos andar muito. — Peguei minha moto e destranquei o compartimento de armazenamento sob o assento. Peguei minha Glock, colocando-a na cintura da minha calça jeans. Então peguei outra pistola, entregando-a a Isaiah. — Você sabe como usar isso?

— Sim.

— Tem uma chance, você atira.

Não me importava com quanto sangue fosse derramado hoje.

Contanto que não pertencesse a Bryce.

Capítulo 24

Bryce

— Dash virá por mim. — Cerrei os punhos, puxando a fita adesiva que os prendia atrás das minhas costas.

— Estou contando com isso. — O homem diante de mim, vestido de preto, cruzou os braços sobre o peito. — Agora cale a boca.

Apertei meus dentes juntos, meus molares rangeram com tanta força que poderiam ter pulverizado diamantes. Não estava obedecendo a sua ordem. Estava congelando e queria impedi-los de bater descontroladamente. Meus dedos dos pés e dedos ficaram dormentes horas atrás. Pelo menos, acho que já faz horas. Não tinha ideia de que horas eram. O sol estava alto, mas não era alto o suficiente para queimar o frio que se agarrava ao ar enevoado da floresta.

Ao meu lado, Genevieve fungava. Seu braço estava pressionado contra o meu, tremendo. Ela balançava da cabeça aos pés, o tipo de tremores que eram puro medo.

Horas atrás, também estava com medo. Quando fui tirada da minha casa e enfiada no porta-malas de um carro, fiquei apavorada. Chorei até não haver mais lágrimas.

Então, deitada no porta-malas escuro, minhas mãos e tornozelos amarrados, o medo desapareceu. Não podia me dar ao luxo de ter medo. Tinha outra vida contando comigo para me recompor.

Minha raiva estava me mantendo viva. Isso impediu que meu sangue se transformasse em gelo, alimentando o fogo no meu coração. Porque tinha que esperar. *Lutar.* Estava finalmente conseguindo um pedaço do futuro que esperava, uma criança que amaria incondicionalmente. Este imbecil não ia tirar isso de mim.

Foda-se esse cara. Ele era o mesmo homem que invadira o clube Tin Gypsies. Eu presumi isso com base em suas roupas. Ele usava jeans preto e uma camiseta preta de mangas compridas. Sua máscara de esqui cobria o cabelo e o rosto. Luvas de couro pretas se estendiam firmemente sobre as mãos. E usava um colete com o logotipo desatualizado Warrior nas costas.

Seus olhos estavam cobertos de óculos de sol, mesmo na penumbra, as lentes e armações pretas. Não mostrava pele, exceto os lábios finos sob a máscara.

Era de porte médio, ou seja, mesmo que conseguíssemos sair dessa situação, improvável, não haveria como fornecer à polícia nenhuma informação de identificação. Sua dedicação a manter-se escondido realmente me deu esperança. *Se ele ia nos matar, por que se esconder?*

Talvez estivesse buscando esperança.

Ao nosso redor, a floresta era sombria e assustadora. O cheiro de pinho e terra era intenso. Este lugar que ele nos trouxe era tão espesso com sempre-vivas, que duvidava que ficasse claro.

Era muito assustador, mas a pouca luz poderia funcionar a nosso favor, se pudéssemos descobrir uma fuga. Talvez possamos nos esconder debaixo de alguns arbustos ou algo assim. Fiz uma careta ao pensar em me enrolar com folhas e musgos em decomposição.

Atrás de nós, havia uma velha cabana escondida nas árvores. Vi quando ele nos tirou do porta-malas. Era ameaçador e as janelas estavam escuras como se alguém tivesse construído uma década atrás e esquecido que existia. Era direto de um filme de terror, o tipo de lugar onde corpos humanos eram massacrados no porão. Se me libertasse, estaria indo na direção oposta daquela cabana.

Um telefone tocou no bolso do homem. Se afastou de Genevieve e de mim, desaparecendo mais fundo nas árvores onde não podíamos mais vê-lo.

Mas ele estava lá. Esperando. Observando.

— O que vai fazer conosco? — Genevieve perguntou entre os dentes.

— Não sei, — sussurrei. — Mas fique firme.

Dash nos encontraria. Esse cara havia armado dessa maneira. *Ele queria que Dash me encontrasse. Mas por quê? E por que Genevieve? Como ele sabia sobre ela? Por que estava aqui?*

Depois que o homem me tirou da minha casa, me carregou no porta-malas, e fui empurrada enquanto ele se revezava, provavelmente navegando pela cidade. Então o turbilhão de pneus contra o asfalto tornou-se estridente quando acelerou por um trecho suave da estrada.

Exausta e emocionalmente destruída, adormeci. Talvez por dez minutos, talvez uma hora, não tinha certeza. Acordei quando paramos. Esperei, mal respirando quando a porta do carro bateu, mas ele não veio atrás de mim.

Esperei, meu coração batendo forte no peito, até que finalmente o porta-malas se abriu. Olhei contra a luz do estacionamento acima do carro, ajustando minha visão bem a tempo de ver o homem colocar outro corpo lutando no porta-malas.

Genevieve, amordaçada e amarrada, deu uma olhada no meu rosto e parou. Tivemos tempo suficiente para nos reconhecermos antes que ele fechasse o porta-malas e a luz sumisse. Estávamos apertadas, sem espaço para nos mover, embora o porta-malas fosse maior que o de qualquer carro que conhecesse.

Com as mordaças, nós não podíamos conversar. Em vez disso, nós duas choramos lágrimas silenciosas por horas até que o carro diminuiu a velocidade e fomos levadas por uma estrada tão irregular que não poderia ter sido pavimentada.

Ainda estava escuro quando ele puxou nós duas do carro, ameaçando cortar nossas gargantas se tentássemos correr. Com a enorme faca embainhada no cinto, eu acreditei nele.

Então nos fez caminhar morro acima pelo que parecia um quilômetro, nos levando a este local e me empurrando de joelhos. Desamarrou Genevieve e colocou uma arma em sua mão, prometendo que estava descarregada e para que não tentasse nada. Então a empurrou na posição para que a arma tocasse minha têmpora em seu aperto trêmulo.

Sua mordaça foi despida. A fita foi removida dos pulsos e tornozelos. E ele disse para ela ficar quieta. *Pare de chorar, porra.*

Afinal, Genevieve deveria parecer com a minha assassina.

Ele tirou algumas fotos e a prendeu novamente, colocando-nos ao lado desta árvore. Felizmente, tirou minha mordaça também. Não era como se precisássemos delas. Aqui fora, ninguém nos ouviria se gritássemos.

Ele desapareceu por um tempo, mas sabia que não tinha ido longe. Se tentássemos fugir, veria. Se tentássemos libertar as mãos, ele veria.

Então nos sentamos em choque, até que voltou e ficou de pé, observando silenciosamente.

Mantive minha cabeça baixa, não querendo provocá-lo. A cada minuto, ficava mais frio. Estava de chinelos depois do jantar na casa dos meus pais. Genevieve estava descalça e usando uma calça de pijama de seda preta. Deve tê-la levado do hotel onde estava hospedada em Bozeman. A blusa branca era fina, mas pelo menos tinha mangas compridas. A parte de

trás estava aberta, mostrando seu sutiã esportivo verde com tiras. Quando ela se inclinou para a frente, havia arranhões vermelhos e irritação da casca da árvore em sua pele.

Seus pés estavam praticamente machucados pela longa caminhada pela floresta.

Ela fungou.

— Por que isso está acontecendo?

Inclinei-me para ela, deixando minha têmpora descansar em cima de sua cabeça. Foi o melhor abraço que poderia dar no momento.

— Preciso contar uma coisa a você.

— O quê? — Seu corpo ficou tenso enquanto ela tremia.

— Quando vim para Denver, você me disse uma coisa. Disse que sua mãe sempre chamava seu pai de *Prez.* Bem, esse apelido era familiar e eu... Bem, eu meio que descobri quem é seu pai.

Sua cabeça se afastou da minha. Os olhos dela ficaram impossivelmente arregalados.

— Você descobriu? Quem é?

— Antes que eu lhe diga, mantenha a mente aberta. Sei que não tem nenhum motivo para confiar em mim, mas estou implorando para que confie.

Ela me deu um leve aceno de cabeça.

— Conte-me.

Respirei fundo e soltei:

— Draven Slater não matou sua mãe. Estou certa disso. Não tenho provas, mas do fundo da minha alma, acho que realmente se importava com ela e não a teria machucado.

Os olhos dela se estreitaram.

— A polícia tem provas. Ele a matou. A atraiu para aquele hotel e a esfaqueou até a morte.

— Ela pediu que ele viesse ao hotel porque tinha algo a dizer. Ele é seu pai...

— Não. — Ela fechou os olhos, balançando a cabeça.

— Sinto muito. É verdade. Ele é seu pai. Sua mãe pediu que ele viesse ao hotel para falar sobre você.

— *Não,* — ela sussurrou, a palavra uma combinação de raiva e desespero.

— Draven era presidente de um moto clube. Eles o chamavam de Prez.

— Esse apelido pode ser para qualquer coisa.

— Genevieve. — Dei-lhe um sorriso triste. — Você tem os olhos e os cabelos dele. Até parece um pouco com Dash.

— Quem é Dash?

— Meu namorado. E seu meio-irmão.

Ela se afastou de mim, torcendo para olhar na outra direção. Ou tinha feito a coisa certa, dizendo a verdade, ou a tinha empurrado longe demais. Só esperava que tivesse herdado um pouco da força de Draven, porque quando fugisse, ela viria comigo.

— Acho que esse cara, quem nos levou, foi quem matou sua mãe.

Ela balançou a cabeça, os olhos ainda fechados. Quando os abriu, uma nova quantidade de lágrimas caiu.

— Por quê?

— Acho que tem algo a ver com o moto clube de Draven. Algum velho rancor que nunca foi resolvido. De alguma forma, pousamos bem no meio dela.

Ela engoliu em seco, sugando as lágrimas de volta.

— Só queria ver o túmulo da mamãe.

— Você vai. — Corri para o lado dela. — Vamos sair daqui. Dash virá por nós.

Só esperava que não fosse tarde demais.

Ficamos sentados em silêncio, a cabeça de Genevieve provavelmente girando e a minha frenética por alguma maneira de escapar. Poderia correr com as mãos atadas, mas não os tornozelos.

— Acha que ele pode nos ver? — sussurrei.

— Talvez. Mas não posso vê-lo.

— Temos que libertar as pernas. Ele usou fita adesiva. Provavelmente podemos desenrolar, cortar ou algo assim. Mas se puder nos ver, não quero tentar.

— Vamos fazer xixi.

— Bem aqui? — *Nojento.*

— Vamos dizer a ele que precisamos fazer xixi. Talvez ele desamarre nossas pernas.

— Oh. — Relaxei. — Boa ideia.

Minha perna estava adormecendo e formigando, mas mudar de posição parecia fazer o frio penetrar mais fundo nos meus ossos. Esperamos até o homem emergir de trás de uma árvore a cerca de quinze metros de distância. Não o tinha visto atrás dela. Caminhou em nossa direção com passos largos, um homem confiante em que seu plano infalível estava se concretizando.

Com as chances, provavelmente, era. Provavelmente íamos morrer hoje, mas não sem luta.

— Preciso fazer xixi, — disse quando ele se aproximou.

— Então faça xixi.

— Aqui? — fiquei boquiaberta. — E sentar nele?

Ele encolheu os ombros. Menos algumas palavras aqui e ali, era quase mudo.

— Não, obrigada. — Cerrei os dentes novamente, a raiva rugindo para uma nova vida. Não era uma pessoa violenta, mas, droga, queria roubar a faca desse cara e esfaqueá-lo no globo ocular. Me contorci. — Por favor? Chame de último pedido. Não me faça morrer coberta de urina.

— Tudo bem. — Ele pegou aquela faca enorme da manga de couro e a trouxe. O metal pareceu encontrar o único brilho da luz do sol, brilhando

quando veio em direção às minhas pernas. Um golpe rápido e meus tornozelos estavam livres.

— Posso ir também? — Genevieve olhou para ele com aqueles olhos grandes, chorosos e aparentemente patéticos. Ela teve uma grande atuação.

Ele cortou a fita de suas pernas também, depois fez um gesto para nós ficarmos de pé.

Minhas pernas estavam bambas e rígidas, meus braços formigavam de estarem presos. Andar seria difícil em uma superfície plana, sem falar no chão irregular do chão da floresta. Correr seria desastroso. Merda. Mesmo que pudéssemos dar um tempo e escapar, não demoraria muito para ele nos pegar novamente.

Isso era impossível? Nós íamos morrer em breve?

O homem tirou a arma do coldre e apontou para o meu nariz quando eu encontrei o meu equilíbrio.

— Vá.

Balancei a cabeça, arrastando dois passos para longe.

— E as minhas mãos? Não consigo abaixar meu jeans.

Ele franziu a testa e se aproximou, mas em vez de soltar minhas mãos, ele abriu o botão e o zíper do meu jeans e os arrastou até meus joelhos. Fez o mesmo por Genevieve.

Foi humilhante ter esse homem me vendo agachada, minha bunda nua congelando no ar frio. Genevieve deu seus passos na direção oposta. Os olhos dela se fecharam enquanto se agachava.

Fiz o mesmo, fingindo que estava pairando sobre um banheiro no The Betsy, não uma pinha. Quando terminamos e ele puxou nossas calças de volta no lugar, nos empurrou de volta para a árvore.

Por favor, não nos amarre novamente.

Pegou a mochila que trouxera, provavelmente para pegar a fita.

— Enviou essa foto para Dash, não foi? — Esperava que a pergunta o distraísse. Talvez se pudesse mantê-lo falando, ele esqueceria a fita.

— Enviei. Deixei pistas suficientes para encontrar seu corpo.

Meu coração pulou na minha garganta.

— Vai nos matar e nos deixar aqui?

— Só você. — Ele apontou para Genevieve com a arma. — Dash a matará por matar você.

Não precisava perguntar o porquê. Esse imbecil era claramente bom em acusar os outros de assassinato, e estava apostando no fato de que Dash se vingaria, que não importa o quanto Genevieve suplicasse e implorasse por sua vida, ele a mataria.

— Mas por que? Ela não fez nada.

Ele olhou para ela e os músculos em seu rosto atrás da máscara pareciam tensos.

— Tenho meus motivos.

Isso tinha que ser sobre Amina, certo? O assassinato dela havia começado tudo isso. Pensei o tempo todo que ela era a chave, mas faltava a peça de conexão.

Como esse homem sabia quando Genevieve estaria em Montana? Sabia que ela era filha de Draven? O jornal ainda não foi publicado. Se sabia, significava que alguém na oficina tinha falado.

Mas não podia acreditar que Emmett ou Leo deixariam escapar. *Draven teria contado a alguém?* Talvez tivesse confidenciado a um velho amigo que ele era pai de uma filha desconhecida.

O rosto do papai surgiu na minha mente. Ele se perguntou por que eu não tinha aparecido no jornal para preparar a entrega esta manhã? *Estava preocupado?* O que quer que tenha acontecido, esperava que mamãe e papai soubessem que os amava. Se morresse hoje, ficaria feliz por termos jantado na noite passada. Algumas horas, apenas nós três.

Afastei o pensamento de nunca mais vê-los e me concentrei em manter esse cara falando. Ele ainda não havia tirado a fita.

— Está fazendo tudo isso para iniciar uma velha guerra entre clubes?

— Não começar. Vencer.

Então o que ele estava esperando? Por que não nos mata agora e desaparece? Não tinha certeza de quanto tempo se passou desde que enviou a foto para Dash, mas tinha que ter passado pelo menos uma hora.

Ele enfiou a arma na calça jeans e pegou o telefone.

— Acho que esperamos o suficiente.

— Para quê? — Perguntei.

Ele assentiu para Genevieve.

— Para eles a encontrarem e a matarem. Não posso deixá-la ficar muito longe.

Genevieve se encolheu, inclinando-se para mais perto do meu lado.

— Levante-se. — Pegou Genevieve, arrastando-a para se levantar.

Então fez o mesmo comigo, me carregando tão rápido que fiquei tonta. Meu coração disparou. Nós precisávamos de mais tempo.

Lágrimas quentes correram pelas minhas bochechas. As de Genevieve também.

— Fique de joelhos, — ordenou, tirando a pistola.

Estava com muito medo de desafiá-lo. Caí de joelhos, mas mantive meus olhos em Genevieve. *Ela ia ver o pior, não era?* Ele a faria apertar o gatilho. A faria ver o sangue e me ver morrer.

Eu dei um sorriso triste para ela.

— Tudo bem.

Um soluço escapou de seus lábios e seus ombros tremiam violentamente quando ele cortou a fita para libertar suas mãos.

O homem envolveu os braços em sua volta, fazendo-a chorar. Ela lutou com ele, torcendo e virando, mas ele era muito forte. Com um aperto ele segurou-a em seu corpo até que desistiu da luta. Um por um, ele colocou as mãos frágeis na arma. Ela balançou a cabeça, mais e mais, o cabelo caindo em seu rosto.

Fiquei feliz por isso. Não queria que ela visse.

Fechei os olhos, desafiando meus pensamentos para a parte inferior da barriga. *Sinto muito, pequenina. Eu sinto muito.*

Na minha cabeça, imaginei uma garotinha. Ela tinha olhos castanhos e cabelos rebeldes. Tinha um sorriso largo e bochechas macias. Gritava quando Dash a jogava no ar e ria ao descer.

Respirei fundo, segurando meu queixo alto. Estava aqui porque queria uma história. A história da minha vida. Todo mundo tinha me avisado dos Tin Gypsies, e não quis escutar. Poderia estar em segurança e em casa, agora. Poderia estar no jornal, trabalhando ao lado de papai.

Mas não me arrependeria das minhas escolhas. Faria tudo de novo para ter a chance de me apaixonar por Dash Slater.

Outro soluço saiu da boca de Genevieve e eu a bloqueei. Fiquei no meu lugar feliz, imaginando o rosto dele. Como foi adormecer em seus braços. Estava lá, encolhida contra ele na minha cama, quando o gatilho apertou e uma bala atravessou a arma.

O boom fez meu corpo inteiro se segurar. Não esperava nada. *Além da morte.*

Mas quando uma nova onda de frio apareceu em minha pele, abri meus olhos para encontrar o mundo se movendo em câmera lenta. Genevieve saiu do alcance do homem, tirando as mãos livres da arma. Seus joelhos caíram com força na terra.

O homem segurou a arma, xingando enquanto balançava o cano em direção às árvores. Ele disparou, a explosão me fazendo estremecer.

— Bryce! — Genevieve me alcançou, pegando meu braço enquanto lutava para me levantar.

— Vá. — A cutuquei com meu ombro. — Corra!

Outra arma disparou. O tiro zuniu por nós e a bala bateu na árvore nas minhas costas. A casca voou, grudando no meu cabelo.

— Vá, Genevieve, — disse enquanto nós duas corríamos para as árvores.

Ela segurou meu braço, me emprestando seu equilíbrio. Um segundo, sua mão estava lá, no outro ela estava voando para trás. O homem a agarrou pelos cabelos, puxando-a para a frente como um escudo humano.

— Não! — Girei para voltar para ela, mas mais balas voaram. Duas da arma do homem, outro à distância. Bateu em seu ombro, fazendo-o cambalear.

— Dash! — gritei, sabendo que estava lá fora.

— Saia daí Bryce. — Sua voz veio do fundo das árvores.

Genevieve se afastou do homem e partiu em outra direção, correndo em direção à velha cabana. Não poderia segui-la, não se quisesse me libertar.

Outra bala voou e não perdi mais tempo. Corri, tropeçando nos galhos e fazendo o meu melhor para ficar de pé com as mãos atrás das costas. Meu cabelo ficou preso na minha boca enquanto continuava olhando para o meu caminho e para trás para o homem.

Ele estava se movendo na minha direção, sua arma estendida quando se escondeu atrás de uma árvore.

Fiz o mesmo, esperando que ele me perdesse de vista. Quando olhei para trás novamente, desapareceu. *Onde ele está?* Chequei à minha esquerda, depois à minha direita. Olhei por cima do ombro novamente, mas havia apenas árvores.

Mas ele estava lá fora.

Muito ocupada procurando meu sequestrador, não vi onde estava correndo. Meu chinelo pegou uma pedra e a floresta se tornou um borrão. *Isto vai doer*. Me preparei para o impacto, exceto que não caí.

Dash me pegou.

Um soluço se soltou do meu peito quando seus braços me envolveram, me colocando de pé.

— Está machucada? — Suas mãos me tocaram da cabeça aos pés. O toque estava quase quente demais na minha pele congelada.

— Não, — resmunguei, desmoronando em seu calor. — Não, estou bem.

Ele me puxou para mais perto, suas mãos subindo e descendo minhas costas para criar algum atrito.

— Está congelando.

Assenti, me aconchegando em seu corpo e deixando meus joelhos cederem. Ele me abraçou forte, falando sobre minha cabeça.

— Encontre-os e mate-os.

Eles? Havia dois sequestradores? Só tinha visto um único homem. Alguém mais o ajudou a me levar e Gen...

— Não. Pare. — Meus dentes batiam tão alto que chocalharam nos meus ouvidos. Encontrei força para ficar de pé, me afastando de Dash. Isaiah e Leo estavam a poucos metros de distância. — Não foi ela.

— Ela tentou matá-la, — Dash retrucou.

— Não. — Balancei minha cabeça. — Não foi ela. Ele a levou. Armou tudo. É *ele*. Encontre-o.

— Tem certeza?

— Tenho certeza. Não a machuque. Por favor, *ajude*-a.

Draven e Emmett vieram correndo das árvores do nosso outro lado.

— Encontre-o, — ordenou Dash quando chegaram ao nosso grupo. — O que for preciso, custe o que custar.

Draven colocou uma mão no meu ombro. O outro estava segurando uma arma. Eles estavam todos segurando armas. Dash tinha uma nas minhas costas, na mão do braço me segurando.

— Genevieve correu em direção à cabana. — Vi-o ao longe. — Não deixe que ele a pegue novamente.

— Vou encontrá-la, — disse Isaiah.

Dash assentiu.

— Preciso tirar Bryce daqui.

— Vá. — Draven apontou o queixo em direção a Leo e Emmett e os três começaram a rastejar pelas árvores, suas armas estendidas e prontas para disparar.

Eu os perdi de vista em segundos.

Dash se agachou atrás de mim, mordendo e cortando a fita adesiva enrolada no meu pulso. Ele arrancou a fita, provavelmente levando um pouco de cabelo, mas estava com tanto frio que não senti a dor. Então me pegou nos braços e me levou embora.

Me enrolei em seu peito quente.

— C-como você nos encontrou?

Sabia que o homem havia deixado pistas suficientes para ele chegar até nós, mas deve ter chegado mais rápido do que o esperado. Caso contrário, eu estaria morta e eles caçariam Genevieve.

— Falo depois.

— Ok, — sussurrei, fechando os olhos enquanto ele caminhava.

Ele parou apenas uma vez para mudar meu peso em seus braços na longa caminhada até onde havia estacionado sua moto. Não era de admirar que não tivéssemos ouvido seus motores. E agora fazia sentido porque Dash estava tão quente e sua camiseta um pouco úmida. Eles devem ter corrido pela floresta.

— Aqui. — Me colocou ao lado de sua moto, passando as mãos pelos meus braços nus. Então procurou em um compartimento na moto, tirando um moletom e puxando-o sobre a minha cabeça.

— Obrigada. — Meus músculos estavam em convulsão pelo frio, adrenalina deixando meu sistema.

— Tire seus chinelos.

— Huh? — perguntei quando ele começou a tirar as botas. — O-o que está fazendo?

Dash não respondeu. Tirou as meias e me guiou para o assento da moto. Então colocou as meias nos meus pés, guardando meus chinelos de lado.

— Apenas uma hora. Espere uma hora, querida, e estaremos em casa. Pode fazer isso?

— Sim.

Ele beijou minha testa.

— Porra, você é forte. A mulher mais forte que já conheci.

Tinha muito pelo que viver.

Me acomodei atrás dele no assento da moto, me envolvendo em suas costas largas e pressionando minha bochecha em seu ombro. O cheiro de sua camisa, o amaciante de roupas, o vento, o tempero de seu suor, encheu meu nariz e afugentou o fedor da floresta.

— Você me encontrou, — Sussurrei com uma voz que não achava que ele ouviria sobre o motor.

Dash se virou, pegando meu rosto em suas mãos e encostando sua testa na minha.

— E nunca vou deixar você ir embora.

Capítulo 25

Dash

— Aguente firme, querida. — Eu prendi a mão de Bryce no meu peito, dirigindo sempre que podia com uma mão. — Estamos quase lá.

Bryce assentiu contra o meu ombro. Seu corpo inteiro estava tremendo. Foi assim durante os últimos cinquenta quilômetros de Clifton Forge e estava preocupado que estivesse prestes a ter hipotermia. Ou pior, que o estresse que o bastardo a fez passar, tivesse machucado o bebê.

Droga. A moto era um hábito e era mais rápida, mas deveria ter parado e levado meu caminhão.

Estávamos perto da minha casa, tão perto que queria acelerar e chegar lá. Mas eu estava nervoso que ela caísse. Exceto pelas poucas vezes em que tive que usar as duas mãos para nos dobrar em uma curva estreita ou em uma área perigosa na montanha, a segurei a maior parte do percurso. Algumas vezes, ficou tão pesado nas minhas costas, que olhei por cima do ombro para vê-la quase dormindo, então a acordava.

Ela estava exausta.

Quando minha casa apareceu, exalei. *Finalmente.* Parei sobre o gramado da frente, estacionando ao lado da varanda. Desliguei a moto e,

lentamente, desembrulhei os braços de Bryce ao meu redor, depois me levantei, certificando-me de segurar a sua mão.

— Onde estamos? — Seu olhar era lento e pesado quando ela entrou na casa.

— Minha casa. — Peguei-a e caminhei até a porta. Sua testa parecia gelo quando ela a enterrou no meu pescoço.

Caminhando direto para o banheiro principal, eu não a coloquei no chão quando liguei o chuveiro para ficar morno. Nós aumentamos a temperatura lentamente até o vapor penetrar em seus ossos e afastar o frio.

Deveria tê-la levado ao hospital?

Cuidadosamente, a coloquei no toucador entre as pias duplas. Quando ela olhou em volta, seus lábios quase azuis, comecei a tirar suas roupas. As batidas em seus dentes cessaram. Ou ela havia esquentado um pouco ou as coisas estavam muito piores.

— Isso é legal, — ela sussurrou. — Não o que esperava.

Estava muito focado em tirar as suas roupas para responder.

Ela provavelmente esperava um banheiro de solteiro com toalhas jogadas no chão e salpicos de pasta de dente nas pias e espelhos. Mas gastei muito tempo e dinheiro criando esse lugar. Tinha piso de mármore aquecido e bancadas iguais. O box de azulejos podia acomodar cinco pessoas com espaço de sobra. Havia bicos duplos e um chuveiro no centro.

As meias que coloquei nela estavam no chão, a blusa se foi. Quando tirei a blusa e o sutiã, ela apertou os braços. Sua pele não era sua cor suave e cremosa normal. Estava pontilhado de púrpura e toda arrepiada.

— Consegue ficar de pé? — Quando assentiu, eu a peguei e a coloquei gentilmente de pé. Depois fui trabalhar no jeans, abrindo o zíper e puxando-o pelas pernas, levando a calcinha junto.

Ela ficou lá nua e tremendo enquanto recuava e arrancava minhas próprias roupas.

Bryce pressionou a mão no meu peito nu enquanto desabotoava meu jeans.

— Também está com frio.

Estava? Não estava sentindo frio. Desde o momento em que a foto atingiu meu telefone, o medo me deixou entorpecido.

— Devagar. — Peguei sua mão, ajudando-a no chuveiro e sob o spray. Ela estremeceu quando a água atingiu sua pele. Senti a temperatura ambiente para mim, nem quente o suficiente para criar vapor. — Muito quente?

— Vai ficar tudo bem. — Ela fechou os olhos com força e a dor em seu rosto quase me quebrou.

— Sinto muito. — A envolvi em meus braços, puxando-a para o meu corpo enquanto a água corria sobre seus ombros. — Eu sinto muito.

— Não é sua culpa, — disse no meu peito, se apoiando em mim.

Ficamos ali, nos abraçando até que ela começou a relaxar. Então eu liguei a água quente, fazendo ajustes a cada poucos minutos até estarmos envoltos em uma caixa de vapor e era difícil até mesmo ver o seu rosto.

Somente quando meus dedos das mãos e pés começaram a afrouxar eu percebi o quanto estava sentindo frio. O ar da manhã estava frio na corrida para a montanha, mas a adrenalina, meu temperamento e os piores cenários me impediram de congelar. Então estava correndo. *Literalmente.* Os caras e eu tínhamos estacionado a quase dois quilômetros da cabana, esperando que pudéssemos abafar o som de nossas motos. Então nós fizemos um plano para isso.

Nunca corri um quilômetro mais rápido na minha vida. E cada vez que checava, Emmett, Leo e Isaiah estavam no ritmo, mantendo-se enquanto nos esquivávamos das árvores e galhos caídos. Até papai continuava, mostrando que seu treino diário não era à toa.

Cristo, tivemos sorte. Demos de cara com o cara, mas enquanto corria pela floresta, minha arma sacada, estava caçando Genevieve, não um homem vestido de preto.

O que diabos aconteceu? Quando Bryce estava quente, conversaríamos. Mas, por enquanto, estava simplesmente feliz por meu coração descer da minha garganta.

Quando o ar quente encheu meus pulmões, eles se soltaram. Os músculos dos meus braços relaxaram. E quando a cor voltou ao rosto de Bryce, alguns dos meus medos foram pelo ralo.

A mantive no chuveiro até que quase acabamos com a água quente.

— Mais quente?

Ela assentiu.

— Muito.

— Bom. — Inclinei a cabeça dela sob o spray, depois peguei um xampu, massageando-o nos cabelos e enxaguando-os.

Ela cheiraria a mim hoje, mas logo traríamos suas coisas. Limparia uma das gavetas embutidas para ela. Poderia ter todo o espaço que quisesse porque ficaria aqui agora.

Bryce estava em casa.

Ela era minha casa.

Quando estava limpa, rapidamente esfreguei meu cabelo, lavando o cheiro de pânico e vento do passeio. Então saí primeiro, pegando uma toalha para secar.

— Dê-me sua mão. — Estendi a minha, ajudando-a a se secar com a toalha enquanto ela desligava a água.

— Eu posso fazer isso, — disse quando me ajoelhei para enxugar as suas pernas.

— Deixe-me. — Eu olhei para ela de joelhos. — Por favor.

Ela passou a mão pelo meu cabelo úmido.

— Ok.

Fechei os olhos, saboreando aquele leve toque. Algumas horas atrás, tinha certeza de que nunca mais sentiria isso. Minha garganta queimava, uma picada atingiu meu peito. Era demais. Emoção. Medo. *Amor*. *Como diabos eu processo tudo isso?*

Limpando a garganta, forçando tudo para baixo, concentrei-me na minha tarefa, certificando-me de que cada gota de água sumisse de sua pele. Espremi a água do cabelo dela até ficar o mais seco possível com apenas uma toalha.

— Tem um pente ou escova, Dash, — ela engasgou quando eu a peguei em meus braços. — Posso andar.

— Preciso disso, querida.

— Tudo bem. — Ela se enterrou mais perto como antes, desta vez não pelo calor, mas pelo toque.

Levei-a para a minha cama, tirando o edredom branco que eu havia arrumado ontem de manhã. Na manhã antes de eu saber que Bryce estava grávida. Antes de passar a noite trabalhando na oficina. Antes de ela ser levada.

Isso foi por minha culpa. Para sempre, carregaria essa culpa. E gastaria o para sempre fazendo as pazes com ela.

Colocando Bryce embaixo do meu lençol, coloquei nós dois firmemente, virando-a para que eu pudesse pressionar meu peito contra suas costas.

— Você sabe se... Eles encontraram Genevieve? — A voz dela estava assustada e calma.

— Ainda não sei, querida. Emmett me avisará, mas neste caso, nenhuma notícia é uma boa notícia. Ok?

Bryce agarrou meus braços enquanto os envolvia em volta dela. Enfiou as pernas nas minhas. E, quando pude beijar a pele em seu ombro, deixei uma das minhas mãos deslizar para baixo e meus dedos descansar sobre sua barriga.

— Acha que está tudo bem? Com o bebê?

Sua respiração ofegou.

— Acredito que sim.

— Eu também.

— Você? — Ela sussurrou. — Você disse...

— Eu sei. Disse que não queria ser pai. Quando me disse ontem à noite, não sabia o que dizer. Como reagir. A verdade é... Estou com muito medo, querida.

— Também estou.

A abracei mais apertado.

— Você está?

— Sim. Isso não era algo que planejei. Pensei, esperava, talvez um dia, quando fosse o momento certo. Quando estivesse casada e pronta. Isso foi inesperado, mas... Mas não posso dizer que não quero ser mãe.

Bryce seria uma mãe maravilhosa. Ela lutaria por seu filho, nosso filho, como uma guerreira. Teria um pulso firme. Daria seu amor incondicionalmente. E queria que ela tivesse essa chance.

Queria estar junto para o passeio.

— E se... O estresse de tudo isso... — Ela suspirou. — E se algo aconteceu?

Estava em nossas mentes e nenhum de nós deixaria de se preocupar. Podemos ficar aqui, quentes e quietos, mas nossas mentes estavam disparadas. Gritando *e se*.

Foda-se. Tirei as cobertas, pulando da cama.

— O que você está fazendo? — Bryce perguntou enquanto eu abria uma gaveta na cômoda de nogueira no quarto.

— Vamos ao médico.

— Agora?

— Agora. — Tirei um par de jeans. — Temos que saber.

Ela estava fora da cama num piscar de olhos.

— Não sei se o hospital aqui terá o equipamento certo. É muito cedo.

— Então nós vamos de carro para Bozeman. — Atravessei a sala e a puxei em meus braços. — Antes que o dia acabe, saberemos.

Em vez de fazê-la vestir as roupas que usava, encontrei um par de moletom. O cós estava enrolado para prendê-los em volta da cintura, as pernas dobradas para que ela não tropeçasse nas bainhas. E então puxei uma

camiseta e meu casaco de capuz preto favorito da Harley-Davidson sobre sua cabeça.

— Está linda. — Vestida com minhas roupas, seu cabelo úmido e mole, seus olhos vermelhos e cansados, ela nunca pareceu mais linda.

— Estou um desastre.

Beijei sua testa.

— Linda. Pronto?

— Não, — confessou. — Não quero más notícias.

— Nem eu. — Com nossas mãos unidas, a conduzi para a garagem e para a minha caminhonete.

Ela deu uma olhada e seus ombros relaxaram.

— Graças a Deus. Preciso de um tempo da sua moto.

Eu ri e a coloquei no banco do passageiro. Ela revirou os olhos quando afivelei o cinto de segurança, mas deixou-me ajudá-la da mesma forma. Com o ar quente ligado, dirigi pela cidade para o hospital. Marchamos direto para a sala de emergência e, duas horas depois, Bryce e eu estávamos de volta na caminhonete.

Peguei sua mão, puxando-a através do console para beijar seus dedos. Então eu me estiquei para segurar sua bochecha, usando meu polegar para secar uma lágrima caindo de seus lindos olhos.

— Está bem?

— Sim. — Ela fungou, as lágrimas ainda caindo. Então sorriu, o alívio e a alegria me atingindo bem no peito. *Doce alívio.* — Quero dizer, muita coisa ainda pode dar errado, mas...

— Não vai.

Eles chamaram o ginecologista / obstetra para nós, o médico que auxiliava as mulheres a darem à luz a todos os bebês em Clifton Forge. Primeiro, ele pediu um exame de sangue. Então girou em um carrinho, cobriu uma varinha com um preservativo e fez um ultrassom de seu ventre. De tudo o que o médico podia ver, não havia riscos para a gravidez no momento. Ficamos esperando o exame de sangue. Quando confirmou que os níveis hormonais estavam onde precisavam estar e eles captaram um batimento cardíaco no ultrassom, fomos mandados para casa.

E sim, a coisa ainda pode dar errado. Mas não ia pensar assim.

— Preciso ligar para meus pais. Tenho certeza de que meu pai está preocupado, porque não apareci para a entrega de domingo.

— Quer apenas ir para a casa deles?

— Assim não. Estou uma bagunça e eles vão se preocupar. Posso pegar emprestado seu telefone?

— Claro, querida. — Entreguei e a deixei ligar quando nos sentamos no estacionamento. Ela garantiu que estava bem e que explicaria tudo mais tarde. Quando a ligação terminou, me afastei do hospital, dirigindo para minha casa novamente.

— Devemos ir à oficina? — perguntou. — Quero garantir que Genevieve esteja bem.

— Papai virá para minha casa. Vamos começar por aí.

— Ok. — Ela estava tão cansada, seus olhos fecharam enquanto eu dirigia. Mas quando chegamos em casa e havia três motos na entrada, se sentou ereta.

Entrei na garagem e a ajudei a entrar, onde papai, Leo e Emmett já estavam esperando na minha sala de estar. Levando Bryce para um sofá, sentei-me e a coloquei ao meu lado.

— Você o pegou? — Bryce perguntou antes que mais alguém pudesse falar.

A mandíbula de papai se apertou quando ele balançou a cabeça.

— Maldito bastardo, — Leo assobiou da cadeira de couro em frente a nós. — Estávamos perto. Seguimos a trilha até a cabana, mas simplesmente desapareceu. Ele tinha que conhecer essa área.

— Maldição, — rosnei quando Bryce ficou tensa. A última coisa que precisávamos era desse cara ainda respirando. Se ele viesse atrás de Bryce novamente, não a encontraria sozinha.

— Nós nos separamos e revistamos a área, — disse Emmett. — Depois, voltamos para a estrada, caso ele se aproximasse de nós, mas depois tivemos que sair.

— Por quê?

— Fogo. — Papai balançou a cabeça. — O desgraçado deve ter incendiado a cabana para cobrir seus rastros. Vimos fumaça subindo das árvores, sabíamos que tínhamos que denunciá-lo. Ligamos para o serviço florestal e saímos dali antes que as autoridades aparecessem.

— E Genevieve? — Bryce perguntou. — Onde está?

— Nós não sabemos. — Papai balançou a cabeça. — Quando voltamos às nossas motos, a de Isaiah tinha sumido. Achamos que a encontraríamos na garagem, mas está vazia. Tentei ligar para ele, mas não está atendendo.

— E se o cara a pegou? — Bryce apertou minha mão. — Temos que encontrá-la.

— Isaiah não deixaria a montanha se não a tivesse com ele. Correu logo atrás dela.

Exceto que eles já deveriam estar aqui. Com o tempo que levei para levar Bryce para casa e tomar banho, para irmos ao médico, Isaiah já deveria ter trazido Genevieve de volta à cidade.

Lancei um olhar para papai, transmitindo silenciosamente minha preocupação. Com um aceno, sabia que ele sentia o mesmo. Mas não queria preocupar Bryce ainda mais.

— Ele provavelmente a levou para algum lugar para se aquecer, — assegurei a ela. — Vamos dar a eles trinta minutos para ligar de volta. Então vamos procurar.

— Tudo bem. — Ela assentiu.

— Tudo certo. Já que temos trinta minutos, — meu pai se virou para Bryce, — O que aconteceu?

— Fui à casa dos meus pais para jantar ontem à noite. Estava quase escuro quando cheguei em casa. Estava cansada e não me incomodei em acender as luzes porquê... Estava exausta. Só queria ir para a cama. — Ela respirou fundo. — Então ele estava lá. Tentei lutar, mas ele era muito forte. Prendeu minhas mãos e tornozelos juntos, me amordaçou tão forte que mal conseguia engolir. Então me puxou pela porta dos fundos do beco. Ninguém teria nos visto lá fora, não no meu bairro. Todo mundo está dormindo depois das sete. Me colocou na traseira de um carro. No porta-malas.

Meu estômago palpitou. *Ela ficou em um porta-malas?* Este filho da puta estava morto. Ele colocou minha mulher em um porta-malas. Se estivesse lá, se não tivesse saído depois que me disse que estava grávida, nada disso teria acontecido.

— Não é sua culpa, — sussurrou, entrelaçando seus dedos nos meus enquanto lia meus pensamentos.

— Deveria estar lá.

— Ele teria encontrado outra maneira. Isso foi planejado. Queria que pensasse que Genevieve tinha me levado para que você fosse atrás dela.

— Por quê? — Emmett perguntou. — Ele disse por quê?

Bryce balançou a cabeça.

— Só que ele queria vencer uma guerra antiga.

— Os Warriors, — Leo mordeu. — Tucker mentiu para nós.

— Você está certo, — disse. — Tem que ser os Warriors, mas Tucker não é o tipo de homem que esconde suas intenções. Se tivesse um problema conosco, demonstraria. Inferno, ele se gabaria de nos prejudicar. Então, por que se esconder atrás de uma armadilha? Por que tentar enquadrar Genevieve? Como ele sabia sobre ela?

— Meu instinto diz que não são os Warriors. — Papai levantou, movendo-se para ficar em frente à lareira. — Que Tucker está dizendo a verdade desde o começo. Isso é outra pessoa. Alguém sabe que fui me encontrar com Amina naquela noite. Ele sabe que ela, nós, tivemos uma filha e foi atrás de Genevieve também. Resumindo, isso é tudo sobre mim. Fazendo-me pagar.

— Quem? — Emmett perguntou. — Estamos tentando descobrir alguma coisa há um maldito mês e agora não estamos mais perto do que estávamos no dia em que você foi preso.

— O que mais aconteceu? — Perguntei a Bryce. — Depois que ele carregou você no porta-malas, o que mais aconteceu?

— Dirigimos, — disse. — Por muito tempo. Então ele estacionou e saiu. Foi um tempo depois que voltou com Genevieve.

— Bozeman. Aposto que levou você a Bozeman para pegar Genevieve após o voo dela. Provavelmente a levou do hotel. O que significava que ele tinha que saber que ela estava vindo. Você sabe para quem mais ela contou sobre vir aqui?

Bryce balançou a cabeça.

— Até onde eu sei, era apenas eu. Mas se ele estava observando... Não sei, você pode invadir as transações com cartão de crédito de alguém?

— Sim, — Emmett disse a ela. — Não é preciso muito.

— Isso me faz sentir tãooo segura, — ela murmurou.

Esperaria um outro dia para dizer que Emmett havia invadido suas contas no dia seguinte ao que ela apareceu na oficina.

— Vamos descobrir em que hotel Genevieve estava. Talvez eles tenham vídeos dele a levando. — Embora não espere muito. Esse cara é esperto. Tomou precauções. Mesmo nas montanhas, estava coberto da cabeça aos pés. — Ele mostrou o rosto?

— Não. — Os ombros de Bryce caíram. — Nem uma vez.

— Então ele a levou até as montanhas, certo? — Papai perguntou.

— Sim. Nos fez posar para a foto. Disse que queria que me encontrassem morta, porque então você mataria Genevieve. Ele me colocou de joelhos. A arma... — Ela engoliu em seco. — A arma estava na minha cabeça. Realmente pensei que era o fim. Graças a Deus, não foi. Acho que chegou lá mais rápido do que ele esperava.

— Ele fez... — Engoli em seco. — A machucou?

— Não. — Ela me deu um sorriso triste. — Ele me levou e Genevieve, mas nada mais.

Além de tentar matá-la.

Ele morreria por isso. Exceto que erramos o tiro.

— Porra, gostaria de não ter errado.

Quando foi a última vez que errei um alvo? *Anos*. Mas não disparo uma arma há um ano também. Precisava de tempo para reajustar a mira. Estava tão perto da minha tacada, mas depois de subir a montanha, meu coração estava acelerado. Então, ao ver o cara segurando Genevieve, tomei uma decisão em uma fração de segundo para atirar nele, em vez de Genevieve.

— Estou feliz que não atirou em Genevieve, — disse Bryce. — Onde eles estão? Você pode ligar de novo?

Papai pegou o telefone e fez a ligação. Ele não saiu da sala enquanto pressionava o telefone no ouvido. Os toques eram altos o suficiente para que pudéssemos ouvir até que terminassem e largou o telefone.

— Sem resposta.

Merda.

Algo deu errado. *Talvez esse cara tivesse pego Isaiah?* Não queria arrastar Bryce para encontrá-los, mas pode ser que isso seja necessário. Eu não a estava deixando sozinha ou sob os cuidados de outra pessoa.

— Depois que ele pegou Genevieve, vocês foram a algum outro lugar? — Emmett perguntou a ela.

— Não, nós dirigimos direto para a montanha. Ele nos fez caminhar até o local onde você nos encontrou.

— Algum vestígio de um carro lá em cima? — Perguntei a Leo.

— Nenhum. Onde quer que tenha estacionado, estava longe. Provavelmente uma trilha que não conhecemos.

— Você deu uma olhada no carro? Talvez a placa?

Bryce balançou a cabeça.

— Ele nos fez sair, nos levou para longe, e nem pensei em olhar para a placa. O carro não tinha nada de especial. Era um sedan preto típico. Desculpe.

— Está tudo bem, querida. — Coloquei meu braço em volta de seus ombros. — Você fez bem.

Ela viveu. Isso era tudo o que tinha que fazer. Ela lutou. E quando chegou a hora, ela fugiu.

— Ele parecia tão determinado. Com raiva. Isto é... Pessoal. Tem que ser alguém que você conhece, — ela nos disse. — Eu podia sentir quando estávamos lá em cima. Ele odeia você.

Os olhos do pai encontraram os meus.

Quem?

Estávamos fazendo essa pergunta há um mês.

— Se ainda não descobrimos, não vamos hoje. — Me levantei do sofá, puxando Bryce para seus pés. — Precisamos encontrar Isaiah. Vamos verificar a oficina primeiro.

— Espere. — Ela puxou minha mão. — Não acha que devemos ir à polícia e contar sobre o sequestro?

Olhei para Emmett e Leo, ambos balançando a cabeça. Suspirei, virando-me para Bryce.

— Querida, sei que confia em Marcus. Mas acho que seria melhor manter isso entre nós.

— Por quê? Estamos tentando provar que Draven é inocente aqui. Para mostrar uma dúvida razoável de que alguém está disposto a incriminá-lo. Se eu sendo sequestrada os fizer investigar, não deveríamos tentar?

— Eles não vão encontrar nada. Se não o fizermos, eles não o farão. — E se a polícia estivesse envolvida, não teria a vingança que queria contra o homem que a levou.

Ela estreitou o olhar. — Você não sabe disso.

— Eu sei, — eu disse gentilmente. — Não estou dizendo que eles não são bons em seus empregos, mas, por mais que tentassem, nunca se interessariam muito pelos Gypsies. Nós somos apenas... *Melhor* do que eles são. Não precisamos seguir as mesmas regras.

— E se não encontrarmos quem me levou? Ele não pode se safar, Dash.

— Ele não vai, — prometi. — Mas teremos mais facilidade em encontrá-lo se não estivermos preocupados com Marcus no meio de tudo. Se chamarmos a polícia, estaremos constantemente preocupados que tropecem em algo que não deveriam. Alguns segredos precisam permanecer assim. Se eles estiverem pairando sobre nós, isso nos prejudicaria. Confie em mim. Por favor?

O rosto dela se suavizou.

— Ok.

— Vamos. — Coloquei meu braço em volta de seus ombros. — Vamos para a oficina e encontrar Isaiah.

Exceto que quando chegamos lá, estava deserto. Aberto e vazio, do jeito que deixamos essa manhã. Parecia anos, não horas, desde que trabalhei no Mustang.

— Onde eles estão? — Bryce perguntou enquanto estávamos juntos no escritório. Emmett tinha ido ao clube para se certificar de que nada havia acontecido lá enquanto estávamos fora. Leo e papai acabaram de subir as escadas para verificar o apartamento de Isaiah.

— Eu não sei. — A abracei no meu peito. — Nós vamos encontrá-los.

Peguei meu telefone, ligando para o número de Isaiah e não esperando que ele atendesse, e não atendeu. Botas desceram as escadas de metal ao lado do prédio, precedendo papai e Leo quando eles entraram no escritório.

— Nada, — disse papai. — Leo e eu vamos voltar para a montanha. Vocês esperam aqui. Fiquem em segurança.

— Ligue assim que puder. — Havia muita claridade nessa época do ano. Eles tinham até quase nove horas antes que a escuridão aparecesse e tornasse a busca impossível.

— Vou ligar. Tranque tudo. Ligue para Presley e verifique se ela está em casa. Diga para ficar lá e trancar as portas.

— Acha que ele iria atrás dela?

O olhar de papai desviou para a mesa de Presley.

— Não sei mais o que pensar.

Quando a porta se fechou atrás deles, peguei o rosto de Bryce em minhas mãos. Ela encostou a bochecha na minha palma.

— Você está morrendo de cansaço. Vamos para casa. Descansar um pouco.

— Eu quero estar aqui caso eles apareçam. Podemos esperar no escritório?

Eu não diria que não. Hoje não.

— Vou pedir comida. O que você quer?

— Tanto faz. Não estou com tanta fome.

— Bem, tem que comer. — Fazia vinte e quatro horas desde que tinha comido.

A conduzi para o meu escritório, onde tinha um sofá. Me certifiquei de que estivesse confortável, depois pedi pizza. Ela fez o possível para comer duas fatias enquanto eu comia o resto. Então nos sentamos no silêncio. Esperando.

Além de Emmett parar para nos dizer que havia encontrado o hotel e estava tentando obter imagens das câmeras de segurança, nenhuma palavra veio. Eventualmente, Bryce adormeceu no meu colo. Eu mantive uma mão no seu quadril. A outra estava pronta para pegar minha arma no coldre.

A luz atrás das cortinas da janela no meu escritório desapareceu lentamente. Ficou escuro o suficiente para as luzes cronometradas do lado de fora piscarem. E foi aí que o zumbido de uma moto chamou minha atenção. O som não pertencia à moto do papai.

— Querida. — Gentilmente balancei Bryce para acordá-la. — Alguém está vindo.

Ela despertou do sono, esfregando os olhos.

— Acha que são eles?

— Não sei. Vamos. — Segurei a sua mão, mantendo-a escondida atrás de mim quando fui para a porta do escritório. Andei um centímetro, pegando minha arma. Quando a máquina apareceu, a guardei. — É Isaiah.

— Finalmente. — Ela abriu a porta mais larga, passando por mim quando ele entrou no estacionamento.

Seu rosto estava abatido quando desligou a moto. Os ombros dele caíram. Quando nos viu do lado de fora do escritório, na base da escada que levava ao seu apartamento, sua estrutura caiu ainda mais.

— Onde está Genevieve? — Bryce perguntou depois que desceu da moto e caminhou em nossa direção. — Ela está bem?

— Ela quis ir embora. A levei para Bozeman.

— E a deixou lá? — O queixo de Bryce caiu. — Não sabemos quem nos levou. E se a pegar de novo? Ele a levou daquele hotel uma vez, poderia ter...

Isaiah levantou a mão.

— Levei-a para o hotel, entrei e peguei as suas coisas. Então a levei para o aeroporto, esperei até o avião decolar. Ela está a caminho do Colorado, se ainda não estiver lá.

— Ok. — Bryce relaxou. — Mas está bem?

— Ela está bem.

— O que aconteceu? Por que você não atendeu? — perguntei. — Estávamos te ligando.

Isaiah baixou os olhos para o chão, a mandíbula apertada. Ele parecia horrível. Mais assombrado do que o primeiro dia que apareceu aqui, desesperado por um emprego e seguir com sua vida.

Coloquei minha mão em seu ombro.

— O que aconteceu?

Ele não respondeu. Passou por nós escada acima, caminhando com passos pesados.

— Isaiah, — chamei o nome dele.

Ele parou e olhou por cima do ombro.

— A tirei de lá. Como disse que faria.

Algo mais aconteceu, mas antes que pudesse perguntar mais, ele estava subindo as escadas e desaparecendo de vista.

Bryce e eu trocamos um olhar ansioso.

Não teríamos mais respostas hoje à noite.

Capítulo 26

Bryce

Depois que Isaiah deixou Dash e eu de pé com a boca aberta, voltamos para a casa dele durante a noite. Queria meu próprio pijama, uma escova e calcinha limpa, mas não tinha certeza de quando estaria pronta para ir para casa, especialmente no escuro.

Enquanto dirigíamos, Dash ligou para o seu pai para dizer que Isaiah havia retornado. E era improvável que Genevieve voltasse a pisar em Montana.

— Papai disse que eles já estão voltando, — ele me disse depois de desligar. — Eles não podiam chegar perto da cabana de qualquer maneira.

— Por causa do fogo?

Dash assentiu.

— O serviço florestal tinha uma equipe inteira lá em cima, garantindo que não se espalhasse para as árvores.

— Por que acha que ele ateou fogo?

— Não sei. Mas como papai disse, provavelmente era para encobrir seus rastros.

Algo naquela cabana poderia ter identificado meu sequestrador, mas nunca encontraríamos agora.

— Gostaria de ter meu telefone para mandar uma mensagem para Genevieve. Só para ter certeza de que ela está bem.

Genevieve e eu passamos por tantas coisas em um curto período de tempo. Mas, dado o que aconteceu, o que disse a ela sobre o assassinato de Draven e sua mãe, não a culpei por fugir.

Eu provavelmente teria feito o mesmo.

— Amanhã. — Dash pegou minha mão do meu colo, enfiando os dedos juntos. — Amanhã vou pegar seu telefone e o que mais quiser da sua casa.

— Isso seria ótimo. — Eu teria que voltar eventualmente, mas, por enquanto, estava contente em passar algum tempo na casa dele. Tive a sensação de que muitas mulheres não podiam afirmar que haviam passado algum tempo na casa de Dash Slater. Estava muito cansada esta noite, mas amanhã queria explorar. Relaxar em seu espaço.

Depois de me certificar de que Genevieve estivesse em casa com segurança.

— Você acha que Genevieve estará segura em Denver?

— Pode ser o lugar mais seguro para ela. Ou será um alvo fácil.

— Ela tem que ficar bem, Dash. Nada disso foi culpa dela. Não posso deixar de pensar que se tivesse ficado aqui, ficado longe, isso...

— Isso não é sua culpa, querida. — Ele apertou seu aperto na minha mão. — Se não fosse por você, não saberíamos a verdade. Papai teria morrido mantendo isso em segredo. E precisava sair. É o melhor.

Só que isso lhe custou o relacionamento com o pai. Eu não tinha certeza do que era melhor agora.

— O que fazemos agora?

— Dormir. — Dash suspirou. — Nos reuniremos amanhã.

Se minha mente continuasse acelerada, o sono não viria facilmente.

Dash me levou direto para o quarto dele quando chegamos à casa dele. O quarto dava para um grande quintal. *Aquilo era uma banheira de água quente?* Antes que eu pudesse dar uma olhada no pátio, Dash fechou as persianas sobre as janelas.

— Cama. Dormir. Você pode ter livre domínio do lugar amanhã.

— Tudo bem. — Eu fiz beicinho, tirando minhas roupas.

Nós nos encontramos no meio da enorme cama de Dash, nossos corpos nus se moldando um ao outro enquanto nos deitamos cara a cara.

— Eu não sei se consigo dormir, — sussurrei.

Minha mente correu por tudo o que Isaiah não disse. *Por que ficou quieto? O que aconteceu naquela montanha? Foi realmente tão simples como ele levou Genevieve para Bozeman e depois voltou? Mas por que demorou tanto tempo? Por que pareceu mais arrasado do que nunca?*

— Isaiah parecia...

— Durma, querida.

— Mas...

— Bryce. Você precisa dormir. Amanhã, está bem?

Eu bufei.

— Ok.

Fechando meus olhos com força, inspirei e expirei em um ritmo constante. Era estranho lembrar que ontem à noite eu estava em casa, me perguntando se iria criar esse bebê sozinha, se Dash e eu terminássemos.

— Você me resgatou, — sussurrei, levantando a mão para tirar uma mecha de cabelo da testa.

Seus cílios se ergueram e, mesmo no escuro, seus olhos estavam brilhando.

— Temos muito o que conversar. Você e eu. Sobre o bebê. E nós vamos.

— Nós vamos ficar bem?

Ele me puxou mais apertado em seus braços, me segurando a salvo.

— Juro pela minha vida.

O amanhã veio e ficou sem as respostas que esperávamos.

Porque quando fomos encontrar Isaiah na oficina na manhã seguinte, ele tinha ido embora.

Capítulo 27

Bryce

— Preciso ir trabalhar. — Coloquei uma blusa por cima da cabeça.

— Você pode esperar algumas horas? Por favor? Preciso chegar à oficina logo e garantir que tenhamos tudo coberto para o dia, caso Isaiah não apareça novamente. Então posso levá-la ao jornal.

— Poderia ir sozinha. Outras pessoas estarão lá.

— Não é uma opção. — Dash vestiu um par de jeans. — Até descobrirmos o que diabos está acontecendo e quem levou você, não vai a lugar nenhum sem mim.

Este não era um argumento que eu ia vencer.

— Bem.

Fazia dois dias desde que ele me resgatou daquela montanha e só saiu do meu lado uma vez. E isso foi ontem, após ir a minha casa pegar algumas coisas para que eu pudesse ficar na sua casa um pouco. Mesmo assim, ligou para Emmett para ficar comigo enquanto estava fora.

— Como está se sentindo? — Dash, vestindo jeans e camiseta cinza, aproximou-se e passou as mãos pelos meus braços.

— Náusea — Estava enjoada esta manhã. Ontem de manhã também. Esperava que tivesse passado porque, se estávamos indo para a oficina, estava nervosa por me aproximar e ficar íntima com o banheiro de lá. — Vai me pegar alguns biscoitos?

— Claro. — Ele beijou minha testa, saindo quando terminei de me vestir. Quando o encontrei na cozinha, tinha uma caixa de biscoitos salgados no balcão e uma caneca de café descafeinado pronto para mim. Não seria até o meio dia que eu seria capaz de suportar qualquer outra coisa.

Pegando meu laptop da mesa da sala de jantar, coloquei-o na minha bolsa e segui Dash até a garagem. Ele olhou ansiosamente para sua moto, estacionada ao lado de sua caminhonete, mas sabia que ainda não estava pronta para subir nela.

Em breve. Mas ainda não.

Quando chegamos à oficina, três motos já estavam alinhadas contra a cerca no estacionamento.

— Desde quando todo mundo chega antes de você aqui de manhã? — Perguntei a Dash. O relógio no painel marcava sete e meia.

— Desde nunca. — Ele apertou os lábios. Se Draven, Emmett e Leo já estavam aqui, isso significava problemas.

Todos os três homens estavam esperando dentro do escritório de Draven quando entramos, Emmett e Leo em frente à sua mesa, Draven atrás dela. No momento em que ele me viu, Draven levantou-se e me ofereceu seu assento.

— Obrigada.

Ele assentiu, encostado na parede ao lado de Dash. Ele não recebeu um *bom dia* ou um *olá* do filho.

— O que houve? — Dash perguntou.

— Recebi algumas notícias do promotor, — anunciou Draven.

— E? — Meu artigo foi impresso no Domingo, mostrando um homem invadindo a casa do clube e expondo Genevieve e a razão pela qual Draven e Amina estavam no Evergreen Motel em primeiro lugar. — Funcionou? Teríamos plantado uma semente de dúvida que poderia atrasar o promotor?

— Não foi o suficiente. — Draven me deu um sorriso triste. — A foto do cara e a especulação de que a faca foi roubada, não auxiliou o suficiente. Eles irão prosseguir com o julgamento. Começará dentro de sessenta dias.

— Não. — Meu coração afundou. Se ao menos eu pudesse dizer a eles sobre sermos sequestradas. Eu confiava em Dash e seus motivos. A última coisa que eu queria era que Marcus encontrasse algo que pudesse levar Dash para a prisão ao lado de Draven. Mas não pude deixar de sentir que, se tivéssemos denunciado o sequestro, ele poderia ter mais facilidade em ser absolvido.

— Temos tempo, — disse Emmett. — Dois meses para provar que você é inocente.

— Mais do que isso, — disse Dash. — O julgamento vai demorar um pouco.

Exceto que estávamos em outro beco sem saída. A menos que encontrássemos meu sequestrador, não tínhamos nada para continuar.

— Também tenho algumas novidades, — disse Leo. — Os policiais estão divulgando hoje. Minha fonte diz que encontraram um corpo queimado na cabana.

— Não, — ofeguei. — Quem?

— Poderia ser o nosso cara? — Dash perguntou.

Leo encolheu os ombros.

— Não faço a menor ideia. O corpo foi queimado até ser irreconhecível. Eles terão que fazer registros dentários para identificá-lo, mas acho que era o nosso cara. Talvez tenha corrido até lá, circulado de volta e se escondido dentro e depois começou o fogo, quem diabos sabe. Mas se era nosso cara, as chances de provar que ele matou Amina sem confissão são poeira.

O corpo de Draven caiu contra a parede.

— Merda.

A sala ficou em silêncio.

— Pode não ser ele. O cara que me levou. Talvez tivesse outro amigo lá em cima. Talvez alguém que ele já tinha matado. Quem sabe? Acho que provavelmente está morto, mas não sabemos ao certo.

— Bryce está certa. — Dash desencostou da parede. — Todo mundo vigia suas costas. Algo sobre isso não se encaixa. Está muito limpo. Ele era esperto o suficiente para levar Bryce *e* Genevieve, mas depois se matou em um incêndio? Não se encaixa.

— Concordo. — Emmett se levantou da cadeira. — Vamos continuar procurando. Continuar pensando. Algo virá à tona.

Leo também se levantou.

— Porra, espero que sim.

— Até lá, vamos voltar ao trabalho, — disse Dash. — Mostrar a quem quer que seja esse filho da puta que estamos seguindo em frente.

Ele balançou a cabeça para eu segui-lo em seu escritório. A mesa estava desordenada e ele juntou a papelada, formando uma pilha grande no canto.

— É toda sua, querida. A menos que queira ir na oficina comigo. Posso colocá-la em uma bancada de ferramentas.

Eu sorri.

— Nós fizemos isso antes, lembra? Tenho certeza de que foi assim que você me engravidou.

Ele riu, sentando na beira da mesa. Então me puxou para seus braços, para o único lugar em que me sentia segura no momento.

— Cedo ou tarde, tudo isso vai acabar, certo? A vida voltará ao normal? — Ou um novo normal. Não queria voltar para os dias em que ele não estava na minha vida.

— De uma forma ou de outra. Ou descobrimos quem matou Amina ou...

****

Draven perderia sua liberdade.

Uma semana depois, Dash e eu já estávamos encontrando um novo normal.

Estávamos na oficina, trabalhando. Era assim que funcionávamos agora. Em turnos. Íamos à oficina quando ele tinha que trabalhar. Eu sentava em sua mesa, escrevendo no meu laptop. E sempre que precisava trabalhar no jornal ou ir a algum lugar da cidade para uma entrevista, ele seria meu companheiro silencioso.

Dash não me deixava fora de vista, e por incrível que pareça, não me senti sufocada. Me senti protegida. Amada.

Amada.

Se minha nova agenda incomodava papai, ele não comentou. Ele e mamãe estavam tão felizes por terem um neto que não se importava com o que fazia o dia inteiro, desde que eu *crescesse como sua futura repórter*.

Depois de uma longa conversa, Dash e eu decidimos não contar aos meus pais sobre o sequestro principalmente porque isso os aterrorizaria. Eles temeriam que isso acontecesse novamente, e não precisamos de atenção extra. O que incluía excluir minha história sobre os Tin Gypsies.

Meu arquivo de cópia de segurança, o que escrevi no caso de Dash me trair, havia sido destruído para sempre. Os fantasmas do antigo Tin Gypsy Motorcycle Club descansariam em paz.

E ia imprimir histórias divertidas por um tempo. Deixei Willy abordar as folhas semanais da imprensa da polícia por alguns meses. No momento, estava trabalhando em uma história sobre um dos graduados do ensino

médio de Clifton Forge que estaria em Harvard no Outono. Notícias emocionantes para a nossa pequena cidade. O rosto do garoto na primeira página estava cheio de esperança e admiração.

Cliquei em salvar no rascunho final, enviando-o para a unidade compartilhada, quando meu telefone tocou. Quando o nome de Genevieve apareceu na tela, pisquei duas vezes, não acreditando que fosse realmente ela.

— Ei, — respondi, levantando-me da mesa porque não conseguia ficar parada. — Você está bem? Fiquei tão preocupada.

Não se passou um dia em que não enviei a ela algumas mensagens e liguei pelo menos duas vezes. Tudo ficou sem resposta.

— Sim. Desculpe. — Ela suspirou. — Estou bem. Só tinha que sair de lá.

— Certamente posso entender isso. — *Exceto que você poderia estar em perigo.* Segurei o sermão que realmente queria dar. — Estou realmente feliz em ouvir de você.

— Sim. Escute. — Fez uma pausa. — E-eu estava pensando se você poderia me fazer um favor.

— Claro.

— Estou aqui, em Clifton Forge.

— O quê? Está aqui?

— Há algumas coisas acontecendo. Algumas, uh... Mudanças. De qualquer forma, antes que fique louca, você me encontraria em um lugar?

— Claro. — Estava sem carro, mas daria um jeito. — Onde?

— O cemitério. Estou sentada aqui no meu carro e não consigo sair.

— Oh, Genevieve. — Minha mão voou para o meu coração. — Eu estarei aí. Apenas espere.

— Obrigada, Bryce.

Encerrei a ligação e gemi.

Dash vai amar isso.

****

Vinte minutos depois, meu coração estava disparado quando Dash e eu entramos no cemitério.

Após minha ligação com Genevieve, fui à oficina e contei a Dash sobre isso, sabendo muito bem que nunca me deixaria ir sozinha.

Estacionamos atrás de um sedan cinza com placas do Colorado. Respirei fundo ao descer de sua moto. Dez segundos depois, o barulho de outra moto encheu o ar.

— Droga, — murmurei quando Draven entrou no cemitério. — Como ele sabia que estávamos vindo para cá?

— Emmett deve ter nos ouvido conversando e disse a ele depois que saímos.

Esta foi uma boa lição para lembrar de manter minha voz baixa na oficina.

— Já é ruim o suficiente que você esteja aqui.

Ele fez beicinho.

— Puxa, obrigado.

— Oh, sabe o que quero dizer. — Acenei para ele. — Ela precisa de uma amiga. Não de uma multidão.

Sem mencionar que Dash ainda não havia gostado da ideia de Genevieve. Ainda não confiava nos seus motivos completamente. Mesmo que acreditasse que ela era inocente e não tivesse participado do meu sequestro, acho que a foto dela segurando uma arma na minha cabeça ficou permanentemente gravada em seu cérebro.

— Pode observar daqui? — Perguntei. — Não estarei longe.

— Estou indo. — Ele se moveu para ficar de pé, mas coloquei minhas mãos em seus ombros, forçando-o a descer.

— Ela veio aqui para ver o túmulo de sua mãe, Dash. Você, de todas as pessoas, deve ser capaz de entender a perda de uma mãe. Deixe-me ir com ela. Deixe-me ajudá-la a fazer isso. Por favor?

Ele soltou um suspiro profundo.

— Tudo bem.

— Obrigada. — Inclinei-me e beijei sua bochecha.

Atrás dele, Draven havia estacionado e desligado sua moto. Eu podia sentir sua antecipação a alguns metros de distância. Ele queria conhecer sua filha, mas eu balancei minha cabeça.

Ele teria que esperar.

Deixando-os em suas motos, fui até o sedan. Quando me aproximei, a porta se abriu e Genevieve saiu.

— Ei, é bom ver você. — Quente e vestida, não na floresta onde eu a vi nos meus pesadelos.

— Obrigada por vir.

Nós nos abraçamos com força, como amigas que se conheciam há décadas, não dias. O abraço de duas pessoas que sobreviveram ao impensável juntas. Quando nos libertamos, ela lançou um olhar para Dash e Draven.

— Tenho uma escolta. Desculpe. Dash está um pouco protetor no momento.

Seu rosto, se surpreso ou irritado, não revelou nada. Ela os nivelou com um olhar frio e apreensivo, como se estivesse se preparando para se machucar.

Gostaria de poder prometer que Draven não a machucaria. Mas eu não faria.

— Ignore-os. — Peguei sua mão na minha. — Isso é sobre você.

Genevieve assentiu e caminhamos para a grama, esquivando-nos das lápides até chegarmos a uma laje de granito situada sob um imponente álamo. Um vaso de rosas amarelas havia sido colocado junto à lápide.

— Este é um local bonito, — disse.

Genevieve simplesmente assentiu, limpando os olhos antes que as lágrimas pudessem cair.

— Ela não deveria estar aqui. Deveria estar sorrindo com um amigo, rindo de um filme ou conversando comigo ao telefone. Deveria estar em sua cozinha, fazendo os biscoitos de Chrissy.

— Biscoitos de Chrissy? — *Como Chrissy Slater?*

— Sim. — Ela enxugou outra lágrima. — Esses biscoitos de chocolate que fiz no dia em que você veio a Denver. Era assim que a mamãe sempre os chamava. Biscoitos de Chrissy. Acho que ela recebeu a receita de uma amiga chamada Chrissy uma vez. Não conheci a amiga, mas os biscoitos são bons. Não importa agora.

Então Amina tinha usado a receita de biscoitos de Chrissy. Talvez um dia, esses biscoitos sejam algo que Dash e Genevieve possam ter uma ligação, algo para preencher a lacuna. *Ou os separaria?* Por enquanto, manteria as origens dessa receita para mim.

Apertei a sua mão.

— Eles são ótimos biscoitos. Os melhores. E aposto que depois que publicarmos a receita no memorial de sua mãe, a cidade inteira também os amará.

— Espero que sim, — ela sussurrou.

Ficamos ali, olhando a lápide e o nome de Amina escrito na rocha branca e cinza, até que um flash de movimento chamou minha atenção. Draven estava pairando a cerca de seis metros de distância. Quando encontrou meu olhar, ele levantou a mão.

O movimento também chamou a atenção de Genevieve e seu corpo ficou tenso. O aperto na minha mão virou punitivo.

Eu me inclinei para perto.

— Você tem que conhecê-lo algum dia.

— Eu?

— Acredita no que disse a você? Que ele não matou sua mãe? Que ele é seu pai?

— Honestamente? — Ela pensou por um longo momento. — Sim. Mas gostaria de não acreditar.

— Vou deixar vocês dois sozinhos. — Afastando-me, fui em direção a Dash esperando em sua moto. Draven foi até Genevieve, dando-lhe um aceno desajeitado antes de enfiar a mão no bolso.

— Quase me sinto mal por ele, — disse Dash quando cheguei ao seu lado.

— Você nunca o perdoará?

Ele encolheu os ombros.

— Talvez. Talvez Nick esteja certo. Ele está fora de seu pedestal agora. Pode me dar uma chance de vê-lo como é.

— Está tentando consertar seus erros, — disse, observando Draven e Genevieve se olharem. Eles se encararam, mas ela estava com os braços cruzados sobre o peito, indicando claramente que ele estava perto o suficiente. — Vamos deixá-los sozinhos.

Dash assentiu, levando-nos de volta à oficina depois de um rápido desvio no McDonald's para pegar alguns hambúrgueres e batatas fritas para o pessoal. Atravessamos o estacionamento, cada um carregando sacolas de papel pontilhadas de gordura.

— Quase perguntei a Presley se me emprestaria seu carro para que pudesse me esgueirar para encontrar Genevieve, — confessei. — Mas pensei que você poderia ter um aneurisma.

Ele riu.

— Eu teria. Faça-me um favor? Não me cause um ataque cardíaco antes que tenha a chance de conhecer meu filho.

Eu sorri.

— Vou tentar.

— Porra, mas você me deixa louco. — Ele parou de andar e me puxou para seus braços. — Se alguma coisa acontecer, eu...

— Não vai. — Recostei-me e segurei sua bochecha com a mão livre. — Vou tomar cuidado. Prometo.

Dash deu um beijo nos meus lábios, seu toque firme, mas gentil.

Meu estômago roncou, nos separando. Estávamos quase no escritório, mais do que prontos para comer, quando um familiar sedã cinza parou atrás de nós.

— Essa é...

— Genevieve? — Eu terminei.

Ela estacionou no escritório, diretamente em frente à escada que levava ao apartamento de Isaiah. *Draven a tinha convidado aqui?* Ele não estava à vista.

— O que ela está fazendo aqui? — Dash murmurou.

— Talvez quisesse conhecer você?

Ele franziu a testa.

— Bem, não me importo muito em conhecê-la.

Dei uma cotovelada no lado dele.

— Seja legal.

Genevieve saiu do carro, os olhos em direção a escada antes de se mover em nossa direção.

— Olá de novo.

— Oi. — Eu sorri. — Hum, Genevieve, esse é Dash. Meu namorado e seu...

— Meu meio-irmão, certo.

Dash ficou ali, sem dizer uma palavra. O silêncio ficou mais e mais denso, até que finalmente não aguentei mais e dei-lhe uma cotovelada nas costelas. Novamente.

Ele franziu a testa, embaralhando sacos de papel para libertar uma mão e estendê-la.

— Oi.

Tão rapidamente quanto eles se tocaram, o tremor acabou. Dash apontou o queixo para a oficina e foi embora, levando minhas batatas fritas com ele.

— Tenho trabalho a fazer.

Pelo menos eu tinha as sacolas com todos os hambúrgueres.

— Desculpe, — disse a Genevieve.

— Duas semanas atrás, estava sozinha, tentando lidar com a perda de mamãe. Então sou sequestrada, descobri que tenho um pai em Montana que não sabia que existia e um meio-irmão que me odeia. Estou entorpecida com tudo neste momento.

Abri a boca para dizer que ela realmente tinha *irmãos,* no plural, mas decidi que poderia esperar para outro dia.

— Dash não a odeia. Ele simplesmente não teve muito tempo para entender.

— Não importa. — Abaixou a cabeça. — Nada importa.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, um par de passos desceu as escadas.

Meus olhos se arregalaram.

— Isaiah? Onde você esteve? Nós pensamos que tinha ido embora.

— Eu fui. Agora estou de volta.

Ele se foi há uma semana, desde o dia do resgate na montanha. Nenhum bilhete. Nenhuma ligação. Apenas... *Desapareceu*. *Dash sabia que ele estava de volta?*

Isaiah chegou à escada de baixo e olhou para Genevieve.

— Ei.

— Oi. — Ela levantou a mão como se fosse apertar a dele, mas depois mudou de ideia e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Hum, como foi a viagem? — Isaiah perguntou.

— Longa.

As placas do Colorado. Não tinha notado no cemitério, presumindo que tinha acabado de alugar um carro, mas este devia ser o carro dela. *Por que viria de carro para Montana?* Isso tinha que durar pelo menos oito horas. Talvez mais.

— Vou ajudar a arrumar suas coisas. — Isaiah caminhou em direção ao carro dela.

Coisas? Genevieve o seguiu, com o queixo abaixado, quando Isaiah abriu o banco de trás. Estava cheio de caixas e malas. Dentro do porta-malas havia mais.

— Você vai ficar? — Perguntei a ela.

Genevieve e Isaiah trocaram um olhar, um cheio de segredos. Ela assentiu e Isaiah pegou uma mala e mochila, subindo as escadas. Ela seguiu com uma caixa.

Nenhum deles respondeu à minha pergunta.

— O que está acontecendo? — Dash perguntou, vindo para o meu lado. — Aquele era Isaiah?

— Sim. E não tenho ideia. — Genevieve e Isaiah desapareceram pelas escadas. — Mas se tivesse que adivinhar, diria que Genevieve está se mudando para o apartamento de Isaiah.

Ele olhou para mim, tão confuso quanto eu.

— O que diabos aconteceu naquela montanha?

Capítulo 28

Bryce

— Bom dia. — Entrei na cozinha, descalça, vestindo o moletom de Dash. Envolvendo-me, fortemente nos meus ombros, as mangas passavam pelas pontas dos meus dedos e o capuz se amontoava na minha nuca. Vesti-lo era como ter meu próprio casulo Dash pessoal.

Levaria comigo quando voltasse para casa.

Não que tivéssemos conversado sobre eu ir embora. Nos três dias desde que Genevieve se mudou para o apartamento de Isaiah, quase me mudei para a casa de Dash.

— Ei, querida. — Atravessou a cozinha de onde estava ao lado da cafeteira. — Como está se sentindo?

— Melhor. — Eu bocejei quando ele me puxou em seu peito. — Obrigada por me deixar dormir. Precisava disso.

— Estava exausta.

— Eu sei. Nem ouvi você roncar ontem à noite.

Ele riu.

— Não ronquei porque eu tinha meu travesseiro.

— Você tem um travesseiro especial que não o deixa roncar? — Me inclinei para olhar seu rosto.

— Não é um travesseiro que não deixa roncar, apenas um travesseiro decente.

Meus olhos se arregalaram.

— Você acha que meus travesseiros são indecentes?

Ele sorriu.

— Admita, minha cama é melhor que a sua.

— Eu não quero. — Sorri e caí de volta em seu peito.

Era sexta-feira, dia normal de folga de Dash, mas ele planejava ir à oficina mais tarde. Mesmo que tivesse muito trabalho a fazer, implorei por uma manhã preguiçosa. Algum tempo para dormir até tarde e relaxar no chuveiro. Queria aproveitar alguns momentos tranquilos, como este, quando as perguntas não respondidas das últimas seis semanas foram deixadas de lado.

— Isso é legal, — sussurrei.

Ele beijou meu cabelo.

— Sim.

Ficamos assim, nos inclinando um no outro, até que meu estômago roncou e nos forçou a separar.

— Café da manhã? — Foi para a geladeira. — O que será hoje? Mais cereais? Ou posso fazer ovos fritos e bacon.

Eu torci o nariz. Apenas o pensamento do cheiro de ovo frito e bacon fez meu estômago sensível revirar. Precisava de leveza. Os carboidratos eram meus amigos pela manhã.

— Cheerios[7], por favor.

— Cheerios, — ele resmungou, mas pegou uma tigela para mim e uma para si.

Instalamo-nos em uma mesa personalizada, de estilo fazenda, na sala de jantar da cozinha. Parecia uma mesa de piquenique chique com cadeiras em vez de bancos.

— Alguma notícia do seu pai? — perguntei.

Ele balançou a cabeça, engolindo um pouco de cereal.

— Nada. Mas se algo acontecer, ele ligará.

— Droga. — Tentamos tanto provar que Draven era inocente. Agora parecia que quem havia orquestrado tudo isso venceria.

Eu odiava perder.

Dash também.

— Genevieve mandou uma mensagem de volta? — Ele perguntou.

— Não. — Coloquei minha colher na minha tigela de cereal. Ela estava começando a me irritar com seu silêncio.

[7] Cheerios: marca de cereal matinal.

O que estava acontecendo entre Isaiah e Genevieve, eles não estavam falando. Ela havia se mudado para o apartamento dele, e havia rumores de que ele passara uma ou duas noites no motel.

Ele perguntou a Dash se poderia continuar seu emprego, pedindo desculpas por se ausentar sem dizer uma palavra. Dash, é claro, havia lhe dado uma folga e o deixado ficar porque Isaiah era um cara legal e um bom mecânico. Eu esperava que Dash tivesse mais sorte com Isaiah do que eu com Genevieve, mas Isaiah era indiscutivelmente pior quando se tratava de falar. Ele vinha à oficina todos os dias, trabalhava duro com o mínimo de palavras possível e depois saía assim que seu turno terminava.

Enquanto isso, Genevieve saía todas as manhãs quando chegávamos à oficina e não voltava até depois de sairmos à noite. Ela também não estava retornando minhas ligações ou minhas mensagens.

Eu a interpelaria mais cedo ou mais tarde. *Eles não poderiam guardar seu segredo para sempre, poderiam? Em algum momento, eles teriam que nos contar o que havia acontecido naquela montanha, certo?*

Mas por hoje, estava tirando isso da minha mente.

Terminei meu cereal e depois olhei para a enorme janela da sacada que dava para o quintal de Dash. O sol estava brilhando. A grama era verde. Sob um céu azul brilhante, era um canto pacífico do mundo.

Dash tinha um amplo terraço com a banheira de hidromassagem ao lado. O gramado era amplo e profundo, com uma cerca alta de privacidade para mantê-lo aconchegante, mesmo que ele não tivesse vizinhos. Um

campo aberto estava atrás de seu quintal. Havia um pequeno riacho fluindo pelo meio e um bosque exuberante de árvores.

— Quantos acres possui? — Perguntei a Dash.

— Vinte. Queria um pouco de espaço dos vizinhos.

Era isolado, mas não remoto. Perto da cidade por conveniência, mas longe da agitação.

— Comprou esta casa? Ou foi construída?

— Ela foi construída cerca de três anos atrás.

Me levantei da mesa, levando minha tigela para a pia da cozinha, depois vaguei lentamente pelo corredor que corria na direção oposta ao seu quarto. Tinha explorado um pouco enquanto estava aqui, mas hoje queria mais do que um olhar superficial para me orientar.

Os corredores eram largos, as portas brancas. O chão era de madeira escura com tapetes em alguns cômodos para suavizá-los.

— É muito... elegante, — disse a Dash enquanto caminhava, ele logo atrás. — Não é o que esperava de você.

— Gastei uma maldita fortuna para conseguir um designer aqui para torná-lo *elegante.* Principalmente, queria uma coisa legal que durasse e fosse confortável. Algumas das coisas que ela escolheu tive que vetar, mas, do contrário, acabou dando certo. — Ele veio atrás de mim, passando os braços em volta dos meus ombros.

Tracei meus dedos ao longo de uma tatuagem na parte interna de seu pulso. Era a tatuagem que ainda não tinha perguntado, uma data em letras pretas.

— O que é essa tatuagem?

— Aniversário de mamãe. Foi a minha primeira tatuagem. Fiz quando completei dezoito anos. Celebro nesse dia todos os anos. Faço um bolo de chocolate. Velas.

— Aposto que ela adoraria isso.

— Sim. — Ele pressionou sua bochecha no topo da minha cabeça. — Que bom que está aqui.

— Eu também. Gosto da sua casa.

— Bom. — Ele me abraçou com mais força, então me fez me virar. — Venha ver isso.

Nós nos viramos e recuamos pelo corredor, caminhando em direção ao quarto dele no lado oposto da casa. Mas, em vez de entrar no quarto como eu esperava, ele abriu uma porta para o escritório do outro lado do corredor.

A mesa no canto estava vazia, nada como a bagunça que ele tinha na oficina. A janela do lado dava para a frente da casa. Do lado de fora da janela havia um arbusto cheio de flores brancas.

Dash entrou no meio da sala.

— Que tal isso para o quarto do bebê?

— Uh... — Um quarto de bebê? *Eu ouvi direito?* Esperava que ele oferecesse esse quarto para trabalhar, não um quarto para o bebê.

Não conversamos sobre o bebê a semana toda. Não queria pressioná-lo. Queria dar a ele, a nós dois, algum tempo para o conceito realmente afundar. Tínhamos meses para discutir um quarto de bebê. Nem sabíamos se teríamos um menino ou menina ainda.

— Vou mudar a mesa e outras coisas para um dos quartos extras. Ou lá embaixo. Não uso muito aqui mesmo. Podemos obter um berço ou o que quiser. É do outro lado do corredor do nosso quarto. E...

— Espere. — Coloquei a mão na parede quando a sala começou a girar. — Quarto de bebê? Nosso quarto? Você quer que eu more aqui?

— Vamos ter um filho.

— Sim, mas isso não determina que moremos juntos.

— Então, que tal se mudar porque eu amo você.

Sério, meus ouvidos não estavam funcionando bem hoje.

— Você me ama?

— Mais todos os dias. — Ele veio e pegou meu rosto em suas mãos. — Pense em como ficarei louco por você quando tivermos noventa anos.

Uma risada escapou dos meus lábios.

— Insano. Também amo você.

— Bom. Isso tornará mais fácil ser seu companheiro de quarto.

Eu sorri mais largo.

— Estamos realmente fazendo isso? Vivendo juntos? Tendo um bebê?

— Estamos realmente fazendo isso. Vivendo juntos. Tendo um bebê. Casando.

— Casando? Quem é você e o que fez com Kingston Slater? — Eu fui para a cama com Dash, um playboy durão e acordei com um romântico. — Bateu sua cabeça com uma chave ontem? Sabe que está me pedindo para casar com você, certo?

— Bem, sim. Você disse que queria ter um bebê quando se casasse e se estabelecesse. Pelo que vejo, temos cerca de sete meses para que isso aconteça. É melhor chegar lá.

Oh, meu coração afundou. Dash não estava fazendo isso porque ele queria. Estava fazendo isso por mim.

— Dash, aprecio isso. Mas não quero me casar porque sente que é o que eu quero.

— Então que tal porque é o que eu quero. — Sua voz era baixa, suave e sedosa. — Confie em mim, querida. Quero fazer isso com você. Todo dia. Daqui até o fim.

— Você tem certeza?

— É a melhor ideia que tive na minha vida.

— Acha que vamos nos matar?

— Provavelmente. — Ele deu um beijo nos meus lábios. — Isso é um sim?

Eu hesitei, fazendo-o suar antes de resgatá-lo.

— Sim.

— Inferno, sim. — Dash inclinou a cabeça para trás e riu. Então suas mãos caíram do meu rosto para me abraçar. Eu ri, agarrando-me a ele quando me levantou do chão e me girou ao redor da sala.

Por tanto tempo queria isso. Nunca imaginaria encontrar um lar, um amor, com o homem que me propus a expor. Um inimigo. Um criminoso que roubou meu coração.

Todos os dias e noites que tinha passado pensando se iria acabar uma solteirona tinham sido para nada.

O momento simplesmente não tinha vindo ainda.

Estava esperando meu Gypsy King.

— E o bebê? — Perguntei. — Você não queria filhos.

O sorriso de Dash suavizou, mas não desapareceu.

— Estou assustado. Nunca me vi com uma criança, mas se houver alguém no mundo com quem gostaria de criar um bebê, é você. Apenas me impeça de estragar tudo, ok?

Oh, Dash. Por que não tinha percebido isso antes? Ele não tinha medo *de* crianças. Estava com medo de errar com a sua. Novamente, o tempo não estava do nosso lado. O drama de Draven provavelmente reforçou os medos de Dash.

— Tenho fé em você. Fé cega e inabalável. Será um pai incrível, Dash.

Ele deixou cair a testa na minha.

— Vamos. Quero lhe mostrar outra coisa.

Dash pegou minha mão e me levou para fora do escritório. Passamos pelo quarto e atravessamos a sala, depois pela cozinha e por outro corredor espaçoso.

— Esta é uma casa de família, — disse. — Se você não queria uma família, por que construiu uma casa tão grande?

Ele encolheu os ombros.

— Pelo espaço. Para não me sentir preso. Passei muitas noites no clube e morei na oficina por um tempo. Quando finalmente estava pronto para comprar, queria espaço. Uma academia em casa, para não ter que ir à cidade de manhã. Um escritório. Um cinema no porão. Não encontrei nada para comprar, então a construí.

— Um santuário.

— Sim, mas há uma coisa que eu odeio aqui. — Ele me deu um sorriso de parar o coração por cima do ombro. — Está quieto demais. Imagino que você e nosso bebê podem consertar isso para mim.

Eu ri. Dado os pais dele, não havia dúvida de que nosso filho seria barulhento e ousado.

— Faremos o nosso melhor.

— Agradeço. — Dash me levou para a garagem. Ele soltou minha mão enquanto caminhava para a grande cofre verde seguro na parede oposta, girando a combinação no mostrador até a porta se abrir.

— Puta merda. — Meus olhos se arregalaram com o pequeno arsenal. — Acho que estaremos seguros após o apocalipse.

Ele pegou um envelope branco e fechou o cofre. A aba do envelope não estava selada e a abriu, puxando algo do canto.

Não, não era alguma coisa.

Um anel.

— Era de mamãe. — Ele segurou o anel em uma mão enquanto alcançava minha esquerda.

— É lindo. — A aliança de ouro era fina e delicada porque o solitário no centro era a peça principal. Era um diamante de corte quadrado, simples e sem falhas. A peça inteira era clássica, algo que teria escolhido para mim.

— Papai me deu isso alguns anos atrás. Ele comprou no décimo aniversário de casamento, mas ela não usou muito. Preferia o anel que ele comprou quando eram apenas dois garotos pobres. Ele a enterrou com aquele. Deu-me esse já que Nick já era casado. Disse-me que um dia eu poderia dar isso à minha *Old Lady*.

Eu fiquei pasma. Pedi uma manhã para descansar e ele mudou as regras. Mas mesmo em meu choque não tinha perdido essas duas últimas palavras.

— Que tal você nunca mais me chamar de *Old Lady*?

Dash riu, o som rico enchendo a garagem.

— Quer que me ajoelhe? Faça isso certo?

— Não. — Sorri para ele, mexendo o dedo para que deslizasse o anel no lugar. Não precisava do joelho dobrado, das palavras bonitas. — Você já acertou em cheio.

No momento em que o anel foi colocado no meu dedo, Dash desceu e me capturou em um beijo. Sua língua mergulhou por dentro, exigente e deliciosa. Parados em uma garagem, o chão de cimento frio nos meus pés descalços, nos beijamos até o calor ser demais para suportar. Então Dash me pegou e me levou para dentro, para sua cama.

Nossa cama.

Eu admito que era melhor que a minha. A camiseta foi tirada. Minha calcinha arrastada pelas minhas pernas nuas. O jeans de Dash desapareceu rapidamente junto com a camiseta branca que se estendia sobre o peito largo.

Nós nos mudamos juntos, meus quadris segurando os dele, como amantes que estavam juntos há anos, não semanas. Nós nos reunimos, ele nu e pulsando dentro de mim, nossas mãos unidas e nossas bocas fundidas.

Juntos.

— Eu amo você, — eu sussurrei em seu ouvido enquanto nos agarramos um ao outro.

— Amo você, querida. — Ele se afastou, varrendo o cabelo da minha testa e sorriu. — Droga, mas essa vida vai ser divertida. E prometo que vou fazer o certo por você.

Ele seria o melhor marido e pai que eu jamais poderia imaginar.

— Você vai. — Eu sorri. — E está certo. Isto vai ser divertido.

Epílogo

Dash

Um ano depois...

— Ei, querida.

— Oi. — Bryce sorriu quando entrou na sala, largando a bolsa no sofá antes de roubar Xander dos meus braços. Ela salpicou suas bochechas e testa com beijos. — Como está meu rapaz?

— Ele é bom. — Eu enrosquei minhas mãos atrás da cabeça. — Só bebeu duzentos e trinta mililitros e teve um arroto infernal.

— Ele é um pedaço. — Ela sorriu para o nosso filho, que estava quase em coma. — Eu amo isso.

Xander Lane Slater tinha quatro meses e suas pernas estavam enrolando em gordura. Ele também tinha uma papada incrível demais. Tomamos um cuidado extra em limpá-lo durante o banho noturno, para não cheirar a leite em pó podre.

Me levantei da minha cadeira, pegando a sua bolsa e o jornal escondido dentro.

— Como foi esta manhã?

— Perfeito. Os jornais estão prontos para entrega. — Ela se acomodou na cadeira que eu havia desocupado, balançando um pouco para frente e para trás. Xander estaria desmaiado em trinta segundos ou menos.

Exatamente como havia planejado. Ele iria para o berço e Bryce e eu nos divertiríamos no quarto.

Mas primeiro tinha que ler o jornal.

Me sentei no sofá, abrindo a dobra para ler a primeira página. Nunca me cansaria de ver o nome da minha esposa impresso. Era uma sensação de orgulho que esperava que nunca desaparecesse.

Bryce confessou pouco tempo depois que ficamos juntos que uma parte dela parecia um fracasso quando se mudou para Clifton Forge. Ela sonhava em torná-lo grande, sendo a próxima âncora noturna, não exatamente o mesmo que publicar um jornal de uma cidade pequena. Mas então percebeu que aqui, escrevendo histórias sobre nossa cidade e seu povo, era onde deveria estar. Ela relatava as coisas boas que aconteciam em Clifton Forge e, ocasionalmente, as ruins.

Ela abraçou os anúncios de nascimento e casamento, mesmo escrevendo os nossos. Nós nos casamos cercados por nossas famílias e amigos mais próximos ao entardecer, ao longo da margem do rio. Então tivemos uma festa muito boa no The Betsy, ideia dela e não minha. Seu único pedido foi que vasculhassem os banheiros primeiro.

Nós nos casamos um mês depois que propus, para que sua barriga não aparecesse. Esse era seu único pedido real. Ela queria *apressar as coisas*.

Nick foi meu padrinho. E Genevieve madrinha de Bryce.

Gostava de pensar que talvez mamãe tivesse dado uma mão para Nick e eu encontrarmos nossas esposas. Que onde quer que ela estivesse, estava olhando para seus filhos e tinha enviando as mulheres que eles precisavam.

Incluindo minha irmã.

— Levou uma cópia para Genevieve? — Perguntei enquanto analisava o artigo na primeira página.

— Sim.

— Como ela aceitou?

— Chorou, — disse Bryce, baixando a voz. Xander estava completamente exausto. — Mas ela precisava desse encerramento. Acho que está feliz com o resultado.

No jornal de hoje, Bryce havia escrito um artigo memorial para Amina, um que havia redigido por mais de um ano. Bryce estava pronta para publicá-lo semanas depois de Genevieve ter se mudado para Clifton Forge, mas minha irmã pediu que o atrasasse inúmeras vezes.

Ela não estava pronta para ler a despedida final. Depois de tudo o que aconteceu conosco no ano passado, não a culpo. Estava orgulhoso que ela finalmente encontrou coragem para deixar isso acontecer.

— Ótimo artigo, querida. — Dobrei o papel.

— Obrigada. Embora você deva se felicitar também. Praticamente leu a coisa toda enquanto pairava sobre meu ombro no momento em que escrevia.

— Eu não pairava.

Bryce revirou os olhos.

— E eu não deixo a roupa para você dobrar.

Talvez tenha pairado.

No ano passado, mantinha um olho constante em Bryce. Era raro que ela fosse a algum lugar sozinha e, mesmo assim, tinha alguém observando. Hoje, essa pessoa era Lane. Bryce não tinha reclamado, nem uma vez durante todo o ano, porque sabia que eu precisava disso. Precisava ter certeza de que estava segura e ela me deu isso. Mas ela precisava de liberdade. Viver sem me ver me preocupar em círculos.

Eu seria o primeiro a admitir que, depois que Xander nasceu, fiquei um pouco louco com segurança. O sistema que instalei em casa era melhor do que o que Emmett havia colocado na sede do clube.

Mas não estava me arriscando com a minha família, não depois das perdas que sofri.

Talvez me soltasse algum dia.

Talvez não.

Estava levando as coisas um dia de cada vez, fazendo o meu melhor para me tornar um pai decente. Bryce me dizia constantemente que era bom com Xander, mas as merdas iriam chegar. Faria algo errado e daria um passo em falso aqui ou ali.

Mas o que podia fazer era proteger o que era meu. Eu falhei uma vez quando Bryce foi sequestrada. Essa tinha sido a primeira e a última vez.

— Ele está dormindo. — Bryce se levantou da cadeira, acenando com a cabeça para eu segui-la até o quarto de bebê.

Eu sorri, caminhando logo atrás dela pelo corredor. Na porta do quarto de Xander, coloquei minhas mãos em seus ombros, curvando-me para dar um beijo na pele nua de seu pescoço. Ela usava o cabelo em um rabo de cavalo hoje. Xander acabara de começar a agarrar as coisas e o cabelo dela era a coisa favorita dele para puxar.

Talvez eu o enrole no meu punho também.

Quando ela sorriu por cima do ombro, o sangue correu para o meu pau. Estávamos trabalhando duro para compensar as seis semanas pós-parto quando seu corpo estava fora dos limites.

Bryce levou Xander para o quarto, colocando-o no berço. Seus braços foram imediatamente acima de sua cabeça. Então ligou a máquina de som, o suave balanço das ondas do mar enchendo a sala. Saiu na ponta dos pés, fechando silenciosamente a porta.

Capturei sua mão, puxando-a pelo quarto, mas me parou.

— Espere. Preciso perguntar uma coisa a você.

— O que houve? — Meus olhos a examinaram da cabeça aos pés, certificando-se de que nada estava errado. — Está bem?

Ela mordeu o lábio inferior.

— Como se sentiria com mais crianças?

— Uh... — Uma conversa profunda sobre a nossa família não era exatamente o que planejava ter durante a soneca, mas a pergunta estava lá fora agora. *Como eu me sentiria?*

Ter Xander era incrível. Mesmo como um bebê que comia e dormia durante o dia, ele era uma explosão. E, quando crescesse, poderíamos fazer coisas juntos, como jogar bola no quintal, construir uma casa na árvore ou montar um carrinho para correr como os que fazia quando criança. Isso seria incrível.

— Bem, — disse, surpreendendo a nós dois. — Muito bem.

— Ufa. — Seu corpo relaxou e seu sorriso era largo. — Ótimo. Estou grávida.

— O quê? — Coloquei um dedo no meu ouvido, limpando-o. — Você está grávida? Já?

— De acordo com os testes que fiz hoje de manhã, sim. Quero dizer, parei de amamentar e não tomei a pílula. Tenho a cartela para começar na próxima semana, mas não achei que isso pudesse acontecer tão cedo.

Grávida. Ainda estava com medo? Definitivamente. Mas desta vez, não deixaria o choque de seu anúncio me afugentar. Então passei meus braços em volta dela, respirando seus cabelos.

— Amo você.

— Também amo você. — Ela derreteu no meu peito, seus braços serpenteando atrás das minhas costas. — Tinha certeza que iria surtar.

Eu ri.

— Não dessa vez. Nós vamos arrasar com essas crianças.

Bryce se inclinou, subindo na ponta dos pés para um beijo.

— Inferno sim, nós vamos.

Fim.